



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FLÁVIO FRANÇA

**VOCABULÁRIO FITONÍMICO DAS OBRAS
DE JORGE AMADO**

Feira de Santana, Bahia
2024

FLÁVIO FRANÇA

VOCABULÁRIO FITONÍMICO DAS OBRAS DE JORGE AMADO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS), como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Barreiros

Feira de Santana, Bahia
2024

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

F881v

França, Flávio

Vocabulário fitonímico das obras de Jorge Amado / Flávio França –
2024.204 f.: il.

Orientador: Patrício Nunes Barreiros

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana,
2024.

1.Literatura brasileira – Estudo e crítica. 2. Botânica. 3. Fitonímia.
4. Jorge Amado. I. Barreiros, Patrício Nunes, orient. II. Universidade
Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU 869.0(81).09:581

Daniela Machado Sampaio Costa - Bibliotecária - CRB-5/2077

TERMO DE APROVAÇÃO

FLÁVIO FRANÇA

VOCABULÁRIO FITONÍMICO DAS OBRAS DE JORGE AMADO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Estudos Linguísticos.

Defendida e aprovada em 20 de junho 2024
Homologada em 27 junho 2024

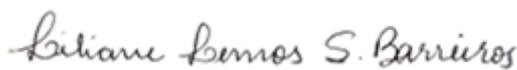
Banca examinadora:



Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Orientador



Prof. Dra. Alícia Duhá Lose
Universidade Federal da Bahia – UFBA/UEFS
Examinadora Interna



Prof. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Examinadora Interna



Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Examinador Externo



Prof. Dra. Karylleila dos Santos Andrade
Universidade Federal de Tocantins -UFT
Examinador Externo

à Efigênia

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Feira, instituição e pessoas, por essa oportunidade de aprofundar meus estudos literários,

Também agradeço ao prof. Patrício Barreiros por ter me recebido como orientando e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguístico

Agradeço aos meus colegas de doutorado, particularmente a Elizabeth Almeida, Tainá Alves e Iago Santiago que colaboraram de forma significativa para elaboração do sítio eletrônico aqui apresentado;

Aos Colegas botânicos que me cederam as imagens das plantas para ilustrar esta tese, particularmente Efigênia de Melo, autora da maioria das imagens, mas também não posso deixar de agradecer a Daniel Ferreira de Almeida e a Alessandro Rapini.

RESUMO

O tema desta tese é o estudo dos nomes de plantas citados em obras literárias sob o prisma da terminologia. O autor escolhido foi Jorge Amado, escritor com significativa fortuna crítica. Os nomes das plantas utilizados na linguagem comum refletem um conhecimento especializado, seja de origem acadêmica seja de origem popular. Este conhecimento especializado é utilizado pelo escritor para construir sua obra de arte, permitindo que o estudioso da área de Terminologia, possa utilizá-la como *corpus* de investigação. O produto final da tese é um vocabulário fitonímico construído a partir de um recorte significativo da obra de Jorge Amado, correlacionando os nomes vernáculos aos nomes científicos, corroborados com abonações, disponibilizando-o numa versão online; este trabalho destina-se ao botânico preocupado com o significado da ciência junto a população em geral, representada na obra literária, bem como àqueles interessados em plantas e no seu protagonismo cultural. Em termos teóricos, este estudo baseia-se na Teoria Comunicativa da Terminologia, principalmente a partir da abordagem da Etnoterminologia e de aspectos da Ecolexicologia. A parte botânica está ancorada no código internacional de nomenclatura botânica; o sistema de classificação segue aquele apresentado no Angiosperm Phylogeny Website. O estudo do léxico fitonímico foi realizado com ferramentas da linguística computacional, através da construção de um banco de dados utilizando-se o FLEx (2021). A construção do verbete segue as orientações presentes em Assunção (1979). Os nomes de plantas citados foram identificados a partir dos dicionários, bem como foram utilizadas obras específicas da área de Botânica. As obras de Jorge Amado selecionadas foram: *Suor*, *Capitães da Areia*, *O Cavaleiro da Esperança*, *Terras do Sem Fim*, *Gabriela*, *Cravo e Canela*, e *Dona Flor e seus dois maridos*, a partir da classificação proposta por Bosi (2006[1970]). Foram registradas 1505 citações de fitônimos nos textos analisados, reunidos em 214 fitônimos diferentes. O fitônimo mais citado foi ‘cacau’ com 387 ocorrências, correspondendo a 17% do total de fitônimos registrados. Segue a ele ‘Tabocas’ com 106 citações (c. 7%), ‘Café’ com 77 (c. 5%), ‘Rosa’ com 58 (c. 4%), ‘Cacaueiro’ (2) com 47 (c. 3%), ‘Magnólia’ com 30 (c. 2%), ‘Baraúna’ com 25 (c. 2%) e ‘Milho’ com 24 (c. 1%). Esses fitônimos correspondem a mais de 50% do total de ocorrências. Tais resultados podem ser visualizados na página web: <https://botanicaliteraria.wixsite.com/planta>.

Palavras-chave: literatura Brasileira; terminologia; Jorge Amado; botânica; fitonímia.

ABSTRACT

The subject of this work is the study of the names of plants mentioned in literary works under the prism of terminology. The chosen author was Jorge Amado, an author with a significant critical fortune. The names of plants used in common language reflect specialized knowledge, whether of academic or popular origin. This specialized knowledge is used by the writer to build his work of art, allowing the researcher in the field of Terminology to approach it. The desired product is a phytonymic vocabulary from a significant part of Jorge Amado's work, correlating the vernacular names with the scientific names, corroborated with endorsements, making it available on the internet; this work is aimed at botanists concerned with the meaning of science on the general population, represented in literary works, as well as those interested in plants and their cultural protagonism. In theoretical terms, this study is based on the Communicative Theory of Terminology, mainly from the approach of Ethnoterminology and aspects of Ecolxicology. The botanical part is anchored in the international code of botanical nomenclature; the classification system follows that presented in Angiosperm Phylogeny website. The study of the phytonymic lexicon was carried out with computational linguistics tools, through the construction of a database using FLEx . The construction of the entry follows the guidelines presented in Assunção (1979). The plant names mentioned were identified from dictionaries, as well as specific works from the area of Botany were used. Jorge Amado's works selected were: Suor b) Capitães da Areia; c) The Knight of Hope; d) Lands of the Endless; e) Gabriela, Cravo and Canela; Dona Flor and her two husbands), based on the classification proposed by Bosi (2006[1970]). 1505 phytonym recommendations were recorded in the analyzed texts, grouped into 214 different phytonyms. The most cited phytonym was "cacau" with 387 recommendations, corresponding to 17% of the total registered phytonyms. It is followed by "Tabocas" with 106 requests (c. 7%), "Café" with 77 (c. 5%), "Rosa" with 58 (c. 4%), "Cacaeiro" (2) with 47 (c. 3%), "Magnólia" with 30 (c. 2%), "Baraúna" with 25 (c. 2%) and "Milho" with 24 (c. 1%). These phytonyms require more than 50% of the total requests, such results can be viewed at <https://botanicaliteraria.wixsite.com/planta> .

Keywords: brazilian literature; terminology; Jorge Amado; botany; phytonymy.

LISTA DE FIGURAS

01	Triângulo de Ogden e Richards	44
02	Tensão Vocábulo x Termo.	58
03	Exemplo de um 'verbete ' no tratamento sistemático de um trabalho botânico	60
04	Exemplo do verbete do dicionário Pio Correa	62
05	Exemplo do verbete de Menezes (1949)	63
06	Exemplo do verbete em Silva et al. (1979)	64
07	Exemplo do verbete em Carvalho (2003)	65
08	Exemplo verbete em Maia (2004)	66
09	Exemplo de verbete em Rizzini (1996[1971])	67
10	Exemplo de verbete em Lorenzi, 2000[1994]	68
11	Exemplo de verbete de Kissmann (1997)	69
12	Exemplo de verbete de Carauta e Diaz (2002)	70
13	Exemplo de verbete em Matos et al. (2011)	71
14	Exemplo de verbete em Kinupp e Lorenzi (2014)	72
15	Exemplo de verbete em Vidal, Vidal (2004 [1979])	73
16	Exemplo de verbete em Ferri et al. (1981)	74
17	Exemplo de verbete em Gonçalves, Lorenzi (2007)	75
18	Exemplo de verbete em Souza et al. (2013)	76
19	Exemplo de Ribeiro et al. (1999)	77
20	Exemplo do verbete em Durigan et al. (2004)	78
21	Exemplo de verbete de Sampaio et al. (2005)	79
22	Exemplo de verbete de Ramos et al. (2008)	80
23	Exemplo do Verbetes em Lorenzi (2009)	81
24	Exemplo de verbete em Silva Jr, Costa e Lima (2010)	82
25	Página inicial do sítio “The World Flora on Line”	84
26	Página inicial do REFLORA, que permite o acesso ao sítio “Flora e Funga do Brasil”	85
27	página inicial do sítio “Species Link”	86
28	página inicial do sítio “Lexicool”	87
29	página inicial do sítio “Tropicos”	87
30	página inicial do sítio “Botanica Sistemática”.	88
31	página inicial do Herbário Prof. J.P.P. Carauta	89
32	Fórmula para o cálculo do índice de similaridade de Jaccard	105
33	Fórmula para o cálculo do índice de similaridade de Morisita	107
34	Exemplo do verbete do Vocabulário conforme é exibido no sítio <i>on line</i>	110
35	Gráfico representado a proporção de fitônimos em relação ao total de citações	154
36	Gráfico mostrando a proporção entre fitônimos ligados a espécies exóticas ou nativas à flora brasileira	155
37	Gráfico mostrando a proporção de espécies (binômios científicos) associados aos fitônimos citados nas obras estudadas	156
38	Gráfico mostrando a proporção entre os contextos estudados de acordo com a riqueza de significados associados aos fitônimos registrados	159
39	representação da evolução do número de citações de fitônimos e do número de fitônimos diferentes (riqueza) ao longo do tempo (Momentos	162

propostos por Bosi (2006 [1970]), onde M1 S= Momento 1 Suor; M2 CA= Momento 2 Capitães da Areia; M3 CE= Momento 3 Cavaleiro da Esperança; M4 TSF = Terras do sem fim; M5 GCC= Gabriela Cravo e Canela; M5 DF= Dona Flor e seus dois maridos

40	Diagrama de Similaridade obtido com índice de Jaccard com 1000 repetições de bootstrap e sem restrição, calculado através do aplicativo Past (4.03)	163
41	Diagrama de Similaridade obtido com índice de Jaccard com 1000 repetições de bootstrap e com restrição estratigráfica, calculado através do aplicativo Past (4.03).	163
42	Diagrama de Similaridade obtido com índice de Morisita com 1000 repetições de bootstrap e sem “constraint”, calculado através do aplicativo Past (4.03)	164
43	Diagrama de Similaridade obtido com índice de Morisita com 1000 repetições de bootstrap e “stratigraphic constraint”, calculado através do aplicativo Past (4.03)	165
44	Logo do sítio eletrônico do projeto “Botânica Literária”	168
45	Página inicial do sítio eletrônico “Botânica Literária”	169
46	Página “referencial teórico” do sítio “Botânica Literária”	169
47	Página “Produtos” do sítio eletrônico “Botânica Literária”	170
48	Página “Vocabulários” do sítio eletrônico “Botânica Literária”	170
49	Página “Jorge Amado” do sítio eletrônico “Botânica Literária”	171
50	Página “Vocabulário Fitonímico de Jorge Amado” do sítio “Botânica Literária”	171

LISTA DE QUADROS

01	Microestrutura do verbete: básico	101
02	Microestrutura do verbete: variação 1	102
03	Microestrutura do verbete: variação 2	103
04	Microestrutura do verbete: variação 3	103
05	Lista dos fitônimos utilizados para a construção do vocabulário	106

LISTA DE PRANCHAS

01	A- Abacate; B- Abacaxi; C- Abóbora; D- Aipim; E- Alface; F- Algodão; G- Alho.	191
02	A- Amendoim; B- Amoreira; C- Banana; D- Baraúna; E- Batata-doce; F- Batata-do-reino.	192
03	A- Cabaça; B- Cabaçu; C- Café; D- Cajá; E- Caju; F- Cana-de-açúcar; G- Caraíba.	193
04	Cacau: A- Cacaueiro com fruto; B- Fruto imaturo; C- Fruto maduro partido; D- Flor; E- cacau seco; F- cacau mole.	194
05	A- Cebolinha; B- Carnaúba; C- Chuchu; D- Coco; E- Coentro; F- Cebola.	195
06	A- Cravo 2; B- Croá; C- Culumbi; D-Favela; E- Feijão; F- Fruta-pão; G- Fumo.	196
07	A- Gengibre; B- Goiaba; C: Hera; D- Hortênsia; E- Inhame; F- Jacarandá.	197
08	A-Jaca; B- Jalapão; C- Jatobá; D- Jambo; E- Jiló; F- Juazeiro; G- Jurubeba.	198
09	A- Laranja; B- Limão; C- Macambira; D- Fruto da Macieira; E- Maconha; F- Magnólia.	199
10	A- Malagueta; B- Mamão; C: Mandacaru; D- Flor da manga; E- fruto da Mangabeira; F- Flor do Manjericão.	200
11	A- Flor do maracujá; B- Flor do Mastruço; C- Maxixe; D- Milho; E- Flor do Mocujê; F- Morango.	201
12	A- Noz-Moscada; B-Oliveira; C- Onze-Horas; D- Palmeira-Real; E- Pau-Brasil; F- Pitomba; G-Pimenta; H-Pitanga; I- Pitombeira.	202
13	A- Quiabo; B- Quixaba; C- Tâmara; D- Sapoti; E- Tomate; F-Seringal.	203
14	A- Trigo; B- Umburana; C- Umbu; D- Vinha; E-F- Xique-Xique: E- Flor, F- Hábito.	204

LISTA DE SIGLAS E ABREVIÇÕES

a.	Adjetivo
ABL	Academia Brasileira de Letras
A. Berger	Alwin Berger (1871-1931)
abr	Abril
ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
A. Jussieu	Adrien Henri Laurent de Jussieu (1797-1853) Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853)
A. St-Hil.	
a.C.	Antes de Cristo
A.C. Sm.	Albert Charles Smith (1906-1999)
ADN	Ácido Desoxirribonucleico
Ag.	Carl Adolph Agardh (1785-1859)
Arech.	José Arechavaleta (1838-1912)
arts.	Artigos
Bar.	John Gilbert Baker (1834-1920) ?
Benth.	George Bentham (1800-1884)
Berg.	Peter Jonas Bergius (1730-1790)
Bonpl.	Aimé Jacques Alexandre Bonpland (1773-1858)
br	Brasil
c.	Cerca de
CCS3	terceira versão das <i>Cascading Style Sheets</i>
C.DC.	Anne Casimir Pyramus de Candolle (1836-1918)
CA	Capitães da Areia
Cambess.	Jacques Cambessèdes (1799 – 1863)
Cav.	Antonio José (Joseph) Cavanilles (1745-1804)
CE	Cavaleiro da Esperança
cf.	Conferir
Christm.	Gottlieb Friedrich Christmann (1752-1836)
Ci. Inf.	Revista Ciência da Informação
cit.	Citações
Antconc	Concordância no formato .ANT
crtl	control
d.C.	Depois de Cristo
DC.	Augustin Pyramus de Candolle, (1778-1841)
DCBIO	Departamento de Ciências Biológicas
Desf.	René Louiche Desfontaines (1750-1833)
DF	Dona Flor e seus dois maridos; Distrito Federal
CNLF	Congresso Nacional de Linguística e Filologia
Doell	Johann(es) Christoph (Christian) Döll (1808-1885)
Dun.	Michel Félix Dunal (1789-1856)
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ed.	edição, editor
e.g.	<i>Exempli gratia</i> (por exemplo)
Engl.	Heinrich Gustav Adolf Engler (1844-1930)
et al.	<i>Et alii</i> (e outros)
etc.	<i>Et cetera</i> (e outras coisas)

ex	validado por
f.	Feminino
FACCAT	Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração de Empresas
F. Mueller	Ferdinand Jacob Heinrich von Mueller (1825-1896)
F.A.C. Weber	Frédéric Albert Constantin Weber (1830-1903)
FFLCH/CITRAT	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia
fig.	Figura
fl.	época aproximada em que a personagem citada estava ativa
FLEx	<i>Fieldworks Language Explorer</i>
Fuss	Johann Mihály (Michael) Fuss (1814-1883)
G. Don	George Don (1798-1856)
G. Mey.	Georg Friedrich Wilhelm Meyer (1782-1856)
G.P. Lewis	Gwilym Peter Lewis (1952-)
GCC	Gabriela Cravo e Canela
Gill.	John Gillies (1792-1834)
gov.br	plataforma de acesso do usuário aos serviços públicos digitais
H.C. Lima	Haroldo Cavalcante de Lima (1955-)
Harms	Hermann August Theodor Harms (1870-1942)
HAW.	Adrian Hardy Haworth (1768-1833)
HBK	Humboldt(Alexander von Humboldt, 1769-1859), Bonpland (Aimé Jacques Alexandre Bonpland, 1773-1858) et Kunth (Karl Sigismund Kunth, 1788-1850)
Herb	Herbário
Hk.	Joseph Dalton Hooker (1817-1911)
Hochr.	Bénédict Pierre Georges Hochreutiner (1873-1959)
Hook.	Joseph Dalton Hooker (1817-1911)
Hook. f.	Joseph Dalton Hooker (1817-1911)
Hoot.	Joseph Dalton Hooker (1817-1911)
Houtt.	Maarten Houttuyn (1720-1798)
HTML5	<i>Hypertext Markup Language, 5a. Versão</i>
htm	<i>Hypertext Markup</i>
HTTP	<i>Hypertext Transfer Protocol</i>
Hub.	Jakob ('Jacques') E. Huber (1867-1914)
i.e.	<i>Id est</i> (isto é)
IPNI	<i>International Plant Index</i>
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
ISA	<i>International Standardization Association</i>
jbrj	Jardim Botânico do Rio de Janeiro
J.Presl	Jan Svatopluk Presl (1791-1849)
Jacq.	Nikolaus Joseph Freiherr von Jacquin (1727 – 1817)
jan	Janeiro
J.R.R. Tolkien	John Ronald Reuel Tolkien
Jul	Julho
K. Schum.	Karl Moritz Schumann (1851-1904)
Karst.	Gustav Karl Wilhelm Hermann Karsten (1817-1908)
Kth.	Karl (Carl) Sigismund Kunth (1788-1850)

L.	Carolus Linnaeus (1707-1778)
L.f.	Carl Linnaeus filius (1741-1783)
LGPL	licença de software livre
L.M. Perry	Lily May Perry (1895-1992)
Labill.	Jacques Julien Houtou de Labillardière (1755-1834)
Lam.	Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829)
Lind.	John Lindley (1799-1865)
Lour.	João de Loureiro (1717-1791)
m.	Masculino
M.	Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) ou Johannes Müller Argoviensis (1828-1896)
M 1	Momento 1 da classificação de Bosi (2006 [1970]) da obra de Jorge Amado
M 2	Momento 2 da classificação de Bosi (2006 [1970]) da obra de Jorge Amado
M 3	Momento 3 da classificação de Bosi (2006 [1970]) da obra de Jorge Amado
M 4	Momento 4 da classificação de Bosi (2006 [1970]) da obra de Jorge Amado
M 5	Momento 5 da classificação de Bosi (2006 [1970]) da obra de Jorge Amado
mar.	Março
Mart.	Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868)
Merr.	Elmer Drew Merrill (1876-1956)
Mez	Carl Christian Mez (1866-1944)
Mill.	Philip Miller (1691-1771)
Moore	Harold Emery Moore (1917-1980)
Muell. Arg.	Johannes Müller Argoviensis (1828-1896)
MySQL	combinação do nome da filha do criador do software "My" e da sigla SQL (Structured Query Language)
n.	número (do periódico citado)
N. e E.	Significado não localizado, talvez uma referência a Nees ou J. Nicholas, ambos estudiosos de Cyperaceae.
neiHD	Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais
Nied.	Franz Josef Niedenzu (1857-1937)
nov	Novembro
O. Berg	Otto Karl (Carl) Berg (1815-1866)
O.F. Cook	Orator Fuller Cook (1867-1949)
OK	Carl Ernst Otto Kuntze (1843-1907)
ONU	Organização das Nações Unidas
org.	Organização: domínio de topo oficial para utilização sem restrições; responsáveis pela organização de uma obra
p.	Página
PANC	Plantas alimentícias não convencionais
p. ex.	por exemplo
PHP	<i>Hypertext Preprocessor</i>
P. Royen	Pieter van Royen (1923-2002)
PAST	<i>Paleontological statistics software package for education and data analysis.</i>

PCB	Partido Comunista Brasileiro
pdf	<i>Portable Document Format</i>
Pelet.	Jacques Martial Pelletier-Sautelet (fl. 1845)
Pers.	Christiaan Hendrik Persoon (1761-1836)
PHP	<i>Hypertext Preprocessor</i>
Planch.	Jules Émile Planchon (1823-1888)
Pohl	Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834)
Poir.	Jean-Louis Marie Poiret (1755-1834)
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
Radlk.	Ludwig Adolph Timotheus Radlkofer (1829-1927)
RBG Kew	Royal Botanic Gardens Kew
Reich.	Heinrich Gustav Reichenbach (1824-1889)
Retz.	Anders Jahan Retzius (1742-1821)
RIFAL	<i>Réseau International francophone d'aménagement linguistique</i>
Roem.	Johann Jakob Roemer (1763-1819)
Roezl	Benedikt Roezl (1824-1885)
S	Suor
s.	Substantivo
S. Moore	Spencer Le Marchant Moore (1850-1931)
s.l.	<i>Sensu lato</i>
s.s.	<i>Sensu stricto</i>
Sab.	Joseph Sabine (1770-1837)
Salib.	Richard Anthony Salisbury (1761-1829)
Salm-Dick	Joseph Franz Maria Anton Hubert Ignatz Fürst zu Salm-Reifferscheid-Dyck (1773-1861)
Schoub.	Peder Kofod Anker Schousboe (1766-1832)
Schult.	Josef August Schultes (1773-1831)
Schult. f.	Julius Hermann Schultes (1804-1840)
Ser.	Nicolas Charles Seringe (1776-1858)
sic	Conforme o original
Sims	John Sims (1749-1831)
Sm.	James Edward Smith (1759-1828)
sp.	<i>Species</i> (espécie)
SPLINK	<i>Species Link</i>
Standl.	Paul Carpenter Standley (1884-1963)
Stapf	Otto Stapf (1857-1933)
Sw.	Olof Swartz (1760-1818)
Sweet	Robert Sweet (1783-1835)
TAXON	Laboratório de Taxonomia Vegetal da Universidade Estadual de Feira de Santana; <i>The Journal of the International Association for Plant Taxonomy</i>
t.d.	Tensão Dialética
T.D. Penn.	Terence Dale Pennington (1938-)
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TD	Terminologia diacrônica
TGT	Teoria Geral da Terminologia
Thunb.	Carl Peter Thunberg (1743-1828)
Trist.	Nicholas P. Trist (1800-1874) ??

TSF	Terras do sem fim
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFMS	Universidade Federal Sul-Matogrossense
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UPGMA	<i>Unweighted pair-group average</i>
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Urb.	Ignatz Urban (1848-1931)
v.	Volume
V.	Victor Wilhelm Lindauer (1888 – 1964)
Vahl	Martin (Henrichsen) Vahl (1749-1804)
Vell.	José Mariano da Conceição Vellozo (1742-1811)
Vog.	Julius Rudolph Theodor Vogel (1812-1841)
Voss	Andreas Voss (1857-1924)
Wein.	Johann Anton Weinmann (1782-1858)
Wendl.	Hermann Wendland (1825-1903)
WFO	<i>World Flora on Line</i>
Willd.	Carl Ludwig Willdenow (1765-1812)
www	<i>world wide web</i>
W3	Consórcio <i>world wide web</i>
wwf	<i>World Wide Fund for Nature</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	DE ONDE EMERGE O CONHECIMENTO DA BOTÂNICA?	21
2.1	ACADEMIA COMO FONTE DE CONHECIMENTO BOTÂNICO	24
2.2	O AMBIENTE NÃO ACADÊMICO COMO FONTE DE CONHECIMENTO BOTÂNICO	31
2.3	OBRAS LITERÁRIAS COMO FONTE DE CONHECIMENTO BOTÂNICO	37
3	POR UM ESTUDO ETNOTERMINOLÓGICO FITONÍMICO DO TEXTO LITERÁRIO	43
3.1	ESTUDO FITONÍMICO COMO UMA TERMINOLOGIA	43
3.2	TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA	45
3.3	GLOSSÁRIOS, VOCABULÁRIOS E DICIONÁRIOS BOTÂNICOS NO BRASIL	59
3.4	MATERIAIS TERMINOGRÁFICOS BOTÂNICOS EM SÍTIOS ELETRÔNICOS	83
4	CORPUS E ASPECTOS METODOLÓGICOS	90
4.1	DADOS BIOGRÁFICOS DE JORGE AMADO	90
4.2	<i>CORPUS</i>	92
4.2.1	Momento 1: <i>Suor</i> (1934)	93
4.2.2	Momento 2: <i>Capitães da areia</i> (1937)	95
4.2.3	Momento 3: <i>Cavaleiro da esperança</i> (1942)	96
4.2.4	Momento 4: <i>Terras do sem fim</i> (1942)	97
4.2.5	Momento 5	98
4.2.5.1	<i>Gabriela, cravo e canela</i> (1958)	98
4.2.5.2	<i>Dona flor e seus dois maridos</i> (1966)	99
4.3	CONSTRUÇÃO DO VOCABULÁRIO	100
4.4	COMPARAÇÃO ENTRE AS OBRAS DO <i>CORPUS</i>	104
4.5	CONSTRUÇÃO DO SÍTIO ELETRÔNICO DO VOCABULÁRIO	108
5	VOCABULÁRIO FITONÍMICO DA OBRA DE JORGE AMADO	111
6	RESULTADO E DISCUSSÃO	154
6.1	ANÁLISE DO VOCABULÁRIO	154
6.2	SÍTIO ELETRÔNICO “BOTÂNICA LITERÁRIA”	168
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
	REFERÊNCIAS	176
	PRANCHAS	190

1 INTRODUÇÃO

O tema desta tese é o estudo dos nomes de plantas (Fitonímia) citados em obras literárias sob o prisma da Terminologia. O autor escolhido foi Jorge Amado, escritor com significativa fortuna crítica, que permite embasar as discussões aos questionamentos gerados pelo levantamento fitonímico de sua extensa obra.

O objeto aqui trabalhado é a fitonímia. Defendemos a ideia de que os nomes das plantas utilizados na linguagem comum refletem um conhecimento especializado, seja de origem acadêmica (Botânica) seja de origem popular (etnobotânica). Este conhecimento especializado é utilizado pelo escritor para construir sua obra de arte, permitindo que o estudioso da área de Terminologia possa abordar esta obra majoritariamente composta na linguagem literária não especializada.

Diversos problemas são aqui abordados. Um dos mais críticos é o ponto de vista terminológico de obras literárias, considerada pelos especialistas como textos não especializados e, por isso, não passíveis de estudos terminológicos, posição essa que vem sendo desafiada com estudos de fragmentos de textos especializados presentes em obras literárias, como é o caso dos fitônimos ali encontrados. A fitodiversidade da obra literária precisa ser quantificada para que se possa avaliar a sua importância interna e suas relações com a realidade na qual o texto literário está querendo projetar. Uma vez quantificada essa fitodiversidade, avalia-se o significado dos nomes de plantas encontrados, bem como os contextos em que são utilizados (e.g. agronomia, culinária, ecologia etc.). Outra questão abordada é a correlação entre o fitônimo encontrado e seu correspondente na sistemática botânica (espécie, família e gênero), os chamados "nomes científicos".

O produto almejado na tese é um vocabulário fitonímico, disponibilizado em meio digital, com acesso aberto na web, com um recorte significativo da obra de Jorge Amado, correlacionando os nomes vernáculos aos nomes científicos, corroborados com as abonações do *corpus* e organizados num verbete com diversas informações. A ideia é que o vocabulário *online* tenha capacidade de ser expandido, à medida que o *Corpus* seja ampliado e que os usuários possam compartilhar os verbetes, comentar e até mesmo imprimir.

Justifica-se este trabalho com o ineditismo da abordagem da obra do conhecido escritor baiano, revelando aspectos de sua arte ainda não abordados de forma sistemática, reforçando o papel da obra amadiana na compreensão da literatura gerada no Brasil e no

enriquecimento do Português aqui praticado. A abordagem terminológica reforça a objetividade do estudo gerando conclusões com base em dados quantitativos. A associação do nome vernáculo ao nome científico permite que o conhecimento popular (etnobotânico) alojado no tecido cultural (obra literária) seja ligado ao conhecimento científico indexado, levando a novos *insights* e ao crescimento dessa área do saber.

Em termos teóricos, este estudo baseia-se na Teoria Comunicativa da Terminologia (cf. Cabré, 1999, 2005), principalmente a partir da abordagem da Etnoterminologia (cf. Pais, Barbosa, 2004; Barbosa, 2006; Latorre, 2013) e de aspectos da Ecolexicologia (cf. Sarmiento, 2004; Albuquerque, 2019).

A parte botânica está ancorada no código internacional de nomenclatura botânica (Turland et al., 2018); o sistema de classificação segue aquele apresentado em Stevens (2019), aceitando-se as modificações da Flora e funga do Brasil (2024). O estudo fitonímico de obras literárias ainda carece de obra que lastreie seus principais aspectos teóricos, mas alguma coisa tem sido escrita em diversas áreas como a etnobotânica (cf. Lopez Trabanco, 2012; Cabalzar et al., 2017) e crítica literária (cf. Tüür, Reitalu, 2012; França, 2019).

O estudo do léxico fitonímico foi realizado com ferramentas da linguística computacional (Barreiros, 2017b), através da construção de um banco de dados utilizando-se FLEx (2021). O vocabulário assim obtido foi organizado em uma planilha eletrônica e transportado para o redator de texto. A construção do verbete segue as orientações presentes em Assunção (1979).

O autor desta tese, Flávio França, apresenta formação superior em ambas as áreas: Biologia e letras. Em Biologia, formou-se em Licenciatura e Bacharelado pela Universidade de Brasília (1988), obteve título de Mestre em Botânica pela Universidade Federal do Paraná (1992) e Doutorado em Botânica pela Universidade de São Paulo (2003); sendo professor de Botânica na Universidade Estadual de Feira de Santana desde 1993, nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, bem como no Bacharelado em Agronomia. Em Letras, formou-se em Licenciatura pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015), fez Especialização (2017) e Mestrado (2019) em Estudos Literários na Universidade Estadual de Feira de Santana. Este percurso o habilitou para construção do trabalho aqui apresentado (cf. <http://lattes.cnpq.br/2928056665681598>).

Os nomes de plantas citados foram identificados a partir dos dicionários (e.g. Corrêa, 1926-1978; Houaiss, Villar, 2001; Ferreira, 2004), bem como foram utilizadas

obras específicas da área de Botânica (e.g. Souza, Lorenzi, 2008; Flora e Funga do Brasil, 2024).

Os nomes científicos associados aos nomes vernáculos encontrados estão de acordo com a Flora do Brasil (cf. Flora e funga do Brasil, 2024), que também foi a base para a determinação da origem das espécies identificadas (Nativa= espécie presente naturalmente no Brasil sem interferência dos colonizadores europeus; Cultivada= espécie exótica ao Brasil e presente em território nacional exclusivamente através do cultivo; Naturalizada: espécie exótica ao Brasil, ocorrendo tanto em cultivo como fora deste). Quando a espécie não é citada neste sítio para o Brasil, verificou-se a ocorrência dela em território nacional através do sítio *Species Link* (Smlink, 2023), sendo que a correta nomenclatura do binômio, neste caso, foi conferida no sítio *The World Flora On line* (WFO, 2023).

As obras de Jorge Amado foram selecionadas com base na classificação proposta por Bosi (2006[1970]), que sugere uma divisão em cinco momentos: a) inicialmente os romances retratam a vida baiana, rural e urbana, gerando uma fórmula de romance proletário: *Suor* b) depoimentos lírico-sentimentais onde os enredos tratam de rixas e amores de marinheiros: *Capitães da Areia*; c) escritos de pregação partidária: *O Cavaleiro da Esperança*; d) grandes retratos da região do cacau, as lutas entre Coronéis e exportadores: *Terras do Sem Fim*; e) Crônicas amaneiradas de costumes provincianos, quando se abandona a ideologia e dissolvendo-se no pitoresco regional: *Gabriela, Cravo e Canela*; *Dona Flor e seus dois maridos*).

O sistema eletrônico para o vocabulário foi elaborado definindo o banco de dados e o *layout* do *Front End*, ou seja, da interface pela qual o vocabulário será acessado pelo usuário (cf. Carvalho, 2018).

Seguindo a esta Introdução, a tese foi organizada em capítulos: 2- *De onde emerge o conhecimento da Botânica?*; 3- *Por um estudo etnoterminológico fitonímico do texto literário*; 4- *O Corpus e Aspectos Metodológicos*; 5- *Vocabulário Fitonímico da obra de Jorge Amado*; 6- *Análise do vocabulário*; 7- *Considerações finais* e as Referências

No capítulo intitulado *De onde emerge o conhecimento botânico* disserta-se sobre o conhecimento das plantas, objeto da antiga ciência da Botânica, tanto no ambiente acadêmico (descrevendo-se como a botânica evoluiu e como o conhecimento das plantas se desenvolveu ao longo da história da ciência como um todo) como no ambiente não acadêmico.

O terceiro capítulo trata da Terminologia, como esta ciência se desenvolveu desde a sua recente proposição, passando pelas diversas concepções, até chegar na etnoterminologia, onde o estudo fitonímico de obras literárias melhor se aloja.

O *Corpus* estudado e a metodologia da pesquisa são tratados no quarto capítulo, com uma descrição dos romances estudados, um resumo da biografia de Jorge Amado e a descrição detalhada da metodologia, que neste capítulo foi exposta de forma resumida.

Segue, então, o vocabulário fitonímico das obras de Jorge Amado analisadas, cada um dos 214 fitônimos são apresentados em ordem alfabética, quando possível é apresentado o nome científico (espécie e família botânica), em seguida são apresentadas as abonações (trechos da obra em que o fitônimo aparece), organizados de acordo com o significado/contexto que ele assume na obra, em ordem de número de citações por significado/contexto. Quando conveniente, são feitos comentários, principalmente naqueles termos que não se conseguiu uma identificação precisa (associação ao nome científico), apresentando como ele aparece em outras obras botânicas.

O sexto capítulo traz uma análise do vocabulário, trazendo gráficos ilustrativos, e discussões sobre as espécies mais citadas, os significados/contextos mais importantes, e aspectos botânicos de cada termo. Este capítulo também traz os principais aspectos do sítio elaborado para hospedar o vocabulário resultante dos estudos

O sétimo capítulo resume as conquistas mais importantes resultantes do trabalho empreendido. Segue a este capítulo a lista das referências bibliográficas citadas no corpo do texto.

2 DE ONDE EMERGE O CONHECIMENTO DA BOTÂNICA?

O conhecimento da botânica nasce da necessidade mais primitiva do ser humano: Alimentar-se. o termo "Botânica" vem do grego "botánē,ēs" que significa erva, planta e do adjetivo "Botanikós, ἔ, ón" (herbáceo, vegetal), ambas as palavras provêm de "bóskō" que significa nutrir, dar de comer a, apascentar (Houaiss, Villar, 2001, p. 496). Então, etimologicamente, a botânica é uma resposta à premência de comer e de nutrir, levando o ser humano a pesquisar, na natureza que o cerca, os vegetais que podem servir como alimento.

Tal postura diante do mundo vegetal não difere da postura humana diante do mundo não-humano de uma forma geral, corroborada pelas proposições do humanismo, centrado na capacidade humana da consciência, do raciocínio lógico, arcabouço filosófico e ideológico este que está na base do desenvolvimento científico e consequente evolução tecnológica da modernidade. Nesta concepção, o mundo não humano está à disposição da humanidade, como uma propriedade, permitindo ao ser humano, cultivar, matar, escravizar (domesticar) e destruir (ou substituir) as áreas naturais sob a justificativa da necessidade de alimentar, fornecer energia e abrigo para as populações humanas do mundo, mas esta justificativa muitas vezes apenas esconde o desejo de enriquecimento e poderio individual ou de poucos. Se os outros animais (às vezes é necessário lembrar que o ser humano também é um animal) não têm qualquer tipo de direito ou piedade, os vegetais mal conseguem ser entendidos como seres vivos. Desenvolveu-se então o conceito de Cegueira Botânica (*Plant Blindness*), que poderíamos definir como uma inabilidade em reconhecer (ou ver) as plantas como um ser vivo existente no meio ambiente natural frequentemente combinado com a incapacidade de reconhecer as características vegetais ou mesmo de apreciar sua na biosfera e nas atividades humanas. A escalada exponencial de destruição de áreas naturais, a poluição ambiental desmedida e as mudanças climáticas, entre outros fatores, têm levado os pensadores a uma atitude crítica ao humanismo estrito e a uma mudança de postura em relação aos vegetais como seres vivos sensíveis, capazes de interagir com o ambiente e com a humanidade (Duckworth, Guanio-Uluru, 2022; Nascimento, 2021).

Uma questão importante a ser entendida é como o conhecimento sobre as plantas é absorvido pela cultura humana. O primeiro contato naturalmente é a experimentação direta e aleatória. Os primeiros seres humanos, como qualquer outro animal, através dos seus sentidos, experimentaram os vegetais próximos e deles tiraram o proveito, ou

sofreram as consequências. Aqueles que conseguiam alimentar-se e ficarem mais fortes certamente conseguiram ser selecionados, enquanto aqueles que fracassaram em alimentarem-se adequadamente ou que foram intoxicados, ficaram pelo caminho. O sacrifício desses infelizes bem como o sucesso dos vitoriosos gerou conhecimento, que permaneceu dentro da comunidade, que foi repassado para outros indivíduos ao longo do tempo.

Além dessa abordagem, o ser humano também olhava a natureza para além do sensível. Diante do conhecimento fragmentado das constâncias do mundo natural, diante de fenômenos inexplicáveis, uma outra abordagem mais elaborada da natureza se desenvolveu. Foi a abordagem mística, a crença na existência de entidades divinas, que determinavam destino dos seres humanos, sendo na verdade seus criadores. Esta postura que levou ao desenvolvimento da magia, que além de ser uma forma de se comunicar com o plano espiritual, também é uma forma de utilizar-se dos fenômenos naturais, de tentar explicá-los. Alguns indivíduos, que dominavam o conhecimento natural possível, que tinham a habilidade de diminuir a dor com uso de determinadas plantas, como também de acessar o mundo divino através de outras, ganharam grande importância nas sociedades que se formavam. A partir de um certo momento esse conhecimento começou a ser reunido em obras. Essas duas habilidades, descrição das plantas e relacionamento delas com o mundo espiritual e mágico, vão estar presentes na obra de Teofrasto (fl. 370 a.C.), que descreveu cerca de 500 plantas dando informações sobre suas aplicações medicinais com uma abordagem metódica do estudo das formas vegetais, além disso também registrou lendas sobre elas. (Ronan, 1987; Barroso et al., 2002, p. 21).

Com o desenvolvimento dessa capacidade humana de pesquisar o ambiente que o cerca, o conhecimento botânico cresceu de forma tão extraordinária que um indivíduo médio dentro da comunidade passou a ter dificuldade para acessá-lo. Além disso, surgiram os novos integrantes da comunidade que cresce paulatinamente, é necessário educá-los, para que não comam plantas tóxicas, para que encontrem plantas comestíveis. Tal sabedoria ainda está presente na natureza, basta acessá-la diretamente, de forma a descobrir informações já sabidas, toda geração teria um que descobriria a roda. Um atalho pode ser tomado para evitar essa redundância consultando os especialistas e evitando a perda de energia que seria uma nova incursão na natureza em busca de conhecimento que já existe e é disponível.

Com a ampliação da comunidade, foi necessário ter uma divisão de trabalho. Os coletores especializaram-se no conhecimento das plantas, na diferenciação daquelas que

podem ser comidas das que não são, daquelas que podem ajudar na cura de enfermidades, das que não podem, daquelas que favorecem um contato com a espiritualidade, das que não favorecem. Os especialistas que se formaram criaram um discurso, que permitia aos outros reconhecer as plantas úteis na natureza, qual parte deveria ser consumida e como se deveria fazer o preparado contendo a planta. Toda uma terminologia se formou, não só para denominar as partes das plantas e o procedimento, mas também para denominar as espécies.

O conhecimento existia dentro da comunidade de uma forma mais estruturada, nas mãos dos que dominavam os mistérios da natureza, os sacerdotes que curavam doenças e acessavam a espiritualidade, os agricultores que garantiam alimento de forma contínua para comunidade, os coletores que conheciam os ciclos naturais, permitindo encontrar a fruta da época e estocar mantimentos para os períodos não favoráveis. Tudo isso num processo, que não só consumiu muito tempo como também muitas vidas. Cada um desses atores desenvolveram uma terminologia própria para descrever os materiais utilizados e os procedimentos mais eficazes.

A estruturação do conhecimento foi crescendo em complexidade. Instituições foram criadas para melhor trabalhar esses saberes. Aos poucos, uma parte deste conhecimento foi sendo discriminada. Passou-se a se distinguir o conhecimento verdadeiro, útil, próximo da comunidade, de outros conhecimentos cuja veracidade não seria comprovável, ou cuja utilidade não era confiável, como aquele oriundo dos povos conquistados, culturas distantes, ou mesmo aquele conhecimento não gerado a partir da observação do mundo sensível relacionado à magia e encantamentos. Algumas instituições especializaram-se naquele conhecimento transmitido de pessoa para pessoa, através dos ensinamentos técnicos da agronomia e da medicina. Nestes locais, onde se acumulavam e produziam conhecimento, também não permitiam que formas de pensar diferentes penetrassem no seu interior. Conhecimentos gerados por essas formas de pensar diferentes eram também rejeitados. Também existia a barreira da língua, muitas descobertas importantes estavam presas no Mandarim, no Árabe, nas culturas pré-colombianas. Pouco conhecimento conseguia penetrar esses recintos, exceto se tivessem óbvia aplicação econômica, como o domínio da pólvora ou da produção da seda.

Quando os líderes políticos descobriram que as plantas podiam ser fonte de divisas, o conhecimento botânico foi institucionalizado. No caso de Portugal, a botânica se institucionalizou a serviço da dominação da Coroa em seus territórios coloniais visando o fortalecimento de suas finanças (Pereira, 2016. p. 43). Contudo, a coroa portuguesa

atrasou-se em explorar as riquezas da vegetação de suas colônias, quando comparamos com os esforços nesse sentido que foram realizados pelas outras nações. As primeiras expedições botânicas no Brasil foram feitas pelo alemão Georg Marggraff realizada entre 1637 e 1640, trazido ao Brasil por Nassau; apenas em 1783, serão iniciadas as primeiras explorações naturalistas (Viagens Filosóficas) com patrocínio da coroa portuguesa no Brasil, por Alexandre Rodrigues Ferreira na Amazônia (1756-1815, brasileiro, baiano) e pelo padre José Mariano da Conceição Vellozo (1742-1811, brasileiro, mineiro), na mata atlântica fluminense, iniciativa que foi interrompida com a invasão de Portugal pelos exércitos franceses de Napoleão em 1808 (cf. Urban, 1906).

Aqui já podemos identificar duas fontes do conhecimento botânico: a academia (universidades, institutos de pesquisa, laboratórios farmacêuticos, indústria alimentícia, Igreja Católica, fazendas agro-industriais) e o conhecimento não acadêmico que pode ser urbano (grandes cidades, comunidades periféricas, naturalistas amadores etc.) ou rural (pequenas cidades, comunidades tradicionais [indígenas, quilombola, caiçaras], fazendas de agricultura familiar, comunidades extrativistas)

2.1 ACADEMIA COMO FONTE DE CONHECIMENTO BOTÂNICO

A academia tem uma visão científica. A ciência aqui tomada como uma instituição social (Ziman, 1981), que produz conhecimento através do método científico (POPPER, 1993). Tal método gerou um sistema de classificação, em sintonia com regras internacionalmente acordadas, no qual as plantas são descritas e pesquisadas na busca de espécies desconhecidas para a ciência (espécies novas), novos fármacos, substâncias químicas úteis (resinas, solventes, estabilizantes, adoçantes etc.), domesticação de espécies potenciais (alimentação humana e animal, matérias primas) bem como a melhoria de espécies domesticadas.

Esta abordagem academicista é preponderantemente ocidental. Isso não significa que o conhecimento botânico não tenha sido desenvolvido em países como a China e Índia, cujas antigas culturas produziram interessantes e importantes obras sobre as plantas. A farmacopéia chinesa, por exemplo, datada entre 1583 d.C. (Ronan, 1987, v.2: p. 66) e 1596 d. C. (Ziman, 1981, p. 27), reúne um precioso conhecimento que até hoje é utilizado. A língua chinesa favoreceu o desenvolvimento de um sistema de registro de dados botânicos pois os ideogramas relacionados às plantas e às partes das plantas originaram-se dos registros pictóricos que os primeiros estudiosos faziam; desta forma os

chineses nunca desenvolveram uma nomenclatura baseada em outra língua, os nomes botânicos surgiam naturalmente com nomes vernáculos, sendo que utilizavam uma nomenclatura binomial já no século III a. C., tais procedimentos os levaram a construir agrupamentos naturais de plantas, muitos deles compatíveis com os sistemas ocidentais (Ronan, 1987, v. 2: p. 66).

A literatura védica hindu, que foi compilada há mais de 2000 anos, também reúne vasto conhecimento sobre as plantas, inclusive com uma classificação em árvores, ervas e plantas rastejantes (Ronan, 1987, v.2:p. 79). A ciência árabe também produziu diversos tratados botânicos, principalmente relacionados à medicina, mas também associavam plantas à filosofia, à história e à religião (Ronan, 1987, v. 2: p. 115). Contudo, fatores históricos e econômicos levaram o mundo ocidental a uma preponderância política e econômica que direcionou os recursos para a sua academia, de forma que foi possível a eles impor suas culturas e suas línguas, aos povos do oriente, da África e aos pré-colombianos de uma maneira tal que atualmente, os cientistas chineses, japoneses e indianos precisam apresentar seus estudos, suas espécies novas, dentro da nomenclatura estabelecida e "aceita" (imposta) mundialmente, que é baseada nas culturas do ocidente, especificamente euro-estadunidense. No caso dos povos pré-colombianos a situação é ainda mais crítica pois uma parte significativa deles foi aniquilada e os sobreviventes foram aculturados; para estes povos a prioridade é a sobrevivência de suas culturas, sendo que nesse processo muitas descobertas são feitas para a melhoria do conhecimento de como eles viam e trabalhavam a diversidade ambiental.

Ao iniciar seu livro introdutório aos estudos botânicos, Mauseth (2013, p. 4-5) estabelece sua visão de como o seu tratado foi balizado, ou seja, ele baseou-se no "método científico", fundamentado numa série de princípios como a aceitação apenas de informações que sejam derivadas de observações e/ou experimentos cuidadosamente controlados, que somente fenômenos tangíveis sejam objetos de estudos, que as forças físicas que controlam o mundo são constantes através do tempo e que são iguais em todos os lugares, que a principal base do método científico é o ceticismo. Desta forma, apenas hipóteses que possam ser testadas (refutadas) são aceitas para estudo, na medida em que essas hipóteses são corroboradas pelas observações e pelos experimentos é que elas se constituirão numa teoria, o que está totalmente de acordo com os preceitos estabelecidos em Popper (1993).

O livro de Mauseth (2013) representa uma coleção de conhecimentos que começaram a ser recolhidos nas mais remotas épocas históricas. Ao retornar da Síria

(1400 a. C.), o faraó Tutmés III mandou gravar nos muros do templo de Carnac no Egito os desenhos das plantas trazidas (Ziman, 1981, p.26), sugerindo que algo mais além da curiosidade a respeito das plantas exóticas tivesse levado os egípcios a tão árduo trabalho. Esse "algo mais" pode ser entendido não apenas como interesse nos potenciais das plantas recolhidas, como qual o efeito dessas plantas sobre doenças? Elas podem servir como alimento? Como domesticá-las? Mas também por questões como: qual a dependência das plantas à luz do sol? Como diferenciar as diversas espécies e grupos de espécies? Tais questionamentos são típicos, atualmente, da atividade que denominamos "pesquisa científica". John Ray (1628-1705) foi o autor de um dos mais antigos tratados em que as plantas são classificadas sistematicamente; de origem humilde, chegou a tornar-se membro do *Trinity College* em Cambridge, tendo sido expulso de lá, continuou suas pesquisas sob patrocínio privado (Idem, p. 53), além do seu próprio gênio, o que levou esse pesquisador a conseguir recursos e levar a cabo seu trabalho? Por que os financiadores da época consideravam seu trabalho de qualidade superior e necessário? Existe uma linha que une Tutmés III, John Ray e Mauser, é a linha da construção de uma teoria que permita arregimentar todo esse conhecimento e que permita disponibilizá-lo para todos, é a linha do desenvolvimento histórico da ciência.

Esta disponibilização do conhecimento só foi possível devido a uma longa e variada construção de uma Terminologia que pudesse denominar as partes vegetais (caracteres) e as formas em que essas partes se apresentam (os estados dos caracteres), que são as evidências taxonômicas (Judd et al., 1999, p. 45), como também denominar os grupos de vegetais, de forma que todos reconhecessem (taxonomia, fitonímia). Inicialmente totalmente morfológica, baseada principalmente em características organográficas, às vezes com detalhes micromorfológicos (palinologia, estrutura dos tecidos, organogênese), para posteriormente adicionar caracteres fitoquímicos (compostos do metabolismo secundário) e finalmente ceder à preponderância de caracteres macromoleculares (ácidos nucleicos).

Tal terminologia construída a partir de evidências morfológicas se desenvolveu na Europa baseada no Latim e no Grego, sendo que tais línguas acabaram servindo de base para a denominação das espécies e grupos de espécies de plantas, originando os nomes científicos. Quando a nomenclatura botânica surgiu, ou seja, quando os botânicos sentiram a necessidade de organizar a profusão de nomes que surgiam todos os dias, a toda hora, sendo eles, europeus, com fortes ligações históricas com o extinto império Romano e com sua língua (Latim), muitos deles eram integrantes da Igreja Católica, foi

razoável que a língua latina fosse preponderante para a nomeação dos táxons. Como muito do conhecimento botânico vinha dos trabalhos sobreviventes dos filósofos gregos, tal língua também foi utilizada, mas não com a importância que foi dada ao latim. A troca de informações botânicas entre culturas diferentes é difícil porque os sistemas são diferentes e os nomes são gerados em regras nomenclaturais, quando existem, distintas. Somente depois da adoção da eminência do Latim, de cuja cultura deriva ou influencia fortemente a de todos os povos ocidentais conquistadores do mundo, inclusive os não latinos, é que foi possível estabelecer apenas uma língua para a denominação dos táxons.

Para se escrever sobre nomes científicos, é necessário falar sobre sistemas de classificação. Pois tais denominações existem e se relacionam dentro de uma lógica. "cada cultura já teve seu próprio sistema de classificação e de nomenclatura, possibilitando a comunicação e, conseqüentemente, o uso das plantas" (Ribeiro et al., 1999, p. 13). Depois de uma longa história, quando os estudiosos das plantas registraram suas convicções e propuseram sistemas de classificação, Carolus Linnaeus (1707-1778), atribuindo sexualidade às plantas, construiu um sistema de classificação em que as estruturas reprodutivas eram usadas para classificar os vários grupos. Nomeando as plantas com base na mitologia grega e latina, como também sugerindo aspectos da sexualidade humana, o assim denominado "Sistema Sexual" foi amplamente utilizado na Europa. Linnaeus vulgarizou o sistema binomial, onde um nome de uma espécie de planta é formado por dois epítetos: genérico e o específico. Por exemplo: *Coccoloba uvifera* Linnaeus, o primeiro nome (*Coccoloba*) é o epíteto genérico (nome do gênero), o segundo (*uvifera*) é o epíteto específico e o último é o nome do autor do binômio, o conjunto formado por estes três termos é o chamado nome científico da espécie (cf. Lawrence, 1951).

Linnaeus contribuiu de forma decisiva para a consolidação da botânica como ciência, pois ele propôs "um sistema universal de nomenclatura binominal [epíteto genérico + epíteto específico] para a botânica e a zoologia, cujo objetivo era a organização específica no processo de criação dos nomes científicos que designam a fauna e a flora do mundo todo, independente do idioma falado pelo cientista" (Barros, 2004, p. 31)

O trabalho de Linnaeus veio de uma linha de pensamento em que se produziu as chamadas "histórias naturais", que eram elaboradas conciliando o que se via das coisas e os signos que delas foram descobertos ou nelas depositados. O trabalho do médico sueco

partia do objeto descrito e não de abordagens pré-concebidas sobre ele, permitindo ele fosse identificado por suas próprias características (Pereira, 2016, p. 47-48).

Atualmente, os grupos (táxons) de plantas são ordenados dentro de um sistema baseado numa relação de similaridade entre as sequências de bases nitrogenadas de Ácido Desoxirribonucleico (ADN). É o sistema filogenético, ou seja, sistema baseado na hipótese da evolução dos seres vivos, em que os grupos existentes se desenvolveram a partir de ancestrais comuns (cf. Stevens, 2019). No sistema filogenético, os táxons vegetais são organizados conforme a hipótese de descendência de um único ancestral, de forma que tal classe é chamada de grupo (Táxon) monofilético. A determinação desse grupo com base em ADN reduziu a importância das semelhanças morfológicas para sua definição (França, 2019), distanciando ainda mais o conhecimento acadêmico do não acadêmico, que se baseia muito nas formas externas dos vegetais.

No entanto, a metodologia desenvolvida para dar nomes aos grupos de seres vivos em geral e aos grupos de planta em particular permaneceu dependente de um conjunto de normas e preceitos: a nomenclatura. Um princípio básico da nomenclatura é a tipificação. Um nome científico é ancorado em um tipo nomenclatural, que é um espécime depositado em herbário, o qual o autor da espécie determinou como sendo seu representante (cf. Turland et al., 2018). É interessante notar que, apesar dos grandes grupos de plantas serem organizados dentro do sistema filogenético baseado em ADN, a necessária ancoragem do nome científico da espécie a um tipo nomenclatural faz com que a sua definição continue sendo morfológica. Esta ligação pode ser interpretada como o esforço da humanidade em manter a "palavra" perto da "coisa" que ela representa (França, 2019).

A análise que Foucault faz da evolução do saber da era clássica para a era moderna demonstra que a "palavra" se distanciou da "coisa". Ou seja, na modernidade a "palavra" e seu objeto de referência já não necessariamente partilham o mesmo espaço, o objeto agora é identificado e valorizado pelo discurso a ele associado (Coelho, 2011, p.100). E se a "palavra" agora está em uma mensagem literária, a "coisa" que ela representa está ainda mais dissimulada, pois tem o "leitor" e as várias formas de leitura. A "palavra" se distancia da "coisa", mas seus limites não ficaram mais nítidos. Pode-se considerar a taxonomia sistemática atual, ainda tipológica para a identificação das espécies, um resquício do pensamento neoclássico (França, 2019).

O nome das plantas traz também uma relação com a memória e com a necessidade que a humanidade tem de acessar a memória. A memória é aqui entendida como um retorno ao passado; mas esse retorno não é perfeito, pois o fato memorável foi modificado

e reinterpretado dentro da mente, de forma que a memória nunca é um resgate perfeito dele (cf. Le Goff, 1990). No caso do nome científico, ancorado no tipo nomenclatural, esse acesso é um resgate, não só ao conhecimento (farmacológico, agrícola etc.) associado, mas, além disso, à própria história da construção deste nome que pode remontar mais de 250 anos de concepções de ciência. Quando se trata do nome vernáculo, que também é um índice, permitindo acesso ao conhecimento cultural (artístico, religioso, científico etc.) ainda mais antigo, ele também permite um retorno ao passado, mas o que o pesquisador obtém desse retorno não é um resgate, não é o conteúdo fixo de um tipo nomenclatural, ele traz uma informação trabalhada, filtrada, uma memória (França, 2019).

Uma vez que existe um nome científico para uma planta e tem-se em mãos uma amostra dela, como chegar a esse nome? como ligá-lo àquela planta? Esse é processo chamado de identificação. Nele, as evidências taxonômicas são comparadas com as dos numerosos táxons existentes e depois de confirmar uma concordância entre as evidências que definem um táxon e as evidências que se observa no ramo capturado, chega-se à identificação da planta. Esse é um processo difícilíssimo que exige muitos anos de estudos. Com o tempo, o estudioso passa a conhecer o "jeitão" dos táxons, permitindo que ele o identifique de forma menos demorada (Ribeiro et al., 1999, p. 13), o chamado "jeitão" nada mais é que uma complexa análise multi-variada processada dentro dos cérebros humanos, numa velocidade que depende da "base de dados" formada pelas evidências taxonômicas armazenadas na memória de cada um. No ambiente acadêmico, é avaliado como um bom botânico aquele que consegue associar um grande número de espécimes a um grupo de plantas similar (Família ou gênero) e consegue associar um nome científico, com razoável certeza, a um grande número de plantas, tais profissionais demoram muito tempo para se formar e geralmente se especializam em determinados grupos taxonômicos e/ou áreas geográficas bastante restritas. O acesso da população comum a esse conhecimento é muito limitado, pois são poucos os cientistas que atingem tal nível de conhecimento e a terminologia empregada por estes poucos pertence a uma linguagem quase inacessível, como um idioma estrangeiro.

A sistemática baseada em ADN trouxe muitas mudanças ao antigo conhecimento baseado em dados morfológicos, mas não alterou tudo radicalmente, muito do conhecimento antigo, que permanece útil para que os grupos possam ser identificados, não sendo necessário extrair o material genético de cada coleta para que se consiga colocar-lhe um nome. O que mudou foi a forma de organização dos grupos, aproximando

táxons que antes não eram considerados relacionados e separando outros historicamente unidos por suas semelhanças superficiais.

Esta visão academicista tem atraído a principal parcela de recursos destinados ao estudo das plantas. Estudos fisiológicos, fitoquímicos, farmacológicos e filogenéticos estão sendo feitos em todo o mundo. Tais estudos dependem de um fator importante: conhecimento da biodiversidade mundial. Esse conhecimento é particularmente difícil em países como o Brasil, que guardam grande parte da biodiversidade do planeta, sendo que esta é ainda apenas parcialmente conhecida para a ciência. Diante da destruição desenfreada da natureza selvagem do mundo, a ONU estabeleceu a Convenção da Sobre a Diversidade Biológica (cf. Brasil, 2020), que, entre suas diretrizes, determina o apoio aos estudos taxonômicos (estudos sobre os nomes das plantas). Para proceder os estudos científicos da diversidade das plantas é necessário coletar as amostras e depositá-las em museus especializados (herbários).

Desta forma, o mínimo conhecimento acadêmico que se pode ter de uma vegetação pode ser traduzido na quantidade de coletas de plantas feitas em uma determinada área geográfica. No Brasil, a menor entidade geográfica gerenciada por governantes eleitos é o município, sendo que no país inteiro há uma grande diferença no número de coletas feitas em cada município, tendo alguns muitas coletas e outros pouquíssimas. Na Bahia, por exemplo, como em todo o país, o conhecimento mínimo da flora é muito discrepante. Enquanto se tem municípios com muitas amostras de plantas depositadas nos herbários como Caetité com mais de 8700 exemplares depositados, temos municípios como Novo Triunfo sem nenhum representante da flora registrado em Herbário. Pode-se dizer algo sobre botânica acadêmica, "científica", para o município de Caetité, mas isso já não pode ser feito para o município de Novo Triunfo, ou seja, nesse último município o conhecimento da área de especialidade botânica só pode ser revelado aos seus habitantes através dos nomes vernáculos, uma especialidade dominada por poucos e cujo número se reduz a cada ano. Estima-se que pelo menos 15% dos municípios baianos estejam nessa situação atualmente (c. Splink, 2023). Esses são os chamados "vazios de informação botânica" (Bermúdez, Sanchez, 2000), que dependendo do grupo taxonômico pode ser ainda mais grave, as fanerógamas (plantas que formam flores ou estróbilos) são as mais conspícuas e bem conhecidas, mas as algas, as briófitas (e.g. musgos) e as pteridófitas (e.g. samambaias) apresentam conhecimento próximo de zero na maior parte da América Central, não sendo muito diferente do que ocorre no Brasil.

Um habitante dessas localidades em que há o "vazio de informação botânica" tomará conhecimento das plantas que o cerca através dos curandeiros, dos agricultores, dos apreciadores de plantas ornamentais, que são os "especialistas" locais. O discurso especializado possível produzido nesses locais, pelos especialistas autóctones, não usa os nomes científicos nem os outros termos técnicos morfológicos presentes na academia. Eles usam os nomes vernáculos para denominar as diferentes espécies, as evidências taxonômicas que eles buscam para identificá-las vai ser muito diferente daquelas que usam os botânicos acadêmicos, mas que garantem a aplicação bem precisa dos nomes e das suas utilidades.

2.2 O AMBIENTE NÃO ACADÊMICO COMO FONTE DE CONHECIMENTO BOTÂNICO

O conhecimento não acadêmico urbano caracteriza-se por um apartamento do vegetal. O cidadão urbano médio acostumou-se a pegar as coisas no supermercado aos pedaços. Ele se alimenta com carne, compra um pedaço de filé mignon, mas evita pensar no animal que foi sacrificado para fornecer aquele alimento. Este é um fenômeno antropológico e sociológico denominado "objetificação" (*objectification*) (Grauerholz, 2007) em que a parte que é destinada à satisfação de desejos e necessidades básicas são separadas do seu todo de forma que o consumidor aceita comer o filé mignon, mesmo que se posicione contra a morte de bois, bezerros e vitelos. O mesmo acontece com os vegetais: compra-se o suco do caju, a castanha torrada e salgada do caju, o pomo do caju, mas quando se vê um cajueiro não sabe que aquele alimento todo vem daquela planta, veste-se uma camisa de algodão e fica-se surpreso ao ver o fruto do algodoeiro expondo a sua fibra, compra-se o feijão e vagem como se fossem de espécies diferentes. A diferença entre as duas "objetificações" está no fato que a primeira se origina na necessidade justificar algo socialmente aceitável (comer filé mignon) que se baseia em algo eticamente inaceitável (sacrifício de animais), enquanto que a segunda origina-se na perda da identidade cultural que o urbanismo promove, como também na "Cegueira Botânica" que impede mesmo de ver a planta como um ser vivo (cf. Duckworth, Guanio-Uluru, 2022; Nascimento, 2021).

Essa perda de identidade está apenas em processo, ainda não se completou totalmente na maioria das grandes cidades. Apesar da intensa urbanização que está sendo observada no Brasil nos últimos anos, o hábito de cultivar plantas em quintais, por

exemplo, continua vivo (Botelho et al., 2014), permitindo que as pessoas nascidas e criadas na cidade ainda tenham contado com as plantas que originam seus alimentos. O rápido processo de abandono do meio rural observado atualmente, tem empurrado muitos representantes das culturas tradicionais para as cidades, como por exemplo o efeito da implantação do Parque Nacional das Sempre Vivas, em Minas Gerais, que restringiu de forma severa o modo de vida das comunidades tradicionais, contribuindo de forma significativa para o abandono das áreas rurais em direção às grandes cidades pelos jovens (Pateo, 2016, p. 50-51). Não é difícil encontrarmos indígenas e quilombolas em grandes cidades, mas com o passar das gerações, o conhecimento tradicional vai ficando pelo caminho a não ser que projetos muito específicos sejam colocados em prática no sentido de evitar esse apagamento.

O conhecimento não acadêmico rural caracteriza-se pela visão holística do vegetal. A mandioca não é apenas aquele arbusto, cujos tubérculos ricos em amido fornecem farinha para alimentação e tóxico quando ingerido cru, ela também é a morada de Mani, representando uma forma de ver o mundo; tais conhecimentos se entrelaçam e formam um corpo coerente e suficientemente homogêneo.

De modo geral, os grupos humanos que vivem em regiões de caatinga tendem a conceber os recursos vegetais dentro de um significado muito amplo de utilidade, que necessariamente não tem que ver com a compreensão dos cientistas. O significado de útil varia culturalmente (e intraculturalmente) e isso determina a forma com que as pessoas se relacionam com os recursos do ambiente. Para o sertanejo, todas as plantas da caatinga são consideradas úteis, sem que obrigatoriamente tenham uma utilização direta das pessoas. Todavia, essa percepção está relacionada com a visão de mundo e o próprio conhecimento do recurso por quem dele se utiliza, o que dita normas e padrões de conduta com relação a esses recursos. Muitos grupos indígenas do semi-árido pernambucano consideram a jurema (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.) uma planta sagrada, cercada de profundo respeito e de todo um cerimonial, com as populações dessa planta tendendo a ser protegidas. Contudo, é uma planta muito apreciada pela qualidade de sua madeira, sendo muito utilizada para confecção de cercas e fabrico de carvão (Albuquerque, Andrade, 2002, p. 281).

Essa afirmação é verdadeira não só para a Caatinga, mas também o é para outras paisagens. É um conhecimento que depende de um longo relacionamento com a natureza e que é passado oralmente de geração para geração. As populações tradicionais (indígenas, quilombolas etc.) mostram um conhecimento mais integrado, mais completo, a forma de ver a natureza, como tirar proveito causando menor prejuízo a ela, a forma de reconhecer as diversas espécies e de passar esse conhecimento para os outros integrantes da comunidade chega a um refinamento tal que muitas vezes parece que foi gerado por uma academia.

Meditando-se sobre os grandes esforços realizados pela ciência moderna, percebe-se que se gasta muito tempo e recursos na identidade simbólica e na economia de conceitos no uso da linguagem ao se classificar os objetos. O uso dos nomes vernáculos na denominação dos objetos traz uma carga simbólica derivada da cosmovisão de determinada cultura, por esse motivo os nomes vernáculos são entendidos como lexias da língua em geral, enquanto os nomes científicos, derivados de uma convenção internacional oficial como uma terminologia científica. Isto fica ainda mais evidente em plantas que não tem importância alimentícia ou medicinal, cuja riqueza nomes vernáculos é menor que aquela encontrada nos nomes científicos. Isto faz com que o estudo dos nomes vernáculos seja multidisciplinar, precisando recorrer a disciplinas da botânica (nomenclatura, sistemática, taxonomia), como também da linguística (onomástica). As publicações botânicas (floras e monografias) incluem frequentemente uma simples tradução dos nomes técnicos empregados, acabam por não satisfazer as expectativas dos interessados em aprender o grupo de plantas (López Trabanco, 2012).

Muitos nomes científicos são derivados de nomes vernáculos. Aublet (1775) descreveu vários gêneros novos ao elaborar sua flora das Guianas, baseando-se no nome vernáculo local, como *Abuta*, *Cabomba*, *Aiouea* que são derivados de nomes locais guianenses, aceitos até hoje na comunidade científica. Mais recentemente o pau-brasil, descrito originalmente como um representante de *Caesalpinia*, foi transferido para o gênero *Paubrasilia* (Gagnon, 2016). O nome vernáculo, ao passar pelo invisível portal da academia, transmuta-se em termo técnico, vestido com o jaleco da nomenclatura, depositado no frio escaninho dos herbários. Tais nomes eram precisos e utilizados por ampla população antes de serem academicizados, dentro dos discursos locais eram nomes utilizados por aqueles que trabalhavam na floresta em busca de alimento e remédios, mas não são todos habitantes locais que dominam esses nomes. Eles são especialistas e seus nomes funcionam como termos técnicos.

Para Dias (2011) os nomes científicos são uma representação do conhecimento que busca uma universalidade, dizendo respeito ao mesmo campo referencial dos nomes vernáculos ("comuns/populares"), mas estão em um contexto científico fundamentado na "(re) produção, divulgação e utilização do conhecimento". Eles apresentam uma historicidade, sempre são acompanhados de uma sequência de precursores, cuja menção é necessária, guardando uma noção implícita de progresso e unicidade.

Os nomes vernáculos, dentro da cultura tradicional, não-acadêmica tem um porquê de existir, tem um padrão racional de constituição. Os povos indígenas e

quilombolas têm uma lógica na organização dos nomes de plantas que usam, constituindo sistemas também. Um exemplo é o registrado na família linguística Tukano, do noroeste amazônico, onde o gênero *Inga* (Fabaceae) aparece com o nome ‘mere’, as espécies recebem epítetos formando também um binômio. Assim no Tukano ‘Busa mere’, traduzido para o português como ‘Ingá da coceira’, corresponde ao nome científico *Inga macrophylla*; já ‘Mere pahka’, em português ‘Ingá cipó’ é facilmente identificável como *Inga edulis* (Cabalzar et al. 2017, p. 39). Cabe ressaltar que tanto o nome Tukano como o nome português são binômios: um nome genérico (‘mere’, ‘ingá’) e um epíteto específico (‘da coceira’, ‘Busa’), assemelhando-se ao sistema lineano.

A fitonímia tem uma aplicação prática em uma determinada especialidade. No caso do uso de plantas no tratamento das doenças essa face da fitonímia fica mais evidente. Kffuri et al. (2019) estudaram os nomes de plantas citados no tratamento tradicional da malária, tal estudo traz da premência de estudar uma língua ameaçada de extinção, no caso o Nheengatu. Muitos nomes Nheengatus são formados por dois radicais diferentes (binômios) como *Wasáí kaapura* (Açaí do Mato) assemelhando-se novamente à nomenclatura científica.

Ao fazer o levantamento das plantas utilizadas na sociedade Iorubá, Verger (2009) faz uma rápida descrição do sistema de classificação aceito nesta cultura. Ali, a nomeação das plantas considera, além de características morfológicas (cor, textura das folhas), também o cheiro e a sensação provocada pelo seu toque. Ressalte-se que essas características não morfológicas também são utilizadas como evidências taxonômicas na sistemática acadêmica, como as Lamiaceae e seus característicos odores tão conhecidos de chás (e.g. *Mentha*) ou de temperos (e.g. *Origanum*), as Urticaceae e a dolorosa causticidade de algumas espécies, ou mesmo, nas sensitivas, os movimentos nicnásticos das Leguminosas (Barroso et al., 1984).

Existem vários tipos de nomes não científicos, de acordo com Lawrence e Hawthorne (2006, p. 63): a) nome comum, aquele utilizado sem considerar linguística e não necessariamente local; b) nome vernáculo, aquele explicitamente dentro de uma linguagem ou dialeto particular, geralmente não global; c) nome folclórico, aquele nome vernáculo que pertence a uma longa tradição cultural; d) nome local, aquele utilizado em uma área geográfica restrita; e) nome comercial, aquele com uso econômico, especialmente em mercados internacionais. As definições apresentadas têm sobreposições, são na verdade nuances de um mesmo tipo de nome, o nome não científico, todos eles expressam uma cultura tradicional, muitas vezes apenas um traço

sobrevivente de uma tradição há muito sepultada no interior de um aspecto cultural agora dominante (Struwe, 2018, p. 34). Dias (2011) considera que nomes "comuns" e nomes "vernáculos" são sinônimos, e os relaciona ao uso dentro de uma região geográfica limitada, não sendo nomes cientificamente publicados, nem segue regras específicas. O termo "vulgar" deve ser evitado por ser pejorativo, que na sua origem ajudava a discriminar aqueles que não pertenciam às classes dominante e que atualmente circula entre as obscenidades, brutalidades e ignorâncias. Também não se deve utilizar o termo "comum", pois Foucault (1999, p.189-190), utilizou-o para denominar o nome "científico". Para ele, o nome "comum" seria aquele utilizável por todos, provendo ao estudioso uma "designação certa e uma derivação controlada". Para simplificar, os nomes não científicos serão chamados, neste trabalho, de nomes vernáculos. O uso de tal termo aparece pelo Código Internacional de Botânica, como *vernacular name* (Turland et al. 2018, arts. 23, 60 e 62) e usado nos estudos sistemáticos de botânica (cf. Queiroz, 2009).

Nomes vernáculos populares variam de comunidade para comunidade, fazendo com que a mesma planta apresente vários nomes diferentes, ou seja, o nome vernáculo é tipicamente impreciso ou sua precisão se resume a um círculo cultural restrito. Um exemplo é a erva-de-santa-maria e o mastruz, nomes que tradicionalmente se referem a uma única espécie: *Chenopodium ambrosioides* L. (Amaranthaceae). Também existe o contrário, quando o mesmo nome vernáculo se refere a duas plantas diferentes; é o que acontece com o umbu, planta importante na caracterização ambiental e cultural da Caatinga, que corresponde à espécie *Spondias tuberosa* Arruda (Anacardiaceae); porém existe um outro umbu, planta comum nas florestas do sul do Brasil, que corresponde à espécie *Phytolacca dioica* L. (Phytolaccaceae) (França, 2019). Vale ressaltar o aspecto geográfico dessas variações, uma vez que a 'erva-de-santa-maria-*Chenopodium*' e o 'umbu-*Phytolacca*' são utilizados principalmente no sul do Brasil, enquanto que 'mastruz-*Chenopodium*' e 'umbu-*Spondias*' são nomes usados mais no nordeste do país.

No caso brasileiro, o nome vernáculo adquire uma variação exponencial, pois a mesma planta pode ter nomes oriundos das tradições indígenas, africanas e europeias. Mesmo provenientes dessas tradições, elas guardam dentro de si, mais um número indeterminado de culturas diferentes. Parte desse conhecimento europeu, africano e asiático foi transplantado para o Brasil e, de uma forma ou outra, misturado à cultura indígena, gerando um complexo sistema de conhecimento científico e tradicional (França, 2019).

Existe uma relação entre a diversidade biológica e a diversidade linguística. O Brasil, como um país biologicamente megadiverso, abriga também grande diversidade linguística, que já foi muito maior. Muitas dessas línguas desenvolvidas nestes ambientes megadiversos são endêmicas e frágeis (Gorenflo et al. 2012). Muitos nomes de plantas gerados por essas línguas desapareceram como as espécies endêmicas também desaparecem com o avanço do desenvolvimento econômico, porém outros nomes permanecem ainda entre nós, mesmo que seu referente não exista mais. Assim, o registro desses nomes na literatura é uma das formas que temos de preservar a memória das espécies vegetais ameaçadas, ou mesmo já extintas.

Quando se considera o nome vernáculo, que é proveniente de uma cultura tradicional, pode não se ver de forma tão óbvia que seja um termo técnico, como o nome científico. Tais nomes vernáculos não são totalmente menosprezados pela botânica acadêmica, muitos estudiosos consideram importante registrar os nomes vernáculos junto aos nomes científicos, principalmente quando os coletores de plantas estão acompanhados de representantes de comunidades locais, pois o nome vernáculo pode ajudar na identificação (associação da coleta a um nome científico). Contudo, estes nomes também são também termos técnicos pois eles são provenientes de uma parte da cultura tradicional que é especializada nas atividades relacionadas com a vegetação, que inclui conhecer as atividades medicinais de uma planta, seu potencial alimentício, diferenciando daquelas que sejam potencialmente tóxicas.

Ao lamentar o tamanho pequeno de sua amostragem fitonímica Nhengatu relacionada com a malária, Kffuri et al. (2019, p. 16) acreditam que tais nomes

[...] podem nos dar a ideia de como os indígenas fazem a observação acurada da flora e do hábitat, além disso, são importantes porque carregam informações sobre a cosmovisão dos falantes e sua dinâmica, e podem ampliar a compreensão e a comunicação em diversas áreas de atuação, como a assistência médica local e a proteção do meio ambiente.

Essas fontes de saberes e conhecimentos (cf. Mota et al., 2008), a acadêmica e a não-acadêmica, encontram-se separadas atualmente. A academia menospreza aquilo que não é acadêmico devido a pouca "cientificidade" de suas afirmações, o cidadão urbano desconfia da academia e tem restrições higiênicas aos produtos provenientes do meio rural, o cidadão rural sente-se menosprezado e abandonado pelos outros dois, apesar de serem essenciais para sobrevivência de todos. A união dessas massas humanas separadas economicamente, socialmente, geograficamente, pode ser feita de várias formas. A literatura é uma das maneiras mais antigas.

2.3 OBRAS LITERÁRIAS COMO FONTE DE CONHECIMENTO BOTÂNICO

A literatura ficcional pode ser uma fonte de conhecimento das paisagens em que o autor da trama coloca suas personagens. Na verdade, os espaços relatados em tais obras artísticas, fornece informações históricas e geográficas preciosas, aspectos que aproximam a literatura de áreas científicas como a geografia e, por que não, da Botânica. Na obra de Guimarães Rosa por exemplo:

Não obstante o conteúdo simbólico dos contos eles encerram uma peculiaridade extraordinária em termos de sua vinculação 'espacial'. Os contos têm seus enredos situados em espaços intermediários, complementares ou periféricos ao complexo 'Chapadões-Veredas' expondo contrastes entre eles (Monteiro, 2002, p. 30).

A fitonímia presente nas obras literárias pode ser proveniente de ambas as fontes, a acadêmica e a não acadêmica. Quando se considera o nome científico, o binômio latino ou latinizado, de uma planta, não há dúvida que se trata de um termo técnico, que, apesar de raro, é utilizado na literatura para conferir maior verossimilhança ao seu texto. Euclides da Cunha em *Os Sertões* citou *Cereus jaramacarum* (sic) (Cunha, 1982 [1902], p.40) e *Cactus peruvianus* (idem). Jorge de Lima cita *apeiba simbaleana* (sic) para mostrar a impropriedade do nome científico diante do seu uso pelas comunidades tradicionais, para construir a jangada (embira branca) (Lima, 1997, p. 213). Para aumentar o teor irônico do texto, Georges Perec em *La vie mode d'emploi* citou *Pterocarpe gummifer* (sic) (Perec, 2010 [1978], p. 92), recorrendo a este recurso mais adiante com *Ocimum basilicum* (sic), *Hieracium pilosella* e *H. aurantiacium* (sic) (idem, p. 612) e várias espécies de *Epiphyllum* (*E. truncatum*, *E. paucifolium* [sic], *E. macklineum* [sic]), sendo que as duas últimas "espécies" não existem na natureza, elas são na verdade, uma referência do autor à vaidade dos botânicos em nomear novas espécies e de serem homenageados nos epítetos específicos) (idem, p. 468). Relacionando o fenômeno da heterostilia encontrado em flores de *Lythrum salicaria* e *Primula veris* à homossexualidade humana, levou Proust (1999, p. 1230) a usar esses binômios no seu texto aumentando dessa forma a verossimilhança e dando contornos científicos ao seu arrazoado.

O famoso poema de Erasmus Darwin (avô do ilustre naturalista evolucionista), que foi produzido inspirado na atribuição de sexualidade às plantas feita por Linnaeus, intitulado *The loves of the plants*, trata a instituição do Jardim Botânico como a metáfora da confluência entre a emoção e o propósito científico (Browne, 1989). No poema, é frequente a citação de nomes científicos como *Callitriche* (v. 2: p. 4), *Genista* (v. 2: p.5) ou *Melissa* (v. 2: p. 6), entre outros, que, personificados, têm descritas suas características

reprodutivas com detalhes que, na época de sua publicação, chegavam a ter um teor pornográfico (cf. Darwin, 1806).

No caso da literatura europeia, muitos nomes vernáculos utilizados coincidem com os nomes de gênero, como "crocus" citado em Woolf (1996, p. 24), como também em Tournier (1970, p. 196), coincide com o gênero *Crocus* da família Iridaceae (cf. Wfo, 2021). Da mesma forma que "clematis" citado em Tolkien (2001, p. 637), corresponde ao gênero *Clematis* da família Ranunculaceae (c. Wfo, 2021). Também "aster" citado em Perec (2010, p. 389) é relacionado ao gênero *Aster* da família Asteraceae (cf. Wfo, 2021).

Tais correspondências aproximam ainda mais o discurso não especializado do discurso especializado, contudo, à medida que se afasta do mundo euro-estadunidense, os nomes dos gêneros passam a não ter uma correspondência tão próxima. O exemplo de *Caesalpinia*, anteriormente citado, é bem apropriado para essa discussão, o nome foi criado em homenagem à Andreas Caesalpinio, botânico italiano (Barroso et al. 1984, p. 91); foi neste gênero que Lamarck descreveu a espécie botânica do pau-brasil, fazendo *Caesalpinia echinata* Lam., nada mais distante do conhecimento popular; recentemente, ao constatar que o pau-brasil não poderia pertencer a este gênero, por questões filogenéticas, mas sim a um gênero ainda não descrito, Gagnon (2016) fez *Paubrasilia echinata* (Lam.) Gagnon, que, além de adequar a taxonomia ao esquema filogenético encontrado, também trouxe a denominação científica (terminológica) do pau-brasil para mais perto do discurso não acadêmico.

Quando a literatura ficcional se utiliza de aspectos da cultura tradicional para denominar os vegetais, o autor está lançando mão de um conhecimento terminológico para atingir seu propósito literário. Se ele está elaborando uma narrativa que se passa dentro da comunidade Tukano e ele vai falar das plantas através da visão de uma personagem que representam um autóctone, então os termos Tukano (discurso especializado) para espécies vegetais que vão aparecer na obra literária (discurso não-especializado). Da mesma forma que Le Clézio (2010[1995]), ao colocar um botânico entre suas personagens, utilizará nomes científicos para ilustrar a visão que esta personagem tem da paisagem em que a trama ocorre.

Quando a jovem Mary deseja cultivar seu jardim secreto, ela conta com a ajuda de Dickon, um jovem local, proveniente de uma comunidade com forte tradição dos povos do norte da Inglaterra, inclusive com diferenças dialetais muito enfatizadas ao longo do romance. Dickon traz para o jardim de Mary algumas plantas típicas região, nomeando-as e diferenciando-as para o conhecimento da menina (cf. Burnett, 1910-1911). A

fitonímia utilizada por Dickon são termos técnicos oriundos de sua cultura, frutos de um discurso especializado não acadêmico.

É conhecida a importância de textos literários para a pesquisa científica. O trabalho de Pardo-de-Santayana et al. (2006) registrou 150 espécies presentes em toda a obra de Cervantes, sendo que 102 delas foram utilizadas na composição de "Dom Quixote". Tal estudo fornece uma visão do ambiente na época de Cervantes, como também sobre a utilização desses vegetais seja como alimento ou como medicinal. Da mesma forma, Wang et al. (2008) conseguiram descrever os caminhos da domesticação da berinjela utilizando a antiga literatura chinesa.

O processo de degradação ambiental parece ser irreversível. A floresta Amazônica, por exemplo, como conhecemos hoje, estará reduzida em 100 anos, na melhor das hipóteses, às unidades de conservação, ou seja, a menos que 30% de sua área atual. Como as pessoas do futuro tomarão conhecimento do seu esplendor? Elas terão filmes, documentários, fotografias, como também terão obras de arte como pinturas e literatura. Uma das proposições mais interessantes da ecocrítica é o estudo da escrita natural (*nature writing*), onde analisa-se textos produzidos com a intenção de descrever aspectos naturais de um determinado ambiente, textos que podem intermediar o conhecimento da natureza e a cultura. Pode-se identificar três dimensões na definição de uma escrita natural; 1) textos científicos gerados na imediata observação sistematizada da natureza; 2) textos gerados com ambição artística, trazendo aspectos autobiográficos e expressões metafóricas e 3) textos gerados com intenções pragmáticas, como o uso prático da natureza, instruções de rotas de viagem, mapas, coleção de fotografias, etc. (Tüür, Reitalu, 2012, p. 12). Um exemplo dessa segunda categoria é a obra de Euclides da Cunha (1982 [1902]), onde encontramos algumas das passagens mais marcantes da literatura brasileira justamente na descrição que ele faz da Caatinga da região de Canudos e das suas pulsações naturais. Muito do conhecimento que se terá dessa vegetação no futuro virá das páginas do engenheiro-escritor, que, devidamente criticado, escoimado dos equívocos e atualizado poderá servir de exemplo da flora da região. Também podemos chamar de escrita natural a descrição de Guimarães Rosa faz da vegetação em *São Marcos*, quando sua personagem penetra no ambiente natural e do uso que ela faz de tal conhecimento, ao ficar cego, para escapar da floresta e recuperar sua visão (ROSA, 2001[1946]). Quando Tolkien faz a descrição da "Terra-Média" incluindo as várias espécies vegetais, ele cria um palco realista agregando veracidade em sua narrativa (Judd; Judd, 2017 p. 2).

A ecocrítica evoluiu abrangendo o pós-colonialismo, o pós-humanismo, os estudos com animais e, mais recentemente, as plantas (fitocrítica). Essa abordagem deseja-se a libertar as plantas do pano de fundo do discurso cultural, enfatizando o vegetal em si. Pode-se falar, atualmente em "humanidades ambientais", uma área que buscam as concepções do vegetal em um corpus variadíssimo (cf. Sy, 2022).

A culinária é uma área de especialidade particularmente presente na literatura, onde plantas são preparadas como prato principal e como coadjuvantes, refletindo a cultura e os hábitos de determinados períodos históricos. Judd, Judd (2017), ao fazerem o estudo da Flora da "Terra-Média" baseados na obra ficcional de Tolkien, trazem um capítulo apenas com as plantas utilizadas como alimento no romance (Judd, Judd, 2017, p. 330-335). Os autores sentiram a necessidade de destacar esta aplicação dos nomes de plantas no romance porque aqui os nomes fogem dos aspectos ficcionais legendários da obra, sendo utilizados de uma forma bastante específica, tanto na descrição do alimento em si, como também na forma de prepará-los, ou seja, um discurso especializado.

Um dos aspectos da obra de Jorge Amado em que mais se observa nomes de plantas é na atenção que ele dá para a culinária, particularmente aquela gastronomia mais regional. Em *Dona Flor e seus Dois Maridos*, as receitas detalhadas de Bolo de Puba ou Carimã, moqueca de Siri, guisado de cágado e vatapá de peixe são citadas espécies vegetais como macaxeira, aipim, mandioca, coco, batatinha, tomate, cebola, dendê, alho, limão, pimenta do reino, coentro, salsinha, pimentão, oliva, amendoim, pimenta. A gastronomia acaba servindo como um atrativo turístico, estimulando a atividade econômica e revitalizando a economia dos lugares retratados no romance. (Taveira, Medeiros, 2015).

A literatura de cada país terá uma quantidade significativa de plantas citadas como alimentícias. Na literatura francesa do século XX, por exemplo, estima-se que a quarta parte dos nomes de plantas citados sejam referentes àquelas utilizadas como alimento (França et al., em elaboração), de forma que é possível avaliar usos, costumes e introdução de hábitos alimentares exóticos de uma determinada época.

A presença de terminologias em textos literários é particularmente evidente quando se procede a tradução dos mesmos. A densidade de terminologias é muito menor que em um texto especializado:

os textos especializados possuem uma densidade terminológica que cresce progressivamente à medida que aumenta o seu nível de especialidade. No entanto, conforme veremos mais adiante, poderíamos dizer que um texto não-

especializado pode conter, em maior ou menor grau, uma certa densidade terminológica. (Zavaglia, Nascimento, 2009).

Mesmo que essa densidade seja menor, elas estão presentes, sendo utilizados para aumentar a credibilidade e a coerência. Em um romance policial, por exemplo é comum encontrar termos oriundos da área médica, como também da área jurídico-penal (Nascimento, 2011).

O desenvolvimento da linguística de *Corpus* causou mudanças na percepção dos fundamentos da terminologia como área de conhecimento, muito relacionado às novas tecnologias que permitiram diferentes abordagens aos textos produzidos pelos especialistas, permitindo extrair informações mais variadas sobre o discurso especializado (Cabré, 2005). Um *Corpus* literário não é um "discurso especializado", mas dentro dele existem fragmentos de discurso especializado, como, por exemplo, quando se detalha aspectos da lavoura cacaueteira ou se descreve uma receita culinária. Ao inserir esses textos especializados no texto literário os termos imediatamente se conectam, "poliedros" que são, com os outros discursos não especializados presentes, até mesmo com a poesia.

O conhecimento botânico existe institucionalizado dentro de academias (universidades, jardins botânicos) e tal conhecimento é muito utilizado para o desenvolvimento tecnológico (indústria farmacêutica, agronegócios). Quando se pensa em uma terminologia botânica, tende-se olhar apenas para este conhecimento acadêmico.

Mas existe um conhecimento botânico fora das academias, aquele que é originado da cultura tradicional, que está enriquecido com aspectos míticos e religiosos. Ele também tem uma terminologia específica, que é dominada por especialistas. Tal conhecimento é menosprezado por parte da academia, os discursos que ele produz não são considerados discursos especializados, os termos que eles utilizam para denominar e descrever as plantas não são estudados pela terminologia.

Demonstrou-se que os limites entre o discurso especializado e o não especializado não são tão nítidos como desejaríamos. Na verdade, ao estabelecer que o discurso especializado só pode ser proveniente das academias, desconsidera-se uma grande gama de informação derivada das culturas tradicionais. Quando estas culturas descrevem e denominam as plantas, elas são suficientemente precisas a ponto de ser possível associar os nomes ali utilizados aos nomes científicos.

O texto literário tem a capacidade de transitar entre os dois discursos, de forma que é possível identificar termos do discurso especializado, mesmo que fragmentado,

dentro da obra literária, da mesma forma que é possível associar termos de origem não acadêmica dentro de narrativas literárias fazendo parte de discursos especializados (descrições culinárias, aspectos da cultura agrícola). No caso da fitonímia, apenas o levantamento criterioso dos nomes de plantas citados permitirá definir eles estão atuando como palavras gerais de um discurso não especializado ou se definem precisamente um termo técnico ali engastado para gerar mais verossimilhança ao texto literário.

A literatura apresenta-se muitas vezes como o canal para não só chamar a atenção para estas fontes de conhecimento, mas também para preservá-los. Ao estudar esses termos dentro da literatura, contribui-se para melhor conceituá-los ajudando desta forma na sua conservação. Como exemplo acrescenta-se que inspirado na obra de Euclides da Cunha, um jardim temático com as plantas citadas em *O Sertões* é mantido no centro cultural dedicado a estudar e discutir o sertão de Canudos. Da mesma forma que as plantas citadas obra de Shakespeare inspira em vários Jardins Botânicos a constituição de coleções destas plantas. Nos dois casos a citação de nomes de plantas no texto literário (um discurso não especializado) foi suficientemente precisa para se constituir coleções botânicas em Jardins Botânicos (academia).

Além disso a literatura reflete o conhecimento científico de uma época, sendo que tal período histórico é perfeitamente reconhecível nos nomes de plantas que utilizam. Tais nomes indicam concepções que geraram o sistema de classificação utilizado, o grau de domesticação de determinadas espécies, bem como sua introdução em determinada área geográfica.

Desta forma, defende-se aqui que os nomes de plantas (fitonímia) encontradas em um texto literário, podem ser tratados como termos de um discurso especializado, seja acadêmico ou não, utilizados com um determinado motivo (descrição culinária, descrição ecológica da paisagem, etc.) conferindo mais verossimilhança à obra literária e, ao mesmo tempo, cristalizando, preservando aquele conhecimento em um texto para a posteridade.

3 POR UM ESTUDO ETNOTERMINOLÓGICO FITONÍMICO DO TEXTO LITERÁRIO

3.1 ESTUDO FITONÍMICO COMO UMA TERMINOLOGIA

O estudo fitonímico de obras literárias pode ser desenvolvido dentro da terminologia, pois refere-se a uma especialidade (Botânica), mesmo que os nomes das plantas nestas obras geralmente sejam nomes vernáculos, intensamente ligados a uma tradição cultural e não apenas à terminologia botânica como parte da Biologia.

Um estudo terminológico clássico deve partir de um conceito, que pode ser entendido como uma construção mental que é resultado de uma abstração das propriedades de um ou mais objetos materiais ou imateriais, então tal abordagem da terminologia é um percurso onomasiológico (Cabral, 2009, p. 38).

Para Cabré (1999, p. 31), essa é uma diferença importante entre o trabalho lexicológico e o trabalho terminológico. No primeiro, são estabelecidas listas de lexias e a partir de cada lexia se pesquisa o significado atribuído a ela: percurso semasiológico; mas no segundo uma lista de conceitos é elaborada e o terminólogo irá pesquisar o termo que melhor se adéqua ao conceito específico: percurso onomasiológico.

O nome científico é gerado onomasiologicamente. Quando, por exemplo, uma planta desconhecida para ciência é encontrada na natureza, ela é organograficamente descrita e comparada com a descrição de outras espécies de seu gênero, uma vez constatada a diferença significativa entre os outros membros, ou seja, constatada sua novidade para a ciência, o pesquisador estabelece um epíteto específico para ela. Assim, a partir da posse de "elementos de significação" o cientista estabelece um nome, um termo. Apesar desses nomes científicos aparecerem nas obras literárias, eles são raros, o mais comum é a utilização de nomes vernáculos. Imaginando-se a origem de um nome vernáculo, ele também tem um surgimento onomasiológico, pois a primeira pessoa que o usou, o fez da mesma forma que o botânico fez, mas os elementos de significação pertencem agora, não a um tratado científico, mas sim a uma tradição cultural, que diz ser aquela planta uma espécie ainda não denominada.

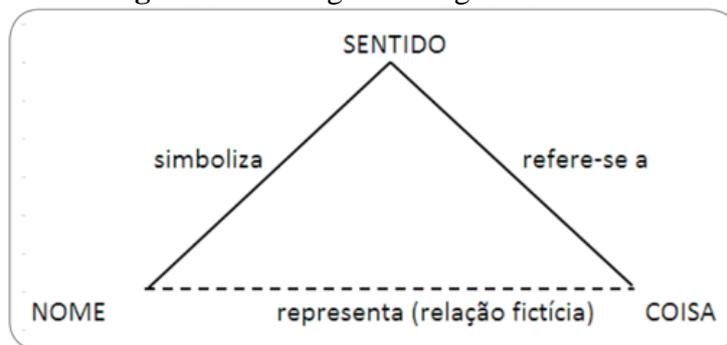
No percurso onomasiológico, o emissor parte do mundo referencial, conceituando sua intenção de dizer por meio de um processo de semiotização dos signos em um sistema semiótico, isto é, uma língua natural. A passagem da conceituação à semiotização é chamada [...] de fenômenos de designação, que estabelecem a relação entre o mundo

referencial e os sistemas das línguas naturais. A enunciação é a passagem pela qual, no discurso, os significados se tornam significações, designada pelo autor como fenômenos de significação. (Martins, Zavaglia, 2014, p. 445).

Uma vez tendo a planta sido denominada, este nome é transmitido de geração em geração até ser usado na obra literária. Quando do leitor o lê, ele vai procurar no seu próprio cabedal de conhecimento, de que planta aquele nome se trata, muitas vezes ele vai chegar a um nome científico (identificação) e dessa forma acessar todo o conhecimento ligado àquele nome de planta. Ou seja, ele vai fazer um percurso da palavra para o significado. Esse é um processo semasiológico (cf. Barros, 2006; Barreiros, 2017a).

As relações entre o significante e o significado, conforme os conceitos estabelecidos por Saussure (1997[1916]), com a "coisa" a qual se referem é frequentemente representado por um triângulo, que foi proposto por Ogden e Richards, utilizado por Ullmann e muito divulgado por Baldinger (Blikstein, 1998) (Fig. 01). Nesta ilustração, o "Nome" representa a "coisa" numa relação fictícia. Isso é verdadeiro quando se fala de um nome de planta vernáculo, mas ao falar de um nome de planta científico, esta relação já não pode ser considerada "fictícia" por causa do referido tipo nomenclatural.

Figura 01- Triângulo de Ogden e Richards



Fonte: Ullmann (1964 apud Martins, Zavaglia (2014, p. 441).

Para Seabra (2015), o linguista Schuchardt dedicou-se ao estudo dos significados pesquisando as palavras junto com as coisas, acreditando que conhecendo bem as coisas seria mais fácil e mais seguro descobrir a origem das palavras. O método palavras e coisas, assim concebido é estreitamente ligado à onomasiologia.

3.2 TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

Quando se inicia no estudo da botânica, o jovem estudante chega com um vocabulário relacionado ao mundo vegetal bastante complexo e muito marcado pelo regionalismo. Termos do uso cotidiano como "fruta", "folha", "flor" vêm acompanhados de imagens trazidas pelos pais, pelos colegas da escola, pelos conhecidos da comunidade, entre outros. Então ao considerar a pinha como a "fruta" do pinheiro, o neófito se surpreende ao saber que plantas como o pinheiro não produzem frutos; mais surpresa ao saber que a pequena "folha" do alfinete, planta muito cultivada nos jardins, é na verdade um caule achatado simulando uma folha (filocládio) ou que as "flores" vermelhas da coroa-de-cristo de fato são um conjunto de flores, uma inflorescência, o ciátio.

O aprendizado do botânico se inicia com a correta denominação das partes vegetais: a raiz, o caule, a folha, a flor e o fruto, suas regiões e os tipos que elas assumem no reino vegetal (organografia e anatomia vegetal), o que significa que determinados conceitos trazidos pela vivência cultural do neófito, será transformado, seja apenas em detalhes ou no aprofundamento dos detalhes, seja uma mudança radical, de forma que o conceito antigo, trazido na sua bagagem cultural tenha que ser descartado ou, pelo menos colocado de lado; depois vem a nomenclatura botânica, em que os grupos vegetais são denominados com uma infinidade de nomes de origem latina e grega. Soma-se a isso os conceitos gerados pelos estudos ecológicos e fisiológicos. É a terminologia botânica. Terminologia esta tão vasta que mesmo os estudiosos especialistas mais experientes jamais conseguirão saber todos os termos específicos dessa área. Todo botânico, tendo finalizado seus estudos, pode ser considerado um terminólogo, concordando com o que Irazzábal (1989, p. 14) diz ao afirmar que o especialista em um determinado campo do saber é um dos dois tipos de terminólogos que existem.

O estudante logo descobre que um livro essencial para se ter em sua biblioteca é um bom dicionário botânico. Um dos dicionários botânicos mais completos que existem foi elaborado por Pio Font Quer (1995), obra publicada em 1953 e ainda muito útil na atualidade (Pardo-de-Santayana et al., 2014). Talvez tal estudante nunca saberá, mas ele está fazendo uso de uma área de conhecimento importantíssima que é a terminografia, que é a parte da terminologia que se preocupa com a elaboração de dicionários especializados. O dicionário de Font Quer representa uma preocupação que se generalizou com o crescimento exponencial de termos técnico-científicos a partir do século XVIII com o desenvolvimento das ciências e, conseqüentemente, das tecnologias

a elas associadas, crescimento este que aumentou especialmente no século XX. Na verdade, a preocupação em organizar os termos de uma determinada ciência é muito antigo, mas apenas a partir de meados do século XX, o estudo terminológico adquiriu uma feição mais estruturada, refletindo o método que estrutura as ciências geradoras de tais termos.

A preocupação do ser humano com a correta denominação das coisas que o cercam tem raízes profundas na história da cultura. Mas o primeiro texto que traz uma preocupação com a relação entre as coisas e a linguagem é o diálogo *Crátilo* de Platão (cf. Platão, 2016), onde se discute a arbitrariedade símbolos da linguagem e se a relação entre as palavras e as coisas que ela denomina formam um elo indissolúvel.

Os termos, assim como a linguagem, sempre fizeram parte da história do homem desde o momento em que ele foi capaz de estruturar e representar suas ideias em forma de signos linguísticos orais e/ou escritos, embora, nem sempre tenham recebido o tratamento empirista que desfrutam na atualidade. Ao atribuir nomes às plantas, animais, profissões, ciências, coisas e seres em geral, o homem desenvolveu e compartilhou sua linguagem, mesmo de forma inconsciente, e a integrou a diferentes campos do conhecimento (Oliveira, 2019, p. 34-35).

Assim a terminologia pode ser definida como o conjunto dos termos que são utilizados em um campo determinado (especializado) numa forma distinta da que usam na língua comum e que foram fixados por uso ou normatização (Irazazábal, 1989, p.5). Cabré (1999, p. 18) afirma que a polissemia do termo "Terminologia" permite que a entendamos através de três noções: como uma disciplina, sendo neste sentido a aquela que se ocupa dos termos especializados; como uma prática seria o conjunto de princípios encaminhados para a "recopilação" dos termos; finalmente a última noção seria relacionada com o produto dessa prática que é a própria reunião dos termos de uma determinada especialidade. Em Castro (2019, p. 11) encontra-se uma definição mais sucinta, considerando a terminologia uma área dos estudos linguísticos que estuda os termos de uma língua de especialidade. Para Nascimento (2011, p. 18), a diferença fundamental entre uma linguagem especializada e uma não especializada não é a presença ou ausência de termos técnicos e sim o contexto em que ele está inserido, pois separação entre a língua especializada e a comum é tênue, com uma delimitação "móvel e mutante". Para Carneiro (2016, p. 75), termo pode ser entendido como unidades lexicais que assumem a função de conservar e transmitir conhecimento (comunicação), "atualizadas em textos tematicamente marcados" que estão contidos num universo de discurso e inseridos em uma área específica do conhecimento humano.

De fato, não existe um acordo aceito por todas as escolas que estudam a terminologia sobre o seu conceito. Se a terminologia é tomada como um conjunto de termos de uma especialidade, cada especialidade tem uma forma bastante particular de ver seus próprios termos, dando-lhe uma grande diversidade de concepções; por exemplo, ao passo que para a linguística os termos são signos que constituem um subconjunto dentro do léxico de uma pessoa, para a filosofia os termos são em si uma forma de conhecer de uma área específica. Se a terminologia é tomada como uma disciplina, alguns autores a consideram como uma disciplina independente, tendo uma metodologia própria, enquanto que outros defendem que ela é uma subárea de outra disciplina, linguística ou filosofia (Dias, 2000).

Os estudiosos citam o trabalho de Eugen Wüster (1898-1977) como pioneiro nessa estruturação da terminologia. Este estudioso austríaco fundou a chamada escola de Viena de estudos terminológicos e desenvolveu trabalhos no sentido de padronizar o uso de termos técnico-científicos gerando a Teoria Geral da Terminologia (TGT). Apesar de Wüster ter iniciado seus estudos nesta área já na sua tese de doutoramento defendida em 1931 (Cabral, 2009, p. 35), os principais conceitos foram postumamente reunidos pelo seu aluno Helmut Felber (1925-2005) e publicados em 1979 na Alemanha (cf. Krieger, Finatto, 2018).

Apesar desse pioneirismo, Wüster não foi o único a contribuir com o nascimento da terminologia, como Alfred Schloman (1858-1952) que foi o primeiro a considerar o caráter sistemático dos termos de uma especialidade; Ernest Drezen (1892-1937) que destacou a importância da normatização e impulsionou a criação da ISA (*International Standardization Association*) e John Ewin Holstrom (1898-19?), que propôs um organismo internacional para se ocupar das terminologias (Cabré, 2005; Brenes, 2021).

A TGT considera o termo unívoco ou monovalente (Krieger, Finatto, 2018, p. 41), ou seja, apesar dele poder ser polissêmico, enquanto termo técnico de um discurso especializado ele está ligado a apenas um único elemento (conceito). Nesta visão os termos não fazem parte da língua natural, eles não surgiram como as outras lexias presentes nela, eles foram criados para representar determinado conceito

Para essa visão redutora da TGT, muito contribuiu a concepção de que os termos são designações de conhecimentos científicos. Em consequência, os termos não são vistos como elementos naturais das línguas naturais, pois são compreendidos como unidades de conhecimento que comportam denominações. (Krieger, Finatto, 2018, p. 42).

Nessa vertente, a terminologia se divide em Terminologia Descritiva, registro de dados terminológicos isolados, e Terminologia Prescritiva, que atende a uma necessidade de padronização sem ambiguidades, o que origina a necessidade de evitar a polissemia (1 termo ~ muitos conceitos) e a sinonímia (muitos termos ~1 conceito) (Silva, Chaguri, 2010).

Para Irazazábal (1989), uma terminologia só é inteligível se a pessoa que escreve, a que fala e a que escuta têm que estar individualmente de acordo com o significado dos signos empregados.

Ao longo das últimas décadas do século XX, a TGT, exposta ao debate, sofreu inúmeras críticas, processo que gerou um ambiente de redimensionamento dos estudos terminológicos, onde pode-se destacar a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) que aponta as seguintes deficiências da TGT: limitação dos estudos terminológicos à padronização, separação do conceito (universal para todas as línguas) do significado (particular para uma determinada língua), desinteresse pelos aspectos sintático-morfológicos das unidades lexicais, valorização da função denominativa (Krieger, Finatto, 2018, p. 45).

Ao contrário da TGT, a TCT considera que os termos fazem parte do universo de uma língua natural, obedecendo sua gramática e variando, pois as unidades terminológicas podem ocorrer em textos de diferentes níveis de especialização e de representação.

Para Cabré (1999, p. 123), a Terminologia estuda a maneira (o método) através do qual o conhecimento especializado estrutura os "termos", aqui compreendidos como unidades conceituais e denominativas, para a construção de um sistema que permita a expressão facilitando a comunicação. Esses termos apresentam, segundo a autora catalã, uma dupla função pois além de representar o conhecimento especializado e suas diferenças, também são os responsáveis pela comunicação desse tipo de conhecimento. A terminologia é, portanto, uma ciência multidisciplinar, pois ela participa de forma imprescindível da própria ciência, o que é particularmente verdade na Botânica, pois a constituição dos seus termos ocorreu de forma paralela à constituição da própria disciplina como ciência.

Uma noção valiosa expressa por Cabré (1999, p. 125) é a condição poliédrica de um objeto de estudo, de forma que ele tem diferentes faces as quais podem ser abordadas por diferentes campos de conhecimento. A botânica pode muito bem exemplificar isso: tome-se um caule de uma planta qualquer, a descrição externa desse caule ficará a cargo

da organografia (morfologia externa), que analisará sua textura, a forma de sua superfície, o tipo do indumento (a forma e disposição dos tricomas que recobrem o caule); ao se cortar o caule em estudo e colocar esse corte sob um microscópio, ao se passar a descrever os tecidos que o constituem, a forma de suas células e dos constituintes celulares, tal estudo ficará a cargo da anatomia vegetal. Os nomes botânicos se comportam como poliedros também, principalmente quando as espécies recém descritas caem no uso cotidiano de diversas especialidades (na horticultura p. ex.), como é comum acontecer entre as orquídeas, que carecem de nomes comuns e os nomes científicos acabam sendo usados entre os cultivadores de ornamentais, transformando-os em nomes vernáculos. Então, o próprio termo é uma unidade poliédrica que, de acordo com o Triângulo de Ogden e Richards (fig. 1), é constituído de três faces: o significado ou conceito; o nome ou denominação e a coisa ou o referente. Além disso, podendo a terminologia ser estudada tanto na linguística como na filosofia, eis que o termo se reveste de mais faces, pois ele pode ser entendido como uma unidade linguística, uma unidade cognitiva e como uma unidade sócio-cultural. Tal "poliedricidade" do termo permite que se possa encontrá-lo engastado em outros textos, além daqueles especializados, como o texto literário (cf. Nascimento, 2011).

Uma diferença entre TGT e a TCT, ressaltada em Nascimento (2011, p. 35) é que a primeira exige que o Termo seja monovalente, ou seja, ele deve referir-se a apenas um objeto, ao passo que a segunda permite a existência de uma polivalência. Em botânica é comum encontrar-se termos que se referem a estruturas diferentes, como, por exemplo, o termo "cápsula" tanto pode se referir ao esporângio dos musgos como a um tipo de fruto seco das angiospermas (Costa, 2010, p. 178; Font Quer, 1995, p. 176); mais comum ainda, uma estrutura ou tipo especial de forma de uma estrutura ter vários termos sinônimos, como por exemplo uma inflorescência andrógina também pode ser chamada de hermafrodita (Font Quer, 1995, p. 54).

Faber e Lopez-Rodriguez (2012) consideram que a TCT é a melhor candidata a substituir a TGT como teoria hegemônica da terminologia, mas tem suas dificuldades. Uma delas é o fato de que a TCT evita optar por um modelo linguístico específico, flertando com vários modelos. Embora a TCT baseie sua semântica na representação conceitual, ela é vaga ao explicar como as representações são criadas, que aparências e restrições elas podem ter. Quando a TCT afirma que o significado de um termo consiste em uma seleção específica de características semânticas que concordam com as condições

de cada ato de fala, isso parece significar que a TCT está a favor de algum tipo de decomposição semântica (*semantic decomposition*), mas que não é uma posição explícita.

A aproximação da Sociolinguística com a Terminologia, levou, ao longo de anos, à elaboração da Socioterminologia. Uma noção importante apresentada por esta vertente é a da "circulação social do termo", o estudo deste fenômeno, produziu uma melhor compreensão da evolução das práticas de linguagem, como também da "sociogênese" dos termos, englobando o estudo das condições de circulação e apropriação dos termos, que são considerados mais que simples etiquetas de conceito, mas sim signos linguísticos. Nesta abordagem, há uma crítica social uma vez que se relaciona a produção de sentido às condições de origem (Gaudin,2014).

Ao enfatizar a diversidade do uso social dos termos, sua "sociogênese", leva a considerar que os termos estão submetidos à uma variação tanto denotativa como conotativa, podendo ocorrer sinonímia, homonímia e polissemia, como também permite o estudo de processos como o da banalização. Assim, é possível medir a diferença entre os usos localizados dentro da comunidade especialista, como também fora desta comunidade, quando os usuários assumem diferentes posições sociais (Carneiro, 2016). A construção e imposição da Nomenclatura Botânica, com claros teores ideológicos, faz com que o nome científico seja um bom exemplo da "sociogênese" dos termos.

Centrando-se na constatação de que as unidades terminológicas estão em constante evolução, incluindo no seu escopo conceitual a sinonímias e a polissemia, desenvolveu-se a Teoria Sociocognitiva da Terminologia, que tem como corolário principal uma contestação monossemia e da monoreferencialidade terminológicas.

A abordagem mais tradicional da Terminologia, considera que o conhecimento especializado está dentro de uma caixa que é incomunicável com o mundo exterior, de forma que não sofre influência dele, desconsidera-se desta forma, o aspecto social e mesmo pragmático do termo. A univocidade do Termo, como é proposto pela TGT, leva à compreensão de que ele é invariável. Contudo, como os Termos fazem parte de uma historicidade, em que seus conceitos são formulados e reformulados à luz do desenvolvimento científico (i.e. novas descobertas, novas metodologias e instrumentações etc.), parece óbvio que os termos sofram variações diacrônicas.

Entretanto, foi apenas em 1988, com um colóquio sobre Terminologia Diacrônica (TD) na Bélgica, que esta vertente dos estudos terminológicos ganhou uma perspectiva de linha de pesquisa mais estruturada. Entre os diversos aspectos discutidos na TD, existe, por exemplo, o questionamento da oposição entre Termo e Palavra, tal oposição é

particularmente evidente na evolução da linguagem ecológica, onde se observa sua utilização tanto em discursos especializados, como em discursos gerais, representando uma zona de transição entre as duas formas de comunicação (Curti-Contessoto, 2022).

Existe uma variação (diacrônica, diatópica e diastrática) terminológica mesmo dentro dos textos especializados (Cabral, 2009). Isso é observável na terminologia botânica, o termo "filogenético", por exemplo, era atribuído aos sistemas de classificação que adotavam a teoria da evolução (Barroso, 2002 [1978]); com a aceitação dos princípios cladísticos, o termo "filogenético" passou a ser utilizado apenas para aqueles sistemas de classificação que só aceitavam táxons monofiléticos (grupos originados por um único ancestral) (cf. Amorim, 1997), mas atualmente muitos defendem que ele seja usado apenas para os sistemas de classificação que usam o ADN para definir os grupos monofiléticos, um exemplo de variação diacrônica. A variação diatópica é muito encontrada nos nomes vernáculos, como o exemplo de "umbu" que se refere a uma planta no nordeste (*Spondias tuberosa* Arruda) e o "umbu" que se refere a outra planta no sul do Brasil (*Phytolacca dioica* L.); mesmo o nome científico sofre essa variação, como o uso do gênero *Polygonum* que de acordo com a concepção de alguns pesquisadores não difere de *Pesicaria* (concepção adotada na Flora e Funga do Brasil, 2024) e para outros trata-se de dois gêneros diferentes (adotada na flora da Inglaterra). Um exemplo de variação diastrática seria o tratamento que se dá ao termo bulbo tunicado (mais acadêmico, mais relacionado às camadas mais favorecidas pelo poder econômico da sociedade), mas que é geralmente referido como "batata" pelos agricultores e comerciantes de plantas ornamentais (menos acadêmico, mais presente nas camadas menos favorecidas da sociedade).

Os especialistas se comunicam em suas línguas nativas, ou nas línguas-francas de uma determinada época. Como consequência, os termos derivados da especialidade estão imersos nestas línguas gerais e sujeitos às variações encontradas nela de natureza morfossintática ou de prosódia (cf. Cabral, 2009, p. 90). Mesmo sendo um grande conhecedor dos termos botânicos utilizados em português, as dificuldades para entender o texto botânico em alemão serão intransponíveis se não tiver um treinamento na língua germânica.

Para Faber e Lopez-Rodriguez (2012) o que distingue a Terminologia Sociocognitiva das outras teorias é a ênfase que é dada na organização conceitual e seu foco na estrutura da categoria (*category structure*) de uma perspectiva da linguística cognitiva.

O princípio da univocidade da TGT é fortemente criticado por Timmerman (1997), que argumenta baseando-se sobre os termos criados no estudo do ADN e no conceito de estrutura de protótipo (*Structure-Prototype*), uma teoria psicológica que parte a hipótese que o ser humano tem um protótipo, que é o "melhor exemplo" para cada categoria em sua mente e que toda a classificação tem esta base, conceito este muito similar à forma ideal exposta em Platão (2016). A autora belga notou que se o conceito não está ligado a uma estrutura de protótipo, o princípio da univocidade da "Terminologia" é funcional, mas se o conceito é ligado a uma estrutura de protótipo o princípio a univocidade não é funcional. Esse é o caso da denominação das espécies na botânica, que tem como um dos seus princípios a tipificação, aquele que determina ser um nome científico (binômio) ligado necessariamente à um tipo nomenclatural, que nada mais é que um exemplar da espécie herborizado depositado em um museu (Herbário).

Dias (2011) considera que a Terminologia Sociocognitiva oferece apoio teórico linguístico para a Taxonomia (Taxinomia) Vegetal, que faz uma abordagem sociolinguística dos termos técnico-científicos e das artes. Para a autora, a Terminologia Sociocognitiva se baseia em conceitos da "Semântica Cognitiva" e da "Linguística Cognitiva lakoffiana", considerando o conhecimento sobre o mundo da ciência e da tecnologia como experiencial, de forma que a maior parte do conhecimento de uma pessoa, daquilo que ela conhece do mundo, tem origem na percepção sensorial e a outra parte vem da própria Razão.

Uma diferença fundamental entre a TGT e as Teorias terminológicas que a criticam, é que ela segue o caminho onomasiológico do estudo linguístico, que, da forma desenvolvida pelos teóricos nesta disciplina, leva a uma dissociação entre o pensamento e a linguagem, uma vez que se defende que o conceito existe de forma independente da sua realização na linguagem (Krieger, Finatto, 2018, p. 43), ou seja, é uma abordagem que concorda com os princípios de linguísticos saussurianos, onde o uso da língua em situações reais (*parole*) não é considerada. Enquanto que a Teoria Sociocognitiva e a Teoria Comunicativa da Terminologia seguem um caminho semasiológico para a análise terminológica (Cabral, 2009, p. 53).

O texto da especialidade é onde o termo se manifesta concretamente. Esse é o objeto de estudo da Terminologia Textual. Nessa abordagem o termo passa a ser considerado como um elemento ativo dentro do tecido textual, não apenas como uma unidade de conhecimento. O termo exerce funções importantes no texto, relacionadas ao tema, ao grau de especialização, participando também da coerência interna no texto. Com

esta perspectiva, primeiro o terminólogo deve abordar como o termo aparece num cenário comunicativo (macroestrutura), para depois analisar como ele aparece entre os elementos constituintes do texto (microestrutura). Como resultado compreende-se a influência dos diversos ambientes textuais e como funciona a comunicação especializada (Carneiro, 2016).

Diante de uma sociedade cada vez mais conectada e do crescimento da presença das novas tecnologias na vida das pessoas comuns, questiona-se como se dá a apropriação de novos saberes e habilidades. Esta sociedade precisa encontrar a palavra justa para expressar cada conceito dentro de sua própria cultura, de sua própria percepção do real. É com essa abordagem que se estabeleceu a Terminologia Cultural. Nesta tendência, considera-se como base a noção da pessoa humana, tanto como indivíduo, como comunidade; essa comunidade é constituída por indivíduos reconhecidos como membros do grupo com valores identitários e interesses comuns; participando de uma história que determina sua cultura. A cultura é entendida como o conjunto de experiências vividas, conhecimentos genéricos e atividades trazidas para uma mesma época, participando da construção de sua identidade. É através da memória que se apreende uma realidade nova, sendo que a percepção da realidade se dá através da cultura. Segundo essa concepção, quando se passa de uma cultura para outra ocorre uma reconceitualização (*reconceptualisation*), sendo o conceito uma delimitação de uma noção por meio de uma definição, que é percebido através do ponto de vista particular de uma pessoa que interage o com o conceito, gerando o significante (*signifiant*). A partir dessa base, estabelece que o termo é uma unidade complexa constituída de um conceito pertencente a um domínio de especialidade com ao menos uma percepção e um significante. Pertencendo o termo a uma língua particular ele obedece às regras gerais dessa língua como qualquer outra palavra dela podendo ser polissêmico e ter sinônimos e homônimos (Diki-Kidiri, 2007).

Para a Terminologia Cultural a terminologia é uma disciplina que permite a apropriação de uma cultura particular, indo além da construção do saber, pois a visão de mundo de uma cultura determina sua forma de classificar, ordenar e nomear tudo aquilo que seus membros são capazes de perceber (Carneiro, 2016). Nesta concepção, a terminologia funciona similar a uma sistemática vegetal, que a partir da percepção da realidade, elabora suas classificações, ordenando as categorias assim geradas de acordo com uma concepção científica (como a teoria da evolução) e nomeando-as finalmente de acordo com as regras da língua que é aceita como padrão (no caso da botânica, o latim).

As teorias clássicas da Terminologia fazem uma clara distinção entre o discurso especializado e o não especializado. A base dessa distinção é o princípio de univocidade da TGT (apenas um termo designa o conceito), o que não acontece no discurso não especializado, em que a polissemia e a sinonímia são fenômenos comuns (Cabral, 2009, p. 40).

Quando se trabalha na criação de um texto em uma determinada especialidade, o autor tem que estar bem treinado na linguagem específica daquela especialidade, tal conhecimento tem que ser bem compreendido também pelo tradutor e pelo autor de textos técnicos. Estes profissionais precisam ir além das correspondências ao nível individual dos termos, eles precisam a habilidade de estabelecer as referências interlinguísticas para conhecer as estruturas no seu todo. Tal atividade é extremamente difícil, sendo que essa dificuldade repousa no fato de que as linguagens de especialidade também estão submetidas às regras sintáticas e morfológicas da linguagem geral à qual elas estão inseridas (Faber, Lopez-Rodriguez, 2012).

Para Andrade (2010), no universo dos discursos, pode-se reconhecer dois grandes grupos: aqueles que são baseados na linguagem comum e aqueles que são baseados na linguagem de especialidade, mas esses dois grupos não são estanques. A língua de especialidade caracteriza-se distintivamente por uma terminologia, que, entre as funções uma linguagem (emotiva, fática, poética etc.) a função básica de uma terminologia é a referencial.

A língua de especialidade não pode ser separada da realidade linguística que ela está. Os usuários dessa linguagem formam um todo muito diverso tanto no aspecto linguístico como no social (níveis educacionais, concepções ideológicas, fatores históricos muito distintos). Uma linguagem de especialidade só é possível se compreendida se considerar que ela não está em isolamento (Aubert, 2001).

A linguagem de especialidade apresenta todas as características do sistema linguístico geral, podendo-se afirmar que a diferença entre as duas linguagens está na significação do léxico (Castro, 2019, p. 12).

Pode-se considerar a linguagem de especialidade como uma sublinguagem, ou seja, uma parte de um sistema linguístico que se realiza num recorte delimitado de um a temática. Neste sentido, entende-se que a linguagem de especialidade ocorre num "âmbito comunicativo" circunscrito à uma especialidade, garantindo a comunicação entre as pessoas que nele atuam (Carneiro, 2016).

A univocidade dos termos é um ideal a ser atingido, para facilitar a comunicação entre os membros de uma especialidade e entre as especialidades entre si, porém a ação dos terminólogos estudando aspectos reais da utilização dos termos demonstra que existem relações sinonímicas e polissêmicas nos interstícios de uma mesma língua de especialidade. Contudo tais relações "não impedem a eficácia da comunicação da comunicação especializada" (Alves, 2000, p. 271). Tais posturas libertam também o estudo terminológico para acessar uma concepção mais ampla, uma vez que, admitindo-se que os termos têm uma vida própria e podem ser usados em situação de comunicação não especializada.

Barbosa (2006) percebeu que as unidades lexicais de um discurso etnoliterário reúnem qualidades de linguagem de especialidades e de linguagem literária, propondo que essas unidades lexicais sejam estudadas por uma disciplina específica: etnoterminologia, que se coloca nos "tênués" limites entre a unidade lexical especializada e não especializada, entre a lexicologia e a terminologia. A autora defende que existe um movimento entre o vocábulo e o termo, de forma que um vocábulo da língua geral é transposto para a língua de especialidade: isso é a terminologização (idem, p.49).

Outro conceito trabalhado por Barbosa (2006) é o de arquiteixo, que seria a intersecção entre os vários textos de um universo de discurso; O arquiteixo lava a uma configuração do arquidiscorso, que estabelece uma interdiscursividade e define um gênero de discurso. Daí a possibilidade de definir uma arquiteerminologia como a intersecção entre os termos de vários textos de especialidade que formam o discurso (cf. Silva, Chaguri, 2010, p. 41). Isso é facilmente encontrado na literatura, como em Cunha (1982[1902]), onde o discurso cientificista se mescla com o discurso literário para causar uma sensação de união entre a natureza e o homem sertanejo. Outro exemplo é o polifônico romance *La quarantaine* de Le Clézio (2010[1995]) onde o discurso botânico científico aos poucos se mescla com a botânica tradicional dos habitantes autóctones, refletindo no aprendizado da personagem principal para produzir medicamentos tradicionais com as plantas locais.

Deve-se distinguir ainda a terminologização *stricto sensu* (s.s.) da *lato sensu* (l.s.), a primeira refere-se à migração de um vocábulo da linguagem comum para a linguagem especializada; enquanto que a segunda refere-se à formação do termo a partir de um conceito. Uma determinada unidade lexical é multifuncional (poliédrica), apresentando determinada função em um determinado discurso, dessa forma, uma unidade lexical pode

estar na função de termo, quando no discurso especializado, e na função de vocábulo, quando no discurso especializado (Pais, Barbosa, 2004, p. 87-88).

Silva e Chaguri (2010, p. 41-42), afirmam que a terminologização pode ser exemplificada nos textos de culinária, o que pode ser um desafio ao tradutor ao verter receitas da culinária baiana para o inglês, atividade esta que será bem sucedida se ele tratar as unidades lexicais presentes nestes textos como termos.

Depecker (2013) afirma que a etnoterminologia é uma aplicação da pesquisa terminológica às sociedades. Para Brajković (2018), a etnoterminologia reúne as perspectivas sociológicas e culturais ao dever da Terminologia de explicar tendências do léxico da linguagem de especialidade, fazendo uma análise comparada de diferentes usos que caracterizam uma geração de falantes, uma determinada geografia ou estrato social. Ambos os autores (Depecker e Brajković) não se referem aos trabalhos de Barbosa (2006) e Pais, Barbosa (2004) onde há o estabelecimento da etnoterminologia, sendo que Depecker sugere ter sido ele o criador do termo "ethnoterminologie", referindo-se a um artigo que estaria presente em um sítio eletrônico (Depecker « Jalons pour une ethnoterminologie » 3-4 mai 2007. Ottawa. Actes du colloque *Terminologie: approches transdisciplinaires*. [En ligne], <http://www.uqo.ca/terminologie2007>) que atualmente não está, mais disponível.

Numa abordagem etnoterminológica do léxico de um texto literário procura-se encontrar

[...] as raízes da cultura que permeia a obra que é associada à herança popular cultivada no seio de um grupo e inter-relacionar língua e sistema de valores (social, linguístico e cultural), a geografia e o tempo de um dos muitos grupos sociais que desenham a nossa identidade, além de procurar contribuir para documentar e compreender analiticamente uma cultura única. (Latorre, 2013, p. 81-82)

A unidade mínima de significação da etnoterminologia é o vocábulo-termo, atualizado no discurso etnoliterário. Ele é o símbolo dos temas que subjazem a obra literária, permitindo avaliar o nível de densidade terminológica de uma obra literária. O resultado de uma análise etnoterminológica permite uma melhor compreensão da cultura de grupos sociais organizados dentro da cultura nacional, servindo como documento antropológico para o estudo histórico e mítico, bem como contribuindo para a tradução literária e para o ensino da língua (cf. Latorre, 2013, p. 92-93).

O discurso etnoliterário, frequente objeto de estudo da etnoterminologia, é composto pela literatura oral, literatura escrita popular (cordel, fábulas, contos, histórias)

que são transmitidas de geração em geração, preservando sistemas tradicionais de valores (crenças, imaginário coletivo, saber compartilhado) de uma comunidade. Neles encontram-se fatos que certamente não ocorreram ou pelo menos não ocorreram da forma que foram narrados, carecem de verossimilhança, autores desconhecidos ou que não podem ser comprovados, o sujeito-enunciador é apagado ou se encontra travestido de um ser imaginário, são atemporais e remetem a um não-lugar. As unidades do discurso etnoliterário são quase-termos técnicos, pois pertencem a uma linguagem especial, sem, contudo, se aproximar tanto da linguagem comum, quanto da linguagem científica (cf. Andrade, 2010).

O discurso etnoliterário presente em textos como a literatura de cordel, podem ser compreendidos como o senso estrito da etnoliteratura. Contudo, elementos da etnoliteratura podem ser captados de forma indireta através da literatura regionalista, que mantêm relações intertextuais e interdiscursivas com a etnoliteratura, em um sentido mais amplo (Pimenta, 2019, p. 32).

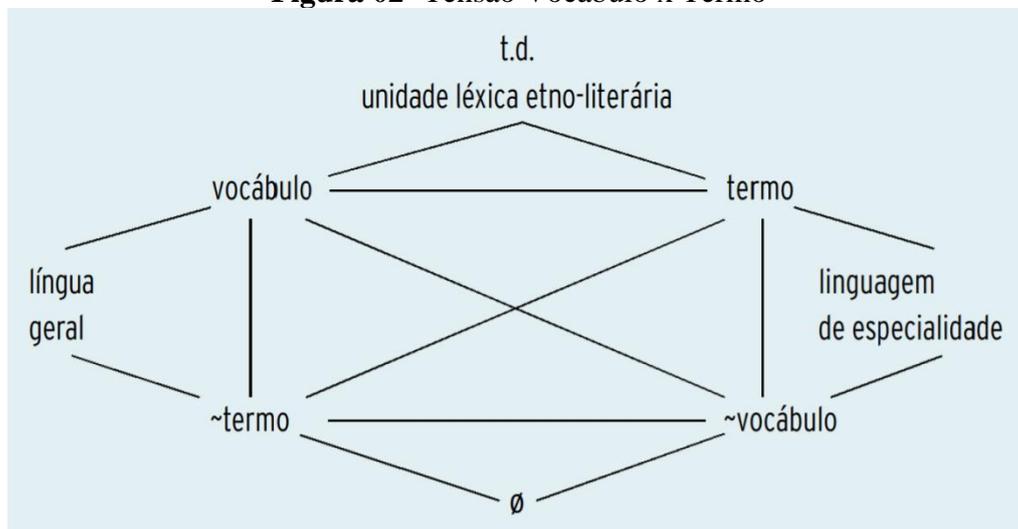
A etnoterminologia ocupa-se do estudo de etnotermos e de vocábulos-termo, nessa perspectiva os vocábulos e os termos apresentam variados níveis de organização. Eles expressam palavras (lexias) particulares ao universo do discurso e narrativas em que se encontram, levando à construção de símbolos aos temas tratados, com sememas que não distintos daqueles encontrados na língua comum. O vocábulo-termo é uma hibridação entre os dois usos, tanto na língua comum, como na língua especializada, inclusive na linguagem literária. Ele estabelece uma conexão (poliedricidade) entre os especialistas e os leigos, pois está presente nas duas línguas (cf. Castro, 2019, p. 15-16).

Pode-se deduzir que os sememas que constituem as unidades lexicais do discurso etnoliterário são originados no mundo real, sendo recondicionados para integrarem um mundo ficcional possível: " Tais unidades portam verdades oriundas do conhecimento acumulado sobre o mundo, sobre a natureza humana " (Pimenta, 2019, p. 33).

Barbosa (2006) exemplifica com personagens retiradas da cultura popular como o Bumba-meu-boi, onde a lexia "boi" não corresponde totalmente ao ser biológico que é objeto da área de agropecuária, representando uma entidade mítica que morre para satisfazer o desejo de uma mulher grávida, mas que no fim da história ressuscita: " Verifica-se, então, que as unidades lexicais desses discursos etno-literários têm características muito específicas: de um lado, são vocábulos metassemióticos, pelos motivos acima vistos, de outro, são quase-termos técnicos, pois pertencem à uma linguagem especial/especializada." (p. 50). Para acompanhar a história é necessário estar

ambientado com o sistema de valores da cultura em questão, é uma outra linguagem que precisa ser aprendida para poder ser interpretada corretamente. Existe então uma tensão "Vocábulo x Termo" (fig. 02), que a autora representa no seguinte modelo.

Figura 02- Tensão Vocábulo x Termo



Fonte: Barbosa (2006, p. 50), onde t.d. é tensão dialética.

As unidades lexicais dos discursos etnoliterários têm um significado especializado que é próprio do universo de discurso ao qual pertencem, reunindo qualidades das linguagens de especialidade da linguagem literárias conservando "um valor semântico social", ao mesmo tempo que documenta o processo histórico de uma cultura. (Barbosa, 2006).

Para colocar em palavras o mundo ficcional, o autor utiliza uma "linguagem especial do universo da literatura", que é uma linguagem que vem da prática social, legitimando o saber fazer de uma comunidade linguística. É uma linguagem sistematizada com base em outras linguagens, como as de especialidade entre outras, expressando mundos possíveis e identidades culturais (Pimenta, 2019).

Assim, o estudo terminológico tem avançado sobre textos literários, coisa completamente estranha a um terminólogo ortodoxo acostumado a entranhar-se em textos científicos e técnicos, como mostra trabalhos de Latorre (2013) sobre os vocábulos-termos presentes em *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, como também em Nascimento (2011) com a terminologia jurídica presente em *L'Étranger* de Albert Camus, ou os aspectos gastronômicos presentes em *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado estudados por Silva, Chaguri (2010) e Taveira, Medeiros (2015).

Esperandio (2015) apontou algumas discussões referentes à intersecção entre literatura e ciência, como o fato de que se pode considerar a literatura e a ciência como originárias de uma mesma cultura, influenciando-se mutuamente; a história das ciências se confunde com a história da humanidade, de forma que a literatura ficcional passa a fazer parte da história da ciência, assim como a ciência é refletida na literatura; a ficção científica, que é uma alegoria da fé na ciência, é um exemplo de convergência entre os dois tipos de discursos (literário e científico).

Aspectos da cultura do cacau em Jorge Amado, como do trabalho com a cana-de-açúcar em José Lins do Rego, por exemplo, podem permitir estudos terminológicos de grande proveito para a compreensão dos processos históricos dessas culturas agrônomicas. E todos esses aspectos podem ser estudados se um levantamento das espécies vegetais citadas nestas obras for feito.

3.3 GLOSSÁRIOS, VOCABULÁRIOS E DICIONÁRIOS BOTÂNICOS NO BRASIL

Um vocabulário é um tipo de material (codificação) lexicográfica, que ainda podem ser de outros dois tipos: os dicionários e os glossários (Haensch, 1982, p. 97, apud BARREIROS, 2017b). Enquanto que um dicionário abrange a compilação completa (“Thesauri”) ou quase completa das unidades lexicais de uma língua, um vocabulário é a reunião das unidades lexicais de uma pessoa, da obra de um autor ou de um grupo social (cf. Houaiss, Villar, 2001). Glossários devem ser entendidos como conjunto de lexias que pertencem a um determinado texto (Barbosa, 2001, p. 43). Vocabulário também pode ser definido como um conjunto de palavras especializadas em um determinado campo de conhecimento ou atividade, que é uma restrição ao conceito do termo, uma vez que ele pode ter um grande espectro de significados até abarcando o conjunto total de palavras de uma língua (cf. Ferreira, 2004).

No sentido mais restrito, tem ganhado relevância o conceito de “vocabulário controlado”, que é “uma linguagem artificial constituída de termos organizados em uma estrutura relacional” de forma a padronizar a entrada e saída de dados em um sistema de informação, favorecendo, dessa forma, a precisão e a eficácia na comunicação. Neste âmbito, o vocabulário representa a informação e o conhecimento através de um conjunto controlado e finito de termos dispostos em uma estrutura relacional definida anteriormente (Kobashi, 2008). Um vocabulário controlado caracteriza-se por ser um conjunto de lexias limitado em que termos são escolhidos de modo exclusivo para

descrever o conteúdo do assunto do documento base, onde o termo unívoco (um termo=um conceito) relaciona-se entre si através de uma estrutura (Biscalchin, Moreira, 2020).

Pode-se afirmar que o formato dos textos produzidos pela sistemática vegetal (tratamento sistemático ou enumeração das espécies) é um tipo texto terminológico dicionarístico. Apesar da grande variação, ele tem um aspecto de verbete. A figura 03, mostra o 'verbo' padrão publicado para a flora da Bahia (Lima, França, 2009), no qual se coloca o nome científico da planta (binômio) em negrito e itálico, com os autores do binômio e a obra príncipe, segue a indicação de uma ilustração e depois a descrição da espécie, o parágrafo seguinte traz comentário geral sobre a espécie (distribuição geográfica) e depois o material examinado (exemplares da espécie depositados em herbários). Em tais trabalhos podem vir nomes vernáculos e aspectos etnobotânicos, mas não é uma regra. Neles, geralmente, a organização se dá por família (em ordem alfabética ou seguindo a ordem 'evolutiva' sugerida por algum sistema de classificação).

Figura 03- Exemplo de um 'verbo' no tratamento sistemático de um trabalho botânico
3. *Vitex cymosa* Bert. ex Spreng. Syst. 2: 757.1825.

Fig. 3.

Arbusto ca. 3,5m alt. **Caule** e ramo subcilíndrico. **Ramo** esparso muriculado, alvo. **Folíolos** 5, limbo do folíolo central semi-coriáceo, 6,0-13,0 cm x 3,0-6,5 cm, elíptica, ápice agudo, margem inteira, base cuneada, fortemente discolor, face adaxial pubescente nas nervuras primária e secundária, alva, face abaxial flocosa, alva a acinzentada. Peciólulo ca. 3,0-10 mm; peciolo ca. 50-80 mm. **Sinflorescência** indeterminada, inflorescências formando dicásios, prófilos inconspícuos, pedúnculo da cima ca. 10-15 mm com. Cálice ca. 4,0-6,0 mm, bordo curto-denteado, Corola lilás, ca. 8,0-11 mm, externamente hirsutulo e internamente pubescente. Estames exsertos, emergindo do terço mediano da corola; filete piloso basalmente, ca. 7,0-8,0 mm filete maior e filete menor 5,0-6,5 mm; antera dorsifixa, ca. 1,0-1,2mm, cilíndricas. Ovário glabro, estilete glabro, ca. 5,0-6,5mm. **Fruto** ca. 18-20 mm. **Semente** não vista.

Espécie de ampla distribuição no Brasil, ocorrendo nos estados do Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Paraná, Rondônia, São Paulo e Tocantins.

Material examinado: Cairu, 12 set 1993, *Guedes s.n. ALCB* 26736 et al. (ALCB). **Camaçari**, Jauá, Dunas, 1.jun. 1997, *Sotero I et al.* (ALCB). **Conde**, Fazenda do Bu, Mata do Fundão I, 12° 1'S, 37°42'45"W, 02.fev.1996, *Ferreira et al.* 884 (HUEFS). **Entre Rios**, Massarandupió, 20km de Porto Sauípe, 12 ° 18'42"S, 37 ° 50'15"W, Restinga , 17 jun 2001, *Nascimento 298 et al.* (ALCB). **Esplanada**, Fazenda Limoeiro. Área de Reserva Legal, 12°08'67"S, 37°50'37"W, Mata ciliar, 9 mar 2005, *Freire 12 et al.* (ALCB). **Salvador**, 30.set.1984, *Queiroz 858* (HUEFS).

Fonte: Lima, França, 2009.

Além desses trabalhos sistemáticos, que são as produções mais frequentes que se encontram como resultados dos estudos botânicos, que apresentam superficialmente uma aparência de dicionários, que são na verdade catálogos de espécies (cf. Finatto, 1998, p. 200), também existem os dicionários de fato.

O desenvolvimento experimentado pela botânica a partir da obra de Andreas Caesalpino de 1580 (*De Plantis*), principalmente com o grande fluxo de informações provenientes dos novos assentamentos europeus conquistados nas Américas, gerou uma quantidade de informações que precisavam ser organizadas de forma sistemática. O acesso à informação contida nestas obras passa por uma compreensão da terminologia ali empregada. Tal conhecimento era tão estratégico, que sua proteção é uma das justificativas para se compreender a proibição de atividades editoriais e de impressão gráfica no Brasil por ordem da metrópole, isso até 1808, quando a família Real veio abrigar-se aqui da sanha imperialista napoleônica; por essa razão que apenas em 1819 veio à luz a primeira obra terminográfica sobre a flora brasileira: o *Dicionário de Botânica* de Manoel Henriques Paiva, a partir dessa obra inaugural, surgiram muitas outras (cf. FINATTO, 1998). Entre estes dicionários podemos citar Correa (1926/1978), Menezes (1949) ou Sehnem (1961).

Outro tipo de publicação é o guia de campo, onde o objetivo é auxiliar o botânico na identificação de espécies vegetais no ambiente (e.g. Ribeiro et al., 1999), tais guias mesclam formatos oriundos de tratamentos sistemáticos (como a citação do nome científico em fonte diferenciada, com os autores, uma descrição diagnóstica), ilustração mostrando as principais características das espécie (mais recentemente com fotografias de excelente qualidade), lista de nomes comuns e é frequente a presença de glossários dos termos morfológicos empregados.

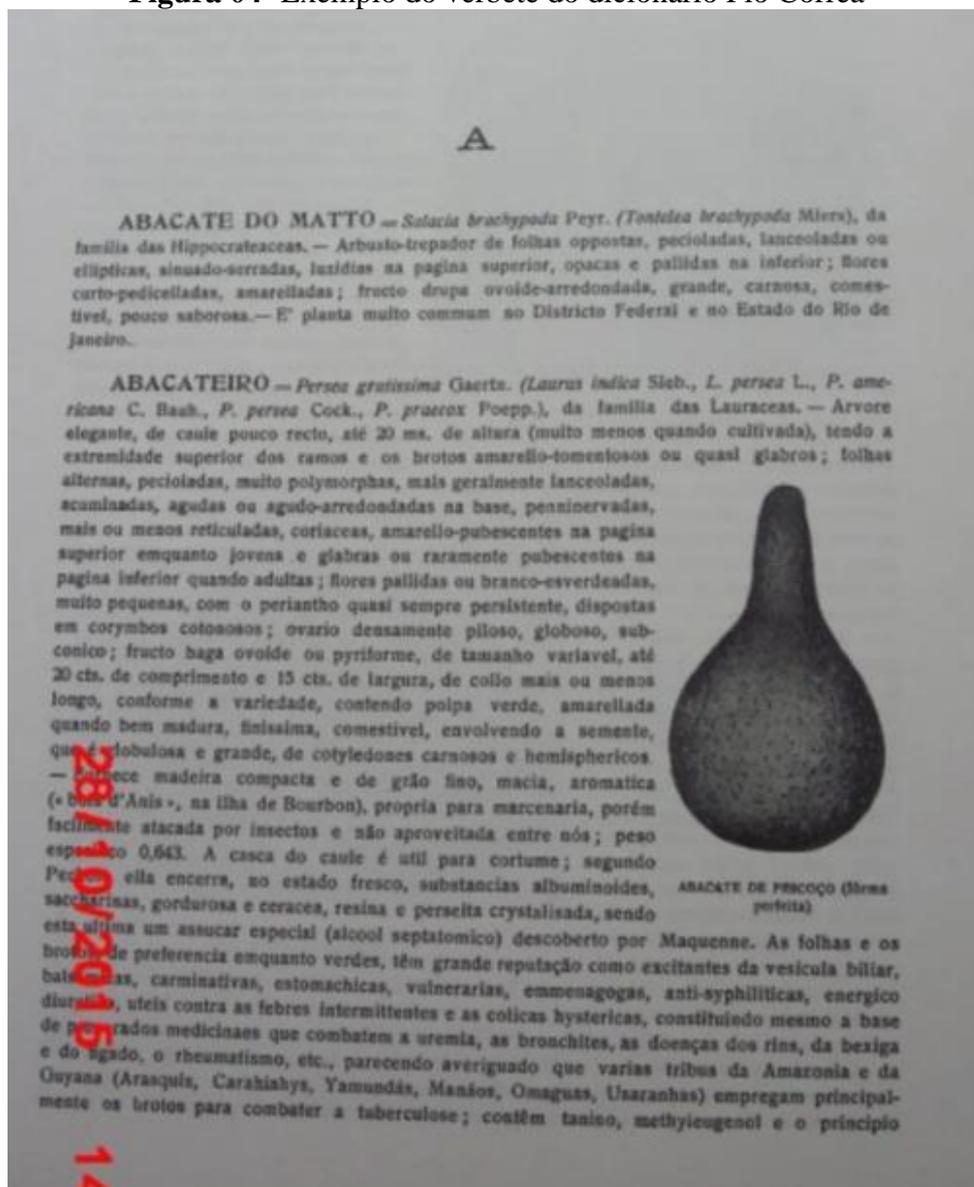
Pode-se distinguir mais um tipo de publicação, as obras temáticas, que listam espécies com determinado uso (e.g. madeiras, medicinais etc.), de uma determinada família para sua divulgação entre os amadores (orquídeas, palmeiras), ou manuais de horticultura (plantas ornamentais, plantas daninhas). Por fim existem os dicionários de termos técnicos (relativos à terminologia morfológica e anatômica das plantas).

Entre os dicionários organizados em ordem alfabética de nomes vernáculos pode-se citar: Correa (1926/1978), Menezes (1949), Sehnem (1961); Silva et al. (1979)

O pioneiro na construção de dicionários botânicos no Brasil foi sem dúvida alguma Manuel Pio Correa (1874-1934) que chegou a publicar ainda em vida os três

primeiros volumes do seu *Diccionario das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas* (os outros três volumes foram publicados apenas em 1978). A obra está organizada em ordem alfabética de nomes vernáculos. O verbete (Figura 04) tem a seguinte estrutura: nome vernáculo em maiúscula e negrito, nome científico em itálico, família, descrição morfológica, observações sobre a espécie (origem, potenciais, estudos realizados, sinonímia vernacular nacional e estrangeira). A obra é ilustrada com desenhos, mas apresenta também fotografias em preto-branco.

Figura 04- Exemplo do verbete do dicionário Pio Correa



Fonte: Pio Correa (1926-1978).

Para se fazer o inventário da flora da Bahia, Menezes (1949) sugere que se deve começar por um trabalho de “descrição sucinta das Sps nativas e aclimatadas, conhecidas

pelos seus nomes vulgares na Bahia e em todo o Brasil, com as identificações científicas suas características e utilidades” (Menezes, 1949, capa). Assim, o pesquisador organizou seu livro em ordem alfabética de nomes vernáculos associando-os aos nomes científicos, sem ilustração e sem referências. Nesta obra, o verbete (Figura 05) é organizado da seguinte forma: nome vernáculo em maiúsculas, nome científico em negrito, sem referências.

Figura 05- Exemplo do verbete de Menezes (1949)

A	
<p>ABACADO — Abacate. ABACAIBA — Arceira. (Indistintamente). ABACATE, ABACATEIRO — <i>Persia gratissima</i> Gaert. Laurácea arbórea muito cultivada. Fm lançoiadas; fls. em panículas indefinidas, que não interrompem o crescimento do ramo; fr — drupa — variando de forma e coloração consoante as vars. Fm diuréticas. Madeira quebradiça. —BRANCO — Abacate. Var apresentando o epicarpo verde ou verde claro. —ROXO — Abacate. Var apresentando o epicarpo arroxiado, quando maduro. ABACAXI — <i>Ananassa sativa</i> Schul., var <i>pyramidalis</i>. Bromeliácea cultivada. Fm longas, acuminadas, fibrosas e coriáceas, umas radicantes, as superiores formando ecora à inflorescência. Esta transforma-se em volumosa infrutescência — “sorosa” — de sul generoso sabor. A sp tem vars. —AMARELO — Abacaxi. Var em que a porção carnosa da sorosa toma essa coloração — <i>Ananassa sativa</i> Schul., var <i>pyramidalis-surea</i>. —BRANCO — Abacaxi. Var em que a porção carnosa é descorada — <i>Ananassa sativa</i> Schul., var <i>alba</i>. —BRAVO — Gravatá. —DE TINGIR — Gravatá branco. —DE TINTA AMARELA — Gravatá branco. ABACUI — Bicuiba. ABAGERU — Arid. ABAJÁ — Nos de cola. ABARAIBA — Arceira. ABAREMO, ABAREMÓTOMO — Avaremotomo. ABATI — Milho. —TIMBAI — Jatal. ABECEDÁRIA — Agrifo do Brasil. —DO MÉXICO — Vela da pureza. ABI, ABI-IBA — Abio.</p>	<p>ABIO, ABIEIRO — <i>Laenua calmito</i> R. e Child. Sapotácea arbórea, frondosa e ornamental. Fm coriáceas e lançoiadas; fls axilares; fr — baga — comível. Madeira de lei. Sp resinífera. —DO PARÁ — Calmito. ABIORAMA — Abio. ABJERU — Arid. ABÓBORA, ABOBOREIRA — Indúmeras spa sarmentosas, especialmente Cucurbitáceas e do Ge Cucurbita. São rasteiras, estolhosas, com latifólios palmados; fls amarelas e grandes fms bacícolas — “peponídios” — cambiantes na forma e no volume, consoante as vars. —ALMISCAR — Abóbora cheirosa. —AMARELA — Gerimú (Imprecioso, pois os fms de vários sps congêneros usam a mesma coloração.) —BRANCA — Abóbora d’água. —CABAÇA — Abóbora d’água e A. de carneiro. (Mais cabível à primeira sp). —CARNEIRA — Abóbora moganga. Imprecioso, presta-se a confusão com a A. de carneiro, de outra sp. —CATINGA — Abóbora cheirosa. —CHEIROSA — Cucurbita mesocarpa Duch. Cucurbitácea que se caracteriza pelo cheiro almiscarado das fls. Os fms são forrageiros. A sp apresenta muitas vars. —D’ÁGUA — <i>Lagenaria vulgaris</i> Schr. Cucurbitácea de fms com epicarpo verde, alongado, e lenhoso, podendo servir de colté e mesocarpo alvo, muito apreciado. Tem sido estimada como var de A. moganga. —DA GUINÉ — Abóbora moganga. —DE CARNEIRO, A. CARNEIRO — Cabaça. —DE EMPIGEM — Abóbora de verrugas. —DE CONSERVA — Abóbora menina. —DE PORCO — Abóbora moganga. —DE QUARESMA — Abóbora moganga.</p>

Fonte: Menezes (1949).

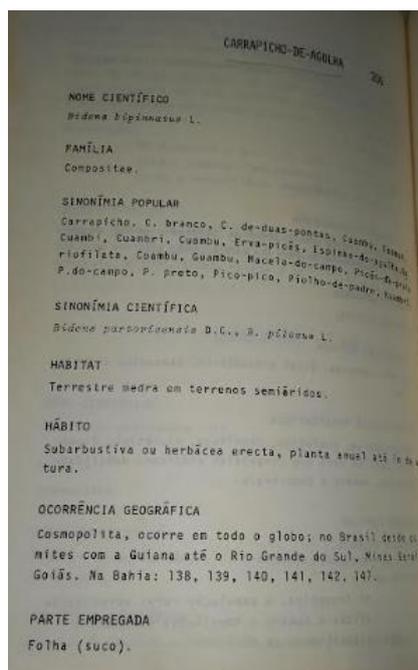
Dando continuidade ao trabalho de célebres botânicos do sul do Brasil como Emerich, que publicou os *Nomes populares das plantas do Rio Grande do Sul* em 1935 e do trabalho de Reitz que elaborou a obra *Nomes populares das Plantas de Santa Catarina* em 1959, Aloysio Sehnem (1961¹) também um livro intitulado *Conheça os nomes das*

¹ A publicação não tem uma data impressa, mas Manfrin (2003) afirma ter sido publicada em 1961.

plantas, que traz apenas os nomes vernáculos (nomes populares) associados a um nome científico bem como sua família botânica.

Ao fazer o inventário das plantas medicinais do estado da Bahia, Silva et al. (1979) produziram uma extensa apresentação associando os nomes vernáculos aos nomes científicos das plantas tidas como medicinais. A obra está organizada em ordem alfabética dos nomes vernáculos, com um verbete (Figura 06) que segue a seguinte estrutura: nome vernáculo em maiúscula, seguido por um número de ordem; em seguida vem o nome científico, em itálico, o nome da família, a sinonímia popular (outros nomes vernáculos associados), a sinonímia científica (outros nomes científicos referentes à mesma espécie), habitat (terrestre, aquático, etc.), hábito (árvore, arbusto, erva), ocorrência geográfica, parte empregada, propriedades terapêuticas, emprego popular. A obra também traz um glossário, principalmente associado aos termos farmacognósticos citados.

Figura 06- Exemplo do verbete em Silva et al. (1979)

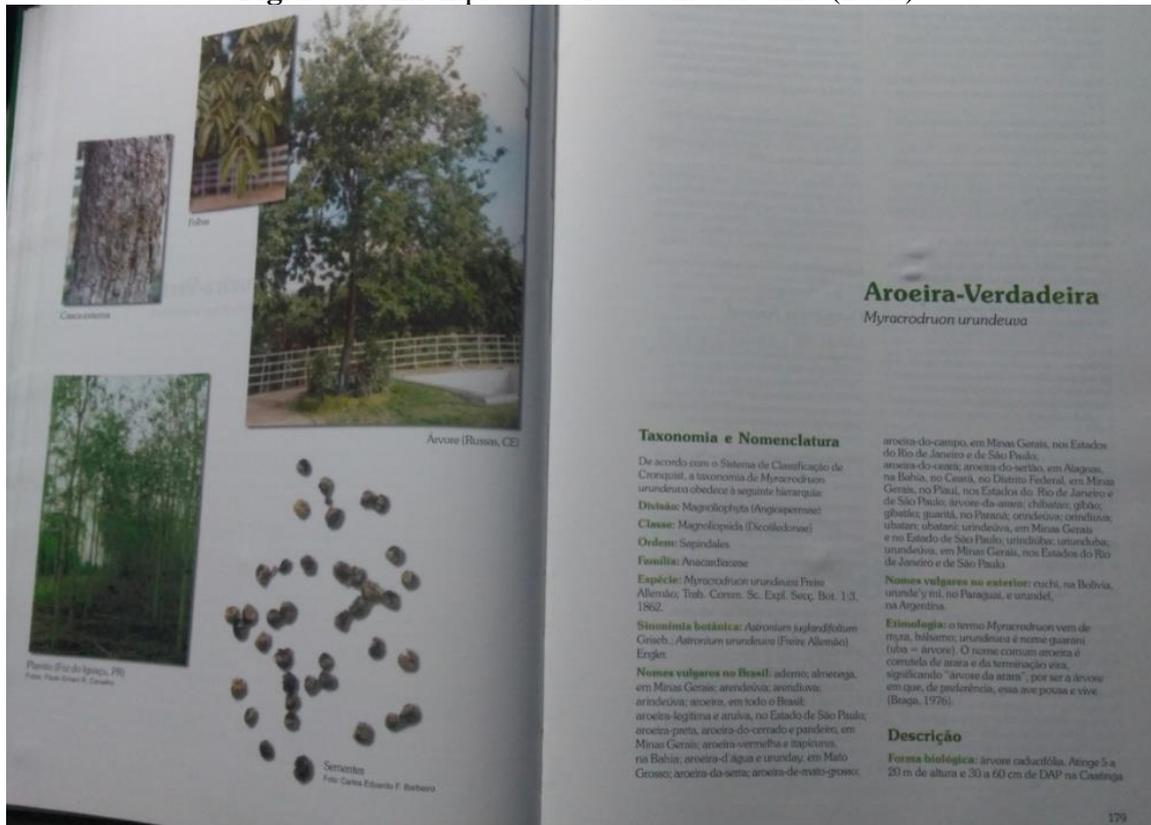


Fonte: Silva et al. (1979).

Ilustrar e descrever as espécies arbóreas brasileiras foram os objetivos de Carvalho (2003, 2006) que traz seu livro organizado em ordem alfabética de nomes vernáculos (Figura 07), trazendo para cada um deles fotografias de características diagnósticas, aspectos da taxonomia e nomenclatura (incluindo a classificação, nome da espécie, citação da obra príncipe, nomes vulgares no Brasil e no exterior, etimologia dos nomes

científicos e vernáculos, descrição morfológica da espécie, aspectos da biologia reprodutiva e da fenologia, ocorrência natural, aspectos ecológicos (incluindo características climáticas, tipos de solos em que ocorre) e aspectos agrônômicos (sementes, produção de mudas etc.).

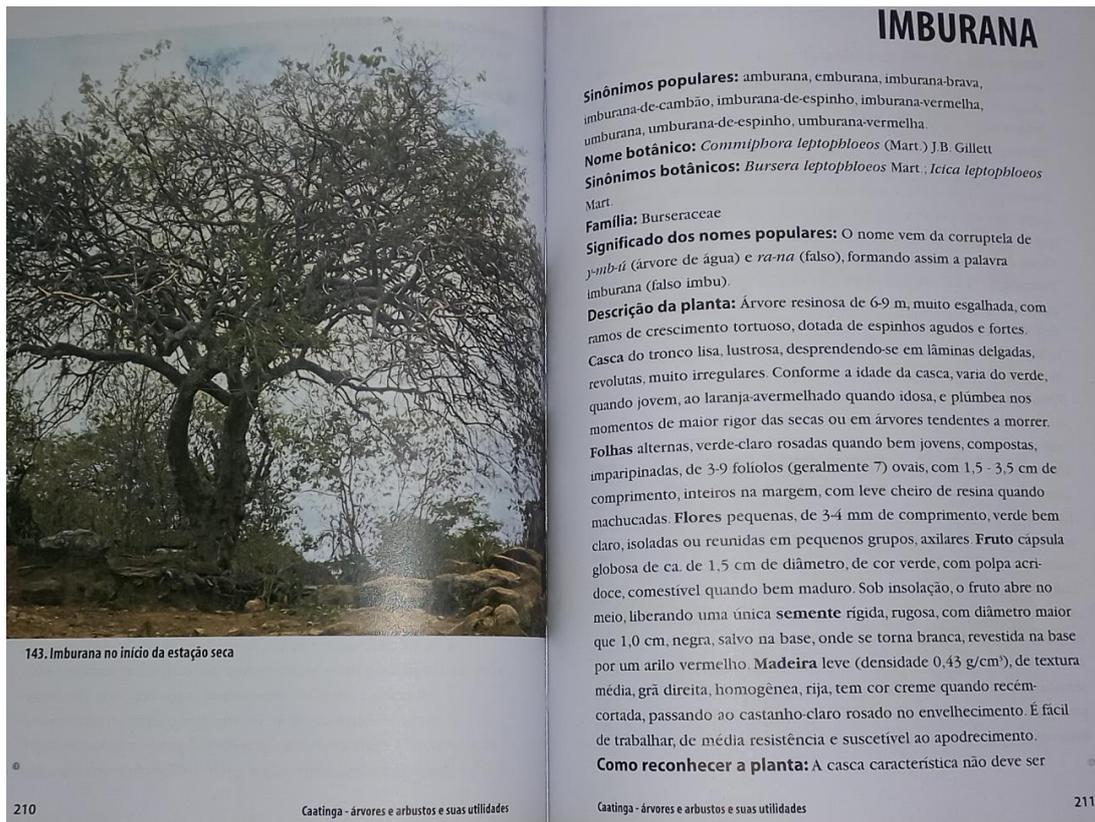
Figura 07- Exemplo do verbete em Carvalho (2003)



Fonte: Carvalho (2003).

Maia (2004) descreveu as árvores e arbustos da Caatinga, com suas principais utilidades, organizando sua obra em ordem alfabética de nomes vernáculos. O verbete (Figura 08) é organizado da seguinte forma: nome vernáculo em maiúsculas, lista de sinônimos populares (outros nomes vernáculos para a mesma planta), nome botânico (nome científico, sinônimos botânicos (outros nomes científicos aplicados à mesma planta), nome da família (em latim), nome da subfamília quando conveniente, descrição da planta, características diagnósticas, distribuição geográfica, informações ecológicas, fenologia, informações para cultivo (propagação, produção de mudas, plantio) e utilidades.

Figura 08- Exemplo verbete em Maia (2004)

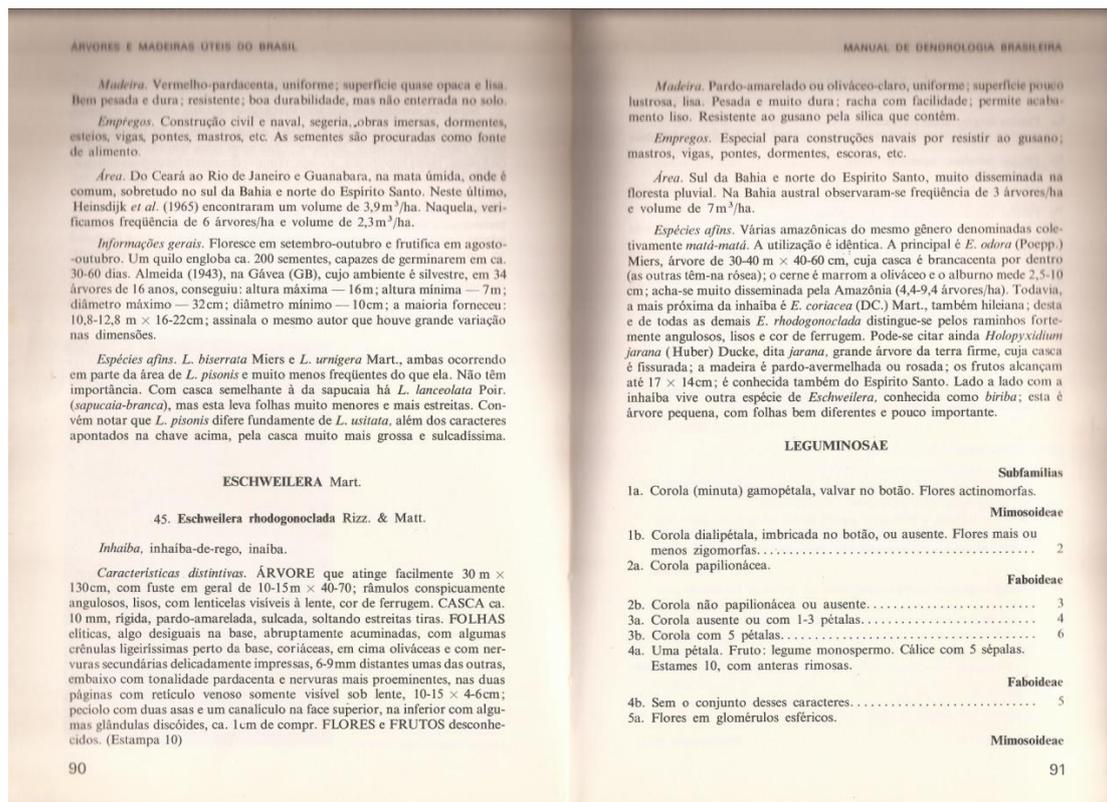


Fonte: Maia (2004).

Entre os estudos temáticos, ou seja, aqueles que tratam os assuntos específicos relacionados ao reino das plantas, destacam-se Rizzini (1996 [1971]); Lorenzi (1994 [1984], 1995; 2000 [1982]); Kissmann (1997); Lorenzi et al. (2003); Carauta e Diaz (2002), Matos et al. (2011); Kinupp e Lorenzi (2014)

Rizzini (1996 [1971]) publicou seu manual de dendrologia organizado em ordem alfabética de famílias botânicas, trazendo uma associação entre os nomes científicos e os nomes vernáculos. O verbete (fig. 09) apresenta as características morfológicas distintivas da espécie, depois segue uma descrição macroscópica da madeira e seus empregos, distribuição geográfica da espécie e espécies similares. No final do livro tem um glossário com 'um pouco mais de 500 vocábulos especializados'. Neste glossário, a microestrutura dos verbetes apresenta o termo em itálico, seguido por sua definição, sem referência. O objetivo do glossário é facilitar a leitura do texto, evitando tediosas e cansativas consultas à dicionários.

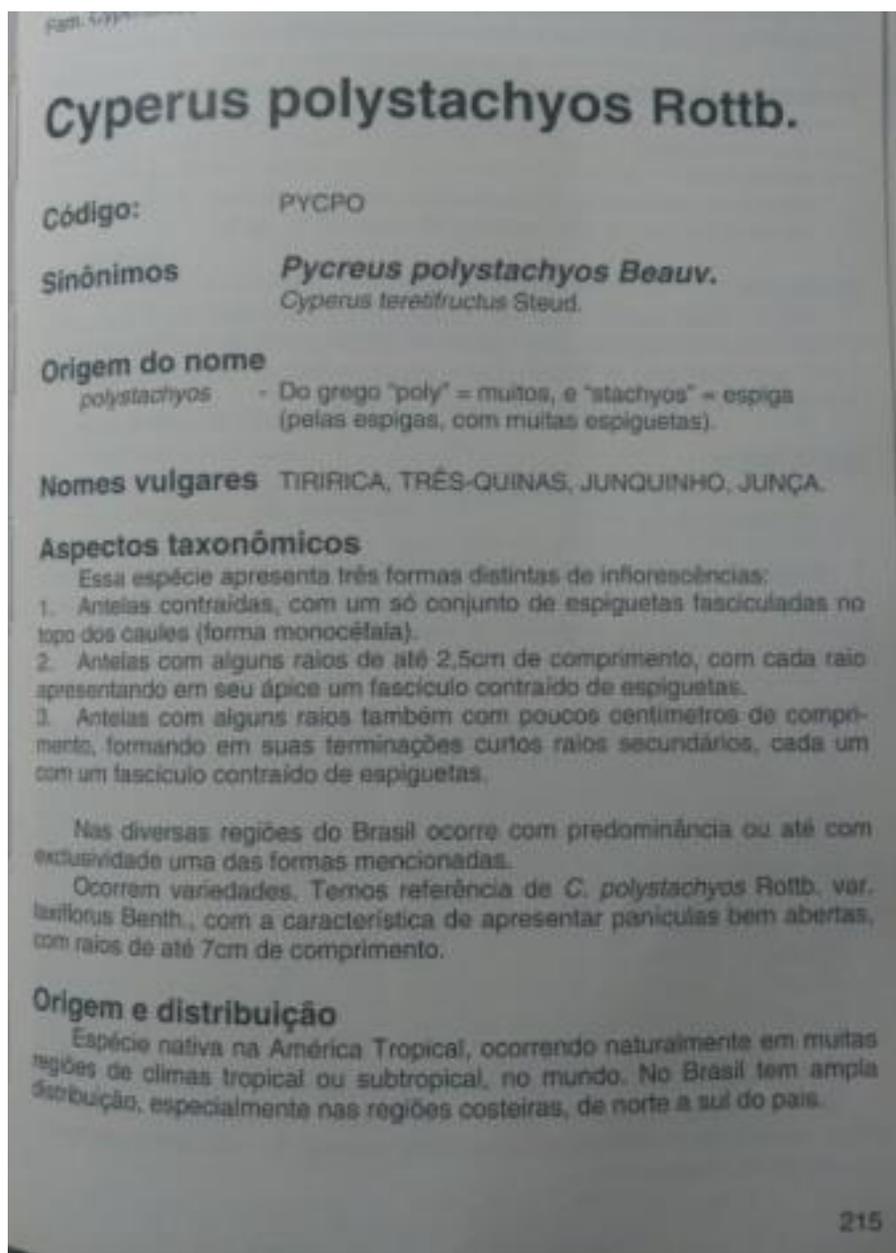
Figura 09- Exemplo de verbete em Rizzini (1996[1971])



Fonte: Rizzini (1996[1971]).

O inventário das plantas daninhas do Brasil (Lorenzi, 2000 [1982]) veio a estabelecer um padrão que a caracterizaria os livros produzidos na área de agronomia e botânica publicados sob a coordenação de Harri Lorenzi (1949-). Este padrão segue o de um dicionário, mas organizado em ordem alfabética de família, com verbetes (Figura 10) estruturados da seguinte forma: nome científico (negrito e itálico), nomes vernáculos, família, características gerais. Uma característica dessas publicações é a ilustração com fotografias de excelente qualidade. De acordo com a temática principal do livro, vêm informações adicionais como tabela de controle químico (Lorenzi, 1994 [1984]), informações detalhadas do cultivo no caso das plantas ornamentais (Lorenzi, 1995) e nas árvores exóticas cultivadas no Brasil (Lorenzi et al., 2003).

Figura 11- Exemplo de verbete de Kissmann (1997)



Fonte: Kissmann (1997).

Esse padrão visto nas publicações do Instituto Plantarum, aparece no tratamento que Carauta e Diaz (2002) fizeram das figueiras do Brasil, cujo verbete (Figura 12), que se caracteriza pela ilustração com fotografias de excelente qualidade, é estruturado com o nome científico em itálico, seguido geralmente do nome comum, depois vem a ocorrência geográfica e em seguida a caracterização morfológica. Lorenzi et al. (2004) aplicaram o mesmo padrão de suas publicações anteriores para fazer o tratamento que fez das palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas. É um tratamento mais terminográfico do conteúdo botânico sistemático.

Figura 12- Exemplo de verbete de Carauta e Diaz (2002)



Fonte: Carauta, Diaz (2002).

Fazendo um estudo da fitotoxicologia química de plantas brasileiras Matos et al. (2011) organizaram a obra na forma de um dicionário em ordem alfabética de família, cujo verbete (Figura 13) tem a seguinte estrutura: nome científico, centralizado, em itálico e negrito; sinonímia (outros nomes científicos associados à espécie), grande grupo (Angiospermae, Gymnospermae), família, *voucher* (testemunho: nome do coletor, número de coleta, herbário em que está depositado), nomes populares (vernáculos), características gerais, princípios tóxicos, toxicidade, cuidados preventivos e tratamentos, literatura citada.

Figura 13- Exemplo de verbete em Matos et al. (2011)

***Asclepias curassavica* L.**

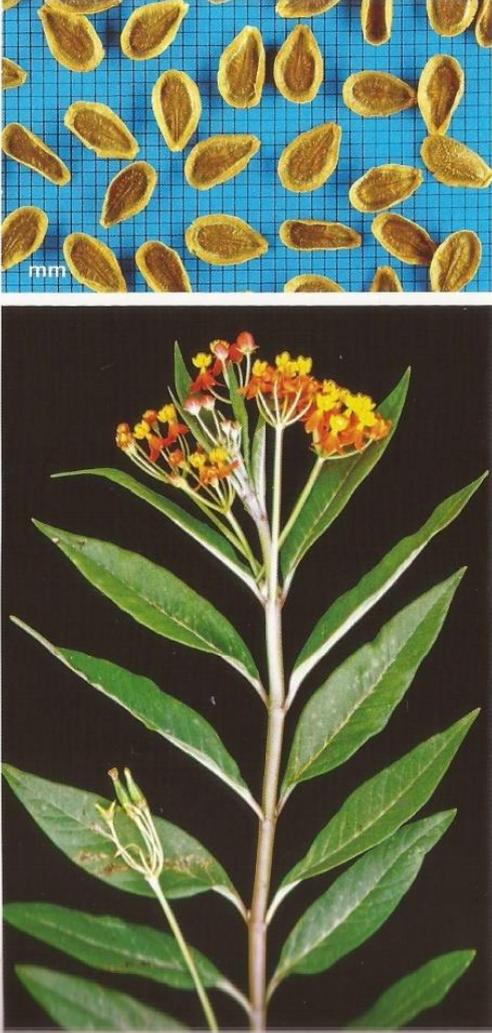
Sin.: *Asclepias bicolor* Moench, *Asclepias aurantiaca* Salisb., *Asclepias cubensis* Wenderoth, *Asclepias margaritacea* Hoffmannsegg ex Schult.

Angiospermae - Apocynaceae (antiga Asclepiadaceae). Voucher: A. Campos-Rocha 50 (HPL).

Nomes populares - oficial-de-sala, dona-joana, cega-olho, falsa-ipecacuanha, camará-bravo, capitão-de-sala, erva-de-rato-falsa (Brasil), **algodoncillo, platanillo** (Cuba), **ponchilhuits** (México), **bandera-española** (Argentina), **blood-flower** (Inglaterra), **milkweed, redhead, silkweed** (EUA)

Características gerais - Planta nativa da Índia Ocidental, América do Sul e Central, porém introduzida em várias outras regiões de clima tropical e subtropical. No Brasil ocorre em todos os estados. Herbácea latescente, com até 1 m ou pouco mais de altura. Folhas opostas, pecioladas, com 6-13 cm de comprimento, inteiras, oval-lanceoladas e glabras. Flores com pétalas vermelhas e estruturas reprodutivas alaranjadas, agrupadas em umbelas longo-pedunculadas. O fruto é um fóliculo fusiforme com cerca de 8 cm de comprimento e 13 mm de diâmetro, contendo numerosas sementes^(1,2).

Dentre seus muitos constituintes químicos, aqueles de maior importância em toda a planta são as substâncias cardioativas, originadas das agliconas calotropagenina, corotoxigenina, coroglaucigenina, 12-β-hidroxicalotropagenina e 16-α-hidroxicalotropagenina e com ação semelhante àquela apresentada pelos digitálicos. Os glicosídeos derivados da calotropagenina, tais como calactina, calotropina, calotoxina, uscharidina, uscharina e voruscharina são os mais difundidos na planta, entretanto nas sementes os glicosídeos estão relacionados com todas as cinco agliconas acima referidas⁽³⁾. O glicosídeo asclepina, também derivado da calotropagenina, tem atividade cardiotônica mais potente que a digoxina, aumenta a contratilidade do miocárdio e apresenta maior margem de segurança. Os princípios cardiotóxicos são encontrados principalmente nas sementes e no látex, sendo que neste sua concentração pode ser igual ou maior do que 50% (40-60 mg/mL)^(3,6). O látex é branco, viscoso, acre e corrosivo. Em contato com os olhos causa conjuntivite podendo chegar até edema



Fonte: Matos et al. (2011).

Ao elaborar o guia de identificação das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil Kinupp, Lorenzi (2014) adotaram a forma de dicionário para apresentar seus dados. A obra é organizada em ordem alfabética de família, com verbete (Figura 14) estruturado assim: Nome da espécie (negrito e itálico), sinonímia científica, nomes vernáculos, caracterização morfológica, usos, propagação, usos culinários (receitas).

Figura 14- Exemplo de verbete em Kinupp e Lorenzi (2014)

82 | ANACARDIACEAE

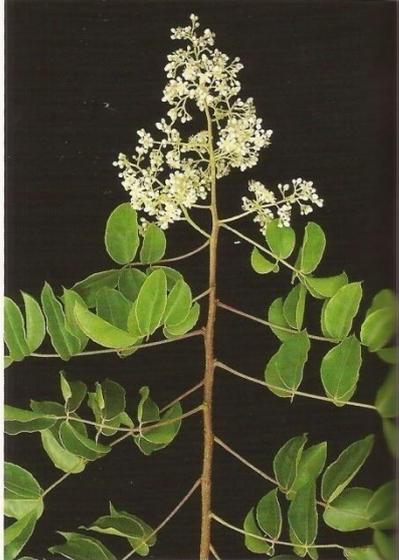
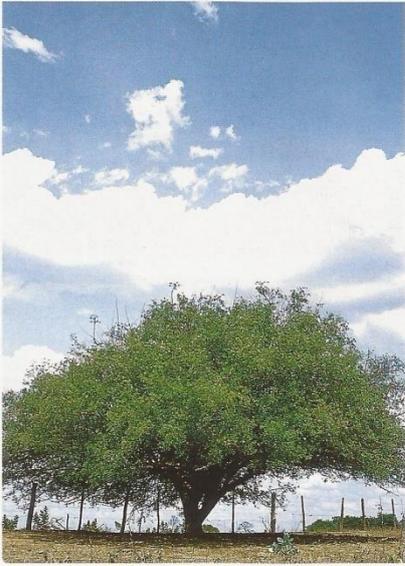
***Spondias tuberosa* Arruda**

umbuzeiro, imbuzeiro, ombuzeiro, umbu, imbu, ambu, giqui

Características - árvore decídua de 4-7 m de altura, de tronco muito curto de 40-60 cm de diâmetro, revestido por casca com ritidoma fino-rugoso, nativa na Caatinga do Nordeste até o Norte de MG. Copa baixa, com profusa ramificação, cujas extremidades quase encostam no solo; sistema de raízes dotado de órgãos de reserva de água denominados de 'túberas aquíferas' que se formam logo no início do desenvolvimento das mudas; folhas compostas pinadas, com 5-9 folíolos cartáceos. Flores brancas pequenas, dispostas em panículas terminais. Frutos globosos, do tipo drupa, lisos, de cor verde-amarelada, com polpa succulenta e comestível de quase 1 cm de espessura.

Usos - os frutos são comestíveis *in natura*, na forma de sucos, umbuzada, geleias e doces. As túberas aquíferas de mudas com mais de 90 dias são utilizadas no preparo de pickles.

Propagação - tradicionalmente por sementes ou alporquia, enxertias e micropropagação.

Usos culinários - é uma frutífera tradicional na Caatinga. É uma árvore vital para o sertanejo que extrai suas 'raízes tuberosas' para uso como fonte de água e suplemento alimentar. O pickle aqui proposto é feito com a tuberização de mudas jovens formadas a partir do plantio das sementes em canteiros ou leiras altas. Isto serve um uso como hortaliça tuberosa, dando destino para a grande quantidade de sementes resultante da extração da polpa. As folhas jovens também podem ser usadas. A proporção média dos frutos é: semente (10%), casca (22%) e polpa (68%)⁽³⁸⁾, mas como a casca pode e deve entrar na composição da polpa congelada e no preparo de doces, geleias, sucos/mousse e sorvetes perfaz então 90% do fruto. Os frutos possuem grau Brix de 11,60 e acidez de 1,06%⁽³⁸⁾. O fruto cru possui (em 100g): umidade (89%), energia (37kcal), proteína (1g), carboidrato (9g), fibra dietética (2g), cinzas (0,5g), Ca (12mg), Mg (11mg), P (13mg), Fe (0,1mg), K (152mg), Cu (0,04mg), Zn (0,4mg) e vitamina C (24mg)⁽³⁸⁾.

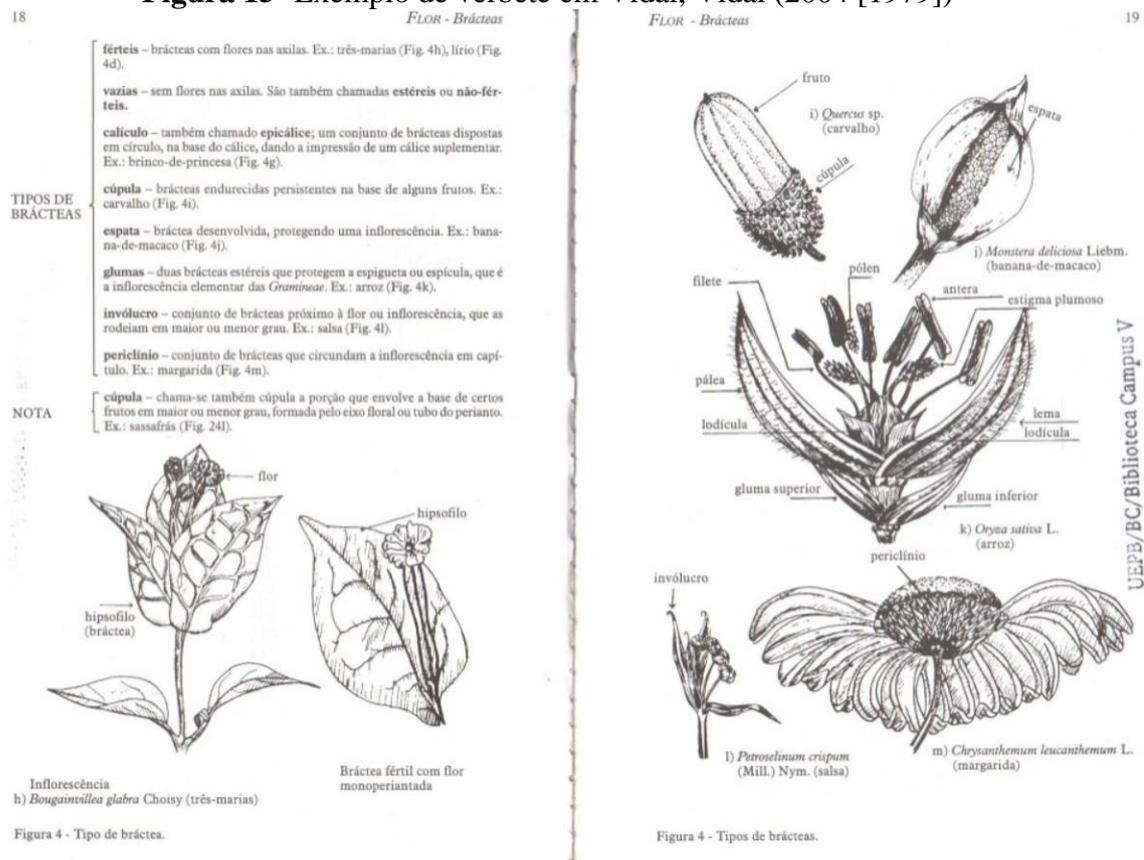
Fonte: Kinupp, Lorenzi (2014).

Entre as obras dedicadas à terminologia morfológica dos vegetais são muito consultadas Vidal, Vidal 2004 [1979], Ferri et al. (1981), Gonçalves, Lorenzi (2007)

Vidal, Vidal (2004 [1979]) publicaram a primeira edição da obra dedicada a um treinamento básico na terminologia para os iniciantes na Botânica. O trabalho trata-se de um vocabulário organizado de acordo com as estruturas aparecem na planta. Dessa forma, eles começam denominando as diversas partes de uma planta, para em seguida estabelecer

os termos associados à flor no processo de formação do fruto, em seguida falam das inflorescências (conjunto de flores), as estruturas envolvidas na fecundação e na constituição da semente. Apenas depois de descrever os órgãos reprodutivos é que eles passam aos órgãos vegetativos (folha, caule e raiz). O verbete (Figura 15) traz o termo em negrito, sua definição (sem referências) associado às figuras com número em parênteses. As ilustrações, à bico de pena, são identificadas com o nome vernáculo e o nome da espécie.

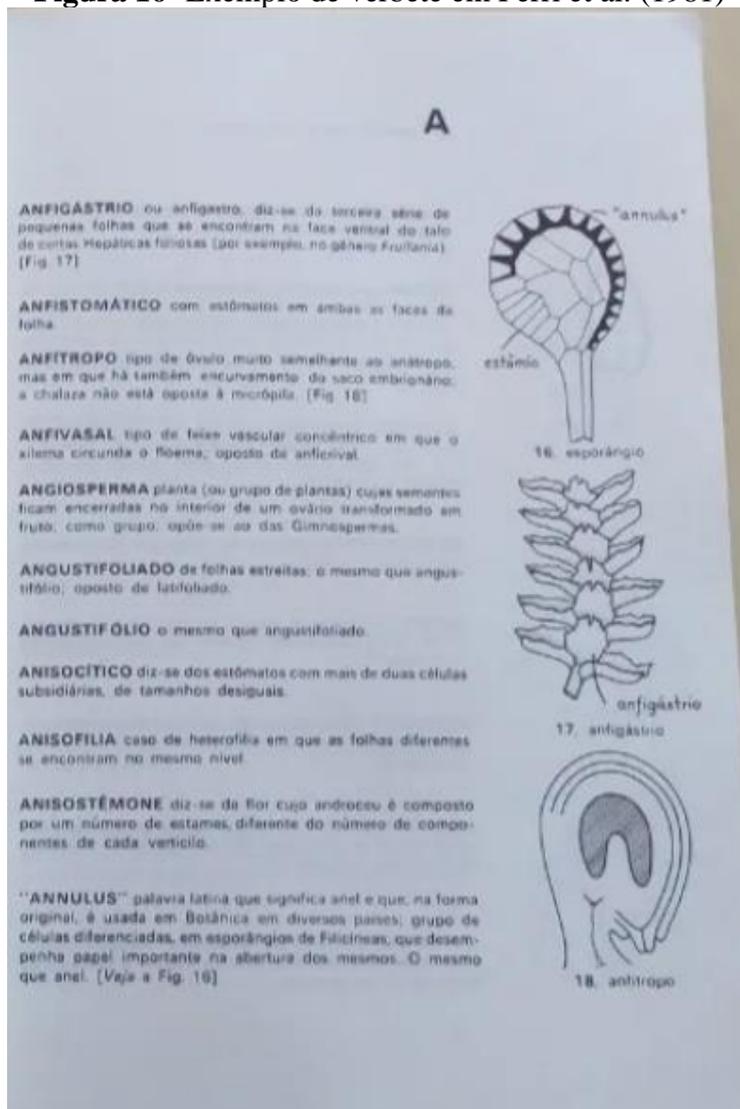
Figura 15- Exemplo de verbete em Vidal, Vidal (2004 [1979])



Fonte: Vidal, Vidal (2004 [1979]).

Ferri et al. (1981) publicaram o glossário que utilizavam desde 1969 na sala de aula. O termo 'glossário' pode ser aplicado neste caso, pois esta obra está intimamente relacionada a uma outra obra do autor principal que tratam da organografia (morfologia externa) e da anatomia das plantas. Organizado em ordem alfabética de termos, uma parte deles vem acompanhada de ilustrações feitas à bico de pena. O verbete (Figura 16) vem com o termo, em negrito e sua definição, sem referências. Quando existe uma ilustração associada, consta a indicação do número da figura que sempre está à margem do texto.

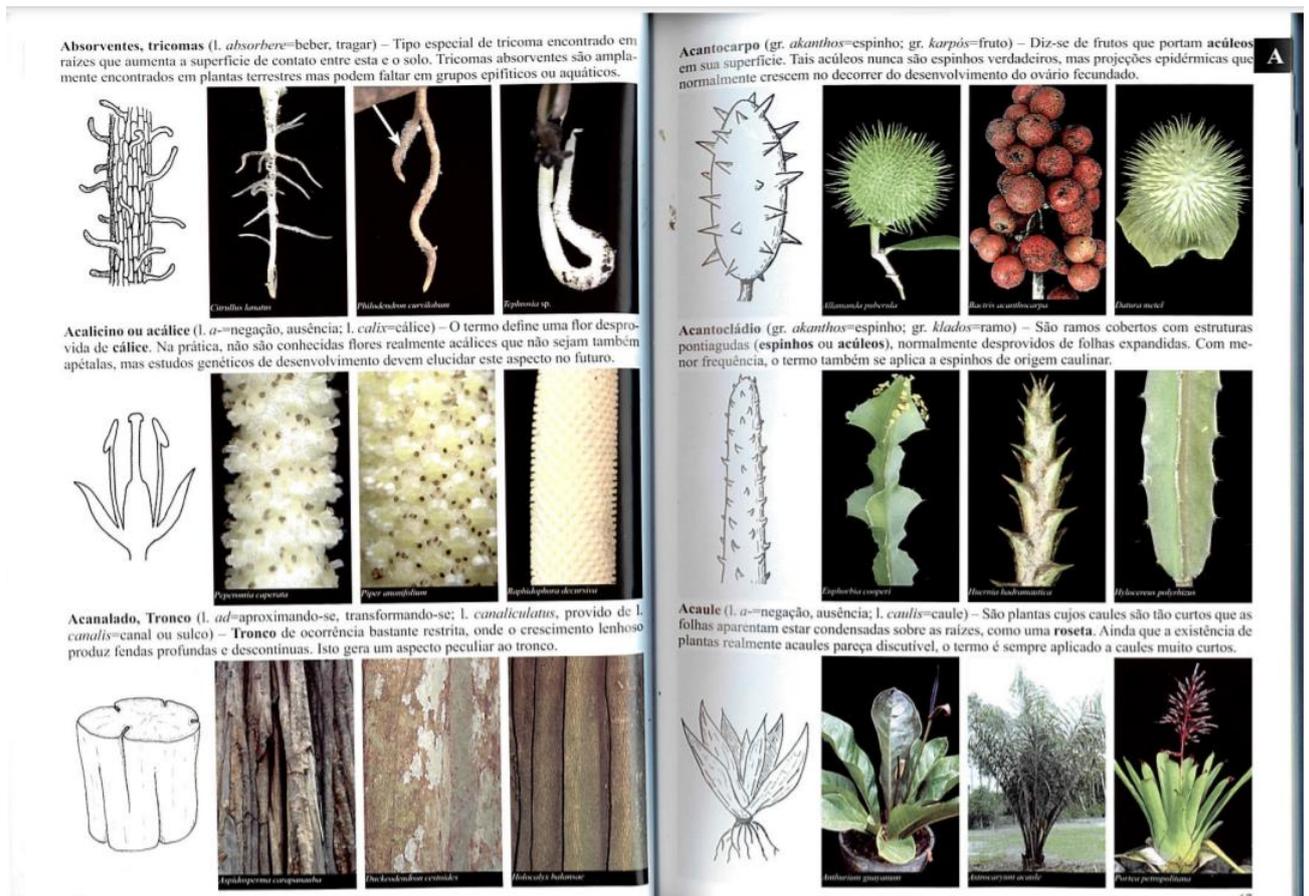
Figura 16- Exemplo de verbete em Ferri et al. (1981)



Fonte: Ferri et al. (1981).

Gonçalves e Lorenzi (2007) organizaram um vocabulário ilustrado de morfologia das plantas vasculares associando os termos relacionados à morfologia (organografia) à ilustrações (fotografias e desenhos) das plantas em que a estrutura ocorre, sendo estas identificadas com nome científico, ao nível de espécie, sem associar ao nome vernáculo. O verbete (Figura 17) está estruturado da seguinte forma: o termo em negrito, a etimologia do termo em entre parêntese (com a língua de origem, grega ou latina, quando grega em caracteres latinos, e seu significado em português), sem referências.

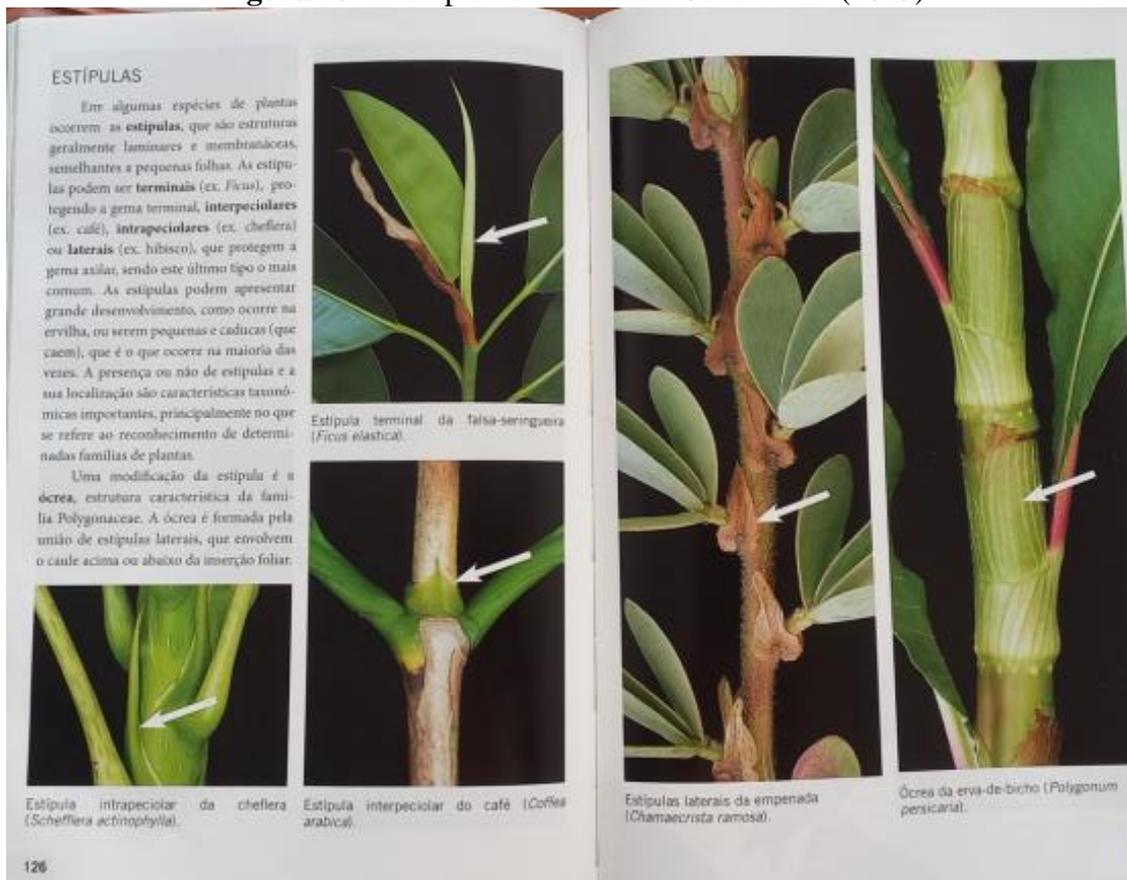
Figura 17- Exemplo de verbete em Gonçalves, Lorenzi (2007)



Fonte: Gonçalves, Lorenzi (2007).

Fazendo uma introdução à morfologia botânica, Souza et al. (2013) produziram um apoio aos iniciantes ao estudo da botânica apresentando ilustrações (fotografias) com alta qualidade, associando nomes vernáculos e nomes científicos (Figura 18).

Figura 18- Exemplo de verbete em Souza et al. (2013)



Fonte: Souza et al. (2013).

Nos últimos anos apareceram muitos guias de campo como Ribeiro et al. (1999). Com o objetivo de fornecer uma orientação para a identificação das espécies de plantas vasculares presentes na Reserva Ducke (Amazonas), Ribeiro et al. (1999) elaboraram um cuidadoso glossário ilustrado associando a estrutura (órgão) estudada com a espécie em que ela ocorre. O livro é organizado com base no tipo da estrutura (Figura 19): Características foliares (forma da folha, tipo da filotaxia etc.) para em seguida exemplificar com as famílias e as espécies nas quais essas estruturas ocorrem.

Figura 19- Exemplo de Ribeiro et al. (1999)



Fonte: Ribeiro et al. (1999).

Apesar de não usar o nome 'guia', o livro de Durigan et al. (2004) parece poder bem ser utilizado como tal, pois apresenta belas ilustrações. O livro está organizado em ordem alfabética de família, sendo que cada uma está organizada em ordem alfabética de nomes científicos. O verbete apresenta o nome científico, seguido pelo nome da família, nome popular (nome vernáculo), descrição diagnóstica da espécie e fotografias de alta qualidade. A obra inclui um glossário de termos morfológicos botânicos.

Figura 20- Exemplo do verbete em Durigan et al. (2004)



Fruto cápsula achatada, lenhosa, largo-elíptica, cerca de 8cm de comprimento e 6cm de largura.

Ocorre em fisionomias campestres de cerrado.

Anemopaegma arvense
(Vell.) Stellfeld ex de Souza.

BIGNONIACEAE

NOME POPULAR: catuaba

Subarbusto, ramos flexuosos partindo de base lenhosa.

Folhas opostas, sésseis, compostas trifolioladas, folíolos lineares a oblongo-lanceolados, sésseis ou curto-peciolados, cerca de 6cm de comprimento e de 0,3 a 2cm de largura, base aguda e ápice agudo a arredondado, margem revoluta.

Flores brancas grandes, tubulosas, interior do tubo amarelo, dispostas em racemos.





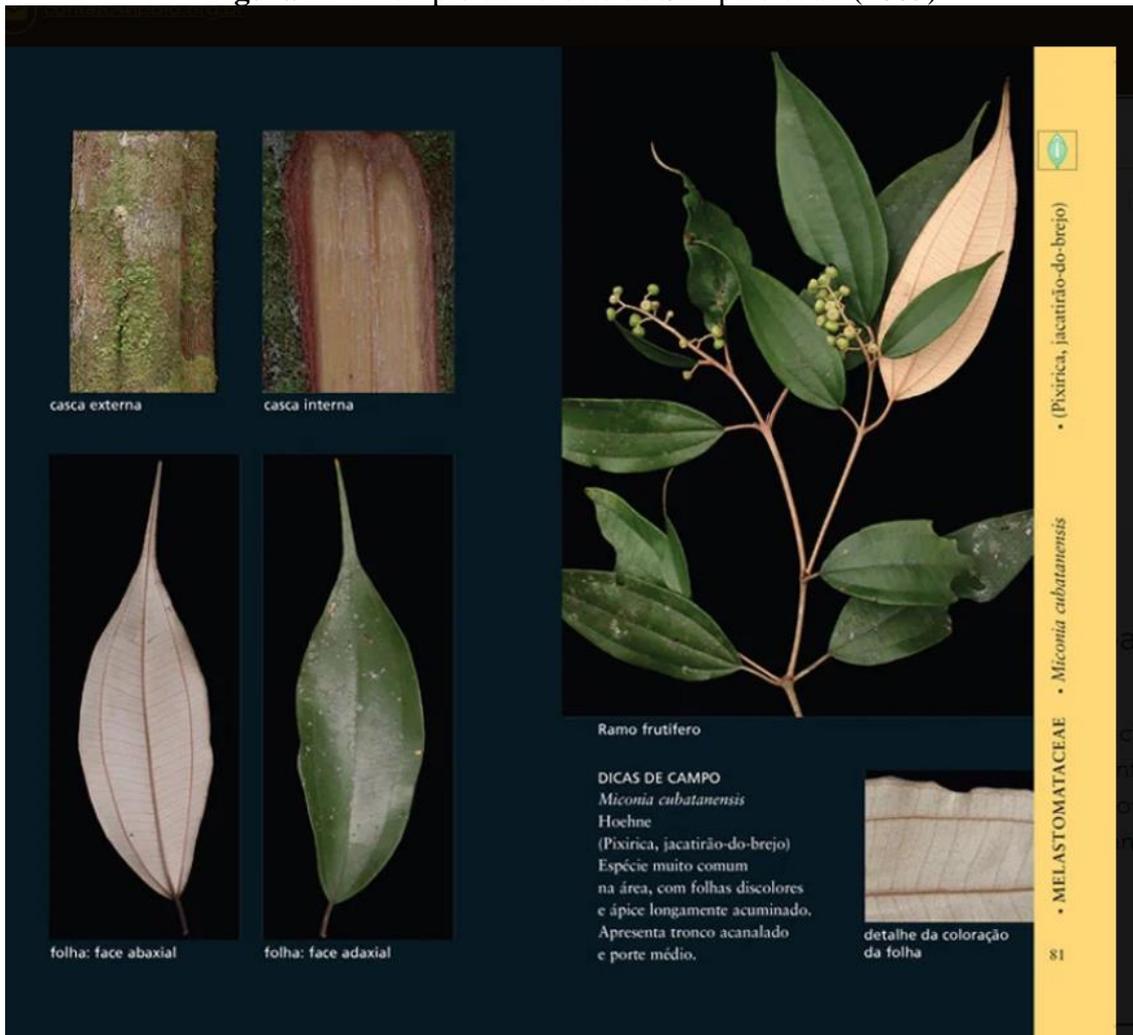
78

PLANTAS DO CERRADO PAULISTA: IMAGENS DE UMA PAISAGEM AMEAÇADA

Fonte: Durigan et al. (2004).

O formato do guia de identificação das espécies da restinga de Sampaio et al. (2005) é diferente. Ele tem a forma de uma de chave de identificação. Chaves de identificação são guias de identificação de táxons utilizando-se uma sequência lógica de perguntas, geralmente dicotômicas, de maneira que a planta pode ter tal característica ou não. Por exemplo, os autores começam diferenciando as palmeiras de outras árvores, se é uma palmeira segue para região do livro que trata de palmeiras, senão segue para próxima pergunta. O verbete é organizado em duas páginas contíguas, que traz as fotografias de alta qualidade das características das espécies descrições diagnósticas (dicas de campo), família, nome científico da espécie, nome vernáculo (à margem da página). O livro traz um pequeno glossário, para auxiliar na leitura e compreensão da chave.

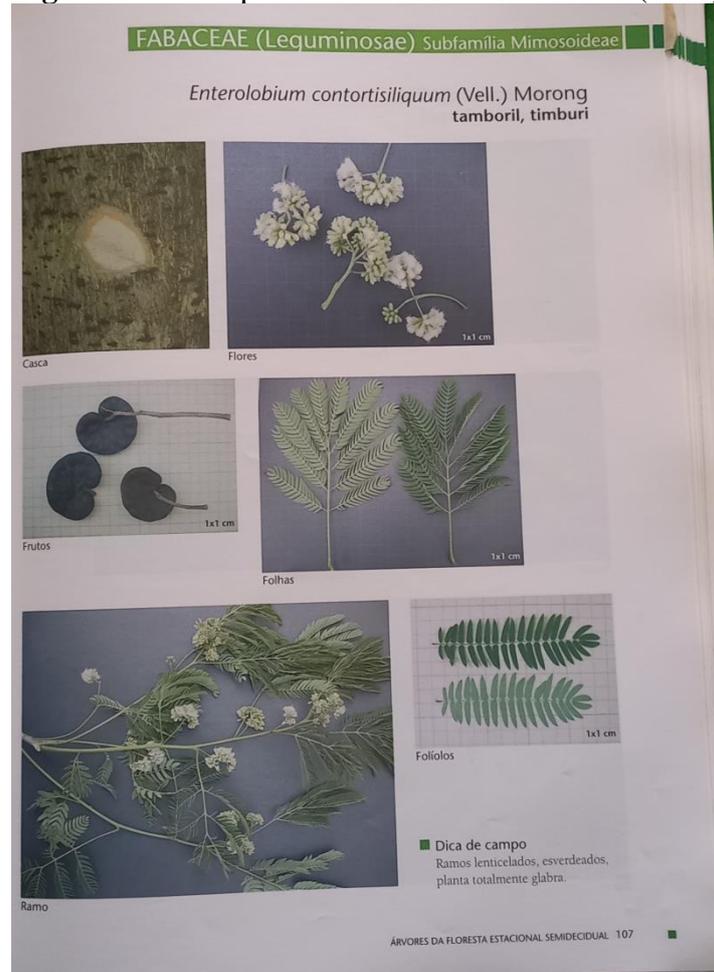
Figura 21- Exemplo de verbete de Sampaio et al. (2005)



Fonte: Sampaio et al. (2005).

Para ajudar na identificação das espécies das árvores da Floresta Estacional Semi-decidual, Ramos et al. (2008) apresentaram as informações relativas a este tipo de vegetação em ordem alfabética de família, dentro de cada família em ordem alfabética de nomes científicos, sendo que cada um deles associado a um nome vernáculo. O verbete (Figura 22), que ocupa toda uma página, traz fotos de alta qualidade das características diferenciais das espécies e uma breve descrição diagnóstica (dicas de campo).

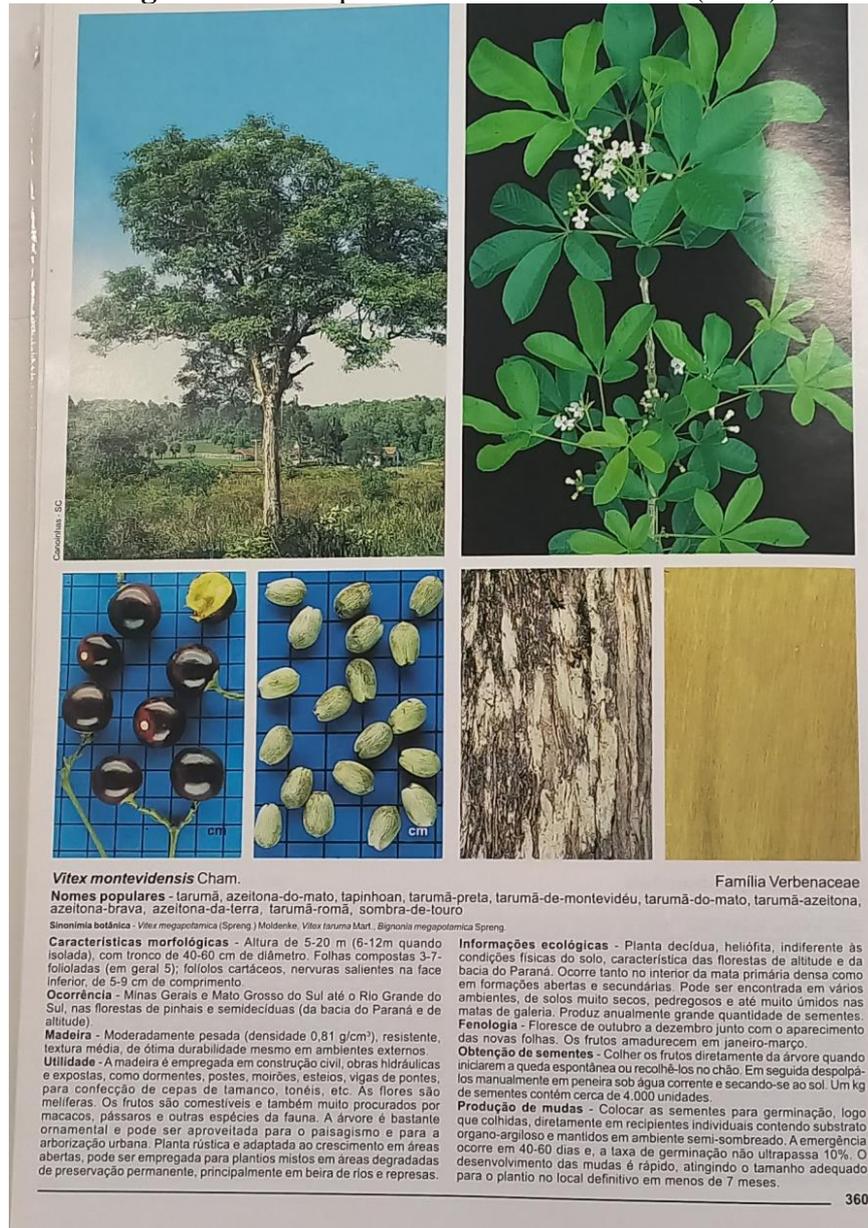
Figura 22- Exemplo de verbete de Ramos et al. (2008)



Fonte: Ramos et al. (2008).

Um sucesso editorial foi a coleção *Árvores Brasileiras* de Harri Lorenzi (1992, 2002, 2009), organizada em ordem alfabética de famílias botânicas e em cada família em ordem alfabética de nomes de gênero. Tem como verbete (Figura 23) que ocupa uma página com o nome da espécie com o autor, nome da família, lista de nomes populares (nomes vernáculos), características morfológicas, ocorrência (distribuição geográfica), características da madeira, utilidade, informações ecológicas, fenologia, obtenção de sementes e produção de mudas. Acompanha a ilustração com fotografias de alta qualidade

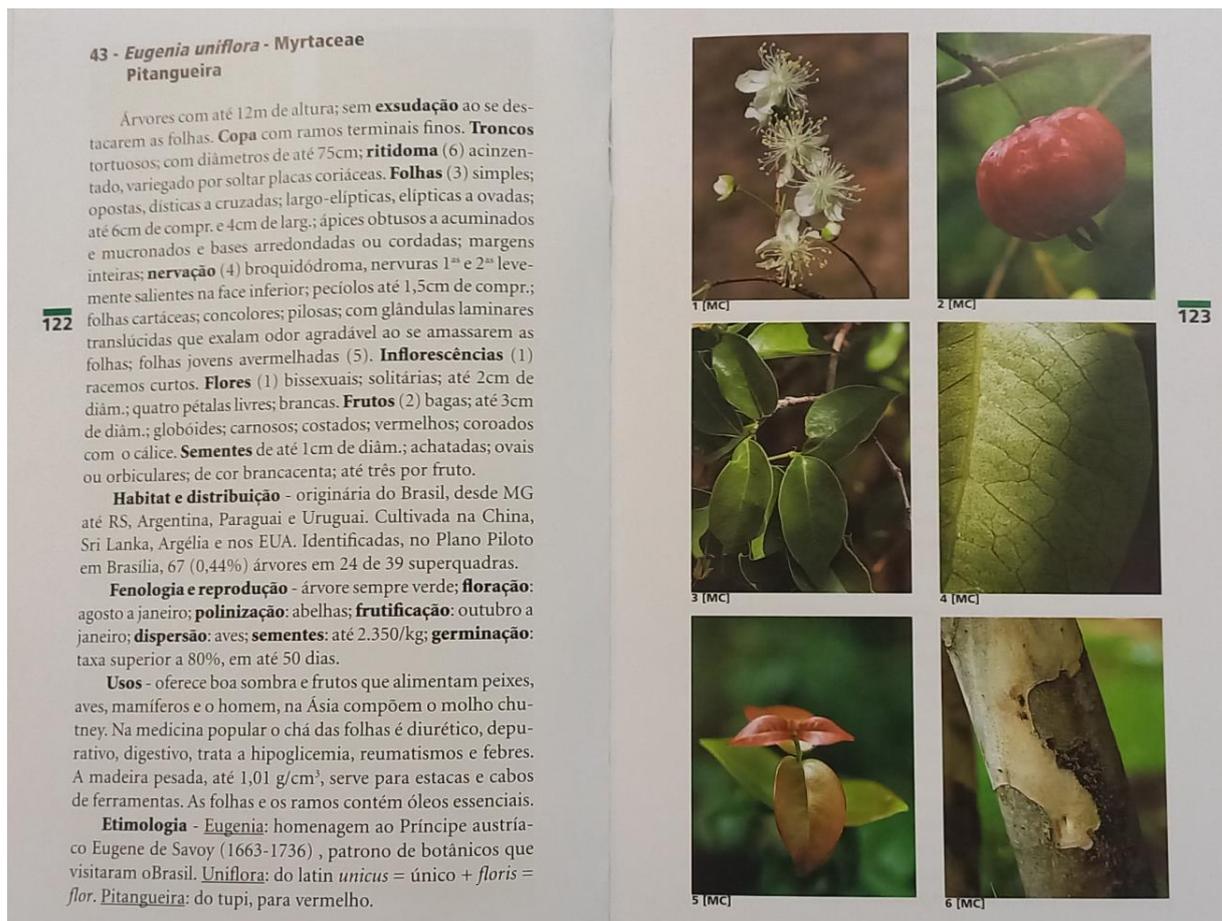
Figura 23- Exemplo do Verbete em Lorenzi (2009)



Fonte: Lorenzi (2009).

Muito popular foi o livro de Silva Júnior e Pereira (2009), que teve várias edições similares (e.g. 2010, 2012) para auxiliar na identificação espécies arbóreas típicas do cerrado nas suas várias formações (matas de galeria, cerrado sentido estrito) e também de espécies utilizadas na arborização da capital federal brasileira. O livro é organizado em ordem de família, e dentro de cada família em ordem alfabética de binômio científico. O verbete (Figura 24) é formado pelo binômio científico (sem nome do autor), família em latim, nomes vernáculos, descrição da espécie, dados de habitat e distribuição, fenologia e reprodução, usos e etimologia do binômio científico e, na página contígua, fotos de alta qualidade das características principais das espécies.

Figura 24- Exemplo de verbete em Silva Jr, Costa e Lima (2010)



Fonte: Silva Jr, Costa, Lima (2010).

Com esse breve levantamento, longe de ser exaustivo, pode-se observar uma tradição editorial na elaboração de obras que permitam leigos, amadores e profissionais a identificar uma planta que tenham em mãos. O nome vernáculo é muito usado para esse fim, sendo utilizado com um dos meios para levar o interessado ao nome científico da planta.

A finalidade de cada obra varia. A maioria tem a finalidade de estudos florísticos, sendo importantes aquelas dedicadas à aplicação econômica das espécies. As obras terminológicas tem um teor claramente didático.

Apesar de serem obras específicas da área de botânica, apenas a abordagem sistemática (e.g. Lima, França, 2009) trazem o material examinado. A presença do material examinado permite que o nome da espécie seja atualizado, pois a ciência se desenvolve e as concepções da ciência se modificam, alterando sistemas de classificação e muitas vezes os nomes das espécies. Todas as demais obras analisadas não têm essa preocupação, o que as torna rapidamente obsoletas para a correta identificação das espécies.

O desenvolvimento das tecnologias associadas à edição das obras permite separar aquelas que não possuem fotos coloridas, daquelas que possuem. As obras anteriores a 1980 não apresentavam fotos coloridas, enquanto que, via de regra, as obras publicadas depois de 2000 passaram a ter fotos coloridas. A exceção é Lima & França (2009), pois em tais trabalhos sistemáticos há uma preferência na ilustração utilizando-se desenhos técnicos; em tais obras, muitas vezes, aparecem fotos coloridas de algumas espécies, mas com intenção apenas ilustrativa, sem pretensões diagnósticas.

Interessante notar a paulatina preponderância da ilustração nessas obras. Até 1997 raramente as ilustrações superavam a área dedicada ao texto, quando isso acontecia, era em obras que tratavam da terminologia morfológica botânica; a exceção a este padrão veio na obra de Lorenzi (2000[1982]), que exemplifica bem a revolução editorial fomentada por este autor. De 1999 em diante, a ilustração, principalmente a colorida vai ganhar uma boa parte da área da página, chegando a perto de 100% em algumas obras (Sampaio, 2005; RAMOS et al., 2008); a exceção nesse novo padrão vem da publicação de Lima, França (2009), que é uma obra sistemática que privilegia ilustrações à bico de pena com especial atenção aos caracteres diagnósticos, que às vezes são difíceis de mostrar em fotografias.

Existe pouca preocupação com a acessibilidade ao leigo. As obras organizadas em ordem alfabética de nomes vernáculos são as mais acessíveis, apesar de grande variação que esses nomes têm. Aquelas em ordem alfabética de nomes científicos (seja de famílias botânicas, binômios ou epíteto específico) exige o conhecimento prévio desses grupos (famílias e gêneros), bem como da terminologia morfológica dos vegetais, o que dificulta muito para o Leigo. Daí a importância dos vocabulários terminológicos (e.g. Vidal, Vidal, 1979), cujo teor didático permite que um leigo não só se inicie ao estudo científico das plantas, mas também o ajuda a "traduzir" as descrições especializadas.

3.4 MATERIAIS TERMINOGRÁFICOS BOTÂNICOS EM SÍTIOS ELETRÔNICOS

Apesar das vantagens de um material lexicográfico impresso como a visualização de muitas palavras no mesmo campo de visão, o que pode levar o leitor a *insights* e novas descobertas que não estavam nas prioridades iniciais ou mesmo o exercício mental de procurar as entradas na ordem alfabética (Kiffer, 2015), o aspecto prático do material *online* parece conquistar cada vez mais usuários.

Com o desenvolvimento da tecnologia da informação e a vulgarização da internet, tornou-se frequente a disponibilização desse tipo de produto lexicográfico *on-line*. Esses produtos devem ser compreendidos como materiais de referência armazenados em formato eletrônico que fornecem informações (ortografia, significado etc.) que são disponibilizados na internet (*on-line*), cujo acesso é realizado através das interfaces da rede mundial (*world wide web*) (cf. Selistre, 2010).

Além da construção do material lexicográfico, muitos pesquisadores estão preocupados com a capacidade dos usuários de utilizá-los, nesse sentido existem poucos estudos a respeito. Muitas habilidades relacionadas ao uso de dicionários em papel e mesmo dicionários eletrônicos off-line estão se tornando rapidamente obsoletas, como, por exemplo, o modelo baseado em palavras isoladas deve evoluir para um maior foco em unidades lexicais com mais palavras e blocos de textos (Lew, 2013), acrescenta-se o uso de imagens corretas, principalmente em material lexicográfico botânico.

O declínio das vendas de material lexicográfico impresso levou a uma demanda por dados empíricos confiáveis sobre como tais materiais disponibilizados on-line estão sendo realmente usados e como eles podem se tornar mais acessíveis (Müller-Spitzer et al., 2011).

Muitas informações botânicas têm migrado para o formato on-line. Um exemplo disso é a atualização dos nomes científicos de plantas, que está sendo disponibilizado no sítio World Flora Online (<https://www.worldfloraonline.org/>).

Figura 25- Página inicial do sítio “The World Flora on Line”.



Fonte: WFO, 2024.

A padronização dos nomes científicos é crucial para o desenvolvimento de estudos sobre a biodiversidade e biogeográficos, de forma que os botânicos frequentemente precisam conferir a correta autoria dos nomes, a sua aceitabilidade na comunidade científica, sua grafia etc. Este sítio combina as inúmeras listas de plantas em uma única lista estática, como parte do esforço contínuo para que todos os nomes científicos de plantas estejam disponíveis online (Kindt, 2020).

O esforço científico nacional de reunir a informação botânica em um sítio eletrônico produziu o Flora e Funga Brasil (<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/>), que até o momento reconhece 52343 espécies de plantas e fungos (Bfg, 2022). Tal sítio, que é um importante instrumento do conhecimento botânico do Brasil, pode ser melhorado com a introdução ou disponibilização de um glossário ilustrado de termos botânicos utilizados, bem como uma pesquisa fitonímica mais ampla associando os nomes científicos aos nomes comuns utilizados nas diversas regiões do país.

Figura 26- Página inicial do REFLORA, que permite o acesso ao sítio “Flora e Funga do Brasil”

The image shows the homepage of the REFLORA program. At the top, there is a green banner with the REFLORA logo on the left and the text 'REFLORA - PLANTAS DO BRASIL: RESGATE HISTÓRICO E HERBÁRIO VIRTUAL PARA O CONHECIMENTO E CONSERVAÇÃO DA FLORA BRASILEIRA' in the center. To the right of the banner, there are links for 'PT' and 'Login'. Below the banner, the main content area is framed by a light green border. It features the REFLORA logo at the top center. Underneath, the text reads 'Programa REFLORA' followed by a paragraph describing the program's history and goals. Below this, there are two green buttons: 'Herbário Virtual REFLORA' and 'Flora e Funga do Brasil'. At the bottom of the main content area, there is a 'Contato' section with the email address 'reflora@jbrj.gov.br'.

Fonte: Flora e Funga do Brasil, 2024.

Um sítio eletrônico muito importante atualmente na pesquisa botânica é o Splink (cf. <https://specieslink.net/>) que promove o acesso livre e aberto aos dados dos espécimes depositados em vários herbários de instituições brasileiras (inclusive o herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana) e internacionais. A partir de um nome científico (família, gênero e/ou espécie), o usuário pode acessar as informações contidas

as exsicatas depositadas nas instituições, sendo que algumas delas têm a fotografia do material herborizado, mapa de distribuição etc. Como a identificação das exsicatas não é necessariamente feita por especialistas (responsabilidade do herbário que enviou a informação) e como o sítio não contém um glossário, o acesso a ele é restrito aos estudiosos da área. Mesmo assim, é uma fonte importante de nomes comuns associados à nomes científicos.

Figura 27- Página inicial do sítio “Species Link”

cria Entrar · Português

species link
desde 2002

FCM00291 - Melipona seminigra

A rede speciesLink promove o acesso livre e aberto a dados, informações e ferramentas para qualquer indivíduo ou grupo, uma vez que os provedores de dados expressaram seu compromisso em compartilhar somente dados não confidenciais. O objetivo da rede é fomentar a pesquisa, a educação e a formulação de políticas para promover a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. Os provedores de dados não garantem a precisão dos dados servidos através da rede speciesLink e seus serviços. Portanto o uso dos dados acessados por meio do portal e serviços web é de responsabilidade do usuário. As restrições indicadas por cada provedor de dados devem ser observadas e respeitadas, e a fonte dos dados deve ser citada de acordo com o texto de citação da rede speciesLink.

busca
mapa da rede
provedores de dados
dashboard
uso da rede
serviço web
como participar
blog

sistema antigo
projeto original
indicadores
data cleaning
ferramentas

A.B.E.L.H.A. JRS MCTI RNP Finep CNPq FAPESP GBIF

Fonte: Splink, 2024.

O sítio Lexicool (cf.: <https://www.lexicool.com/>), lançado na internet em 2000 é um produto feito especialmente para linguistas, tradutores e intérpretes, sediado na França e coordenado por Sebastian Abbo, permite o acesso a material lexicográfico presente na internet sobre diversas áreas. Uma destas áreas é a botânica, onde é possível encontrar algumas iniciativas interessantes; como o glossário elaborado pelo Missouri Botanical Garden (MOBOT) ou o sítio “Botânica Sistemática” de Rignanese.

Figura 28- Página inicial do sítio “Lexicool”.

Lexicool offers a directory of "all" the online bilingual and multilingual dictionaries and glossaries freely available on the Internet. It is a resource intended for translators, linguists, language students and all those interested in foreign languages.

Translate online
Our online translation page is useful for getting a rough idea of a sentence or paragraph written in a foreign language.

Fonte: Lexicool, 2024

Algumas instituições botânicas tradicionais investiram em dicionários on-line de termos morfológicos como o glossário disponibilizado pelo sítio “Tropicos” do Missouri Botanical Garden (cf. <http://legacy.tropicos.org/GlossarySearch.aspx>), restrito à terminologia utilizada no projeto de levantamento florístico da América Central e Briófitas. Neste sítio, o usuário tem acesso a mais de 2500 termos morfológicos (não inclui nomes comuns nem científicos) através de um hiperlink em cada termo elencado, o que leva ao conceito do termo em espanhol e em inglês (sem ilustração).

Figura 29- Página inicial do sítio “Tropicos”

Term	Definition
ligneous	
#NAME?	
1-flowered	
2-pinnate	
2-angled	
2-auriculate	
2-dentate	
2-fid	
2-labiate	
2-ovulate	
2-pinnatisect	
2-seriate	
2-serrate	
2-stelar	
2-sulcatebisulcate	
2-valvate	
3-pointed	

Fonte: MOBOT, 2024

O sítio “Botanica Sistemática” do italiano Luigi Rignanese (cf. https://www.homolaicus.com/scienza/erbario/utility/botanica_sistematica/index.htm), em uso desde 2006, a partir de um índice alfabético organizado em conjunto de três letras em hiperlink (e.g. A: aar, aba etc) que leva o usuário a um fitônimo (científico ou comum) ligando-o a um nome científico. Então clicando em aar, o sistema direciona para o nome “Aaron’s rod” que é o vernáculo de *Thermopsis villosa* (Walter) Fernald & B.G. Schub., uma Fabaceae (a família do feijão). Algumas espécies tem um ícone (máquina fotográfica) que conduz para uma pesquisa de imagens do nome científico no Google. Um outro ícone (uma página de texto) conduz a uma pesquisa de documentos sobre a espécie.

Figura 30- Página inicial do sítio “Botanica Sistemática”.



Fonte: Rignanese, 2024.

O aplicativo para celulares *Botany Dictionary* da Mantu Boro permite ao usuário acesso ao termo e ao seu conceito, mas sem ilustração e apenas em inglês (cf. https://play.google.com/store/apps/details?id=com.botanyy.dictionary&hl=en_US).

O sítio estadunidense “Go Botany” (cf. <https://gobotany.nativeplanttrust.org/>) tem uma abordagem mais didática, pretendendo estimular os jovens para o estudo da botânica. É um projeto da Fundação Nacional de Ciências dos Estados Unidos e está baseado no manual impresso publicado por Arthur Haines (*Flora Novae Anglia*) publicado em 2011, portanto relativo à flora da Nova Inglaterra, região nordeste dos Estados Unidos

abrangendo os estados de Maine, Vermont, Nova Hampshire, Massachusetts, Conecticut e Rhode Island. O sítio apresenta a possibilidade de identificação das espécies através de chaves de identificação, conduzindo a possíveis espécies que são apresentadas em fotos. Cada foto tem o nome da família e o nome científico, sem indicar o nome comum.

É muito comum encontrar disponibilizado na internet material lexicográfico botânico em português. Tais materiais geralmente reproduzem o produto anteriormente publicado em papel, com pouca ou nenhuma interação ou acesso às ilustrações. O glossário de Fernandes (1972) e disponibilizado no sítio da Universidade de Coimbra (também presente no Lexicool). Este material está organizado em ordem alfabética de termos morfo-anatômicos botânicos, sem associá-los a ilustrações. O glossário presente na obra de Andreatta e Travassos (1994) foi disponibilizado na íntegra pelo sítio do Herbário da Universidade Federal Sul-Matogrossense.

O herbário prof. Jorge Pedro Carauta, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem uma página no sítio da Universidade (cf.: <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/herbario-prof-jorge-pedro-pereira-carauta-huni>). Uma de suas páginas trata do projeto de extensão “Canto das Flores ONLINE”. Esta página trata de uma coleção didática de exsicatas de plantas cultivadas nesse “Canto das Flores”, que contém acesso a um glossário e às espécies. Cada espécie apresenta uma foto com o nome científico que está ligada a uma outra página que contém fotos de um espécime com flor e também montado numa exsicata, no cabeçalho desta página encontra-se o nome científico, a família e os nomes comuns.

Figura 31- Página inicial do Herbário Prof. J.P.P. Carauta

The screenshot shows the website interface for the Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta - HUNI. At the top, there is a header with the university logo and name, and a search bar. Below the header, a navigation menu is visible on the left side, listing various sections like 'Página Inicial', 'Histórico', 'Patrono', 'Dia Nacional da Botânica', 'Chaves para Vegetais Criptogâmicos', 'Acervo', 'Serviços', 'Equipe', 'Colaboradores', 'Parcerias', 'Projetos de Extensão', and 'Canto das Flores ONLINE'. The main content area features a title 'Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta - HUNI' and a paragraph describing the institution. A central image shows pink flowers of *Epidendrum denticulatum*. To the right of the image, there is a list of services and projects, including 'recuperar, abrigar e preservar exemplares representativos da flora brasileira', 'desenvolver, em conjunto com os Laboratórios da UNIRIO e através de parcerias, projetos que colaborem com o conhecimento e a preservação da Biodiversidade Vegetal Brasileira', and 'estabelecer estratégias de manutenção, expansão, informatização e digitalização do seu acervo'.

Fonte: Canto das Flores On Line, 2024

4 CORPUS E ASPECTOS METODOLÓGICOS

4.1 DADOS BIOGRÁFICOS DE JORGE AMADO

As informações sobre a vida do escritor baiano seguem o exposto em diversas publicações (Bosi, 2006 [1970]; Schwarcz, Goldstein, 2009; Taveira, Medeiros, 2015; Abl, 2017; Aguiar, 2018; Souza, 2019; Fundação Casa de Jorge Amado, 2020; Vilarinho, 2020).

Jorge Leal Amado de Faria nasceu em Itabuna (Bahia), numa fazenda de Cacau (Fazenda Auricídia, citada em *Terras do Sem Fim*) em 1912. Era filho de Eulália Leal e João Amado Faria. Logo depois do nascimento do futuro escritor, seu pai foi vítima de um atentado, mas sobreviveu. Contudo a família ficaria arruinada com uma enchente do rio Cachoeira, passando a se sustentar através da venda de artesanato. Com apenas 1 ano, Jorge Amado foi para Ilhéus onde aprendeu as primeiras letras. Mudou-se para Salvador com 9 anos, tendo estudado no Colégio Antônio Vieira, no qual despertou para a literatura. Não suportando o ambiente do internato foge para o Sergipe para casa dos avós em 1925.

De volta a Salvador (1927), trabalha como redator em diversos jornais e em 1928 participa da fundação da "Academia dos Rebeldes" que contava com a participação de, entre outros, Sosígenes Costa. Em 1930 muda-se para o Rio de Janeiro onde conclui seus estudos em direito; neste ano estreou na literatura com a publicação da novela *Lenita*, escrita em colaboração com Dias da Costa e Édison Carneiro.

Em 1931, com apenas 19 anos lança seu primeiro romance intitulado *O País do Carnaval*, que foi muito bem recebido. Nesse período, influenciado por outros escritores como Raquel de Queiroz, ingressa no Partido Comunista (1932), o que o leva a produzir uma literatura de cunho mais social. Em 1933, casou-se com Matilde Garcia Rosa, sendo que neste mesmo ano publica *Cacau* e no ano seguinte *Suor*. A filha do casal Eulália, nasceu em 1935, mesmo ano que *Jubiabá* foi publicado. Jorge Amado foi preso pela primeira vez em 1936, quando foi publicado *Mar Morto*, acusado de participar da Intentona Comunista.

A grande popularidade dos seus escritos permitia ele vivesse exclusivamente de sua literatura, tendo visto, já na década de 30, alguns dos seus romances traduzidos para outras línguas. Ele seria preso novamente em 1937, no ano em que sairia publicação de *Capitães da Areia*, logo depois da ascensão ao poder de Getúlio Vargas, devido à

supressão da liberdade política e por sua associação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Por essa época vários exemplares de seus livros foram queimados em praça pública. Libertado em 1938, mudou-se para São Paulo, onde morou com Ruben Braga. Depois desse período paulista, ele retornou ao Rio de Janeiro para dali exilar-se no Uruguai e na Argentina (1941-42), período em que escreveu e publicou a biografia de Luís Carlos Prestes (1942) posteriormente intitulada *O cavaleiro da esperança*. Ao retornar, foi novamente detido, agora em prisão domiciliar em Salvador. Em 1943, depois de longo período de proibição de suas obras, publicou *Terras do sem-fim* e no ano seguinte lança *São Jorge dos Ilhéus*, período em que se separou de Matilde Garcia Rosa.

Em 1945-46 foi eleito deputado pelo Estado de São Paulo com participação na Assembleia Constituinte (1946) e da primeira Câmara Federal após o Estado Novo. Por essa época (1945) publicou o guia *Bahia de Todos os Santos* e casou-se em segundas núpcias com Zélia Gattai, com quem teve João Jorge, primeiro filho do casal. Exilando-se na época do fechamento do PCB (1948), viajou pela Europa e Ásia, fixando-se em Paris e relacionando-se com relevantes figuras literárias. Suas atividades política renderam sua expulsão da França (1950), no mesmo ano que faleceu sua filha mais velha (Eulália). Morou em Praga, na antiga Tchecoslováquia, onde nasceu sua filha Paloma (1951). No ano seguinte ao nascimento desta filha, a família Amado volta para o Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro. No mesmo ano que foi eleito para a presidência da União Brasileira de Escritores, ele publica *Os subterrâneos da liberdade* (1954). Em 1956, diante das denúncias de Nikita Khrushchiov contra Stalin, ele deixa o Partido Comunista².

A partir dessa época passou a dedicar-se exclusivamente à literatura, quando o humor, a sensualidade, a miscigenação e o sincretismo religioso passam ao primeiro plano de sua obra literária. A venda dos direitos de filmagem do livro *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1958, para a Metro-Goldwyn-Meyer, filme que só seria lançado em 1983, permitiu que Jorge Amado se instalasse numa casa confortável no Rio Vermelho (Salvador), que se transformou num centro cultural. Em 1961, Jorge Amado foi eleito para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, mesmo ano em que publicou *Os velhos marinheiros*, que contém a novela *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* e o romance *Capitão-de-longo-curso*.

²A biografia do autor apresentada no sítio da Fundação Casa Jorge Amado afirma que ele nunca se desfilhou do partido. Para Damaros (2020, p. 170) "seu desligamento do Partido Comunista é um capítulo à parte e merecedor de uma tese inteira a respeito, já que o escritor baiano dizia ter se afastado, mas a instituição afirma que ele nunca se desligou formalmente"

No ano em que a ditadura militar se instalou no Brasil (1964), Jorge Amado publicou *Os pastores da noite*. Em plena época das revoltas estudantis e do Tropicalismo, o escritor publica *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) e *Tenda dos Milagres* (1969). Em 1972, ele publicou *Tereza Batista cansada de guerra*. Na época em que a ditadura militar começa o longo processo de abertura política, Jorge Amado publica *Tieta do Agreste* (1977) e *Farda, fardão e camisola de dormir* (1979). O livro infantil *O gato malhado e a andorinha Sinhá* também foram publicados por essa época (1976), mas começou a ser escrito em 1948, como um presente ao seu filho.

A partir de 1983, passa a viver metade do ano em Salvador e a outra em Paris, tendo sua obra larga aceitação na Europa, alcançando elevadas tiragens em países socialistas. Em 1984, ele publicou *Tocaia Grande*. Em 1987 foi inaugurada a *Fundação Casa de Jorge Amado*, que reúne acervo literário de vários autores; no ano seguinte sai publicado *O sumiço da santa*. Em 1992 são publicados dois livros: *Navegação de cabotagem* e *A descoberta da América pelos turcos*. O prêmio Camões, grande honraria da literatura em língua Portuguesa, chegou em 1995.

Depois de um edema pulmonar em 1996, sua saúde deteriorou até vir a falecer em 2001, um pouco antes de completar 89 anos. Sua produção foi intensa, com 33 livros publicados em vida e um póstumo: *Hora da Guerra* de 2008.

4.2 CORPUS

O trabalho aqui proposto foi desenvolvido com base em um *corpus*, que é a obra de Jorge Amado. A abordagem lexicológica baseada em *corpus* (Linguística de Corpus) permite ao estudo uma melhor ligação com a realidade linguística, guiando na investigação de hipóteses e, desta forma delimitando de forma clara (descobrimo ou comprovando) os fatos linguísticos. A pesquisa da linguística de *corpus* é fundamentada no empirismo, reduzindo de forma significativa ou mesmo excluindo a especulação, constatando as repetições, delimitando padrões de comportamento linguístico e variações frequentes. Desta forma é possível verificar se esses padrões são significativamente diferentes de uma variação aleatória. O *corpus* nada mais é que uma coleção de textos, dependendo da escolha desses textos, ele permite caracterizar uma o estado e as variedades de uma linguagem (Fromm et al. 2020).

O desenvolvimento da linguística de *corpus* causou mudanças na percepção dos fundamentos da terminologia como área de conhecimento, muito relacionado às novas

tecnologias que permitiram diferentes abordagens aos textos produzidos pelos especialistas, permitindo extrair informações mais variadas sobre o discurso especializado (Cabré, 2005). Um *corpus* literário não é um "discurso especializado", mas dentro dele existem fragmentos de discurso especializado, como, por exemplo, quando se detalha aspectos da lavoura cacauzeira ou se descreve uma receita culinária (aspectos presentes na obra amadiana). Ao inserir esses textos especializados no texto literário os termos imediatamente se conectam, "poliedros" que são, com os outros discursos não especializados presentes, até mesmo com a poesia.

As obras de Jorge Amado foram selecionadas com base na classificação proposta por Bosi (2006[1970]), que sugere uma divisão em cinco momentos. De cada momento foi selecionada uma obra: momento 1- fase inicial em que os romances retratam a vida baiana, rural e urbana, gerando uma fórmula de romance proletário, obra selecionada: *Suor* (publicado em 1934), tendo sido consultada a edição da Companhia das Letras de 2011; momento 2- fase caracterizada por depoimentos lírico-sentimentais onde os enredos tratam de rixas e amores de marinheiros, obra selecionada: *Capitães da areia* (1937), neste caso foi consultada a edição original; momento 3- escritos de pregação partidária, obra selecionada: *Cavaleiro da esperança* (1942), sendo que foi consultada a edição da Record de 1987; momento 4- grandes retratos da região do cacau, as lutas entre Coronéis e exportadores, obra selecionada: *Terras do sem fim* (1942), tendo sido consultada a edição de 2008 da Companhia das Letras; momento 5- Crônicas amaneiradas de costumes provincianos, quando se abandona a ideologia e dissolvendo-se no pitoresco regional obras selecionadas: *Gabriela, cravo e canela* (1958), sendo que a edição consultada foi aquela disponível no sítio da Lê Livros de 2012 e *Dona flor e seus dois maridos* (1966), cuja edição de 2002 da editora Coleção Mil Folhas foi consultada.

Cada obra de Jorge Amado estudada recebeu as seguintes siglas: S- *Suor*; CA- *Capitães da Areia*; CE- *Cavaleiro da Esperança*; TSF- *Terras do Sem Fim*, GCC- *Gabriela cravo e canela*; DF- *Dona Flor e seus dois maridos*.

4.2.1 Momento 1: *Suor* (1934)

A personagem principal de *Suor* é a comunidade que se amontoa num cortiço localizado no Pelourinho, em Salvador. Nesse sentido, lembra um pouco o ambiente do famoso romance de Aloísio Azevedo, publicado mais de quarenta anos antes, mas despertando no leitor uma piedade maior (cf. Cerqueira, 2018), principalmente nos

capítulos finais em que a comunidade oprimida pelo proprietário ganancioso e pelo poder público representado pelos mata-mosquitos, age de forma coletiva e conquista o não pagamento da multa que queriam cobrar-lhe, neste momento e, bem como no envolvimento da comunidade na greve da companhia dos bondes, quando ela agiu em conjunto como se fosse “uma máquina”. Esse paralelo mecanicista é justamente a diferença com o a obra do naturalista, que comparava a comunidade a um animal.

É um romance precoce de Jorge Amado, publicado quando o autor tinha apenas 22 anos de idade e traduzido no ano seguinte para o russo. A temática social, de um proletariado açoitado pela pobreza, pela falta de instrução, pela exploração de um capitalismo completamente focado no lucro, sem preocupar-se com as pessoas, com as “peças da máquina” social em vias de explodir. Enquadrando-se bem no que Bosi (2006[1970]) denominou “romance proletário”.

O romance é uma sequência de apresentações de personagens, dos seus dramas pessoais e histórias sofridas. Pessoas sem nome (Vermelho, o dos dentes de fora, a moça de azul), prostitutas em final de carreira, pessoas abandonadas pelo poder público sem assistência, como o mendigo Cabaça, a surda-muda louca, o aleijado que perdeu os dois braços no trabalho e foi deixado à míngua ganhando a vida com uma cobra no pescoço. Uma diversidade enorme de personalidades, etnias e psicologias. Nesse processo criativo, algumas personagens são marcantes. O primeiro a chamar atenção é Cabaça, o mendigo que vivia no vão da escadaria do sobrado e tinha um rato de estimação, que alimentava com acarajé preparado cuidadosamente sem pimenta, seu fim dramático tomado por uma ferida que se alastrou e levado pela “assistência”, denominação irônica, pois significava a morte certa, pois a população pobre é abandonada à própria sorte, sem esperanças de uma saúde pública, lembrando que o Sistema Único de Saúde, que apesar dos pesares, garante o direito a um sistema público de saúde gratuito e universal, só seria criado em 1988. Cabaça representa a população brasileira miserável esquecida por todos, até pelos ratos que alimenta!

Outra personagem interessante é Linda, afilhada de uma costureira idosa, d. Risoleta, que fica entredada de tanto trabalhar. Enquanto podia garantir uma renda com suas costuras, Risoleta tentou manter a afilhada longe a terrível realidade social que se desenrolava literalmente embaixo dos seus pés. A menina vivia lendo romances e esperava um bom partido para se casar. Com a doença da madrinha, quebrou-se o encantamento, aproximando a menina da realidade, que, orientada pelos vizinhos revolucionários, evoluiu para uma consciência social, naturalmente marxista-leninista,

ateia, mas tranquila, sem exaltações, amiga de seus vizinhos pobres como ela. Essa personagem, que termina o romance como uma panfletária, lembra um pouco a emblemática personagem de Gorki, é confrontada com a misteriosa moça de azul, que quis compartilhar com Linda sua felicidade por conseguir um bom casamento, ao que a revolucionária responde com um sorriso educado e um aperto no pacote de panfletos que carregava.

É um romance que mostra todo o potencial criativo do então jovem escritor, comprometido com uma ideologia de esquerda, que marcaria a fase inicial de sua carreira (*Suor* foi um dos títulos queimados em praça pública). Ele denuncia uma realidade sofrida que faz coerente a participação das personagens na greve dos operários dos bondes, mesmo aqueles que não tinham relação com a profissão revoltada (cf. Cerqueira, 2018)

4.2.2 **Momento 2: *Capitães da areia* (1937)**

Este célebre romance de Jorge Amado traz a narrativa de um bando de menores abandonados que vivem nas ruas de Salvador, onde, num contexto de violência, descaso, preconceito e consumo de drogas, lutam por sobreviver. A violência é o pano de fundo principal, primeiro o fato de a sociedade permitir que essas crianças permaneçam desassistidas e criminalizadas nas ruas, passando pelo cotidiano de submissão da mulher através do estupro e da prostituição, contando com a prática criminosa do engodo, da falsificação, como se fosse a profissão dos meninos. De fato, os meninos passam o dia planejando e executando o roubo, o assalto, o furto como se fossem atividades de um emprego regular. A sociedade não é só a vítima dos rapazes, ela é de fato o verdadeiro algoz, levando os meninos à delinquência abandonando-os à própria sorte, não permitindo que eles tenham o mínimo para poder desenvolver suas habilidades e competências, de forma a contribuir para o desenvolvimento dessa mesma sociedade. Os meninos, neste romance, lembram o lixo que é jogado de forma irresponsável nas ruas de Salvador e depois, horrorizados, os frequentadores das praias se deparam com o lixo descartado depositado na areia branca. Os meninos foram descartados, mas eles retornam exigindo o direito à vida que lhes foi negado. Invadem as casas da alta sociedade, magoam a família soteropolitana no coração da alma, que é a capacidade de ter filhos, de amá-los e a sagrada obrigação de educá-los para que ocupem seus lugares de direito na sociedade. Tudo é negado às crianças, o direito à paternidade, o convívio parental, o amor cristão (A ação do sacerdote apoiando o grupo é na verdade uma exceção dentro da instituição, ele é

criticado pelos seus superiores que parecem ter esquecido o mandamento de Jesus) e o amor carnal, que é levado pela cunha da doença, que nada mais é que a consequência do descaso.

O que mais assusta o leitor é a contemporaneidade deste romance publicado no fim da década de 30 do século XX, que diante da atual realidade das chacinas e da degradação de crianças mergulhadas nas drogas, ele chega até achar ingênuas as ações de Pedro Bala (cf. Cerqueira, 2018).

4.2.3 Momento 3: *Cavaleiro da esperança* (1942)

O Brasil é um país rico em “Heróis” históricos que foram engolidos pela máquina historiográfica das ideologias dominantes, soterrados em entulhos difamatórios, com camadas não menos grossas de ingênuas fantasias elogiosas. Tais personagens precisam ser trazidas para o mais próximo possível da realidade, daí a importância de biografias isentas. Ao mesmo tempo, os textos mais fantasiosos desenvolvidos entorno dessas personagens não podem ser totalmente menosprezados; no caso de autores literários com ampla diversidade de abordagens para a construção de prosas de ficção, essas descrições da vida de tais personagens revelam traços estilísticos do escritor, como também sua submissão a determinados ditames ideológicos e acrescentam cores significativas na obra literária como um todo.

Jorge Amado dedicou-se a escrever biografias elogiosas de algumas figuras históricas, como Castro Alves (1847-1871) e Luís Carlos Prestes (1898-1990), sendo este último a personagem central do *Cavaleiro da Esperança*. Um “A.B.C” ou “Abecê”, de acordo com Ferreira (2004, p. 7) é uma “Composição poética ordinariamente de 25 ou 26 sextilhas, que celebra feitos heroicos (mas também, às vezes, satírica) e na qual os cantadores procuram iniciar cada estrofe por uma letra do alfabeto na sua ordem tradicional”

Em tais obras, o narrador conta a história do herói para uma interlocutora (a “amiga”, a “negra”). No caso da obra sobre Castro Alves, ele segue o esquema dos cantadores populares separando cada capítulo em ordem alfabética, mas em vez de sextilhas, vem uma prosa cheia dos ideais defendidos nas obras amadianas (cf. Amado, 2010 [1941]). No caso de Luís Carlos Prestes, no *Cavaleiro da Esperança*, a obra é dividida em capítulos numerados.

Nesta obra a vida de Prestes é descrita desde a sua infância até sua atuação na política nacional, passando pela famigerada “Coluna”, da qual foi o principal idealizador e estrategista. Aqui o político gaúcho é retratado quase como um messias, aquele que teria a capacidade intelectual e moral para “endireitar” o Brasil, que neste caso, seria colocar os destinos do Brasil nos mesmos trilhos em que rugia a locomotiva da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Inicialmente o franzino militar deseja apenas retirar a elite governante do poder, mas ao atravessar o país em todas as direções combatendo as forças governistas para finalmente internar-se na Bolívia, mostrando e desenvolvendo suas qualidades morais, militares, políticas e administrativas, Prestes adquire um conhecimento das mazelas nacionais que a intelectualidade contemporânea não conseguia enxergar. Deste conhecimento, surge a certeza que a solução dos problemas brasileiros não estava na simples derrubada daquele governo, mas sim na construção de um novo caminho que ele mesmo não sabia como fazer. Ao viajar para a então União Soviética, o “Cavaleiro da Esperança” conclui que o tal caminho é aquele que foi idealizado por Marx e Engels, que naquele momento era assentado na antiga Rússia czarista por Lênin, Trotzki e Stalin. E com a intensão de implantar a revolução comunista no Brasil, unido a Olga Benário, Prestes retorna ao Brasil, mas logo seus esforços são frustrados com sua prisão e tortura, com a deportação da esposa grávida para a Alemanha no período Nazista, onde ela acabou morta. Antes Olga Benário conseguiu passar a filha recém nascida para a sogra, d. Leocádia Prestes, que lutava com todas as forças para libertação do filho.

O livro de Jorge Amado é mais um documento unido ao coro nacional e internacional pela libertação de Prestes. A libertação do revolucionário comunista só ocorreria em 1945, que teve uma vida política intensa até falecer aos 92 anos.

4.2.4 Momento 4: *Terras do sem fim* (1942)

Como se constrói a riqueza no Brasil? Jorge Amado tentou dar uma resposta a esta pergunta fazendo um romance sobre os primórdios da implantação da cultura do cacau nas terras do extremo sul da Bahia. A obliteração da portentosa vegetação da floresta atlântica sul-baiana, que foi apelidada pelos botânicos de "Hiléia" baiana, referindo-se à diversidade ali encontrada similar à da floresta Amazônica, cuja região fitogeográfica e foi denominada "Hiléia" por Martius, foi conseguida, na concepção do autor grapiúna, através do afogamento com o sangue dos homens que ali lutaram para adubar o cacau.

A sanha capitalista pela posse da terra para produzir a semente, que se transforma em ouro, perverte a lei e os legisladores, cala os padres e a igreja, destrói as famílias, corrompe o amor mais puro.

Neste contexto em que a obediência feudal ao grande proprietário, cuja sobrevivência depende do contínuo devorar da natureza transformando-a em riqueza, quando confrontada com a mais básica concepção ética, com os princípios mais fundamentais da consciência cristã, só pede levar o homem descente à loucura ou a sua corrupção.

Terras do Sem Fim é tido como uma das melhores produções de Jorge Amado, pois eleva a epopeia do desenvolvimento da economia cacauera no sul da Bahia à saga da ocupação europeia das terras americanas, onde ternura e violência, espoliação e revolta são emolduradas no mesmo quadro, revelando além de um conhecimento sociológico do autor, também mostra sua grande capacidade como contador de história (cf. Cerqueira, 2018).

4.2.5 Momento 5

4.2.5.1 *Gabriela, cravo e canela* (1958)

A principal temática de *Gabriela, cravo e canela* é a mulher nordestina, que foi libertada das cadeias sociais do matrimônio, do amor monogâmico, pela dureza da vida dos despossuídos que migram pelo país, completamente desassistidos, procurando algo para sobreviver. Os migrantes fugidos das regiões secas do semiárido vão para o oásis verde da mata atlântica baiana sendo substituída pela cultura do cacau.

Na trajetória, Gabriela deixou seu último parente na estrada. A morte a libertou. É uma mulher livre, que deseja permanecer livre. Seu corpo é um instrumento de prazer para ela mesma, não apenas para o seu companheiro. Sua habilidade na cozinha permite que ela não dependa de um homem para sobreviver.

Com tal educação, Gabriela chega ao seio da sociedade cacauera já implantada, com uma tradição machista apoiada na violência da conquista das terras pelo massacre dos adversários. Nesta sociedade, a herança é a forma de manter as riquezas no grupo familiar. Essa herança é garantida pelo brutal poder dos senhores do cacau, que não se diferencia dos cruéis senhores feudais da idade média.

A mulher nessa sociedade não é mais que uma máquina de produzir filhos. Essa obliteração é apoiada pelo poder político e também pelo eclesiástico. A exclusão é a punição daquela que se atreve a adquirir conhecimento, daquela que se atreve a amar outra pessoa que não seja aquela determinada para o seu futuro. Isso na melhor das hipóteses, pois é a morte que espera a mulher que se atreve a buscar o prazer em outras camas que não aquela que dorme com seu senhor.

Gabriela é alheia a tudo isso. Não é necessário ter mais do que aquilo que ela tem, um lugar para dormir, um homem para amar. A infelicidade vem quando ela cede ao seu amor e permite que seja aprisionada pelo matrimônio, que exige uma interpretação de um papel que não concorda com o que ela é de fato. A extrema liberdade Gabriela, uma liberdade que vem do interior do seu ser, que é natural como a sua respiração, não permite que ela se encaixe no casamento tradicional, como o pé não aceita um sapato para enfrentar a natureza do caminho.

Quando o casamento é desfeito, Gabriela retorna ao seu estado natural de liberdade e neste estado ela permite que seu ex-marido à ame, mas agora sobre suas próprias regras. O autor, de forma muito hábil, transforma o "erro" (fazer sexo com outro homem que não é seu marido) e a "punição" (a anulação do casamento) de Gabriela na sua vitória contra uma sociedade que está podre com a corrupção dos princípios morais mais básicos.

Este romance é considerado um divisor de águas no conjunto da obra amadiana, uma vez que nele, a crítica social passa para um segundo plano, colocando em relevo a crônica de costumes. O foco está na emancipação da mulher tendo Gabriela como a mulher livre por natureza e Malvina a mulher que se liberta das cadeias impostas pela sociedade patriarcal, a narrativa termina em um final feliz com a reconciliação de Nacib e Gabriela. Nas palavras de Cerqueira (2018, p. 91) “o tom épico desaparece, a atmosfera de luta se transforma em lirismo e paz, os dramas sangrentos são ocasionais e secundários”.

4.2.5.2 *Dona flor e seus dois maridos* (1966)

Neste romance, Jorge Amado persiste na temática da mulher baiana. Agora ele foca a mulher da sociedade soteropolitana. Flor é uma senhora que respeita as diretrizes católicas e sociais. Ela acredita na monogamia, ela acredita no casamento, na constituição da família. Mas ela não condena a prostituição, ela entende que as mulheres disputam

uma luta desigual na sociedade. A mulher precisa buscar uma independência financeira e a de Flor é, como em Gabriela, a culinária.

Toda essa proibição é desafiada pelo amor que Flor tem pelo seu marido, Vadinho, uma das personagens mais anárquicas da literatura brasileira. Para Cerqueira (2018, p. 104), trata-se de uma personagem carnavalizada, cujo amor eufórico pela esposa permite o seu retorno fantasmagórico. Explorando a mulher que o ama cegamente, Vadinho pratica de um tudo, vive alcoolizado, esbanja o dinheiro da esposa sem a menor vergonha. Ele é alegre, ele é promíscuo, ele é um amante desejado, ele é viciado em jogo. A vida desregrada o leva à morte, uma morte que é sofrida por Flor num longo luto.

O luto de Flor termina quando ela encontra um outro marido, educado, responsável, amoroso. A grande professora especialista na cozinha baiana encontra o marido quase perfeito, mas falta alguma coisa, algo indefinível, que se revela num desejo saudoso pelo falecido. Desejo esse que a faz alucinar de tal forma que o próprio falecido aparece para ela e satisfaz.

Esse desejo pelo falecido e sua presença no casamento de Flor parece uma reação à opressão que ela sofre na sociedade. Primeiro ela era oprimida por ser conivente com os atos do primeiro marido, depois ela é oprimida para se casar com o segundo. Impossível não comparar Flor e Gabriela. As duas são independentes financeiramente, mas a primeira deseja viver na sociedade tradicional, enquanto que a segunda preza sua liberdade, sendo a sociedade tradicional apenas uma concepção útil (é essa sociedade que emprega suas habilidades culinárias), mas ela mesma não precisa seguir os preceitos dessa sociedade, à qual prefere não pertencer.

4.3 CONSTRUÇÃO DO VOCABULÁRIO

O estudo do léxico fitonímico foi realizado com ferramentas da linguística computacional (Barreiros, 2017b), através da construção de um banco de dados utilizando-se FLEx (2021). O vocabulário assim obtido foi organizado em uma planilha eletrônica e transportado para o redator de texto.

A macroestrutura do vocabulário, ou seja, o conjunto de entradas e a organização do corpo do vocabulário (Fonseca; Sabio Pinilla, 2020), é constituída por lexias simples e compostas, bem como por nomes próprios (Selistre, 2010), sendo estes formados por topofitônimos (fitônimos usados para denominação lugares geográficos) e antropofitônimos (fitônimos usados para denominação de pessoas) (cf. Dídimo, 1994).

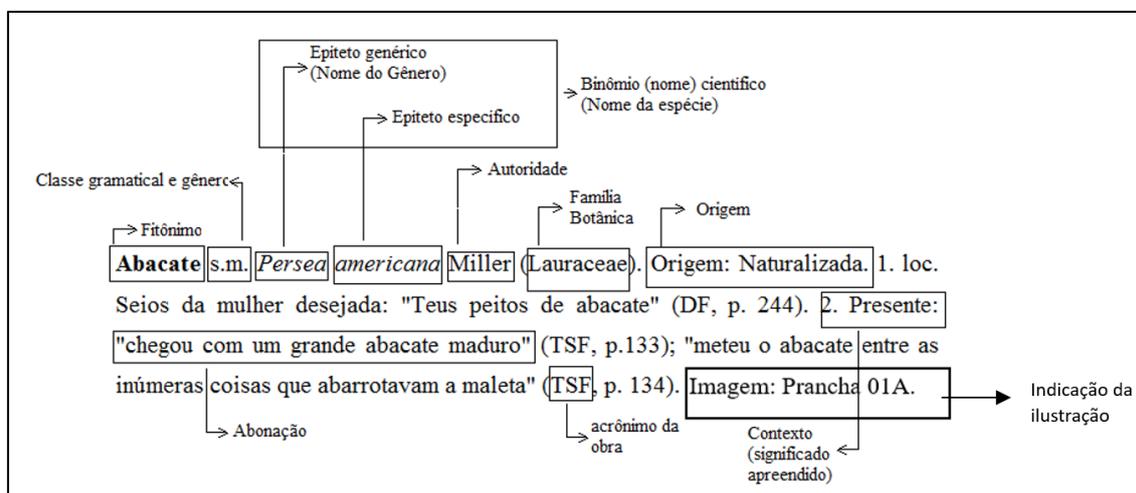
Ou seja, as lexias foram selecionadas com base no critério que sejam utilizados para nomear espécies vegetais ou para outros fins (nomes de lugares e nomes de pessoas), registrando-se o contexto/significado em que elas são utilizadas. As lexias compostas foram consideradas como uma entrada à parte e não dentro do verbete, como aparece em Ferreira (2004),

Baseando-se na literatura específica para a construção de um modelo de verbete (cf. Assunção, 1979; Selistre, 2010; Jesus, 2022), chegou-se ao que se segue:

Nome vernáculo classe gramatical. (s.= substantivo, a.= adjetivo) gênero. (f. feminino, m.= masculino). **Binômio científico** Autoridade (Família). Origem (Nativa, Cultivada ou Naturalizada) Significado 1: *exemplo 1* (obra, p. XX); *exemplo 2* (Obra, p. YY); *exemplo n* (Obra, p. ZZ). Significado 2: *exemplo 1* (obra, p. XX); *exemplo 2* (Obra, p. YY); *exemplo n* (Obra, p. ZZ). Significado 3: *exemplo 1* (obra, p. XX); *exemplo 2* (Obra, p. YY); *exemplo n* (Obra, p. ZZ). Significado n: *exemplo 1* (obra, p. XX); *exemplo 2* (Obra, p. YY); *exemplo n* (Obra, p. ZZ). Comentários: XXXX. Imagem: Prancha Xy.

O quadro 1 apresenta a microestrutura do verbete, com um exemplo básico, indicando os elementos:

Quadro 1 – Microestrutura do verbete. Exemplo básico

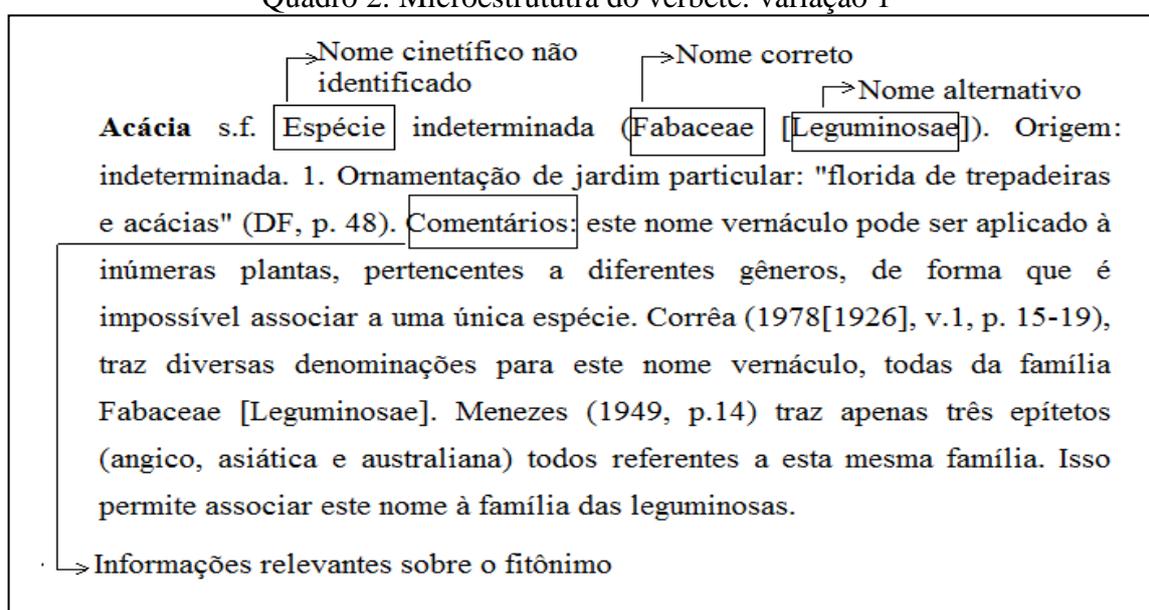


Fonte: o autor

Tal microestrutura pode apresentar algumas variações: 1) a espécie pode estar indeterminada (não foi possível associar um nome científico ao fitônimo), geralmente porque existem muitas possibilidades; o nome da família pode apresentar um nome alternativo, o qual está associado à muitas publicações antigas; muito frequentemente comentários são acrescentados contendo informações relevantes sobre o fitônimo

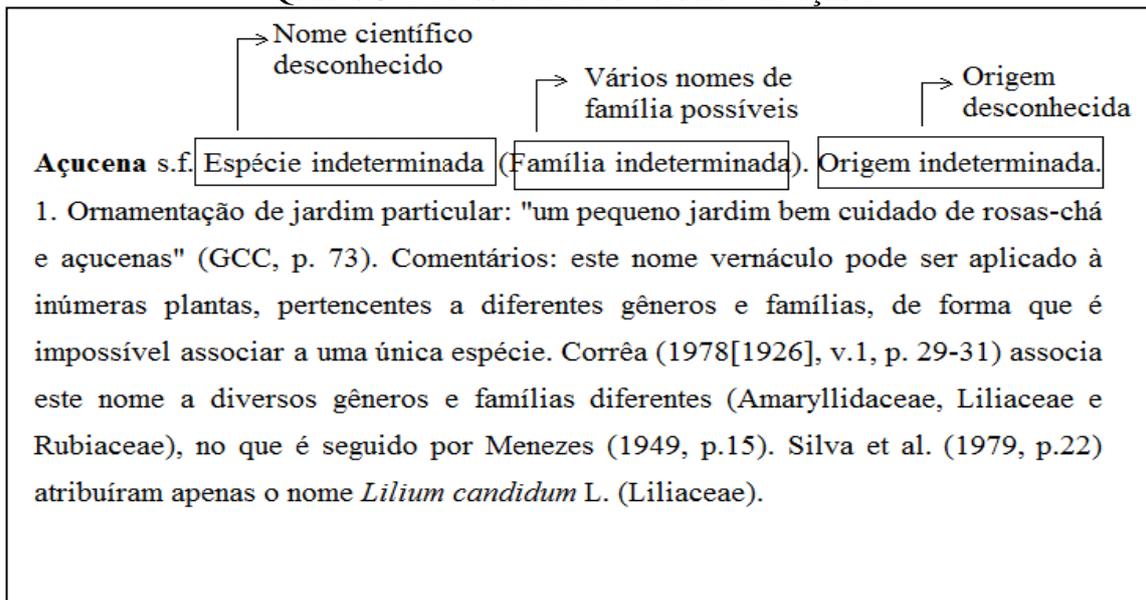
(Quadro 2); 2) além da espécie estar indeterminada a família também pode estar indeterminada, geralmente devido ao fato de que o fitônimo está associado a espécies pertencentes a famílias diferentes (duas ou mais); diante de tanta indeterminação, fica impossível precisar a origem geográfica do fitônimo (Quadro 3); 3) Uma outra possibilidade é o fitônimo ser facilmente associado a um nome genérico, mas a espécie ser ainda indeterminada, pois o fitônimo é aplicado a várias (duas ou mais), neste caso o nome genérico é seguido pelo acrônimo “sp.”, que significa dizer “uma espécie desse gênero” (Quadro 4).

Quadro 2: Microestrutura do verbete: variação 1



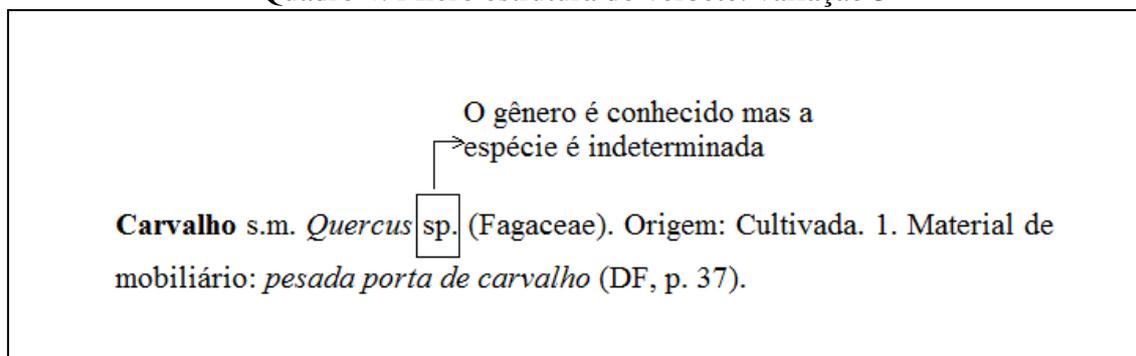
Fonte: o autor.

Quadro 3: Microestrutura do verbete: variação 2



Fonte o autor.

Quadro 4: Micro estrutura do verbete: variação 3



Fonte: o autor.

Os nomes de plantas citados foram identificados a partir dos dicionários (e.g. Corrêa, 1926-1978; Houaiss, Villar, 2001; Ferreira, 2004), bem como foram utilizadas obras específicas da área de Botânica (e.g. Souza, Lorenzi, 2008).

A pesquisa etimológica dos fitônimos citados foi realizada com base em dicionários (Houaiss, Villar, 2001; Ferreira, 2004), bem como em sítios eletrônicos (Dicio, Priberam Dicionário).

Os nomes científicos associados aos nomes vernáculos encontrados estão de acordo com a Flora do Brasil (cf. Flora e Funga do Brasil 2020), que também foi a base para a determinação da origem das espécies identificadas (Nativa= espécie presente

naturalmente no Brasil sem interferência dos colonizadores europeus; Cultivada= espécie exótica ao Brasil e presente em território nacional exclusivamente através do cultivo; Naturalizada: espécie exótica ao Brasil, ocorrendo tanto em cultivo como fora dente). Quando a espécie não é citada neste sítio para o Brasil, verificou-se a ocorrência dela em território nacional através do sítio Splink (2022), sendo que a correta nomenclatura do binômio, neste caso, foi conferida no sítio *The world flora on line* (Wfo, 2022).

Durante a análise dos fitônimos correlacionando-os com as espécies botânicas às quais eles eram empegados, notou-se que algumas espécies diferentes possuíam os mesmos fitônimos. Assim esse fitônimos foram diferenciados colocando-se um número arábico posteriormente à sua citação. Isso aconteceu com o fitônimo “cravo”, que às vezes refere-se à planta ornamental do gênero *Dianthus* (Caryophyllaceae), ao qual foi atribuído o número “1” e noutras refere-se ao gênero *Syzygium* (Myrtaceae) ao qual foi atribuído o número “2”.

Adotou-se o mesmo procedimento quando o fitônimo apresentava um contexto diferente revelando significados interpretativos além da representação da espécie vegetal em si, desta forma duas formas do fitônimo “cacaueiro”, àquela relacionada à denominação da região geográfica (topofitônimo) atribuiu-se o número “1”, enquanto que àquela em que o fitônimo foi associado à planta em si, mesmo como um produto agrícola ou uma mercadoria, atribuiu-se o número “2”. O mesmo ocorreu com o “cafeeiro”, que ora é relacionado ao poder político (ao qual atribuiu-se o número “1” e ora é relacionado à planta (mesmo que representação econômica, como produto agrícola ou mercadoria) ao que se atribuiu o número “2”. Com o fitônimo “Cana” também aconteceu algo semelhante, pois muitas vezes aparece como sinônimo de bebida alcoólica (“1”), além de referir-se à planta em si (“2”).

O quadro 5 traz a lista dos 214 fitônimos encontrados no Corpus, que foram utilizados na construção do vocabulário.

4.4 COMPARAÇÃO ENTRE AS OBRAS DO *CORPUS*

A similaridade entre dois textos pode ser estudada utilizando-se índices ou coeficientes de similaridade, pois um texto nada mais é que um conjunto de palavras.

Muitos índices ou coeficientes são utilizados para a comparação entre conjuntos, sendo o índice ou coeficiente de Jaccard um deles, outro índice muito utilizado é o ‘de

Morisita. Para fazer essa comparação entre as obras que compõe o corpus aqui estudado, com esses índices, utilizou-se o programa PAST 4 (Hammer, 1999-2023).

Segundo Hammer (1999-2023, p. 156), para se calcular Jaccard, considera-se uma matriz de dados, quando duas linhas são comparadas, conta-se o número de colunas em que ocorre presenças em ambas as linhas, de forma que M seja o número de colunas coincidentes e N o número de presenças. Dessa forma define-se o índice de similaridade de Jaccard como sendo:

Figura 32: Fórmula para o cálculo do índice de similaridade de Jaccard

$$d_{jk} = M / (M + N)$$

Fonte: Hammer (1999-2023, p. 156).

O índice de Jaccard trabalha apenas com a presença/ausência do elemento nos conjuntos comparados. Para analisar a influência da abundância, ou seja, do número de vezes que o elemento aparece em cada conjunto pode-se usar o índice de Morisita. Hammer (1999-2023, p. 155) apresenta a formulação matemática para o cálculo desse índice (Figura 33).

Quadro 5: Lista dos fitônimos utilizados para a construção do vocabulário

abacate	Carnaubeira	jiló	patchuli
abacaxi	carvalho	Juazeiro	pau marfim
abóbora	castanha	Junco	pau-brasil
acácia	castanheiro	jurubeba	pereira
açucena	caxixe	Laranja	Pernambuco
aipim	caxixeiro	laranjeira	pimenta
alecrim	cebola	lilás	pimenta do reino
alface	cebolinha	lima	pimenta malagueta
alfazema	cedro	limão	pimentão
alga	chuchu	linho	pimenteira
algodão	cocada	Macambira	Pimentel
algodoal	coco	macieira	Pinheiro
alho	coentro	maconha	Pinho
ameixa	coqueiral	Madressilva	pitanga
amendoim	coqueiro	Magnólia	pitangueira
Amoreira	Coroa-de-frade	malagueta	Pitombeiras
ananás	cravo1	malmequer	Pitombo
angélica	cravo2	mamão	quiabo
Araçá	cravo2	mamoeiro	quixaba
arroz	crisântemo	mandacaru	rosa
bambu	croá	mandioca	rosa-chá
Banana	Culumbi	mandioccal	roseira
banana-da-terra	dália	manga	Rosinha
bananal	dendê	espada	sabugueiro
banana-ouro	eucalipto	mangaba	salsa
Baraúna	Eugênia	Mangabeira	sândalo
barriguda	Euterpe	mangueira	sapoti
batata doce	favela	manjeriço	sapotizeiro
batatas do reino	feijão	maracujá	sargaço
Cabaça	feijão branco	margarida	saudade
Cabaçal	fejjoada	mastroço	seringal
Cabaçu	flor roxa	mate	tabaco
cacatiais	flor-estrela	maxixe	Tabocas
cacau	fruta-pão	melão bravo	Taboquense
cacau1	fumo	milharal	taioaba
cacau2	gengibre	milho	tâmara
café	glicínia	milho branco	tangerina
cafeeiro1	goiaba	Mocugê	Taquara
cafeeiro2	goiabada	morango	Tiririca
cafezal	goiabeira	Mulungu	tomate
cajá	groselha	noz	Trigal
caju	guaraná	noz-moscada	trigo
cana1	heliotrópio	Oliva	umbu
cana2	hera	Oliveira	Umburana
cana-de-açúcar	hortelã	Olivier	umbuzeiro
canavial	hortênsia	onze-horas	Unhas-de-Gato
Canavieiras	inhame	orquídea	Vinhas
canela	jaca	Palmares	violeta
capim	jaca-mole	palmas	Xique-Xique
capinzal	jacarandá	palmatória	
Caraíba	Jalapão	palmeira	
carimã	Jambo	palmeira imperial	
Carnaúba	jaqueira	Palmeirão	
	jasmim	Palmito	
	jasmineiro	Parreira	
	Jatobá		
	jenipapo		

Fonte: o autor

Figura 33- Fórmula para o cálculo do índice de similaridade de Morisita

$$\lambda_1 = \frac{\sum_i x_{ji}(x_{ji} - 1)}{\sum_i x_{ji} \left(\sum_i x_{ji} - 1 \right)}$$

$$\lambda_2 = \frac{\sum_i x_{ki}(x_{ki} - 1)}{\sum_i x_{ki} \left(\sum_i x_{ki} - 1 \right)}$$

$$d_{jk} = \frac{2 \sum_i x_{ji} x_{ki}}{(\lambda_1 + \lambda_2) \sum_i x_{ji} \sum_i x_{ki}}$$

Fonte: Hammer (1999-2023, p. 155).

Onde X_{ji} é o número do elemento específico no conjunto j , X_{ki} é o número do elemento específico no conjunto k , $\sum X_{ji}$ é o total de elementos do conjunto J e $\sum X_{ki}$ é o total de elementos do conjunto k

O resultado de ambos os índices é similar, variando entre 0 e 1, sendo frequentemente expresso porcentagem. Quanto mais próximo de zero menor a similaridade e quanto mais próximo de 1 (ou 100%) maior a similaridade.

Através de uma análise de agrupamento, produz-se um dendrograma de similaridade. Um algoritmo muito utilizado é o UPGMA (*Unweighted pair-group average*), onde o agrupamento é obtido baseado na média da distância entre todos os membros de duas linhas (Hammer, 1999-2018, p. 126). O resultado obtido pode ser apresentado em dois formatos: com restrição estratigráfica ou sem restrição estratigráfica. Quando se opta pela constrição estratigráfica o programa permitirá apenas linhas adjacentes ou grupos de linhas a serem unidos durante o procedimento de agrupamento aglomerativo, o que produz um gráfico diferente mais correto. Com o objetivo de oferecer uma avaliação da consistência dos grupos formados optou-se pelo “Bootstrap” (cf. Ramos, HO, 2003), que é uma avaliação dos agrupamentos propostos avaliando-se a percentagem de vezes que o grupo aparece em um número determinado de repetições retirando-se de cada vez um dos elementos considerados na comparação

Em estudos ecológicos, duas áreas são consideradas com alta similaridade se o índice de Jaccard for maior que 0,25 (Mueller-Dombois & Ellenberg, 1974), porém Felfili et al. (1992) consideram “similaridade alta” apenas para valores acima de 0,5 para ambos os índices.

Apesar do índice de Jaccard ser mais utilizado para estudos ecológicos, ele é também usado na análise forense de textos para se determinar se a produção de diferentes textos foi realizada pelo mesmo autor ou por autores diferentes (cf. Almeida, 2016), para determinar a similaridade entre documentos de uma biblioteca (cf. Penedo, 2005) e também para comparar as plantas citadas em diferentes textos (França, 2019).

4.5 CONSTRUÇÃO DO SÍTIO ELETRÔNICO DO VOCABULÁRIO

O vocabulário fitonímico aqui elaborado teve como foco a sua divulgação em um sítio eletrônico na internet. O sistema eletrônico para o vocabulário foi elaborado definindo o banco de dados e o *layout* do *Front End*, ou seja, da interface pela qual o vocabulário é acessado pelo usuário (cf. Carvalho, 2018).

Para a construção deste sítio eletrônico, participou-se de um curso promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), através do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (neiHD), coordenado pelo prof. Patrício Barreiros e ministrado por Elizabeth Mota Nazareth de Almeida e por João Pedro Costa Ferreira.

Inicialmente, elaborou-se uma prototipagem de como o sítio era imaginado. Como este estudo está dentro de um projeto de pesquisa em atividade na UEFS, o sítio foi estruturado tentando abarcar as atividades realizadas neste projeto, incrustando o vocabulário aqui elaborado nele. Desta forma o protótipo do sítio incluía uma página inicial onde teria um logo do projeto em funcionamento intitulado “Flora em Obras Literárias”

(cf.

https://script.google.com/macros/s/AKfycbwBflAepCUt0s8wUIE7aQqsIgdj5nhgQaN-bxfWfInb-X6oew87pIBpIdJP_kwZSeWA/exec?page=127/2019), para o sítio, imaginou-se utilizar como título o nome “Botânica Literária” em latim (*Litterarum Botanicae*) seguido de um subtítulo (Plantas Citadas em obras literárias).

Abaixo desse cabeçalho viram botões que ligariam esta página inicial aos diversos conteúdos associados (referencial teórico, produtos, vocabulários, banco de imagens, Quem somos, links úteis e pesquisa no sítio (cf. Figuras 45, 46, 47, 48, 49 e 50).

No centro desta página teria o Logo do sítio alternando-se com imagens de plantas ao lado de uma janela com um texto sobre o projeto. O botão “referencial teórico” ligaria a uma página que conteria a lista atualizada das referências utilizadas sobre o pesquisa de plantas em obras literárias; o botão “projeto” ligaria o usuário a uma página que detalharia

a pesquisa realizada sobre o assunto na UEFS, com os principais resultados obtidos até o presente; o botão “Vocabulários” levaria o usuário às diversas listas de fitônimos encontrados em obras literárias incluindo o vocabulário aqui elaborado, somado a uma lista de termos associado à lavoura cacaueteira encontrado na obra amadiana; o botão “banco de imagens” conduziria o usuário a uma página com imagens das plantas citadas com fitônimo citado na obra, o nome científico associado (só imagens com nomes científicos associados, ou seja, identificadas, seriam utilizadas nessa página). O botão “Quem Somos” conduziria às informações sobre os participantes do projeto.

Uma vez elaborado o protótipo, passou-se para a construção do logo que foi delegado ao colega Iago Santiago.

A estrutura do sítio foi elaborada com WIX, que é uma plataforma online de criação e edição de sites em HTML5 e sites Mobile (cf. Zukerman, 2012). Como o Wix não suporta a colocação de um texto muito grande como o vocabulário aqui realizado, foi necessário construir uma página utilizando-se WordPress 6.2.3, que é um sistema de gerenciamento de conteúdo que usa como linguagem PHP e MySQL (cf. Andrei L., 2023 <https://www.hostinger.com.br/tutoriais/o-que-e-wordpress#gref>). A página elaborada no WordPress foi hospedada no provedor Hostinger (cf. https://www.hostinger.com.br/?ppc_campaign=google_search_brand&bidkw=hostinger&lo=1001533&gad_source=1&gclid=CjwKCAiAnL-sBhBnEiwAJRGigiGYQJ5kD70EhiBjC-VhRS_mAIeTU3q0O-OwKhBxy47dF7_dUj-GWBoC4W8QAvD_BwE), utilizando o aplicativo (plugin) Elementor (cf. <https://elementor.com/about/>), que é um construtor de sítios eletrônicos muito utilizado no WordPress.

O grupo de pesquisa neiHD apresenta muitas experiências na editoração eletrônica de textos usando o Wix e o Wordpress. Como exemplo, o trabalho de Almeida (2022) que utilizou esses recursos para construir, divulgar e disponibilizar a edição dos “causos sertanejos” de Eulálio Mota que podem ser visitados na plataforma *Bahia Humorística na escola: plataforma digital dos causos sertanejos de Eulálio Motta*, disponível em <https://www.bahiahumoristicaaescola.com/> ou em [alternativo https://bahiahumoristica.wixsite.com/naescola2](https://bahiahumoristica.wixsite.com/naescola2).

Para se obter o efeito de imagens de plantas passando sucessiva e alternadamente com o nome do sítio, utilizou-se o aplicativo “impressive slideshow” fornecido pelo Wix.

As imagens de plantas utilizadas foram reunidas no *Drive* de um endereço eletrônico criado exclusivamente para este fim. As fotos produzidas foram enviadas para

este endereço, baixadas no computador para a colocação do nome do autor da foto e a data, tendo sido utilizado para isso o aplicativo *paint* do Microsoft Office. Uma vez com o nome do autor da imagem, ela era enviada para o Drive acima citado, onde existe uma pasta (Botânica Literária) com uma série de pastas nomeadas com o fitônimo ilustrado. As fotos ali armazenadas eram, então, disponibilizadas para a visualização por qualquer usuário que portasse o *link*. Depois disso, no sítio elaborado no *Wordpress*, procedia-se a incorporação do link do drive ao nome da estrutura da espécie ilustrada (hábito, flor, fruto etc.), o que criava imediatamente um hiperlink, mudando a cor da palavra ou frase de branco para azul e sublinhado, permitindo que através de um *click* o usuário visualizasse a imagem. O design da página no *Wordpress* foi delegado à colega Tainá Alves.

Estas imagens são todas originais. A maioria delas foram produzidas por Efigênia de Melo e Flávio França. Algumas foram gentilmente cedidas por especialistas como o “Mocugê” fornecida por Alessandro Rapini. Algumas fotos de plantas mais facilmente encontradas no exterior foram enviadas por colegas que estavam viajando naquele momento, como a da “oliveira”, enviada por Daniel Ferreira, estudante da UEFS em intercâmbio em Portugal na época da construção do sítio.

A figura 34 mostra um exemplo do verbete como aparece *on line*. As imagens aparecem quando o usuário “clica” no termo botânico em *hiperlink* da estrutura morfológica (e.g. Hábito, flor, fruto etc) da espécie que está sendo ilustrada.

Figura 34- Exemplo do verbete do Vocabulário conforme é exibido no sítio *on line*

Feijão s.m. *Phaseolus vulgaris* Linnaeus (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Cultivada. Alimento: “da carne de sol assada, do arroz, do feijão, do doce de banana em rodinhas” (GCC, p. 111); “Tendo feijão e carne seca, café e pinga, estão contentes” (GCC, p. 97); “e cozinhar feijão” (GCC, p. 98); “Dindinha, já reparou como esse feijão tem gosto de amarelo?” (S, p. 5); “Começaram a mastigar o feijão duro e os pedaços de carne [...] Com a faca de cabo quebrado puxou um carrapato de dentro do feijão” (S, p. 6); “que catava feijão” (S, p. 17); “descansava a panela de feijão” (S, p. 69); “Um molecote comprava feijão e carne-seca que o preto preparava no fogareiro do quarto” (S, p. 75). Mercadoria: “Oito dias antes tinha vindo Zacarias trazer milho e farinha de mandioca e levar carne-seca, cachaça e feijão do armazém da fazenda” (TSF, p. 43). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2023) e Corrêa (1978[1926], v. 3, p. 71, como “Feijão Comum”).

Imagens: [Hábito](#), [Flor](#), [Fruto fechado](#), [Fruto aberto](#)

Fonte: O autor, design Tainá Alves.

A seguir, apresentamos os verbetes das 214 lexias (fitônimos) registradas.

5 VOCABULÁRIO FITONÍMICO DA OBRA DE JORGE AMADO

Abacate s.m. *Persea americana* Miller (Lauraceae). Origem: Naturalizada. 1. Seios da mulher desejada: "Teus peitos de abacate" (DF, p. 244). 2. Presente: "chegou com um grande abacate maduro" (TSF, p.133); "meteu o abacate entre as inúmeras coisas que abarrotavam a maleta" (TSF, p. 134). Comentário: Concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 01A.

Abacaxi s.m. *Ananas comosus* (Linnaeus) Merrill (Bromeliaceae). Origem: Nativa. 1. Ingrediente de bebida alcoólica: "De jenipapo ou de abacaxi?" (GCC, p.42). 2. objeto de desejo: "doida por abacaxis" (DF, p.131). Comentário: Concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 01B.

Abóbora s.f. *Cucurbita pepo* Linnaeus (Cucurbitaceae). Origem: Cultivada. 1. Mercadoria: "sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranjas." (GCC, p. 48); "contendo frutas, farinha de mandioca inhame, e aipim, carne de sol, chuchu e abóbora" (DF, p.22). 2. Alimento religioso: "para Yansã, não ofereçam abóbora, não lhe dêem alface ou sapoti" (DF, p.203). Imagem: Prancha 01C

Acácia s.f. Espécie indeterminada (Fabaceae [Leguminosae]). Origem indeterminada. 1. Ornamentação de jardim particular: "florida de trepadeiras e acácias" (DF, p. 48). Comentários: este nome vernáculo pode ser aplicado à inúmeras plantas, pertencentes a diferentes gêneros, de forma que é impossível associar a uma única espécie. Corrêa (1978[1926], v.1, p. 15-19), traz diversas denominações para este nome vernáculo, todas da família Fabaceae (Leguminosae). Menezes (1949, p.14) traz apenas três epítetos (angico, asiática e australiana) todos referentes a esta mesma família. Isso permite associar este nome à família das leguminosas, mas não possibilita a identificação da espécie.

Açucena s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. 1. Ornamentação de jardim particular: "um pequeno jardim bem cuidado de rosas-chá e açucenas" (GCC, p. 73). Comentários: este nome vernáculo pode ser aplicado à inúmeras plantas, pertencentes a diferentes gêneros e famílias, de forma que é impossível associar a uma única espécie. Corrêa (1978[1926], v.1, p. 29-31) associa este nome a diversos gêneros e famílias diferentes (Amaryllidaceae, Liliaceae e Rubiaceae), no que é seguido por Menezes (1949, p.15). Silva et al. (1979, p.22) atribuíram apenas o nome *Lilium candidum* L. (Liliaceae).

Aipim s.m. *Manihot esculenta* Crantz (Euphorbiaceae). Origem: Nativa. 1. Alimento: "deixava bolo de milho e de aipim, cuscuz de mandioca também." (GCC, p. 81); "arrancando uma felpa de aipim" (TSF, p. 114). 2. Alimento de jejum: "Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim" (GCC, p. 108). 3. Alimento de sobremesa: "alguns bolos de aipim ou carimã" (DF, p. 4). 4. Alimento de tira-gosto: "os doces de aipim, de milho" (GCC, p. 39). 5. Mercadoria: "contendo frutas, farinha de mandioca inhame, e aipim, carne de sol, chuchu e abóbora" (DF, p. 22). 6. Produto agrícola de subsistência: "Com a mandioca e o milho, a batata doce e o aipim, não conseguiam viver" (GCC, p. 267). Comentário: Concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 01D.

Alecrim s.m. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. 1. Padrão de odor: "o céu a lua amarela e um perfume de alecrim" (DF, p. 55). 2. Alimento (tempero): "carne tenra nos perfumes do coentro e do alecrim" (DF, p. 104). Comentários: este nome vernáculo pode ser aplicado à inúmeras plantas, pertencentes a diferentes gêneros e famílias, de forma que é impossível associar a uma única espécie. Corrêa (1978[1926], v. 1, p. 53-56) relaciona este nome a diferentes gêneros de diferentes famílias (Fabaceae [Leguminosae], Lamiaceae [Labiatae], Clusiaceae [Guttiferae], Orchidaceae, Portulacaceae, Asteraceae [Compositae], Verbenaceae; no que acompanha Menezes (1949, p. 17) e Silva et al. (1979, p. 44-51).

Alface s.m. *Lactuca sativa* Linnaeus (Asteraceae [Compositae]). Origem: Cultivada. 1. Alimento impróprio para Orixá: "para Yansã, não ofereçam abóbora, não lhe dêem alface ou sapoti" (DF, p. 203). Imagem: Prancha 01E.

Alfazema s.f. Espécie indeterminada (Lamiaceae [Labiatae]) Origem indeterminada. 1. Padrão de odor: "um cheiro de alfazema queimada perfumando o ar [...] um defumador queimava alfazema" (GCC, p. 161); "o cheiro de alfazema queimada em defumadores de barro os alcançou" (DF, p. 74); "onde a alfazema punha um cheiro de família e de inocência" (DF, p. 158); "no leito monumental de jacarandá maciço e cheiro de alfazema" (DF, p. 159). 2. Seios da mulher desejada: "seios de alfazema" (GCC, p. 70). Comentário: nome vernáculo sempre associado às Lamiaceae (Labiatae), mas a gêneros diferentes. Corrêa (1978[1926], v. 1, p. 65) relaciona a diversas espécies de *Lavandula* e *Hyptis* (Lamiaceae [Labiatae]). Menezes (1949, p. 18) acrescenta *Vitex agnus-castus* L. (Lamiaceae [Labiatae]). Silva et al. (1979, p. 56) associa este nome à *Lavandula spica* L., da mesma família.

Alga s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Padrão de odor: "ardido cheiro de sargaços, de algas e ostras" (DF, p.157). Comentário: Nome que reúne as plantas talosas, criptogâmicas, comuns nos mares, mas presentes na água doce, com várias espécies pertencentes a diferentes gêneros e famílias (cf. CORRÊA, 1978[1926], v. 1, p. 69).

Algodão s.m. *Gossypium hirsutum* Linnaeus (Malvaceae). Origem: Naturalizada. Topofitônimo: "Passam por Brejo em Brasa, por Junco, Gavião, Algodão e, na madrugada de 25 estão em Tabuleiro Alto" (CE, p. 178). Homem (velhice respeitável): "hebreu de barbas de algodão" (DF, p. 239). Material de vestuário: "Antes elas faziam um pequeno enxoval de algodão e esperavam o casamento como uma libertação" (S, p. 101). Mercadoria: "dois exportadores de fumo e de algodão [...] em geral eram apenas seções de grandes casas exportadoras de tabaco, café, algodão e coco" (TSF, p. 186). Produto agrícola: "Campos que amamos, que conhecemos nas suas plantações de cana, de milho, de cacau, de café e de algodão" (CE, p. 14). Produto farmacêutico: "a pedir ao caixa um pacote de algodão" (DF, p. 143); "Dona Norma riu-se pagando a conta do algodão" (DF, p.144). Comentário: Identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 01F.

Algodão s.m. *Gossypium hirsutum* Linnaeus (Malvaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola (plantação): "entra pelas fazendas, cafezais, algodoads, mandiocais e milharais" (CE, p. 211). Comentário: cf. Algodão.

Alho s.m. *Allium sativum* Linnaeus (Amaryllidaceae). Origem: Cultivada. Alimento (Tempero): "uma xícara de leite de coco, puro, sem água; uma xícara de azeite de dendê

[...] Para o molho: três dentes de alho [...]o gengibre com o coco, o sal com a pimenta, o alho com a castanha" (DF, p. 19); "Ralem duas cebolas, amassem o alho no pilão; cebola e alho não empestam, não, senhoras, são frutos da terra, perfumados" (DF, p.20); "Tomem do sal, do coentro, do alho e da cebola, alguns tomates e o suco de um limão" (DF, p. 135); "sal, limão, alho, cebola, tomate, pimenta, e azeite, azeite doce à vontade" (DF, p.105); Padrão de odor: "seu ativo cheiro de alho" (GCC, p. 27); "desde o inquilino até o cheiro de alho" (S, p. 14). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2023). Imagem: Prancha 01G.

Ameixa s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Alimento: "foi encontrá-lo embaixo das arvores do jardim comendo 'ameixas'" (CA, p. 223). Comentário: Não parece tratar-se da ameixa comum (*Prunus* sp.). Corrêa (1978[1926], p. 88-91), associa diversos nomes científicos a este vernáculo relacionado a diferentes famílias (Olacaceae, Rosaceae, Salicaceae, Apocynaceae); Menezes (1949, p. 21) acrescenta Magnoliaceae. Silva et al. (1979, p. 72-73), relaciona *Ximenia americana* L. (Ximeniaceae) ao vernáculo Ameixeira-da-Bahia, concordando com Menezes (1949, p. 20), diferindo, porém, de Corrêa (1978[1926], v. 1, p. 90-91) que atribui a esta espécie o nome Ameixeira-do-Brasil.

Amendoim s.m. *Arachis hypogaea* Linnaeus (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Naturalizada. Alimento (Tempero): "moam amendoins, camarões secos, castanhas de caju, gengibre, sem esquecer a pimenta malagueta ao gosto do freguês" (DF, p. 135); Alimento (Tempero erótico): "se o vatapá, forte de gengibre, pimenta, amendoim" (DF, p. 135); "Jamais necessitei de gengibre e amendoim [...] Viúva no fogão a cozinhar o vatapá, pesando o gengibre, o amendoim, a malagueta, e tão somente" (DF, p. 136). Comentário: Identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 02A.

Amoreira s.f. *Morus nigra* Linnaeus (Moraceae). Origem: Cultivada. Topofitônimo: "na Amoreira" (DF, p. 215). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 02B.

Ananaz s.m. *Ananas comosus* (Linnaeus) Merril (Bromeliaceae). Origem: Nativa. Característica brasileira: "Mira los ananazes, por ejemplo" (DF, p. 131). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 1, p. 108-111) relaciona o nome vernáculo "Ananaz" com *Ananas sativus* Schult. Menezes (1949, p. 22) traz *Ananassa sativus* Schult., considerando-a como espécie "mater" do abacaxi. Silva et al. (1979, p. 81) traz o nome *Bromelia ananas* L. Os três trabalhos consideram uma espécie nativa do Brasil. Tais nomes são citados na Flora e Funga do Brasil (2024), como sinônimos de *Ananas comosus* (L.) Merr.

Angélica s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Mentira: "dúzia de angélicas de escolha trabalhosa" (DF, p. 143). Comentários: É o nome vernáculo de várias espécies de famílias diferentes como *Angelica archangelica* L. (Apiaceae); *Guettarda argentea* Lam. (Rubiaceae), *Polianthes tuberosa* L. (Amaryllidaceae), de acordo com Corrêa (1978[1926], v. 1, p. 115-116). Menezes (1949, p. 22-23) associa também às espécies *Schubertia multiflora* Mart. (Apocynaceae) e *Guettarda angelica* Mart. ex Muell. Arg. (Rubiaceae).

Araçá s.m. Espécie indeterminada (Myrtaceae). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Plínio Araçá" (GCC, pp. 136, 137, 144, 157, 192, 250, 252, 265, 296). Ingrediente de bebida alcoólica: "Marilda e a empregada serviam licores feitos em casa: de ovos, de

violetas, de groselha, de umbu, de araçá" (DF, p. 152). Comentários: nome vernáculo de diversas espécies, pertencentes a gêneros diferentes (*Psidium*, *Campomanesia*), geralmente incluídas entre as Myrtaceae (MENEZES, 1949 p. 25; SILVA et al., 1979 p. 104-108); Corrêa (1978[1926], v. 1, p. 139-143) acrescenta algumas poucas espécies pertencentes às Melastomataceae e Rubiaceae.

Arroz s.m. *Oryza sativa* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Alimento: "arroz de haussá" (GCC, p. 36); "arroz sem sal" (DF, p. 101); "Dona Flor observou o marido enquanto lhe passava a travessa de arroz" (DF, p. 211); "quase perde o ponto do arroz de haussá" (DF, p.232). Alimento (almoço): "da carne de sol assada, do arroz, do feijão, do doce de banana em rodinhas" (GCC, p. 111). Alimento (sobremesa): "um arroz-doce" (DF, p. 145). Cosmético: "pondo pó-de-arroz" (DF, p. 190). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2024).

Bambu s.m. Espécie indeterminada (Poaceae [Gramineae]) Origem indeterminada. Característica psicológica humana (fragilidade): "seu corpo enorme parece um frágil bambu" (TSF, p. 106). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 1, p. 245) e Menezes (1979, p. 33) associam este nome à *Bambusa arundinacea* Willd., que atualmente é sinônimo de *Bambusa bambos* (L.) Voss. (cf. WFO). A maioria das espécies com este nome, pertence ao gênero *Bambusa*, mas existem outros gêneros (*Dendrocalamus*, *Phyllostachys*) de Poaceae assim nomeados.

Banana s.f. *Musa paradisiaca* Linnaeus (Musaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "moquecas de aratu em folhas de banana, cocadas" (DF, p. 178). Alimento (Almoço): "da carne de sol assada, do arroz, do feijão, do doce de banana em rodinhas" (GCC, p. 111). Alimento (dejejum): "sublimes as talhadas de banana frita." (GCC, p. 108). Ameaça física: "Bem no meio da rua, pisou na casca de banana, escorregou e foi ao chão, sujando a roupa branca" (S, p. 20). Característica psicológica humana (homem não vigoroso): "Teu irmão é um molengas, um banana" (DF, p. 255). Homem (pênis): "senão todo um cacho de bananas" (DF, p. 24). Mercadoria: "sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranjas." (GCC, p. 48); "que vêm para vender sua farinha, seu milho, suas bananas e laranjas" (TSF, p. 198); "Hoje, essa casa transformou-se num sobradinho com uma quitanda embaixo, bem fornecida de bananas e laranjas" (S, p. 19). Objeto de desejo: "que não podia correr com eles, nem tomar parte nos furtos de banana e sapoti" (S, p. 20). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 02C.

Banana-da-terra s.f. *Musa paradisiaca* Linnaeus (Musaceae). Origem: Cultivada. Alimento (dejejum): "Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim" (GCC, p. 108).

Bananal s.m. *Musa paradisiaca* Linnaeus (Musaceae). Origem: Cultivada. Produto agrícola (plantação): "que ia buscar jaca mole nas grandes jaqueiras, cachos de banana-ouro nos bananais onde viviam as cobras" (TSF, p. 60); "nem banana-ouro que o negro ia buscar nos bananais" (TSF, p. 66).

Banana-ouro s.f. *Musa paradisiaca* Linnaeus (Musaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "que ia buscar jaca mole nas grandes jaqueiras, cachos de banana-ouro nos bananais onde viviam as cobras" (TSF, p. 60); "nem banana-ouro que o negro ia buscar nos bananais" (TSF, p. 66).

Baraúna s.f. *Schinopsis brasiliensis* Engler (Anacardiaceae). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Teodoro das Baraúnas" (GCC, p. 15); "Mais arriba tá Teodoro das Baraúnas." (TSF, p. 95) "Não endosso por Teodoro das Baraúnas." (TSF, 96), "nem mesmo Teodoro das Baraúnas que tem uma fama terrível de malvado," (TSF, 106), "Os outros parceiros eram o coronel Ferreirinha, Teodoro das Baraúnas, e o capitão João Magalhães." (TSF, 157), "igual a Teodoro das Baraúnas, [...]" (TSF, 180), "Teodoro das Baraúnas vestia como sempre. Apenas, em vez de botas e culote cáqui, levava uma calça branca, perfeitamente engomada." (TSF, 189), "Em Ilhéus já se dizia que Teodoro das Baraúnas, depois que incendiara o cartório de Venâncio, tomara amor aos incêndios." (TSF, 229), "Não só o processo marchava, devagar é verdade, obrigado pelo bombardeamento de petições com que o advogado brindava diariamente o juiz, como a peça de acusação que ele escrevera, como advogado de Zé da Ribeira, contra Teodoro das Baraúnas, era uma obra-prima jurídica." (TSF, 234), "Teodoro das Baraúnas jurava vinganças." (TSF, 237), "Voltou no outro dia, Teodoro das Baraúnas o esperava na Fazenda Sant'Ana." (TSF, 239), "aparecerem nos jornais que noticiaram o fato transformados em 'soldados da polícia que procuravam capturar ao incendiário Teodoro das Baraúnas, que, segundo constava, estava acoitado na Fazenda Sant'Ana'." (TSF, 240), "A sentença reconhecia os direitos do coronel Horácio da Silveira e dos seus associados e entregava Teodoro das Baraúnas à promotoria pública para ser processado pelo incêndio do cartório de Venâncio em Tabocas." (TSF, 243); Topofitônimo: "fazia pra mais de dez anos que trabalhava nas Baraúnas pro coronel Teodoro" (TSF, p. 87); "morto das 'Baraúnas'" (TSF, p. 88); "Fazenda das Baraúnas" (TSF, p. 103); "Ficou uma conta braba de medicação no armazém das Baraúnas" (TSF, p. 113); "que tomou pelo atalho pras Baraúnas" (TSF, p. 114); "o proprietário das Baraúnas" (TSF, p. 123); "e dar um pulo nas Baraúnas" (TSF, p. 150); "dono das Baraúnas" (TSF, p. 158). Coisa imprestável: "Aqui só tem mesmo areia. E baraúna." (GCC, 213). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 02D.

Barriguda s.f. Espécie indeterminada (Malvaceae). Origem: Nativa. Material de mobiliário: "colchão de lã de barriguda" (GCC, p. 161); "a cama de colchão de barriguda" (DF, p. 145). Comentários: Este nome é geralmente associado às espécies de Malvaceae (Bombacoideae) que apresentam um intumescimento no caule. Dois gêneros podem ser associados: *Cavanillesia* e *Ceiba*. Ambos apresentam as sementes comosas, ou seja, envoltas por tricomas chamados popularmente 'paina' que lembra uma lã, sendo utilizada para o enchimento de colchões e travesseiros (cf. CORRÊA, 1978[1926], v. 1, p. 270-271; MENEZES, 1949, p. 36).

Batata-doce s.f. *Ipomoea batatas* (Linnaeus) Lamarck (Convolvulaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola (subsistência): "cultivavam mandioca milho, batata doce, inhame" (GCC, p. 267); "Com a mandioca e o milho, a batata doce e o aipim, não conseguiam viver" (GCC, p. 267). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2023). Imagem: Prancha 02E.

Batata-do-reino s.f. *Solanum tuberosum* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "Este prato deve ser servido com batatas do reino cozidas em água sem sal, ou farofa branca recoberta de coentro" (DF, p. 105). Imagem: Prancha 02F.

Cabaça s.f. *Lagenaria siceraria* (Molina) Standley. (Cucurbitaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "o mendigo Cabaça cria um rato de estimação" (S, p. 2); "Boa noite, Cabaça [...] Cabaça sentou-se, estirando as pernas [...] A negra riu e Cabaça continuou [...]" (S, p. 24); "Cabaça não ligou [...] Cabaça cortou o acarajé em pedaços pequenos

[...] Cabaça enrolou-se na colcha" (S, p. 25); "Ah! Já sei! Cabaça e esse gringo velho vivem falando nisso" (S, p. 26); "Cabaça garantia, que mendigando, Artur faria bom dinheiro" (S, p. 30); "Você é que tá bem, Cabaça. Trepá com esse ratão" (S, p. 35); "Quando Cabaça já estava na porta" (S, p. 56); "Cabaça, o mendigo que dormia sob a escada" (S, p. 67); "tropeçava em Cabaça" (S, 69); "cuscuze e munguzá na porta da rua notava o crescimento diário da ferida no pé de Cabaça [...] A preta velha avisou à Assistência que, numa manhã enevoada, recolheu Cabaça, apesar dos seus berros e dos seus protestos [...] Cabaça não estava com o acarajé sem pimenta" (S, p. 77); "Cabaça... Você não conhecia Cabaça? Um velho, com uma ferida na perna...[...]. — Cabaça... Tá na Assistência, muito mal [...] — Quem? Cabaça? Se importava com quê? [...] Cabaça deixou um cobertor [...] Eu gostava de Cabaça [...] Todo santo dia Cabaça comprava um acarajé pro rato [...] Mas isso de criar rato só vi o Cabaça" (S, p. 79). Comentários: Menezes (1949, p. 44) associa este nome à espécie *Cucurbita lagenaria* L. que atualmente é sinônimo de *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl., da mesma família (cf. WFO). Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2023). Imagem: Prancha 03A.

Cabaçal s.m. *Lagenaria siceraria* (Molina) Standley. (Cucurbitaceae). Origem: Cultivada. Topofitônimo: "Entre o rio Sepotuba e Cabaçal não há caminhos" (CE, p. 205).

Cabaçu s.m. *Genipa americana* Linnaeus (Rubiaceae). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Que fossem dizer isso a Maria Cabaçu." (S, p. 98); "enquanto lá em cima Maria Cabaçu ria a sua gargalhada estrondosa na qual havia algo de infantil [...] Faltava-lhe, porém, coragem para falar com Maria Cabaçu sobre mudança [...] Aí Maria Cabaçu se bandeou para o Vermelho [...] Mudou-se numa noite, na outra foi dormir com Maria Cabaçu [...] Maria Cabaçu se contentou em sorrir [...] deixou a cara de Maria Cabaçu escorrendo sangue de tanto bofetão [...] Maria Cabaçu..." (S, p. 99); "Maria Cabaçu procurou-o por toda parte, não para se vingar" (S, p. 100). Comentários: Menezes (1949, p. 44) relaciona este nome ao "Genipapo". Imagem: Prancha 03B.

Cacatial s.m. *Theobroma cacao* Linnaeus (Malvaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola (plantação): "substituindo as flores nos cacatiais" (GCC, p. 10).

Cacau s.m. *Theobroma cacao* Linnaeus (Malvaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola: "Fora o coronel Coriolano Ribeiro dos primeiros a atirar-se às matas e a plantar cacau" (GCC, p. 86); "o plantio de cacau novo" (GCC, p. 96); "Nas roças, os frutos de cacau punham-se de vez" (GCC, p. 125); "esse ano é cacau de dar gosto" (GCC, p. 141); "os trabalhadores colhiam os cocos de cacau [...] Amontoavam-se os grãos de cacau [...] apenas a tropa de cacau mole atingia a estrada" (GCC, p. 152); "nos cochos de cacau mole [...] numa dança de passos miúdos revolvendo o cacau ao sol" (GCC, p. 162); "Nunca vi tanto cacau..." (GCC, p. 171); "O cacau está seco [...] E assim mesmo só faz cacau em pó" (GCC, p. 173); "o cacau secando nas barcaças e estufas" (GCC, p. 213); "trouxera técnicos para a poda do cacau" (GCC, p. 218); "Quando estavam começando a plantar as frageis mudas de cacau" (GCC, p. 268); "plantar cacau, milho e mandioca [...] até que o cacau começasse a frutificar" (TSF, p. 20); "plantaria uma roça de cacau" (TSF, p. 21); "eu e Joaquim enchemos mata e mata de cacau [...] plantamos mais que mesmo um bando de jupará que é bicho que planta cacau..." (TSF, p. 23); "ficaram até com o cacau que já tava secando" (TSF, p. 24); "derrubando mata pra plantar cacau [...] Dá muito cacau" (TSF, p. 29); "cacau é uma lavoura nova [...] mas a terra daqui é a melhor do mundo para cacau [...] não há terra melhor pro cacau" (TSF, p. 30); "e estava sonhando

com as roças de cacau carregadas de frutos" (TSF, p. 35); "a melhor terra do mundo para o plantio do cacau [...] via as roças de cacau se estendendo na terra onde antes fora a mata [...] nada mais belo no mundo que as roças de cacau" (TSF, p. 40); "via novamente toda aquela terra negra plantada de cacau" (TSF, p. 41); "Fora uma questão de contrato de cacau [...] plantaram cacau e, entre o cacau, a mandioca, o milho de que iam viver os três anos de espera até que os cacauzeiros crescessem [...] e vingado de cacau" (TSF, p. 42); "não vê ele que tinha, ótimas matas em terrenos excelentes para o plantio de cacau? [...] Fizeram as contas dos pés de cacau que haviam vingado [...] , da terra plantada começaram a surgir as mudas de cacau [...] Pelo dinheiro do contrato de cacau?" (TSF, p. 43); "a casa perdida entre as roças de cacau" (TSF, p. 46); "onde o cacau seca ao sol, pisa" (TSF, p. 47); "as roças de cacau [...] revolvendo o cacau mole" (TSF, p. 48); "as arrobas de cacau" (TSF, p. 49); "ele trazia na mão um pequeno coco de cacau" (TSF, p. 53); "o pequeno coco de cacau na mão" (TSF, p. 54); "que ninguém conhece terra para cacau como eu" (TSF, p. 56); "Pois eu te digo que não há terra melhor pra lavoura de cacau que as de Sequeiro Grande." (TSF, p. 56); "não há terra pra cacau como as de Sequeiro Grande [...] Se aquela terra retratada na oleo gravura fosse boa para o cultivo do cacau" (TSF, p. 57); "quando cortava os cocos de cacau nas roças" (TSF, p. 60); "sobre o estado do cacau mole" (TSF, p. 67); "colhendo cacau" (TSF, p. 70); "já estavam sendo preparadas as mudas de cacau" (TSF, p. 77); "que mesmo com as roças de cacau [...] e estar na roça colhendo cacau [...] o visgo do cacau mole se grudava nele" (TSF, p. 78); "Só restava mesmo o visgo de cacau mole preso na sola dos pés [...] onde as mudas de cacau começavam a virar troncos" (TSF, p. 79); "voltava pela roça de cacau" (TSF, p. 80); "e ele continuava a colher cacau nas roças [...] que o de trabalhador de roça de cacau..." (TSF, p. 87); "essa mata do Sequeiro Grande é terra boa pra cacau" (TSF, p. 95); "Daqui uns tempos vai ser tudo pé de cacau..." (TSF, p. 97); "que naquelas terras iam crescer os pés de cacau" (TSF, p. 101); "que vão colher o cacau das roças de Sequeiro Grande" (TSF, p. 103); "para plantar a árvore do cacau [...] assistiu ao nascimento dos primeiros pés de cacau" (TSF, p. 105); "plantar cacau na terra" (TSF, p. 107); "Carne vai ser estrume de pé de cacau" (TSF, p. 108); "pras plantações de cacau" (TSF, p. 109); "onde era depositado o seu cacau seco" (TSF, p. 117); "Mas o cacau não só liquidou os alambiques [...] com o andar rápido da lavoura do cacau" (TSF, p. 118); "Ferradas nascera em torno do armazém de cacau [...] ele precisava de um depósito onde juntar o cacau [...] que vinham conduzindo tropa de cacau [...] os burros vigiados por causa dos ladrões de cacau" (TSF, p. 119); "cacau e mais cacau se depositava nos armazéns [...] armazéns onde o cacau era depositado" (TSF, p. 124); "e com sua roça de cacau" (TSF, p. 125); "que colhia suas mil arrobas de cacau" (TSF, 126); "antes de chegar em casa, ainda parou um momento para reconhecer de quem era o cacau trazido" (TSF, 147); "Agora nós quer derrubar ela pra plantar cacau" (TSF, p. 158); "desde que a lavoura do cacau" (TSF, p. 170); "as suas fazendas de cacau [...] em fazendeiros de cacau" (TSF, p. 172); "era assim o porto de São Jorge dos ilhéus que começava a aparecer nos mapas econômicos mais novos coberto por uma planta de cacau" (TSF, p. 174); "ao resolver derrubar e plantar de cacau a mata do Sequeiro Grande" (TSF, p. 176); "Capitão, boto a mão no fogo que no mundo inteiro não há terra igual a essa para o plantio do cacau" (TSF, p. 179) "antes que os Badarós pudessem plantar em paz seu cacau nessas terras" (TSF, p. 180); "olhou a fazenda em torno da casa grande, o terreiro, as roças de cacau , com um ar de proprietário [...] Os trabalhadores partiam todas as manhãs para as roças, a colher cacau, outros pisavam cacau mole nos cochos ou dançavam sobre o cacau seco nas barças [...] gemidos sob o sol nas roças de cacau" (TSF, p. 182); "trazendo a planta do cacau" (TSF, p. 188); "boa para o cacau" (TSF, p. 194); "para recomeçar a plantar cacau [...] Diziam que era o visgo do cacau mole que agarra nos pés de um e nunca mais

larga (TSF, p. 195); "que a mata do Sequeiro Grande se transformou em roças de cacau" (TSF, p. 197); "que plantaram cacau [...] hoje são roças de cacau" (TSF, p. 198); "esperando ele também plantar roça de cacau" (TSF, p. 216); "os trabalhadores andavam pelas roças colhendo cacau" (TSF, p. 220); "que vai colher cacau" (TSF, p. 224); "sua febre cheia de visões de cacau [...] plantava e colhia cacau no seu delírio" (TSF, p. 226); "As flores do cacau começaram a nascer nos troncos e nos galhos [...] que agora não tinham roça para colher nem cacau para secar" (TSF, p. 234); "O cacau é boa lavra..." (TSF, p. 235); "não poder ver a mata do Sequeiro Grande plantada de cacau" (TSF, p. 237); "as mudas de cacau que deviam ser plantadas" (TSF, p. 239); "como haviam incendiado uma quantidade de roças de cacau [...] durante toda aquela luta as roças de cacau haviam sido respeitadas" (TSF, p. 240); "olhou pela janela as roças de cacau" (TSF, p. 249); "nunca quisera comprar roça de cacau" (TSF, p. 253); "partiriam por entre as roças de cacau [...] para muito longe das roças de cacau" (TSF, p. 255); "que entendiam de cacau como ninguém [...] se espantavam do tamanho dos cocos de cacau [...] a melhor terra do mundo para o plantio do cacau" (TSF, p. 260); "que conhecemos nas suas plantações de cana, de milho, de cacau, de café e de algodão" (CE, p. 14); "nas extensões das fazendas de fumo, de cacau" (S, p. 23); "enquanto esperavam navio que os levasse para a escravidão das fazendas de cacau de Ilhéus" (S, p. 70); "Entre os pés de cacau" (GCC, p. 267). Produto agrícola (esperança de riqueza): "Botar uma roça, plantar cacau junto nós dois? [...] Muito tinham-lhe contado daquela terra do cacau para onde iam [...] plantar cacau" (GCC, p. 67); os mais pobres entre quantos deixavam suas casas e suas terras no apelo do cacau (GCC, p. 96); "tanto pra trabalhar nas roças de cacau [...] Tem ocupação também nos armazéns de cacau [...] Ademais viera com a intenção de se meter nas roças de cacau" (GCC, p. 66); "poderia adquirir a sonhada roça de cacau" (GCC, p. 266); "juntando um dinheirinho para comprar uma rocinha de cacau" (GCC, p. 292); "terra assim tão boa para o cacau nunca existira" (GCC, p. 293); "contratar a plantação de uma roça de cacau" (GCC, p. 295). Produto agrícola (exploração do proletariado): "Vou colher cacau /no cacauero..." (GCC, p. 152); "Pensa que é para eles que eu planto cacau? [...] ia colhendo cacau" (GCC, p. 153). Mercadoria: "em roças de cacau [...] estava tentado em empregar uma parte do seu capital em fazendas de cacau" (TSF, p. 30); "iam encher os porões do navio com sacos de cacau, fardos de fumo [...]" (CA, p. 113); "com os preços do cacau em constante alta [...] Cresciam as roças de cacau" (GCC, p. 10); "capaz de destruir os recém-nascidos brotos dos cocos de cacau [...] assistira depois à chegada das primeiras mudas de cacau [...] Não imaginando que, com o cacau, chegava a riqueza, um tempo novo para a terra sob sua proteção" (GCC, p. 11); "Aqueles brotos apenas nascidos dos cocos de cacau" (GCC, p. 12); "exportador de cacau [...] transportava cacau de Itabuna Ilhéus." (GCC, p. 13); "dos caminhões transportando cacau [...] A cultura do cacau dominava todo o sul do estado da Bahia [...] crescia Ilhéus, capital do cacau [...] conduzindo cacau para os armazéns" (GCC, p. 14); "Depois que os padres jesuítas haviam trazido as primeiras mudas de cacau [...] Quando as matas foram derrubadas e os pés de cacau plantados sobre cadáveres e sangue [...] sol iria agora dourar os frutos de cacau [...] o cacau a secar nas barcaças" (GCC, p. 15); "Tinham vindo atraídos pelo cacau [...] preço do cacau [...] Se o cacau subir nem que seja quinhentos réis este ano" (GCC, p. 17); "Carregadores conduziam sacos de cacau dos armazéns para o navio da 'Bahiana'" (GCC, p. 19); "Ilhéus produz uma grande parte do cacau que se consome no mundo [...] a renda da exportação do cacau fica é na cidade da Bahia" (GCC, 20); "que nos começos da República e da lavoura do cacau" (GCC, p. 22); "os nomes e os feitos dos homens do cacau" (GCC, p. 25); "os frutos jovens de cacau podiam apodrecer nas árvores" (GCC, p. 27); "no rastro do cacau dando dinheiro" (GCC, p. 30); "exportou-se cacau para o mundo" (GCC, p. 32); "Ali crescia o cacau." (GCC, p. 33);

"exportando cacau" (GCC, p. 34); "nuns perigosos negócios de compra e venda de cacau" (GCC, p. 39); "Cada saco de cacau que sai do porto da Bahia significa dinheiro para as docas de lá [...] cacau é bom negócio" (GCC, p. 56) "se cacau não fosse o bom negócio que é [...] os técnicos vindos para a poda do cacau" (GCC, p. 57); "Já tinham me falado de Ilhéus, do cacau[...] Puxa, você chegou outro dia e já é o primeiro exportador de cacau [...] Para eles, é plantar e colher cacau." (GCC, p. 58); "comprando cacau" (GCC, p. 62); "e logo poderia ele comprar as sonhadas roças de cacau" (GCC, 79); "mas sabiam do preço do cacau em alta [...] descia carregada de sacos de cacau" (GCC, p. 100); "todo o cacau para o estrangeiro [...] quando os grandes cargueiros viessem buscar o cacau no porto de Ilhéus" (GCC, p. 101); "viriam buscar cacau" (GCC, p. 105); "o magno problema da exportação direta do cacau não existia" (GCC, p. 112); "todo o andar térreo ocupado pela ensacagem de cacau" (GCC, p. 131); "Prepare-se para ver em breve o cacau de suas fazendas saindo direto de Ilhéus para a Europa, para os Estados Unidos... " (GCC, p. 141); "Vim aqui para lhe vender meu cacau" (GCC, p. 143); "Sou um simples exportador de cacau" (GCC, p. 159); "Viera ele próprio lhe vender seu cacau" (GCC, p. 163); "Sei que o senhor vendeu seu cacau a ele [...] compra e exporta cacau" (GCC, p. 173); "cacau saindo daqui pro mundo inteiro" (GCC, p. 174); "E se aos pés de cacau" (GCC, p. 192); "trabalhadores abandonavam os sacos de cacau" (GCC, 213); "àquele cais do cacau" (GCC, p. 286); "para ali receber diretamente os sacos de cacau" (GCC, p. 290); "ensacadores de cacau" (GCC, p. 291); "ali compravam o cacau aos fazendeiros" (TSF, p. 124); "que traziam cacau chegassem até o centro da cidade [...] e o cacau entrava na cidade em carroças puxadas por cavalos [...] uma grande parte do cacau" (TSF, p. 170); "em busca de caminho para trazer o seu cacau até o porto de Ilhéus" (TSF, p. 174); "vários dormindo já nos depósitos de cacau" (TSF, p. 183); "depósito de cacau [...] uma das três ou quatro firmas que começavam a se dedicar à exportação de cacau [...] fundaram firmas para a exportação de cacau [...] Criaram uma seção para o cacau [...] Ainda eram pequenas as casas exportadoras de cacau [...] nós, aqui, já compramos até este mês mais cacau que durante todo o ano passado junto [...] não acredito que o cacau dê mais de catorze mil réis a arroba esse ano [...] e olhe que, por catorze mil réis, é melhor plantar cacau que dizer missa cantada... [...] quem puder guardar seu cacau, vai ganhar dinheiro muito..." (TSF, p. 186); "É verdade que se coloca quanto cacau haja... [...] O nosso cacau ainda não é nada em vista do cacau da Costa d'Ouro [...] e plantar ela de cacau [...] Daqui a cinco anos tou-lhe vendendo cacau dessas terras... [...] Os Badarós vendiam seu cacau [...] Dinheiro para derrubar a mata e plantar cacau!" (TSF, p. 187); "Teriam mais cacau que os ingleses" (TSF, p. 194); "e lhes venderia cacau colhido nas roças novas" (TSF, p. 196); "o preço do cacau" (TSF, p. 208); "incendiou o depósito de cacau seco [...] botando a perder duzentas e cinquenta arrobas de cacau já vendido" (TSF, p. 229); "enquanto que Horácio não vendera sequer metade do seu cacau já colhido nesta safra" (TSF, p. 230); "O fogo devorava cartórios, plantações de milho e mandioca, armazéns com cacau seco, matavam-se homens [...] propuseram finalmente comprar o cacau mas com uma garantia hipotecária [...] Mas se recusou a comprar o cacau [...] e Sinhô Badaró teve que vender o cacau" (TSF, p. 240); "sobre o preço do cacau" (TSF, p. 250); "O preto Henrique que suspendia uma saca de cacau no armazém 6" (S, p. 84); "Riqueza o cacau rasgava estradas" (GCC, p. 94); "não havia lavoura mais próspera que a do cacau [...] As terras do cacau onde dinheiro era lixo nas ruas" (GCC, p. 66); "não saiu para vir trabalhar no cacau, ganhar dinheiro (GCC, p. 67); para poder comprar terras onde plantar cacau [...] Nacib sonhava com roças de cacau" (GCC, 94); "sem roças de cacau" (GCC, p. 119); "o sonho de um pedaço de terra onde plantar cacau ganhava realidade" (GCC, p. 135); "os que vivem na roça colhendo cacau" (GCC, p. 172); "não era fazendeiro de cacau" (GCC, p. 187); "a roça de cacau a aproximar-se [...] Uma roça

de cacau" (GCC, p. 192); "montados em seu cacau" (GCC, 193); "a quando se tratava de exportador de cacau" (GCC, p. 202); "o cacau deve continuar a sair pela Bahia?" (GCC, p. 219); "A guerra do cacau" (GCC, p. 222); "como se ele fosse um coronel do cacau" (GCC, p. 280); "fazendeiro de cacau" (DF, p. 5, 190); "esse fazendeiro de cacau ou de tabaco [...] nem filho de coronel do cacau" (DF, p. 30) "se não era nenhuma princesa nem possuía roça de cacau?" (DF, p. 31); "quando enxodozadas com um coronel do cacau" (DF, 65); "coronéis do cacau" (DF, p. 101); "herdeira de roças de cacau" (DF, p.107); "plantando uma rocinha de cacau" (DF, p. 117); "onde os coronéis do cacau rasgavam notas de quinhentos" (DF, p. 204); "rico de cacau e de preconceitos exige que ela abandone o Rádio" (DF, p. 237); "o perdulário do cacau" (DF, p. 258); "terras, dinheiro, cacau e morte" (TSF, p. 15); "Agripino Doca dissera-lhe maravilhas de Ilhéus e do cacau" (TSF, p. 16); "onde surgira o cacau" (TSF, p. 17); "Porém, mal ela passava, as conversas recaíam no tema de sempre: cacau" (TSF, p. 18); "onde o cacau dava um dinheirão" (TSF, p. 19); "cacau é ouro" (TSF, p. 30); "Decididamente ia enriquecer nessas terras do cacau" (TSF, p. 31); "Se o cacau der catorze mil réis esse ano levo a família ao Rio..." (TSF, 34); "dono de tantas terras plantadas de cacau" (TSF, p. 53); "ela tinha sua roça de cacau" (TSF, p. 65); "os Badarós tiverem aquelas matas vão ter a fazenda maior do mundo, vão ter mais cacau que o resto de toda a gente junta" (TSF, p. 69); "o tropeiro de agora poderia ter amanhã uma grande fazenda de cacau" (TSF, p. 174); "ia comer os lucros do cacau" (TSF, p. 224); "Os outros era o cacau quem prendia, a ambição de dinheiro" (TSF, p. 253); "os homens do cacau da Bahia" (CE, p. 89); "esse cacau tão falado, que a tantos enriquecera" (S, P. 89). Topofitônimo: "eleito deputado pela terra do cacau" (GCC, p. 58); "Naquele tempo a rivalidade entre as duas primeiras cidades da zona do cacau" (GCC, p. 116); "que marcava um passo a mais no progresso da zona do cacau" (GCC, p. 117); "progresso da região do cacau" (GCC, p. 143); "Não iria entregar a zona do cacau" (GCC, 214); "a zona do cacau é uma só" (GCC, p. 219); "falando da volta dos tempos de banditismo na zona do cacau" (GCC, p. 244); correndo a zona do cacau [...] Alarmou-se então o deputado pela zona do cacau" (GCC, p. 271); " qual o destino da zona do cacau" (GCC, p. 275); " Agora era o novo chefe da terra do cacau." (GCC, p. 277); " e um velho diz que ninguém volta destas terras do cacau" (TSF, p. 21); " contava casos da Terra do cacau" (TSF, p. 25); " naquele caminho da terra do cacau" (TSF, p. 39); " nas estradas da terra do cacau" (TSF, p. 48); " essa terra do cacau" (TSF, p. 55); " Sua pontaria era a melhor de toda aquela zona do cacau" (TSF, p. 70); " endêmico então em toda a zona do cacau" (TSF, p. 84); " no tempo relativamente curto em que Virgílio estava na zona do cacau" (TSF, p. 93); " as histórias da terra do cacau [...] Durante algum tempo Ferradas marcara os limites da terra do cacau" (TSF, p. 117); " que era o outro lado das terras do cacau" (TSF, p. 118); " De Ferradas, partiam as novas estradas recém abertas da terra do cacau [...] respeitado como ele só na zona do cacau" (TSF, 122); " que chegavam de toda a zona do cacau" (TSF, p. 124); " os dois varado juntos as matas da terra do cacau" (TSF, p. 125); " pesava o clima da terra do cacau" (TSF, p. 132); " o que espantava era ele ser, apesar disto, um homem respeitado nas terras do cacau" (TSF, p. 135); " Desta terra do cacau sairia rico" (TSF, p. 165); " na terra do cacau [...] Mas Damião andava maluco pelas estradas do cacau" (TSF, p. 192); " não vê a moça bailando nas terras do cacau" (TSF, 194); " Sinhô Badaró pensou que se fossem iluminar todas as cruzeiras que iam se levantar de agora em diante as estradas da terra do cacau ficariam mais iluminada que mesmo as ruas de Ilhéus." (TSF, p. 196); " encheram de sangue a terra negra do cacau" (TSF, 198); " se atrevia a viajar por estas estradas do cacau" (TSF, p. 199); " a voz do negro Damião, magro e sujo, doido manso choramingando pelos caminhos do cacau" (TSF, p. 201); " um cadáver a mais nas estradas do cacau" (TSF, p. 216); " para outras terras que não sejam essas terras do

cacau?" (TSF, p. 256); "em roça de cacau, nessas terras, meu filho, nasce até bispo. nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe [...] que abriam clareiras de civilização na terra negra bárbara do cacau" (TSF, p. 258); "hoje do cacau" (GCC, p. 11); "não eram senão homens da zona do cacau" (GCC, p. 30). Cultura: "perdura a tradição das histórias do cacau [...] se reúnem em torno aos cegos para ouvirem as histórias do tempo do começo do cacau" (TSF, p. 198); "Os trabalhadores nas roças tinham o visgo do cacau mole preso aos pés [...] tinham o visgo do cacau preso na alma [...] tudo que nascia junto com o cacau, se haviam apossado dele" (TSF, p. 215); "viviam os dois em função do cacau, do ouro dos frutos dos cacauzeiros [...] onde nada lhe recordasse Ilhéus, o cacau, as mortes" (TSE, p. 216); "coberto pela sombra do cacau [...] visgo de cacau mole" (TSF, p. 217); "coberto de visgo de cacau que havia secado" (TSF, p. 220); "e sentia sujo, metido naquele visgo de cacau até o pescoço" (TSF, p. 254); "a lei do cacau [...] os pés livres do visgo de cacau mole que os prende ali" (TSF, p. 255); "Tudo é o cacau" (TSF, p. 258). Poder: "e de maior número de pés de cacau" (GCC, p. 270); "Não fomos nós, os fazendeiros de cacau?" (GCC, p. 38); "Donos de roças de cacau." (GCC, p. 96); "mesmo os coronéis do cacau" (GCC, p. 291); "Os coronéis do cacau" (GCC, p. 296); "um coronel do cacau" (GCC, p. 298); "dono das fazendas de cacau de São Jorge dos Ilhéus" (TSF, p. 194) cacau era dinheiro, era poder, era a vida toda, estava dentro deles, não apenas plantado sobre a terra negra e poderosa de seiva." (TSF, p. 215). Marco histórico: "os filhos das famílias de antes do aparecimento do cacau" (GCC, p. 30); "nem o podia ser no Ilhéus dos começos do cacau" (GCC, p. 32); "eram tudo que sobrava de antiga família ilheense de antes do cacau" (GCC, p. 42); "antes do cacau" (GCC, p. 43); "vinha dos primeiros tempos do cacau" (GCC, p. 78). Paisagem: "as roças de cacau" (GCC, p. 31); "das plantações de cacau" (GCC, p. 86); "iria correr sua sorte nas matas dessa terra do cacau" (GCC, p. 67). Padrão de odor: "era o perfume das amêndoas de cacau seco" (GCC, p. 125); "um cheiro de chocolate que é o cheiro de cacau seco." (TSF, p. 173). Motivo para enlouquecer: "O italiano metera-se pelo interior na alucinação do cacau [...] Devia-se sobretudo ao italiano, de cabeça voltada para as roças de cacau" (GCC, p. 39). Prisão: "Nas grilhetas do cacau... [...] o destino da gente presa ao cacau" (TSF, p. 193). Amor: "Ester e cacau [...] deixou com Ester o coco de cacau [...]" (TSF, p. 54). Sedução: "Dizem que é aquele visgo do cacau mole que prende os homens ali [...] o visgo do cacau está pegando na sola dos seus pés" (TSF, p. 195). Alta sociedade: "pois os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade" (GCC, p.10). Atrativo para as pessoas: "Os pés grudavam no mel do cacau" (GCC, p. 57). Característica Psicológica humana (Frivolidade): "falava de cacau" (GCC, p. 163). Característica Psicológica humana (Naturalidade): "Não tem nem pé de cacau..." (GCC, p. 156). Causa da fecundidade: "Essa terra dá tudo enquanto der cacau..." (TSF, p. 258). Causa da revolução na vida econômica: "Uma nova vida começara com o aparecimento do cacau" (GCC, p. 25). Desflorestamento: "finalmente haviam terminado, quatro mil mudas de cacau cobriam a terra onde fora a floresta virgem, assustadora" (GCC, p. 268). Destino: "através das estradas do cacau" (TSF, 128). Dote: "ganhar roça de cacau sem o trabalho de plantar" (GCC, p. 73). Economia histórica: "A árvore que influía em ilhéus era a árvore do cacau" (TSF, p. 172). Gentílico: "a renegar essa insubmissa gente do cacau" (GCC, p. 271). Importância: "não havia conversação em que a palavra cacau não entrasse como elemento primordial" (TSF, p. 172). Ingrediente de bebida alcoólica: "cálices de licor de cacau" (DF, p. 81). Medida de valor: "por pé de cacau que houvesse vingado" (GCC, 267). Mulher: "o chão cavado de enxada, de cacau cultivado" (GCC, p. 294). Nome de órgão de governo: "sua irmã casara com um agrônomo da Estação Experimental de Cacau" (GCC, p. 38). O que causa medo: "das roças de cacau" (TSF, p. 49). Padrão de valor pessoal: "pelos pés de cacau plantados" (GCC, p. 32). Período histórico: "no

começo do cacau..." (TSF, p. 117). Presente econômico melhor: "cresciam agora as roças de cacau" (GCC, p. 25). Sexo: "No cacau tem tanto mel" (GCC, p. 152). Trambique: "a gente nem sabe onde vai parar os pés de cacau que a gente plantou" (TSF, p. 23). Violência: "onde só se falava em cacau e mortes." (TSF, p. 47). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2023). Imagens: Prancha 04A, B, C, D, E e F.

Cacaual s.m. *Theobroma cacao* Linnaeus (Malvaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola: "quando as sombras viravam assombrações pelas matas e cacauais" (GCC, p. 267); " os homens curvados nos cafezais, nos cacauais, dobrados na Amazônia vendida, esfomeados nas cidades, explorados nos campos" (CE, p. 99); " desde os campos do sul do Chile aos cacauais da Bahia" (CE, p. 230). Topofitônimo (lugar amaldiçoado): "Passavam sombras nos cacauais" (GCC, p. 268). Mercadoria: "tão vigorosos e promissores quanto os cacauais do padre levava ela, envoltos embaixo cambraia e renda" (GCC, p. 11).

Cacaueiro¹ a. *Theobroma cacao* Linnaeus (Malvaceae). Origem: Naturalizada. Topofitônimo: "municípios cacaueiros" (GCC, p. 214); " a serviço da região cacaueira" (GCC, p. 32); " órgão a serviço da defesa dos interesses da região cacaueira" (GCC, p. 53); " defender os sagrados interesses da região cacaueira" (GCC, p. 112); " aos partidários do desenvolvimento da região cacaueira repugnavam tais métodos de luta" (GCC, p. 214); " para a região cacaueira" (GCC, p. 270); " repercutiu o debate em municípios da região cacaueira" (DF, p. 16); " benfeitor da zona cacaueira" (TSF, p. 259).

Cacaueiro² s.m. *Theobroma cacao* Linnaeus (Malvaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola: "vou colher cacau /no cacaueiro..." (GCC, p. 152); " onde em três anos os cacaueiros começavam a produzir" (GCC, p. 86); " apontava os cacaueiros" (GCC, p. 153); " plantar quatrocentos cacaueiros por tarefa" (GCC, p. 267); " nas roças floriam os cacaueiros" (GCC, p. 290); " uma árvore que se chamava cacaueiro" (TSF, p. 20); " plantei muito cacaueiro com essas mãos que tão aqui..." (TSF, p. 23); " via o campo cultivado de cacaueiros [...] em breve ali seriam os cacaueiros" (TSF, p. 40); " a manhã de sol dourava os cocos ainda verdes dos cacaueiros [...] cacaueiros jovens de cinco anos [...] os cacaueiros enfloraram" (TSF, p. 41); " plantaram cacau e entre o cacau, a mandioca, o milho de que iam viver os três anos de espera até que os cacaueiros crescessem" (TSF, p. 42); " ele dando conta do estado dos cacaueiros [...] eram cacaueiros deles" (TSF, p. 43); " nessa manhã ele ia entre os cacaueiros [...] via apenas os frutos dos cacaueiros" (TSF, p. 45); " posso te dizer que basta eu pisar numa terra e sei logo se ela presta ou não pro cacaueiro" (TSF, p. 56); " e nas suas águas se misturavam as folhas caídas dos cacaueiros [...] Seria tudo cacaueiro" (TSF, p. 77); " Raimunda se perdia entre os cacaueiros" (TSF, p. 79); " via os cacaueiros nascendo" (TSF, p. 108); " Cada filho vai plantar seu cacaueiro em riba do sangue do pai..." (TSF, p. 108); " Mas os cacaueiros nasciam e frutificavam" (TSF, p. 194); " enterrava de novo o seu dinheiro num pedaço de terra para plantar cacaueiro... [...] entram por entre os cacaueiros" (TSF, p. 195); " e quanto antes plantá-la de cacaueiros" (TSF, p. 201); " amadurecendo os frutos dos cacaueiros" (TSF, p. 234); " mas se respeitavam os cacaueiros" (TSF, p. 240); " como as mudas de cacaueiros" (TSF, p. 243); " sobre os cacaueiros" (TSF, p. 255); " cinco nos demoravam os cacaueiros a dar os primeiros frutos" (TSF, p.260); " Natureza: "havam colocado um cacaueiro novo" (TSF, p. 151); " Jessé e mais dois homens plantaram o cacaueiro [...] apenas empurraram às pressas o cacaueiro dentro do buraco [...] urinou em cima do cacaueiro" (TSF, p. 152); " Cultura: "viviam os dois em função do cacau, do ouro dos frutos dos cacaueiros" (TSF, p. 216); " nasce até bispo em pé de cacaueiro..."

(TSF, p. 258). Proteção: "agora estavam ele e seus homens por trás de uns cacauzeiros [...] Foram andando pelos cacauzeiros." (TSF, p. 196). Religião: "pedindo que o enterrem debaixo de um cacauzeiro" (TSF, p. 195); " que iluminasse os cadáveres junto aos cacauzeiros" (TSF, p. 196). Característica Psicológica humana: "Tomou do fruto do cacauzeiro" (TSF, p. 54); " Mercadoria: "e ordenara aos macacos juparás que se encarregassem de multiplicar os cacauzeiros" (GCC, p. 11). Paisagem: "Aí, plantio de um cacauzeiro" (TSF, p. 142).

Café s.m. *Coffea arabica* Linnaeus (Rubiaceae). Origem: Naturalizada. Alimento: "Veja se esse café sai ou não sai" (CA, p. 138); " que sorvia o café em golinhos" (CA, p. 139); " Parecia esperar o exportador, mandou trazer café" (GCC, p. 218); " Bebiam o café [...] pediu mais café" (GCC, p. 219); " café é indispensável [...] café pequeno [...] O melhor é manter a água na chaleira para não faltar café [...] além do café [...] mesmo café [...] Café completo [...] biscoitos acompanham o cafezinho" (DF, p. 4); " conversar e a tomar café" (DF, p. 85); " Depois tu compra farinha, carne, cachaça, café" (TSF, p. 88); " Aceitou o café que a criada trazia" (TSF, p. 185); " da cozinha chegava o suave aroma do café coado pela ama" (DF, p. 205); " Ester propôs que tomassem o café na sala [...] Felícia entrava com a bandeja de café [...] que mexia sua xícara de café [...] Gosto de café bem doce" (TSF, p. 75); " beber a caneca de café" (TSF, p. 78); " Gabriela acabava de pôr na mesa os bules fumegantes de café e leite" (GCC, p. 108); " servia-lhe uma pequena xícara de café [...] a empregada esperou com a xícara de café" (GCC, p. 272); " Costumava acordar para o café que dona Risoleta aprontava, de manhã, cedinho" (S, p. 64); " por que atrasava o magro café" (CA, p. 197); " Tendo feijão e carne seca, café e pinga, estão contentes" (GCC, p. 97); " fervia água para café" (TSF, p. 222); " Levavam café, leite, doces de milho, remédios para os feridos" (CE, p. 151); " Nem farinha, nem açúcar, nem café, nem sal" (CE, p. 179); " Os mantimentos faltam, não há café, nem açúcar, nem farinha" (CE, p. 192); " uma bebida pardacenta pela manhã à qual os nazis chamavam de café" (CE, p. 323); " Poder político: "Do poder central, o café e o imperialismo se lançavam sobre os Estados, fazendo os governadores, as câmaras, os senados [...] O café de São Paulo dava um presidente, o café de Minas dava outro [...] Mesmo as demais culturas do campo brasileiro desapareciam diante do rei-café [...] E o café, soberano e único, os desconhecia no seu governo, como desconhecia o povo sofrendo nas cidades e nos campos" (CE, p. 89); " Mas no interior não morava o inglês, nem o alemão, nem o ianque, todos esses que tinham dinheiro para emprestar ao governo, nem o brasileiro rico, o paulista e o mineiro do café" (CE, p. 91); " Lima Barreto resultava de tudo isso e da miséria em que vivia o povo brasileiro, como Coelho Neto resultava da vida pacata, cômoda, das camadas governantes, dos fazendeiros de café não querendo saber como vivia a gente do país" (CE, p. 92); " a fortuna cafeeira iria poucos anos depois explodir no 'modernismo'" (CE, p. 93); " O Presidente da República, Washington Luís, representante dos interesses dos latifundiários de café" (CE, p. 238); " Um "modernista" [Oswald de Andrade] passando adiante do "modernismo" faz o necrológio do movimento e da burguesia do café em novelas candentes de sátira" (CE, p. 266); " grão-senhor do café" (GCC, p. 271). Mercadoria: "as plantações de café" (GCC, p. 11); " das pobres plantações de café" (GCC, p. 15); " Mundinho ainda era sócio das fazendas de café" (GCC, p. 35); " Você sabe que minha família negocia com café" (GCC, p. 35); " Podia ganhar tanto ou mais exportando café" (GCC, p. 58); " em geral eram apenas seções de grandes casas exportadoras de tabaco, café, algodão e coco" (TSF, p. 186); " A política vendia o país, contraía empréstimos, girava em torno de um produto, ora a borracha, ora o café, ora o açúcar, os literatos ignoravam o país" (CE, p. 86); " de la crisis del café" (CE, p. 235); " É a época da queima do café" (CE, p. 271). Produto agrícola: "eu não

troco por café" (TSF, p. 30); " as roças de café" (TSF, pp. 117, 118); " Campos que amamos, que conhecemos nas suas plantações de cana, de milho, de cacau, de café e de algodão, cidade e povoados tão líricos, usinas e fábricas, mares dos saveiros, das canoas e dos navios, " (CE, p. 14); " mas o governo continuava a responder às ordens da oligarquia fazendeira, dos donos dos pés de café [...] Os presidentes que se sucediam não traziam nenhum caráter progressista, vinham quase que diretamente das fazendas de café de São Paulo e Minas" (CE, p. 88); " o número de fazendas de mais de um milhão de pés de café, em 1927, é de 21 com um total de 34 milhões de cafeeiros" (CE, p. 89); " Eptácio Pessoa, nordestino, é igual a qualquer paulista ou mineiro fazendeiro de café [...] Sua fazenda não tinha no nordeste o luxo das fazendas de café do sul" (CE, p. 94); " cruza as ruas de Santos despejando café sobre o mundo" (CE, p. 211). Economia histórica: "A história do Brasil nesses anos, que vão de 1900 a 1922, é a história do café [...] A abolição levou o café a apoiar os republicanos [...] O café luta contra Floriano domina o país com Prudente de Moraes para não mais abandoná-lo até o ciclo dos levantes [...] Através do café vinham os interesses ingleses e americanos em luta, mais os alemães e os japoneses penetrando" (CE, p. 88); " plantações de cana e de café" (GCC, p. 25). Empresa comercial: "Um dia ela fora jovem nas ruas de Viena, as músicas melodiosas saindo de cada café, de cada boca" (CE, p. 132); " e vai pra o Café Madri" (S, p. 9); " O gerente do Café-Madri o chamara para dizer que, devido à crise, a casa tinha resolvido dispensar um violinista [...] estava há mais tempo no Café" (S, p. 61); " Tocara num reles Café uns dias" (S, p. 62); " e contavam nos cafés [...] no café de Zeca Tripa" (TSF, p. 98). Antropônimo: "a de Café Filho" (CE, p. 340). Reunião social: "com um convite para o exportador vir tomar café na intendência" (GCC, p. 217). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2023). Imagem: Prancha 03C.

Cafeeiro¹ a. *Coffea arabica* Linnaeus (Rubiaceae). Origem: Naturalizada. Poder político: "Os modernistas em geral procuram casamentos vantajosos na aristocracia cafeeira" (CE, p. 94); "Vem de antes a interferência da economia cafeeira na política nacional" (CE, p. 88). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2024).

Cafeeiro² s.m. *Coffea arabica* Linnaeus (Rubiaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola: "o número de fazendas de mais de um milhão de pés de café, em 1927, é de 21 com um total de 34 milhões de cafeeiros" (CE, p. 89). Comentário: cf. Cafeeiro¹.

Cafezal s.m. *Coffea arabica* Linnaeus (Rubiaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola: "Os homens curvados nos cafezais, nos cacauais, dobrados na Amazônia vendida, esfomeados nas cidades, explorados nos campos" (CE, p. 99); " entra pelas fazendas, cafezais, algodoais, mandiocais e milharais" (CE, p. 211); " desde os cafezais de São Paulo às plantações da Argentina" (CE, p. 230).

Cajá s.m. *Spondias mombin* Linnaeus (Anacardiaceae). Origem: Nativa. Presente: "Ihe ofertava sapotis e cajás" (DF, p. 122). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 03D.

Caju s.m. *Anacardium occidentale* Linnaeus (Anacardiaceae). Origem: Nativa. Alimento: "moam amendoins, camarões secos, castanhas de caju, gengibre, sem esquecer a pimenta malagueta ao gosto do freguês" (DF, p. 135); " Vão sair depois numa região frutífera, laranjas, limas, mangas e caju" (CE, p. 191). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 03E.

Cana¹ s.f. *Saccharum officinarum* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Bebida alcoólica (cachaça): "a conversar e a beber Cana de Ilhéus" (GCC, p. 252); " carga da boa Cana de Ilhéus" (GCC, p. 290); " apontou com o dedo as garrafas de Cana de Ilhéus" (GCC, p. 296).

Cana² s.f. *Saccharum officinarum* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Produto agrícola: "plantações de cana e de café" (GCC, p. 25); " plantações de cana balançando ao vento" (GCC, p. 66); "Campos que amamos, que conhecemos nas suas plantações de cana, de milho, de cacau, de café e de algodão [...]" (CE, p. 14). Alimento (animal): "começou a cortar cana para uma besta que possuía" (TSF, p. 238). Trabalho árduo: "o negro mel de cana do rosto de Firmino" (CE, p. 133).

Cana-de-açúcar s.f. *Saccharum officinarum* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Produto agrícola: "nem por cana-de-açúcar" (TSF, p. 30); " nossos primos-irmãos morrendo nas plantações de cana-de-açúcar como os mulatos do Brasil" (CE, p. 47). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2023). Imagem: Prancha 03F.

Canavial s.m. *Saccharum officinarum* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Produto agrícola: "ilha plantada de canaviais e pimenteiras" (GCC, p. 286).

Canavieiras s.f. *Saccharum officinarum* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Topofitônimo: "que os levasse para a escravidão das fazendas de cacau de Ilhéus, Belmonte e Canavieiras" (S, p. 70).

Canela s.f. *Cinnamomum verum* J.Presl (Lauraceae). Origem: Cultivada. Padrão de cor (mulher desejada): "A cor de canela? [...] sua cor de canela" (GCC, p. 154); " marcando de roxo a pele cor de canela" (GCC, p. 294); " sua cor queimada de canela [...] cor de canela" (GCC, p. 138); " sua cor de canela" (GCC, p. 264); " Um rasgão na saia mostrava um pedaço de coxa cor de canela" (GCC, p. 106); " em sua carne cor de canela?" (GCC, p. 256). Mulher (sensualidade, desejo): "era de cravo e canela" (GCC, p. 296); " de Gabriela feita de cravo e de canela" (GCC, p. 199); " Gabriela, cravo e canela" (GCC, título). Tocou o rosto de canela com a mão de navalha" (GCC, p. 285). Comentário: Identificação concorda com Flora de Funga do Brasil (2023).

Capim s.m. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Abandono: "o carrossel armado no capim da Praça da Matriz estava parado havia uma semana" (CA, p. 83); " invadida pelo capim após sua partida" (GCC, p. 157); " o capim invadiu a cozinha" (TSF, p. 52); " antes plantadas de capim" (TSF, p. 174). Local de descanso: "Deitavam no capim úmido" (S, p. 86). Memória idílica: "que se largara da sua mão e corria pelo capim" (S, p. 88). Mulher (fertilidade): "chão onde nasciam árvores e medrava o capim" (GCC, p. 294). Ornamentação (pública): "no meio de uma larga praça plantada de capim" (TSF, p. 124). Violência (vítima): "os cavalos pisando o capim da praça" (TSF, p. 152). Trata-se de um termo genérico aplicado a um número indeterminado de espécies vegetais herbáceas que formam populações aglomeradas e extensas. Menezes (1949, p. 53) afirma que ele é aplicado a espécies das famílias "Comelinácias, Eriocaulales, Liliácias e Leguminosas, muitas Ciperácias e inúmeras Gramínias".

Capinzal s.m. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Quintal: "Havia ainda um capinzal" (S, p. 69).

Caráíba s.f. *Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore (Bignoniaceae). Origem: Nativa. Topofitônimo: "Entram em povoados: Monte Alto, Caráíbas, Gabriel Lapão, Tiririca do Açuruá, Rochedo [...] Em Caráíbas são procurados por homens de Horácio de Matos" (CE, p. 171). Imagem: Prancha 03G.

Carimã s.m. *Manihot esculenta* Crantz (Euphorbiaceae) Origem: Nativa. Alimento: "alguns bolos de aipim ou carimã" (DF, p. 4).

Carnaúba s.f. *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (Arecaceae [Palmae]). Origem: Nativa. Fonte de combustível: "A marcha é iluminada com grandes velas de cera de carnaúba" (CE, p. 154). Imagem: Prancha 05B.

Carnaubeira s.f. *Copernicia prunifera* (Mill.) H.E.Moore (Arecaceae [Palmae]). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "Através da caatinga que começa e dos bosques de carnaubeiras" (CE, p. 175). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Carvalho s.m. *Quercus* sp. (Fagaceae). Origem: Cultivada. Material de mobiliário: "pesada porta de carvalho" (DF, p. 37). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 2, p. 104-105) cita as espécies "*Maytenus evonymoides* Reiss da família das Celastraceas [... e] *Terminalia rotundifolia* Glaz. da família das Combretaceas", acrescentando "*Rhopala rhombifolia* M. (*R. longepetiolata* Kl.), da família das Proteaceas" como "Carvalho da Branco", "*Quercus palustris* Muenchh., da família das Fagaceas" como "Carvalho da América" e "*Quercus pedunculata* Ehrh. (*Quercus robur* L. var. *pedunculata* Née) da mesma família" como "Carvalho da Europa".

Castanha s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Alimento (Tempero): "o gengibre com o coco, o sal com a pimenta, o alho com a castanha" (DF, p. 135). Comentário: conforme citado, este nome pode referir-se a muitas "castanhas" utilizadas na culinária brasileira. Tratando-se da culinária bahiana é possível que se trata da castanha do caju, mas o texto original não deixa qualquer indicativo que se trata desta castanha.

Castanheiro s.m. *Bertholletia excelsa* Bonpl. (Lecythidaceae). Origem: Nativa. Riqueza: "filho de pai latifundiário no Pará, dono de navios e ilhas, de seringais, matas de castanheiros" (DF, p. 33). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Caxixe s.m. *Cucumis* sp. (Cucurbitaceae). Origem indeterminada. Falsidade Ideológica: "Quando o caxixe reinou" (GCC, p. 15); "Campeava o caxixe [...] e lhe ofereciam pouco para o vulto do caxixe" (GCC, p. 32); "Já ouviram falar em caxixe? [...] vem um advogado com um coronel, faz caxixe" (TSF, p. 23); "O coronel Horácio fez um caxixe mais doutor Rui" (TSF, p. 24); "era um caxixe importante" (TSF, p. 76); "todos com os caxixes escandalosos [...] era em Tabocas que o caxixe medrava [...] devido a um caxixe bem feito [...] se resguardar completamente da possibilidade do caxixe futuro [...] fizera certa vez um caxixe que ficara célebre [...] na quietude da sua fazenda Claudionor estudara o caxixe" (TSF, p. 126); "em meio aos caxixes" (TSF, p. 127); "explicou o caxixe" (TSF, p. 146); "É o maior caxixe que já vi falar" (TSF, p. 147); "Mas não teve nada porque a gente desfez o caxixe em dois tempos" (TSF, p. 158); "que fez o caxixe da medição..." (TSF, 164); "fizesse um caxixe bem feito e tomasse sua terra" (TSF, p. 174); "explicava ao público o "inominável caxixe" que era registrar um título de propriedade à base de uma velha medição já sem valor legal" (TSF, p. 177); "tentaria

primeiro legalizar a situação com um caxixe qualquer" (TSF, p. 180). Fecundidade: "em roça de cacau, nessas terras, meu filho, nasce até bispo, nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe [...]". Fofoca: "Ezequiel servia para júri e caxixe" (GCC, p. 215). Comentários: "Ebulho ou falsidade ideológica? A prática do caxixe parece ser mais próxima da falsidade ideológica, pois se restringia à manipulações fraudulentas de documentos cartoriais, sem violências físicas. Tal violência ocorreria (e ocorria frequentemente) se os moradores ou o proprietário vítima resistisse e não entregasse a terra sem luta. Aí se caracterizaria o esbulho (cf. GRECO, 2017, p. 761). Comentários: Menezes (1949, p. 72), associa o termo "Caxixi" à Cascavel

Caxixeiro a. *Cucumis* sp. (Cucurbitaceae). Origem indeterminada. Insulto: "a Sinhô o jornal fazia as acusações de sempre: 'caxixeiro'" (TSF, p. 175).

Cebola s.f. *Allium cepa* Linnaeus (Amaryllidaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "o suco de um limão; coentro; salsa; cebolinha verde; duas cebolas; [...] Para depois: quatro tomates; uma cebola" (DF, p. 19); " Ralem duas cebolas, amassem o alho no pilão; cebola e alho não empestam, não, senhoras, são frutos da terra, perfumados [...] (essas tolas acham a cebola fedorenta, que sabem elas dos odores puros? Vadinho gostava de comer cebola crua e seu beijo ardia) [...] Tomem de quatro tomates escolhidos, um pimentão, uma cebola [...]" (DF, p. 20); " Tomem do sal, do coentro, do alho e da cebola, alguns tomates e o suco de um limão" (DF, p. 135); " sal, limão, alho, cebola, tomate, pimenta, e azeite, azeite doce à vontade" (DF, p. 105). Homem desejado: "nunca mais sua ardida boca de cebola crua! [...]" (DF, p. 20); " Toma de tudo isso em tua boca ardida, de cebola crua" (DF, p. 243); " o gosto ardido de gengibre, de pimenta, de cebola crua" (DF, p. 252). Religião (alimento de Orixá): "Oxum gosta de acará e de ipeté feito com inhame, cebola e camarão" (DF, p. 203). Mulher desejada: "Tu parece uma cebola, carnuda e sumarenta, boa de morder..." (DF, p. 201). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 05F.

Cebolinha s.f. *Allium schoenoprasum* Linnaeus (Amaryllidaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "o suco de um limão; coentro; salsa; cebolinha verde; duas cebolas " (DF, p. 19) Piquem o coentro bem picado, a salsa, alguns tomates, a cebolinha e meio pimentão" (DF, p. 20). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 05A.

Cedro s.m. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Material de mobiliário: "Leito de cedro [...] levou a cama de cedro" (TSF, p. 109). Riqueza: "nem de cedro" (TSF, p. 109). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 2, p. 174-175), associa este nome às espécies *Cabranea laevis* C.DC. "da família das Meliaceas" e várias "espécies da família das Pinaceas" como "*Juniperus communis* L. [...] *Larix europaea* DC.". Menezes (1949, p. 73) afirma tratar-se de uma designação comum a espécies fornecedoras de madeira de grande qualidade pertencentes às famílias "Pinácias, [...] Laurácias e Meliácias".

Chuchu s.m. *Sicyos edulis* Jacquin (Cucurbitaceae). Origem: Naturalizada. Mercadoria: "contendo frutas, farinha de mandioca inhame, e aipim, carne de sol, chuchu e abóbora" (DF, p. 22). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 05C.

Cocada s.f. *Cocos nucifera* Linnaeus (Arecaceae [Palmae]). Origem: Naturalizada. Alimento: "com biscoitos ou cocadas" (DF, p. 66); " um prato com cocadas brancas"

(DF, p. 165); "moquecas de aratu em folhas de banana, cocadas [...] Além do caldeirão de mungunzá de milho branco, um espetáculo! [...] as gasosas de limão e de morango, os guaraná" (DF, p. 178).

Coco s.m. *Cocos nucifera* Linnaeus (Arecaceae [Palmae]). Origem: Naturalizada. Alimento: "eram poemas de camarão e dendê, de peixes e leite de coco, de carnes e pimenta" (GCC, p. 282); " Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim" (GCC, p. 108); " uma xícara de leite de coco, puro, sem água; uma xícara de azeite de dendê" (DF, p. 19); " Quando estiver quase cozido e só então juntem o leite de coco e no finzinho o azeite de dendê" (DF, p. 20); " doce de gelatina e coco apelidado 'creme do homem'" (DF, p. 143); " sem falar em algumas sobremesas como doce de coco, beiju e ambrósia" (DF, 186); " moam o pão assim amolecido em coco [...] o gengibre com o coco, o sal com a pimenta, o alho com a castanha" (DF, p. 135); " A seguir agreguem leite de coco" (DF, p. 136); " azeite de dendê, de coco ralado, uma pitada de pimenta do reino" (DF, p. 14); " de dois cocos escolhidos [...] o puro leite de coco sem mistura" (DF, p. 135); " o alvo beijou de tapioca molhado em leite de coco" (DF, p. 213). Dança: "aos cocos e as rumbas" (DF, p. 180); " um coco mexido" (GCC, p. 249); " Cantaram cocos da terra distante [...] Uma moça dançava o passo miudinho do coco" (S, p. 87); " Olha o coco das Alagoas!" (S, p. 88). Mercadoria: "em geral eram apenas seções de grandes casas exportadoras de tabaco, café, algodão e coco" (TSF, p. 186). Mulher amada: "Meu doce de coco" (DF, p. 62). Religião (procedimento religioso): "folhas com sabão de coco" (DF, p. 248). Imagem: Prancha 05D.

Coentro s.m. *Coriandrum sativum* Linnaeus (Apiaceae [Umbeliferae]). Origem: Cultivada. Alimento: "o suco de um limão; coentro; salsa; cebolinha verde; duas cebolas" (DF, p. 19); " Piquem o coentro bem picado, a salsa, alguns tomates, a cebolinha e meio pimentão" (DF, p. 20); " carne tenra nos perfumes do coentro e do alecrim" (DF, p. 104); " Este prato deve ser servido com batatas do reino cozidas em água sem sal, ou farofa branca recoberta de coentro" (DF, p. 105); " Tomem do sal, do coentro, do alho e da cebola, alguns tomates e o suco de um limão" (DF, p. 135). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 05E.

Coqueiral s.m. *Cocos nucifera* Linnaeus (Arecaceae [Palmae]). Origem: Naturalizada. Paisagem: "no caminho dos coqueirais do Malhado." (GCC, p. 241); " Morreu três dias depois, quando, a bordo do Maraú, avistava os coqueirais de Ilhéus" (S, p. 89); " farras com mulheres nos coqueirais do Pontal" (GCC, p. 265). Desflorestamento: "derrubando os coqueirais" (TSF, p. 166). Dote: "herdeira de um coqueiral" (GCC, p. 77).

Coqueiro s.m. *Cocos nucifera* Linnaeus (Arecaceae [Palmae]). Origem: Naturalizada. Ornamentação de jardim particular: "almoçar num sítio de coqueiros" (GCC, p. 223); " o vento balançando os dois coqueiros do quintal" (TSF, p. 14). Paisagem: "os coqueiros no caminho do Malhado" (GCC, p. 231); " os coqueiros nascendo ao largo de todo o areal" (TSF, p. 172). Topofitônimo: "Aquele que afundou na barra dos Coqueiros..." (TSF, p. 156). Honraria: "no dia da posse armaram com flores e folhas de coqueiro um arco" (TSF, 258). Produto agrícola: "comprara os terrenos plantados de coqueiros e os vendia em lotes" (TSF, p. 166). Proteção ao sexo adúltero: "bangalôs ocultos entre coqueiros em praias selvagens" (DF, p. 185). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Coroa-de-frade s.f. Espécie indeterminada (Cactaceae). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "No dia 19 a Coluna penetra na Estrada Cruel, em torno os mandacarus, os xique-xiques, as unhas-de-gato, as coroas-de-frade, toda a vegetação inimiga, espinhenta, da caatinga violada" (CE, p. 178). Comentários: Menezes (1949, p. 85), relaciona este termo ao nome "Mucunã", identificado por ele como *Mucuna pruriens* DC., uma espécie de Fabaceae (Leguminosae) (cf. Flora e Funga do Brasil, 2024)

Cravo¹ s.m. *Dianthus caryophyllus* Linnaeus (Caryophyllaceae). Origem: Cultivada. Religião (ato fúnebre): "Ela comprou rosas e cravos, palmas e violetas, dalias e saudades [...] três cravos amarelos e quatro saudades roxas [...] com ele amarrando cravos e saudades num pequeno buquê e dando um nó" (DF, p. 103). Religião (Fervor religioso): "do bolso do velho paletó que vestia retirou um cravo vermelho [...] colocou o cravo por baixo do quadro" (CA, p. 47). Homem: "o cravo foi visitar [...] o cravo pôs-se a chorar" (GCC, p. 189); "Ornamentação masculina: "cravo na lapela" (GCC, p. 195). Presente: "De longe fazia sinais apontando o cravo [...] Quem lhe deu esse cravo, Sebastiana?" (S, p. 108). Resposta da natureza à luminosidade do inverno: "rosas e cravos" (CA, p. 142). Sexo (preço): "não quero rosas nem cravos" (GCC, p. 9). Comentário: Inicialmente considerou-se esse nome sem associá-lo a nenhuma espécie de *Dianthus*, contudo, Menezes (1949, p. 87) identifica o cravo "dos jardins" como *Dianthus caryophyllus* L., um nome correto e aceito na Flora e Funga do Brasil (2024), que também associa ao nome vernáculo.

Cravo² s.m. *Syzygium aromaticum* (L.) Merr. & L.M.Perry (Myrtaceae). Origem: Cultivada. Padrão de odor: "e o cheiro de cravo tonteava" (GCC, p. 293); "O perfume de cravo enchia o quarto" (GCC, p. 121); "perfume de cravo a tontear?... GCC, p. 135); "O perfume de cravo? [...] seu perfume de cravo" (GCC, p. 154); "seu perfume de cravo" (GCC, p. 138); "o perfume de cravo [...] apenas o perfume de cravo ainda sentia" (GCC, p. 264); "Dela vinha um perfume de cravo [...] e aquele cheiro de cravo" (GCC, p. 106); "um perfume de cravo" (GCC, p. 107); "E aquele perfume de cravo, de tontear" (GCC, p. 120); "seu perfume de cravo no vento a passar" (GCC, P. 285); "Rosa rubra com cheiro de cravo, perfume de Gabriela" (GCC, p. 129). Mulher (sensualidade, desejo): "era de cravo e canela" (GCC, p. 296); "de Gabriela feita de cravo e de canela" (GCC, p. 199); "Gabriela, cravo e canela" (GCC, título). Comentário: Menezes (1949, p. 87) identifica que este cravo "da Índia" como *Caryophyllus aromaticus* L., que é um dos sinônimos do citado *S. aromaticum* (cf. Flora e Funga do Brasil, 2024). Imagem: Prancha 06A.

Crisântemo s.m. *Chrysanthemum* sp. (Asteraceae [Compositae]). Origem: Cultivada. Amor: "As flores desabrochavam nas praças de Ilhéus, canteiros de rosas, crisântemos, dalias, margaridas, malmequeres" (GCC, p. 125). Comentários: Menezes (1949, p. 88) cita para este nome comum duas espécies: *C. sinensis* Sab. e *C. indicum* L., que não são citadas para a Flora do Brasil (cf. Flora e Funga do Brasil, 2024)

Croá s.m. *Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez (Bromeliaceae). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "atravessando noutros dias zonas de caatinga, mandacarus, quixabas, croás, favelas, palmatórias, culumbis, toda uma vegetação espinhenta, onde os caminhos eram uma utopia" (CE, p. 169). Imagem: Prancha 06B.

Culumbi s.m. *Mimosa pigra* Linnaeus (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "atravessando noutros dias zonas de caatinga, mandacarus, quixabas, croás, favelas, palmatórias, culumbis, toda uma vegetação espinhenta, onde os

caminhos eram uma utopia" (CE, p. 169). Comentários: Provável corruptela de Calumbi, que Queiroz (2009, p. 184) associa à citada espécie. Imagem: Prancha 06D.

Dália s.f. *Dahlia* sp. (Asteraceae [Compositae]). Origem: Cultivada. Amor: "As flores desabrochavam nas praças de Ilhéus, canteiros de rosas, crisântemos, dalias, margaridas, malmequeres" (GCC, p. 125). Religião (ato fúnebre): "Ela comprou rosas e cravos, palmas e violetas, dalias e saudades" (DF, p. 103). Resposta da natureza às mudanças de estação: "dhalias e violetas" (CA, p. 142). Comentários: "Dhalia" Trata-se de uma variação ortográfica de "Dália", usada na publicação original do romance, que se deu nos anos 30 do século passado. Corrêa (1978[1926], v. 2, p. 511-514), identifica três espécies para este nome: *Dahlia coccinea* Cav. (com vários sinônimos), *D. imperialis* Roetzl. [ex Ortgies] e *D. variabilis* Desf. (com vários sinônimos). Menezes (1949, p. 91), associa este nome à *Dahlia variabilis* Desf., um sinônimo de *D. pinnata* Cav. (cf. Flora e Funga do Brasil, 2024).

Dendê s.m. *Elaeis guineensis* Jacquin (Arecaceae [Palmae]). Origem: Naturalizada. Alimento: "eram poemas de camarão e dendê, de peixes e leite de coco, de carnes e pimenta" (GCC, p. 282); "uma xícara de leite de coco, puro, sem água; uma xícara de azeite de dendê" (DF, p. 19); "Quando estiver quase cozido e só então juntem o leite de coco e no finzinho o azeite de dendê" (DF, p. 20); "sirvam-lhe adun: jubá de milho em dendê e mel de abelhas" (DF, p. 203); "seu marido era maluco por comida de dendê" (DF, p. 186); "zeladora do dendê e da pimenta" (DF, p. 88); "e finalmente o azeite de dendê [...] duas xícaras bem medidas: flor de dendê, da cor de ouro velho, a cor do vatapá [...] Para servi-lo falta apenas derramar um pouco de azeite de dendê" (DF, p. 136); "azeite de dendê, de coco ralado, uma pitada de pimenta do reino" (DF, p. 14); "para algum ignorante que não apreciasse o azeite de dendê" (DF, p. 37); "os lábios amarelos do dendê" (DF, p. 133). Homem: "seus lábios amarelos do dendê" (DF, p. 20). Feitiço: "Farinha com azeite-de-dendê" (S, p. 48). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Eucalipto s.m. *Eucalyptus* sp. (Myrtaceae). Origem: Cultivada. Homem: "como um triste eucalipto solitário" (GCC, p. 73). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 2, p. 614-634), associa a este nome ("Eucalypto") as seguintes espécies: *E. acmenioides* Schauer, *E. botryoides* Smith, *E. cornuta* Labill., *E. goniocalyx* F. Mueller, *E. gummifera* Hochr., *E. gunnii* Hk., *E. macrorhyncha* F. Mueller, *E. maculata* Hk., *E. mircocorys* F. Mueller, *E. paniculata* Smith, *E. pilularis* Sm., *E. piperita* Sm., *E. planchoniana* F. Mueller, *E. Polyanthema* Schauer, *E. punctata* DC., *E. rostrata* Schlch., *E. rudis* Endl. entre outras. Menezes (1949, p. 99), cita as seguintes espécies: *E. globulos* Labil., *E. citriodora* Hook., *E. crebra* Muel., *E. obliqua* L'Heret., *E. robusta* Sm., *E. diversicolor* Muel., *E. amigdalina* Labil., *E. gonphocephala* DC. Silva et al. (1979, p. 502-504) cita apenas *E. globulus* Labill.

Eugênia s.f. *Eugenia* sp. (Myrtaceae). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Eugênia Álvaro Moreira" (CE, p. 319). Comentários: *Eugenia* é um epíteto genérico pertencente à família Myrtaceae, entrando na composição de binômios importantes como o da pitangueira (*E. uniflora* L.), espécies tão comuns e cultivadas entre os brasileiros que o nome genérico se transformou em um nome comum, utilizado principalmente entre biólogos e outros profissionais especializados plantas (como vendedores de plantas ornamentais, de frutas da estação etc.). Barroso et al. (1984, p. 163), afirma ser uma homenagem do autor do nome (Linnaeus) ao príncipe Eugênio de Savoia (1663-1736),

que foi um gênio militar do período e tido como mecenas, tendo patrocinado filósofos e escritores.

Euterpe s.f. *Euterpe* sp. (Arecaceae [Palmae]). Origem: Nativa. Agremiação social: "Euterpe 13 de Maio" (GCC, pp. 22, 112, 157); "Mas a Euterpe 3 de Maio" (TSF, p. 151). Comentários: *Euterpe* também é um nome genérico associado à espécies vegetais muito comuns, como o açai (*Euterpe oleracea* Mart.), de tal forma conhecido que também é utilizado como nome comum para designar essas plantas (ou similares) por profissionais ligados aos vegetais (biólogos, agrônomos, vendedores de plantas comestíveis e ornamentais). Etimologicamente, vem da mitologia grega, sendo o nome da musa da poesia lírica e da música (Ferreira, 2004) daí ser utilizado para denominar agremiações filarmônicas.

Favela s.f. *Cnidoscolus quercifolius* Pohl (Euphorbiaceae) Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "atravessando noutros dias zonas de caatinga, mandacarus, quixabas, croás, favelas, palmatórias, culumbis, toda uma vegetação espinhenta, onde os caminhos eram uma utopia" (CE, p. 169). Comentários: Corrêa (1978[1926], v.3, p. 42) cita o "Faveleiro" associando-o ao binômio "Jatropha phyllacantha Muell. Arg.", que, segundo Flora e Funga do Brasil (2024), trata-se de um sinônimo de *C. quercifolius* Pohl.

Feijão s.m. *Phaseolus vulgaris* Linnaeus (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Cultivada. Alimento: "da carne de sol assada, do arroz, do feijão, do doce de banana em rodinhas" (GCC, p. 111); "Tendo feijão e carne seca, café e pinga, estão contentes" (GCC, p. 97); "e cozinhar feijão" (GCC, p. 98); "Dindinha, já reparou como esse feijão tem gosto de amarelo?" (S, p. 5); "Começaram a mastigar o feijão duro e os pedaços de carne [...] Com a faca de cabo quebrado puxou um carrapato de dentro do feijão" (S, p. 6); "que catava feijão" (S, p. 17); "descansava a panela de feijão" (S, p. 69); "Um molecote comprava feijão e carne-seca que o preto preparava no fogareiro do quarto" (S, p. 75). Mercadoria: "Oito dias antes tinha vindo Zacarias trazer milho e farinha de mandioca e levar carne-seca, cachaça e feijão do armazém da fazenda" (TSF, p. 43). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e Corrêa (1978[1926], v. 3, p. 71, como "Feijão Comum"). Imagem: Prancha 06E.

Feijão-branco s.m. *Phaseolus vulgaris* Linnaeus (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Cultivada. Alimento: "não tolera inhame e feijão branco" (DF, p. 203).

Feijoada s.f. *Phaseolus vulgaris* Linnaeus (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Cultivada. Alimento: "Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoada, moqueca de peixe" (GCC, p. 48); "perdido por uma feijoada" (DF, p. 29); "e já programava uma feijoada" (DF, p. 93); "— Feijoada..." (S, p. 26); "oferecia feijoada e pinga aos admiradores e cantava sambas e marchas da moda" (S, p. 35).

Flor-estrela s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Característica psicológica humana (valentia): "uma mulher que tivesse no peito como uma flor, uma estrela" (CA, p. 328).

Flor-roxa s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Religião (ato fúnebre): "Pirulito pôs uma flor roxa entre seus dedos" (CA, p. 284).

Fruta-pão s.f. *Artocarpus altilis* (Parkinson) Fosberg (Moraceae). Origem: Cultivada. Característica psicológica humana (serenidade): "a brisa suave entre a jaqueira e o pé de

fruta-pão" (DF, p. 157). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v.3, p. 340) associa a este nome o binômio "Artocarpus incisa L.f." que não aparece no WFO (2023), mas encontra-se "Artocarpus incisus (Thumb.) L. f." que é sinônimo de *A. altilis* (Parkinson) Fosberg. Imagem: Prancha 06F.

Fumo s.m. *Nicotiana tabacum* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Naturalizada. Tabagismo: "O fazendeiro escutava, a preparar um cigarro de palha de milho e fumo de rolo" (GCC, p. 141); " o fumo do cachimbo" (DF, p. 241); " as grandes mão calosas seguravam o fumo" (TSF, p. 41); " Tem pouco fumo e a espera pode de morar [...] está quase contente porque agora só pensa nesse problema do fumo [...] fumo bom... esse é sertanejo [...] Damião está pensando é no fumo negro" (TSF, p. 64); " rolando o fumo lentamente na mão calosa" (TSF, p. 210). Mercadoria: "iam encher os porões do navio com sacos de cacau, fardos de fumo [...]" (CA, p. 113); " durante o dia ocupado com seus negócios de fumo" (DF, p. 85); " dois exportadores de fumo e de algodão" (TSF, p. 186). Produto agrícola: "Hoje eles tinham outros escravos pretos, mulatos e brancos, nas extensões das fazendas de fumo, de cacau" (S, p. 23). Comentários: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v.3, p. 347-356) cita vários binômios, além de *N. tabacum* L., associados a este fitônimo: "*Nicotiana Langsdorffii* Wein." e "*Nicotiana rustica* L." que, de acordo com WFO (2024), são espécies válidas, mas diferentes de *N. tabacum* L. Imagem: Prancha 06G.

Gengibre s.m. *Zingiber officinale* Roscoe (Zingiberaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "moam amendoins, camarões secos, castanhas de caju, gengibre, sem esquecer a pimenta malagueta ao gosto do freguês [...] o gengibre com o coco, o sal com a pimenta, o alho com a castanha [...] se o vatapá, forte de gengibre, pimenta, amendoim" (DF, p. 135). Alimento (Tempero erótico): "Jamais necessitei de gengibre e amendoim [...] Viúva no fogão a cozinhar o vatapá, pesando o gengibre, o amendoim, a malagueta, e tão somente" (DF, p. 136). Mulher desejada: "meu cobreado corpo de gengibre e mel [...] Tem gosto de mel e de pimenta, e de gengibre..." (DF, p. 136); " Tem gosto de mel e de pimenta, e de gengibre..." (DF, p. 244). Homem desejado: "o gosto ardido de gengibre, de pimenta, de cebola crua" (DF, p. 252). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Corrêa (1978[1926], v. 3, p. 380-383), prefere o binômio "*Zingiber zingiber* Karst.", mas tautônimos são considerados inaceitáveis pelo Código Internacional de Nomenclatura Botânica (cf. TURLAND et al., 2018). Imagem: Prancha 07A.

Glicínia s.f. *Wisteria sinensis* (Sims) Sweet (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Cultivada. Ornamentação de roupa de cama: "com ramos de glicínia" (DF, p. 60). Comentários: Identificação concorda com FLORA E FUNGA DO BRASIL (2024); Corrêa (1978[1926], v. 3, p. 418) associa este nome a "*Wistaria chinensis* DC", mas trata-se de um nome com longa história taxonômica; inicialmente Sims descreveu *Glycine sinensis* em 1819, mas essa espécie foi transferida por Sweet para o gênero *Wisteria* em 1826, contudo esta transferência já teria acontecido em 1825 no trabalho de De Candolle; *W. sinensis* (Sims) Sweet é o binômio e autoridade registrado no FLORA E FUNGA DO BRASIL (2024) sendo o que é usado na China (cf. WFO, 2024), mas no WORLD FLORA ON LINE (2024) a autoridade é diferente: *W. sinensis* (Sims) DC., uma pequena diferença entre os dois sítios oficiais de sistemática e nomenclatura de espécies vegetais.

Goiaba s.f. *Psidium guajava* Linnaeus (Myrtaceae). Origem: Naturalizada. Alegria de viver: "Mastigar as goiabas" (GCC, p. 170); " Vida simples: a seu quintal de goiabas"

(GCC, p. 170). Paisagem: "do quintal de goiaba, mamão e pitanga" (GCC, p. 239). Coisas boas da vida: "De goiaba e pitanga" (GCC, p. 262). Mulher amada: "a morder goiabas no quintal" (GCC, p. 264). Lembranças da situação com o homem amado: "Queria um fogão, um quintal de goiaba, mamão e pitanga" (GCC, p. 285). Recanto tranquilo: "mordia goiabas, vermelhas pitangas" (GCC, 295). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 07B.

Goiabada s.f. *Psidium guajava* Linnaeus (Myrtaceae). Origem: Naturalizada. Alimento: "batendo o ritmo em latas vazias de goiabada" (DF, p. 70).

Goiabeira s.f. *Psidium guajava* Linnaeus (Myrtaceae). Origem: Naturalizada. Paisagem (quintal): "A lua, no alto dos céus, iluminava o quintal de mamoeiros e goiabeiras." (GCC, p. 120); " Proteção: dormindo à sombra das goiabeiras" (GCC, p. 148); " por detrás de uma goiabeira" (TSF, p. 58); " que conseguiu chegar até uma goiabeira perto da casa-grande do coronel." (TSF, p. 58); " Liberdade: abriu a gaiola em frente à goiabeira" (GCC, p. 170). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 3, p.429-432) concorda com identificação.

Groselha s.f. *Ribes uva-crispa* Linnaeus (Grossulariaceae). Origem: Cultivada. Ingrediente de bebida alcoólica: "Marilda e a empregada serviam licores feitos em casa: de ovos, de violetas, de groselha, de umbu, de araçá" (DF, p. 152). Comentários: Este binômio é associado ao fitônimo "Groselheira-espinhosa" tanto em Corrêa (1978[1926], v. 3, p. 496), como na FLORA E FUNGA DO BRASIL (2024).

Guaraná s.m. *Paullinia cupana* Kunth (Sapindaceae). Origem: Nativa. Alimento (Bebida refrescante): "as gasosas de limão e de morango, os guaranás" (DF, p. 178); " encharcando-se de cerveja, gasosa e guaraná" (DF, p. 179). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e Corrêa (1978[1926], v. 3, p. 545-555).

Heliotrópio s.m. *Heliotropium* sp. (Heliotropiaceae). Origem: Nativa. Padrão de odor: "em perfume de heliotrópio" (DF, p. 158). Comentários: Menezes (1949, p. 114) cita o Heliotrópio dos Jardins, identificando como *Heliotropium peruvianum* L (sinônimo de *Heliotropium arborescens* L., que, de acordo com o sítio Flora e Funga do Brasil [2023], não ocorre dentro das fronteiras nacionais). Silva et al. (1979, p. 578-579), também cita *H. peruvianum* L. para "Heliotropia"

Hera s.f. *Hedera helix* Linnaeus (Araliaceae). Origem: Cultivada. Abandono: "hera cresceu pelas varandas" (TSF, p. 52). Comentários: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v.4, p.24) também associa esse nome à *H. helix*, acrescentando ainda *Evolvulus sericeus* Sw. (Convolvulaceae). Imagem: Prancha 07C.

Hortelã s.m. *Mentha piperita* Linnaeus (Lamiaceae [Labiatae]) Origem: Cultivada. Padrão de sabor: "e tendo chupado uma pastilha de hortelã para limpar a boca do gosto de pimenta e mel daquele beijo impudico" (DF, p. 211). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 168) associa esse nome à *Mentha sativa* L. (= *M. aquatica* L., seg. FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2023) e *M. sylvestris* L. (= *M. uliginosa* Salisb., seg. IPNI, 2024)

Hortênsia s.f. *Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser. (Hydrangeaceae). Origem: Cultivada. Padrão de cor: "colcha de cetim azul-hortênsia [...] segundo ele o lindo azul-

hortênsia era um roxo funéreo" (DF, p. 60); " derrubou-a em cima da colcha azul-hortênsia" (DF, p. 61); " azul- rei, azul-pervanche, hortênsia, verde-mar" (DF, p. 105). Comentários: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 4, 177-179) prefere o associar este fitônimo à *Hydrangea hortensia* DC., porém, de acordo com WFO (2023), este binômio não foi proposto por De Candolle e sim por Siebold, fazendo *H. hortensia* Siebold, que foi colocado entre os sinônimos de *H. macrophylla*. Imagem: Prancha 07D.

Inhame s.m. *Colocasia esculenta* (L.) Schott (Araceae). Origem: Cultivada. Alimento: "Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim" (GCC, p. 108). Alimento (religioso): "Oxum gosta de acará e de ipeté feito com inhame, cebola e camarão [...] não tolera inhame e feijão branco [...] Suas comidas são ojojó de inhame, ebô de milho branco" (DF, p. 203). Produto agrícola: "cultivavam mandioca milho, batata doce, inhame" (GCC, p. 267). Antropofitônimo: "Elixir de Inhame, mulato grosso" (DF, p. 173). Mercadoria: "contendo frutas, farinha de mandioca inhame, e aipim, carne de sol, chuchu e abóbora" (DF, p. 22). Comentários: Menezes (1949, p. 117) afirma que este nome comum está associado a representantes das famílias "Arácias, Dioscoriácias e [...] Amarilidácias", sendo que na Bahia ele está mais associado a membros da família "Dioscoriácias". Existe na verdade uma grande confusão na aplicação dos nomes "Inhame" e "Cará", nos dias atuais, nos supermercados, o nome "Inhame" é geralmente aplicado aos tubérculos provenientes de espécies de Araceae, como *Alocasia cucullata* (Lour.)G. Don (Inhame-chinês, cf. Flora e Funga do Brasil, 2024); o nome "cará" é mais aplicado a representantes da família Dioscoriaceae, principalmente aos tubérculos aéreos da espécie *Dioscorea bulbifera* L. (cará-moela); Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 307-308), afirma que com este nome comum são conhecidas várias espécies de Araceae, "mas o 'Inhame' propriamente dito é *Colocasia antiquorum* Schott", sendo que tal binômio é, segundo FLORA E FUNGA DO BRASIL (2024), sinônimo de *C. esculenta* (L.) Schott, nome considerado "aceito" e associado ao fitônimo "Inhame". Imagem: Prancha 07E.

Jaca s.f. *Artocarpus heterophyllus* Lamarck (Moraceae). Origem: Naturalizada. Alimento: "o sol brilhava sobre o amarelo das jacas maduras" (GCC, p. 48); " um pedaço assado de charque com farinha, uma jaca madura, comidos às pressas na hora do sol a pino" (GCC, p. 152); " não comeria jaca colhida pelo negro Damião" (TSF, p. 66). Algo que prende: "é feito visgo de jaca" (TSF, p. 23). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 08A.

Jaca-mole s.f. *Artocarpus heterophyllus* Lamarck (Moraceae). Origem: Naturalizada. Alimento: "derrubavam uma jaca-mole de uma jaqueira qualquer e era a sobremesa" (TSF, p. 78); " que ia buscar jaca-mole nas grandes jaqueiras, cachos de banana-ouro nos bananais onde viviam as cobras" (TSF, p. 60). Mulher: "que nem visgo de jaca-mole." (TSF, p. 60).

Jacarandá s.m. *Dalbergia nigra* (Vell.) Allemão ex Benth. (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Material de mobiliário: "no leito monumental de jacarandá maciço e cheiro de alfazema" (DF, p. 159); " para o leito de jacarandá" (TSF, p. 50); " pronto para seu amor na cama de jacarandá" (TSF, p. 104); " Mas que deixasse essas histórias, esses detalhes para os momentos de intimidade no leito de jacarandá que ocupava dois terços do quarto de dormir" (CE, p. 31). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 376-379) cita várias espécies associadas ao nome "Jacarandá": *Dalbergia brasiliensis* Vog., *Dalbergia cuiabensis* Benth., *Dalbergia violacea* (Vog.) Malme, *Machaerium amplum*

Benth., *Machaerium mucronulatum* Mart., *Machaerium triste* Vog., *Swartzia psilonema* Harms; FLORA E FUNGA DO BRASIL (2024) também associa *D. brasiliensis* Vogel ao fitônimo, guardando *D. nigra* (Vell.) Alemão ex Benth. para “Jacarandá-da-Bahia”. Imagem: Prancha 07F.

Jalapão s.m. *Operculina macrocarpa* (L.) Urb. (Convolvulaceae). Origem indeterminada. Topofitônimo: "escala a serra Jalapão para chegar a 22 à margem direita do rio do Sono" (CE, p. 192); " Em Pedro Afonso cruzam o rio do Sono, marchando a vanguarda da Coluna para o Maranhão, através de Jalapão" (CE, p. 148). Comentários: Menezes (1949, p. 122), relaciona este nome a batata-de-purga, que ele determina (p. 36) como *Ipomoea operculina* M. (talvez *Ipomoea operculata* Mart., seg. IPNI), que atualmente é identificada como *Operculina macrocarpa* (L.) Urb., à qual são associados nomes como "Jalapina" e "Jalap", além de batata-de-purga (Flora e Funga do Brasil, 2023). Ferreira (2004, p. 1147), também associa este nome à citada espécie de Convolvulaceae e, da mesma forma, associando-o ao nome Batata-de-purga. Curiosamente, no local citado nas fontes amadianas, atualmente um procuradíssimo ponto turístico em Tocantins, não tem registro da referida espécie (cf. SPLINK, 2023); Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 420) associa este fitônimo à *Parathesis serrulata* (Sw.) Mez (Primulaceae, antes Myrsinaceae), que não é citada na FLORA E FUNGA DO BRASIL (2024), afirmando que a “Jalapa verdadeira” pertenceria à espécie *Ipomoea jalapa* Pursh, que, de acordo com Flora e Funga do Brasil (2024) não ocorre no Brasil. Imagem: Prancha 08B.

Jambo s.m. *Syzygium malaccense* (L.) Merr. & L.M.Perry (Myrtaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Dora Cu de Jambo" (GCC, p. 214). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 427-428) relaciona *Eugenia malaccensis* L. [sinônimo de *S. malaccense* (L.) Merr & L.M. Perry, segundo WFO (2023)], ao fitônimo “Jambeiro vermelho”. Imagem: Prancha 08D.

Jaqueira s.f. *Artocarpus heterophyllus* Lamarck (Moraceae). Origem: Naturalizada. Proteção(esconderijo de franco-atiradores): "a jaqueira o esconde da estrada" (TSF, p. 66); " era uma jaqueira frondosa [...] nunca atirei em nenhum dessa jaqueira [...] O negro Damião chega à jaqueira" (TSF, p. 60); " atrás de uma jaqueira perto do atalho [...] Tão detrás da jaqueira... [...] A cabeça de um dos assaltantes apareceu por detrás da jaqueira acertando a pontaria [...] a cabeça do homem atrás da jaqueira balançou como um fruto maduro e caiu [...] Tiveram que se afastar um pouco das jaqueiras" (TSF, p. 196); " A lua sobe sobre a jaqueira" (TSF, p. 63). Fonte de alimento: "derrubavam uma jaca-mole de uma jaqueira qualquer e era a sobremesa" (TSF, p. 78). Característica psicológica humana (serenidade): " a brisa suave entre a jaqueira e o pé de fruta-pão" (DF, p. 157). Produto agrícola: "que ia buscar jaca-mole nas grandes jaqueiras, cachos de banana ouro nos bananais onde viviam as cobras" (TSF, p. 60). Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 438) associa este fitônimo à *Artocarpus integrifolia* Lf., que, de acordo com Flora e Funga do Brasil (2024), apesar de ser um nome aceito, esta espécie não ocorre no Brasil, em lugar disso, este sítio associa ao fitônimo “Jaca” à espécie *A. heterophyllus* Lam.

Jasmim s.m. *Chrysojasminum odoratissimum* (L.) Banfi (Oleaceae). Origem: Cultivada. Padrão de odor: "Lá fora, perfumada de jasmim [...] perfume de jasmim" (DF, p. 157). Comentários: Inicialmente considerou-se deixar este nome sem associá-lo a uma espécie, contudo Menezes (1949, p. 123) afirma que, apesar de tratar-se da denominação de diversas espécies pertencentes às mais variadas famílias, a mais comum seria *Jasminum*

odoratissimum L. (Oleaceae), com o que também concorda a página da Flora e Funga do Brasil (2024). Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 490) relaciona este fitônimo às espécies *J. dichotomum* Vahl, *J. azoricum* L., *J. grandiflorum* L. e *J. pubescens* Willd., além de *J. odoratissimum* L.; contudo, Banfi (2014) transferiu todo o táxon *Jasminum* sect. *Alternifolia* para o gênero *Chrysojasminum*, incluindo a antiga espécie lineana, combinação essa aceita pelo IPNI (2024) e WFO (2024).

Jasmineiro s.m. *Chrysojasminum odoratissimum* (L.) Banfi (Oleaceae). Origem: Cultivada. Mulher desejada: "mesmo quando Malvina estava no portão da casa nova sob o jasmineiro em flor" (GCC, p. 75). Ornamentação particular (Jardim): "com um jasmineiro à porta" (GCC, p. 73). Padrão de odor: "que o cheiro pecaminoso dos jasmineiros" (TSF, p. 154). Comentários: ver anterior.

Jatobá s.m. *Hymenaea courbaril* L. (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Topofitônimo: "A travessia foi feita pelo povoado de Várzea Redonda a uma légua e meia de Jatobá, onde Siqueira encurralara o inimigo [...] mantendo sob assédio até 26 a vila de Jatobá" (CE, p. 163). Comentários: Inicialmente este nome ficou sem ser associado a uma espécie botânica, mas Menezes (1949, p. 124) associa este termo ao nome "Jataí", identificando-o como *Hymenaea courbaril* L., no que é acompanhado pelo sítio da Flora e Funga do Brasil (2024). Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 500-502), relaciona a este fitônimo os nomes *H. altissima* Ducke, *H. martiana* Hayne e *H. splendida* Vog., destes nomes, todos aceitos e corretos segundo a Flora e Funga do Brasil (2024), apenas *H. altissima* Ducke também é relacionado ao fitônimo "Jatobá". Imagem: Prancha 08C.

Jenipapo s.m. *Genipa americana* Linnaeus (Rubiaceae). Origem: Nativa. Ingrediente de bebida alcoólica: "De jenipapo ou de abacaxi?" (GCC, p. 42); " Sorveu o licor de jenipapo" (GCC, p. 44); " Dor de cabeça maior só com licor de jenipapo..." (DF, p. 82); " no jenipapo do São João" (DF, p. 93); " seu famoso licor de jenipapo" (DF, p. 115). Referencial: "sobre os jenipapos" (DF, p. 157). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024), como "jenipapo" e com Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 515) como "Jenipapeiro".

Jiló s.m. *Solanum aethiopicum* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Cultivada. Mercadoria: "sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranjas" (GCC, p. 48). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024), como "gilo"; Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 543-545) relaciona o fitônimo à espécie *Solanum gilo* Raddi, que é sinônimo de *S. aethiopicum* L., de acordo com a Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 08E.

Juazeiro s.m. *Sarcomphalus joazeiro* (Mart.) Hauenschild (Rhamnaceae). Origem: Nativa. Topofitônimo: "se metera ele com uma tipa em Juazeiro [...] o marido não só terminara com a sujeita como nem mais dormia em Juazeiro" (DF, p. 191); " Desde aquele dia que, em Juazeiro, a companhia se dissolveu vendendo o urso e o pano para fazer o dinheiro das passagens, Laudelino entristeceu" (S, p. 95). Comentários: Esta identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e também com Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 558), que todavia, usou "*Zizyphus joazeiro* Mart.", uma variante ortográfica de *Zizyphus joazeiro* Mart., agora sinônimo de *S. joazeiro* (Mart.) Hauenschild. Imagem: Prancha 08F.

Junco s.m. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Topofitônimo: "Passam por Brejo em Brasa, por Junco, Gavião, Algodão e, na

madrugada de 25 estão em Tabuleiro Alto" (CE, p. 178). Comentários: Menezes (1949, p. 126), associa este nome a diversas espécies como *Lepidosperma officinalis* (provavelmente referindo-se à espécie *L. officinale* Arruda ex Almeida, um nome ainda obscuro entre os botânicos [cf. WFO, 2024]) e *Rhynchospora cyperoides* (um nome publicado por Martius e atualmente figura entre os sinônimos de *R. holoschoenoides* (Rich.) Herter [cf. Flora e Funga do Brasil, 2024]); esse mesmo autor associa o nome "Junco" a um outro nome comum: "Dandá", sugerindo (p. 91) que pode ser identificado como *Cyperus jongus* L. (um nome não registrado, cf. IPNI [2024], talvez uma variante ortográfica de *C. longus* L.) ou *C. rotundus* L., que é referido para o Brasil (cf. Flora e Funga do Brasil, 2024). Corrêa (1978[1926], v. 4, p.562-566) associa 16 nomes de espécies, restringindo apenas à família das Cyperaceae.

Jurubeba s.f. *Solanum paniculatum* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Nativa. Medicinal: "cujas descobertas relativas às faculdades medicinais da jurubeba" (DF, p. 173); "chegou a sorrir em meio aos fortes argumentos do doutor Sinval Costa Lima, o da jurubeba" (DF, p. 174). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 583-585) relaciona oito espécies de *Solanum* a este fitônimo: *S. angustifolium* Lam., *S. bonariensis* L., *S. cuneifolium* Dun., *S. diphyllum* L., *S. fastigiatum* Willd., *S. glaucum* Dun., *S. robustum* Wendl., *S. torvum* Sw., associando *S. paniculatum* L. ao fitônimo "jurubebinha" (p. 586); a Flora e Funga do Brasil (2024) associa "Jurubeba" à Cactaceae *Brasilopuntia brasiliensis* (Willd.) A. Berger. Imagem: Prancha 08G.

Laranja s.f. *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (Rutaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "enquanto descascava uma laranja" (CA, p. 110); "que chupava a terceira laranja" (CA, p. 113); "tentando roubar frutas nos cestos de laranjas, limas, tangerinas, umbus e sapotis" (DF, p. 70); "Vão sair depois numa região frutífera, laranjas, limas, mangas e cajus" (CE, p. 191). Mercadoria: "sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranjas" (GCC, p. 48); "Num canto uma negra velha vendia laranjas e cocada" (CA, p. 110); "que vêm para vender sua farinha, seu milho, suas bananas e laranjas" (TSF, p. 198); "Hoje, essa casa transformou-se num sobradinho com uma quitanda embaixo, bem fornecida de bananas e laranjas" (S, p. 19). Ingrediente de bebida alcoólica: "Temos também de laranja e de maracujá" (GCC, p. 42). Mulher virgem: "qual deles capaz de lhe arrebatam as flores de laranja e a virgindade" (DF, p. 120). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 09A.

Laranjeira s.f. *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (Rutaceae). Origem: Cultivada. Mulher virgem: "as flores virginais da laranjeira" (DF, p. 120); "sem as flores virginais da laranjeira" (DF, p. 121); "as flores de laranjeira" (TSF, p. 235). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 619-621) associa este fitônimo à espécie *Citrus aurantium* L. com muitas variedades, sendo uma delas *C. aurantium* v. *sinensis* L., que é sinônimo de *C. sinensis* (L.) Osbeck.

Lilás a. *Syringa vulgaris* Linnaeus (Oleaceae). Origem: Cultivada. Padrão de cor: "estampados em lilás" (DF, p. 60). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 645-646) concorda com esta identificação, mas esta espécie não é citada na Flora e Funga do Brasil (2024), apenas existindo um registro dela cultivada no Brasil (Rio Grande do Sul) em 1938 (cf. SPLINK, 2024).

Lima s.f. *Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle (Rutaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "tentando roubar frutas nos cestos de laranjas, limas, tangerinas, umbus e

sapotis" (DF, p. 70); " Vão sair depois numa região frutífera, laranjas, limas, mangas e cajus" (CE, p. 191). Antropofitônimo: "Lima Barreto resultava de tudo isso e da miséria em que vivia o povo brasileiro, como Coelho Neto resultava da vida pacata, cômoda, das camadas governantes, dos fazendeiros de café não querendo saber como vivia a gente do país" (CE, p. 92); " doutor Sinval Costa Lima" (DF, p. 174). Comentários: Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 620) associa este fitônimo à "Citrus aurantium var. lumia", mas esta variedade não é citada na Flora e Funga do Brasil (2024).

Limão s.m. *Citrus limon* (L.) Osbeck (Rutaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "as gasosas de limão e de morango, os guaranás" (DF, p. 178); " o suco de um limão; coentro; salsa; cebolinha verde; duas cebolas" (DF, p. 19); " Lavem os siris inteiros em água de limão" (DF, p. 20); " Tomem do sal, do coentro, do alho e da cebola, alguns tomates e o suco de um limão" (DF, p. 135); " sal, limão, alho, cebola, tomate, pimenta, e azeite, azeite doce à vontade" (DF, p. 105). Ingrediente de bebida alcoólica: "eles providenciaram uma batida de limão" (DF, p. 90). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 4, p.655) relaciona este fitônimo à *C. limonum* Risso, que é um dos sinônimos de *C. limon* (L.) Osbeck segundo a Flora e Funga do Brasil (2024), que também identifica a este fitônimo. Imagem: Prancha 09 B.

Linho s.m. *Linum usitatissimum* Linnaeus (Linaceae). Origem: Cultivada. Material de vestuário: "E, me diga, Pitanga, quanto você está cobrando hoje por um traje de linho branco? [...] Linho comum?" (DF, p. 95); " casimiras, tropicais, linhos, móveis, perfumes, tudo de contrabando" (DF, p. 191); " roupas de linho branco" (TSF, p. 118). Comentário: O sítio da Flora e Funga do Brasil (2024) não cita essa espécie, mas o SPLINK (2024) a registra associando-a à ambientes cultivados; Corrêa (1978[1926], v. 4, p. 664-665) concorda com essa identificação.

Macambira s.f. *Bromelia laciniosa* Mart. ex Schult. f. (Bromeliaceae). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "a flora opressiva dos mandacarus e das macambiras" (CE, p. 178). Comentários: Menezes (1949, p. 134) identifica como *Bromelia laciniosa* M[art. ex Schultes f.]; A forma como Jorge Amado utiliza a espécie para caracterizar a Caatinga, qualificando-a como "opressiva", lembra as descrições desse ambiente feitas por Euclides da Cunha (1982[1902], pp. 117, 141). Tanto lá, como aqui, o nome parece referir-se mesmo ao binômio *B. laciniosa*, uma vez que ele aparece também em Martius (1841, c. 38), que descrevia o mesmo tipo vegetacional (cf. França & Fonseca, 2020, p. 132-133); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 4-5) associa este fitônimo tanto à "*Bromelia laciniosa* Mart." e à "*Encholirion .spectabile* Mart.", que, no sertão do Nordeste brasileiro, está associado a esta última espécie, cuja autoridade do nome correta é *Encholirium spectabile* Mart. ex Schult. & Schult.f. (cf. FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2024) geralmente traz um complemento especificador como "Macambira-de-flecha" ou "Macambira-de-lajedo" (cf. SPLINK, 2024). Imagem: Prancha 09C.

Macieira s.f. *Malus pumila* Mill. (Rosaceae). Origem: Cultivada. Ornamentação particular (Jardim): "Nos jardins de sua casa plantara até macieira e pereira" (GCC, p. 52). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 20-21) relaciona este nome europeu à *Pyrus malus* L., que é um sinônimo de *M. pumila* Mill. (cf. Flora e Funga do Brasil, 2024). Imagem: Prancha 09D.

Maconha s.f. *Cannabis sativa* Linnaeus (Cannabaceae). Origem: Cultivada. Entorpecente: "cocaína, morfina, heroína, ópio, maconha [...] nos sombrios esconderijos dos fumadores de maconha" (DF, p. 101). Comentário: O sítio da Flora e Funga do Brasil

(2024) não cita o gênero para o Brasil, contudo no Splink (2024) encontram-se vários registros da espécie aqui cultivada. Imagem: Prancha 09E.

Madressilva s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Vida doméstica: "Conversavam tranquilos assuntos da vida diária, os filhos da gata negra, as travessuras e graças das irmãs pequenas faziam conjeturas sobre o crescimento da madressilva que se enrascava no caramanchão [...]" (CE, p. 75). Comentário: Menezes (1949, p. 135) cita "Madre Silva" como sendo *Lonicera caprifolium* L., uma "Caprifoliácea", mas este nome não é citado para a flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 27-28) relaciona este fitônimo a várias espécies de *Alstroemeria* (Alstroemeriaceae).

Magnólia s.f. *Magnolia grandiflora* Linnaeus (Magnoliaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Dona Magnólia" (DF, pp. 163, 187, 188, 189, 190, 191) a fulva Magnólia" (DF, p. 163); " e era Magnólia" (DF, p. 210); " essa sua criada Magnólia Fátima das Neves [...] Magnólia" (DF, p. 187). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 30-31) relaciona este fitônimo a várias espécies de *Magnolia*, além de *M. grandiflora* L. Imagem: Prancha 09F.

Malagueta s.f. *Capsicum frutescens* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Naturalizada. Alimento (Tempero erótico): "Viúva no fogão a cozinhar o vatapá, pesando o gengibre, o amendoim, a malagueta, e tão somente." (DF, p. 136). Mulher desejada: "de malagueta e mel" (DF, p. 104). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, p.35-36). Imagem: Prancha 10A.

Malmequer s.m. Espécie indeterminada (Asteraceae [Compositae]). Origem indeterminada. Amor: "As flores desabrochavam nas praças de Ilhéus, canteiros de rosas, crisântemos, dalias, margaridas, malmequeres" (GCC, p. 125). Comentário: Menezes (1949, p. 135) cita como "Mal-me-quer" várias espécies de Compostas: *Wedelia paludosa* DC.; *Chrysanthemum carinatum* Schoub.; *C. coronarium* L. e *Aspilea fofiacia* Bar. (nome não encontrado no IPNI [2024], talvez uma variante de *Aspilia foliacea* Baker); Corrêa (1978[1926], v. 5, 38-39) associa este fitônimo a vários gêneros de Asteraceae como *Chrysanthemum*, *Grindelia*, *Onoseris* e *Viguiera*.

Mamão s.m. *Carica papaya* Linnaeus (Caricaceae). Origem: Naturalizada. Amor: "Querida um fogão, um quintal de goiaba, mamão e pitanga" (GCC, p. 285). Paisagem: "do quintal de goiaba, mamão e pitanga" (GCC, p. 239). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 10B.

Mamoeiro s.m. *Carica papaya* Linnaeus (Caricaceae). Origem: Naturalizada. Paisagem: "A lua, no alto dos céus, iluminava o quintal de mamoeiros e goiabeiras." (GCC, p. 120). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 59-61).

Mandacaru s.m. *Cereus jamacaru* De Candolle (Cactaceae). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "atravessando noutros dias zonas de caatinga, mandacarus, quixabas, croás, favelas, palmatórias, culumbis, toda uma vegetação espinhenta, onde os caminhos eram uma utopia" (CE, p. 169); " a flora opressiva dos mandacarus e das macambiras [...] No dia 19 a Coluna penetra na Estrada Cruel, em torno os mandacarus, os xique-xiques, as unhas-de-gato, as coroas-de-frade, toda a vegetação inimiga, espinhenta, da caatinga

violada" (CE, p. 178). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 70) relaciona este fitônimo à *Cereus peruvianus* Mill., que, segundo a Flora e Funga do Brasil (2024), trata-se de um sinônimo de *C. hildmannianus* K. Schum. Imagem: Prancha 10C.

Mandioca s.f. *Manihot esculenta* Crantz (Euphorbiaceae) Origem: Nativa. Produto agrícola: "cultivavam mandioca milho, batata doce, inhame [...] Com a mandioca e o milho, a batata doce e o aipim, não conseguiam viver" (GCC, p. 267); " plantar cacau, milho e mandioca" (TSF, p. 20); " plantaram cacau e, entre o cacau, a mandioca, o milho de que iam viver os três anos de espera até que os cacauzeiros crescessem." (TSF, p. 42); " Oito dias antes tinha vindo Zacarias trazer milho e farinha de mandioca e levar carne-seca, cachaça e feijão do armazém da fazenda" (TSF, p. 43); " largaram fogo numa plantação de mandioca" (TSF, p. 199); " iniciou um incêndio nas plantações de mandioca" (TSF, p. 229); " O fogo devorava cartórios, plantações de milho e mandioca armazéns com cacau seco, matavam-se homens" (TSF, p. 240). Alimento: "os bolinhos de mandioca e puba" (GCC, p. 39); " cheiro bom de comidas de milho e mandioca" (CA, p. 39); " deixava bolo de milho e de aipim, cuscuz de mandioca também" (GCC, p. 81). Mercadoria: "sacos de alva farinha de mandioca." (GCC, p. 48); " contendo frutas, farinha de mandioca inhame, e aipim, carne de sol, chuchu e abóbora" (DF, p. 22). Homem (pênis): "enorme raiz de mandioca" (DF, p. 6). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 72-72) relaciona este fitônimo à *Manihot utilissima* Pohl, que é um sinônimo posteriormente publicado de *M. esculenta* Crantz

Mandiocal s.m. *Manihot esculenta* Crantz (Euphorbiaceae) Origem: Nativa. Produto agrícola: "entra pelas fazendas, cafezais, alagoais, mandiocais e milharais" (CE, p. 211).

Manga s.f. *Mangifera indica* Linnaeus (Anacardiaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "Refresco de manga?" (GCC, p. 235); " manga e sapoti na sobremesa" (DF, p. 247); " Vão sair depois numa região frutífera, laranjas, limas, mangas e caju" (CE, p. 191). Topofitônimo: "esta [a coluna] chega à Chuva de Manga" (CE, p. 148). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 10D.

Manga-espada s.f. *Mangifera indica* Linnaeus (Anacardiaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "comer manga espada" (GCC, p. 170).

Mangaba s.f. *Hancornia speciosa* Gomes (Apocynaceae). Origem: Nativa. Material para fazer dispositivo que atravessava os rios: "se a verdade é que a Coluna conduzia um "apareio de mangaba" que colocava sobre os rios e sobre o qual passava?" (CE, p. 166). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 10E.

Mangabeira s.f. *Hancornia speciosa* Gomes (Apocynaceae). Origem: Nativa. Topofitônimo: "marchando daí para São Raimundo das Mangabeiras" (CE, p. 151); " Agora, amiga, penetram pela chapada das Mangabeiras" (CE, p. 192). Antropofitônimo: "Dr. Francisco Mangabeira" (CE, p. 276). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 82-83) concorda com a identificação, mas atribui a autoria da espécie à Müller Argoviensis, o que está incorreto.

Mangueira s.f. *Mangifera indica* Linnaeus (Anacardiaceae). Origem: Cultivada. Brinquedo de criança: "numa mangueira, um balanço onde uma menina da idade de Dora

se divertia" (CA, p. 220); "o rapaz voltou a balançar a irmã entre mangueiras" (CA, p. 224). Paisagem: "havia um frio húmido que o vento trazia das chácaras onde balouçavam mangueiras e sapotizeiros" (CA, p. 67). Riqueza: "palacete com mangueiras na frente e bancos sob a sombra" (S, p. 53). Comentários: esta identificação concorda com a Flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 87-88).

Manjeriçã s.m. *Ocimum basilicum* Linnaeus (Lamiaceae [Labiatae]) Origem: Cultivada. Mulher amada: "minha flor de manjeriçã" (DF, p. 14, 62). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 10F.

Maracujá s.m. *Passiflora edulis* Sims (Passifloraceae). Origem: Nativa. Ingrediente de bebida alcoólica: "Temos também de laranja e de maracujá" (GCC, p. 42). Mulher amada: "onde já se viu, minha Flor de maracujá" (DF, p. 221). Esta identificação concorda com a Flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 108-119) associa este nome a várias espécies de *Passiflora*. Imagem: Prancha 11A.

Margarida s.f. *Chrysanthemum* sp. (Asteraceae [Compositae]). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "boa tarde, dona Margarida [...] mas a viúva Margarida Santos assentou de novo o lorgnon de ouro" (CA, p. 106). Amor: "As flores desabrochavam nas praças de Ilhéus, canteiros de rosas, crisântemos, dalias, margaridas, malmequeres" (GCC, p. 125). Resposta da natureza às mudanças estacionais: "margaridas e onze horas" (CA, p. 142). Comentário: Menezes (1949, p. 140), relaciona este nome às espécies de Asteraceae "*Aster sinensis* L.; *Callistephus chinensis* Ness e *Coreopsis lanciolata*"; Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 135-136) associa este fitônimo à *Aster amellus* L. e *Chrysanthemum frutescens* L.

Mastruço s.m. *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants (Amaranthaceae). Origem: Naturalizada. Medicinal: "Por volta das oito horas da noite, sinhá Ricardina chegou, com um ramo de mastruço na mão [...] Pôs o doente em pé, bateu-lhe com o mastruço na testa" (S, p. 81); "Agora bote azeite doce com esse mastruço no lugar da maldita" (S, p. 82). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 160) relaciona este fitônimo à *Cardamine chenopodiifolia* Pers. e *Senebiera didyma* Pers. Imagem: Prancha 11B.

Mate s.m. *Ilex paraguariensis* A.St.-Hil. (Aquifoliaceae). Origem: Nativa. Padrão de cor: "Com sua tez mate de cabo-verde, suave" (DF, p. 29); "cor de mate" (DF, pp. 34, 136); "onde a cor mate de Flor ressaltava transfigurada" (DF, p. 48); "tom de rosa chá, de mate e de finura" (DF, p. 113). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Maxixe s.m. *Cucumis anguria* Linnaeus (Cucurbitaceae). Origem: Nativa. Dança: "um maxixe embolado" (GCC, p. 249); "de quando em quando um maxixe" (TSF, p. 236); "cantando o maxixe de nome Dei Meu Coração" (TSF, p. 254); "A que dançava maxixe nas noites da selva e da caatinga" (CE, p. 129); "a mulata "Onça" se rebojava no maxixe dengoso [...] onde as ancas tinham vida própria no ritmo do maxixe [...] "Onça" se estraçalha no maxixe [...] Os homens estavam perdidos, como nas noites lúbricas de maxixe" (CE, p. 133); "nessa noite dançou seu maxixe como uma dança de vitória" (CE, p. 134). Topofitônimo: "Avançam por Roça de Dentro, lutando aí e lutando em Maxixe" (CE, p. 176). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 180-181). Imagem: Prancha 11C.

Melão-bravo s.m. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Instrumento para lavar roupa: "esfregando o sabão enrolado em folhas de melão bravo" (S, p. 73).

Milharal s.m. *Zea mays* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Produto agrícola: "imensamente mais pesado que no milharal" (TSF, p. 78); "entra pelas fazendas, cafezais, algodoads, mandiocais e milharais" (CE, p. 211).

Milho s.m. *Zea mays* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Alimento: "na estação vendem doces de milho, mingau, mugunzá, pamonha, canjica" (CA, p. 313); "cheiro bom de comidas de milho e mandioca" (CA, p. 314); "Negras vendiam mingau e cuscuz, milho cozido e bolos de tapioca" (GCC, p. 17); "os doces de aipim, de milho" (GCC, p. 39); "deixava bolo de milho e de aipim, cuscuz de mandioca também" (GCC, p. 81); "Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim" (GCC, p. 108); "um manuê de milho" (DF, p. 165); "sirvam-lhe adun: jubá de milho em dendê e mel de abelhas" (DF, p. 203); "essa é também a festa do milho, canjicas, manuês, pamonhas, cuscuz, mungunzá, as espigas crepitando nas fogueiras" (CE, p. 142); "Levavam café, leite, doces de milho, remédios para os feridos" (CE, p. 151). Produto agrícola: "cultivavam mandioca milho, batata doce, inhame [...] Com a mandioca e o milho, a batata doce e o aipim, não conseguiam viver" (GCC, p. 267); "ele plantava uma roça de milho com mais dois irmãos" (TSF, p. 19); "A roça de milho bastaria para eles dois [...] plantar cacau, milho e mandioca" (TSF, p. 20); "plantaram cacau e, entre o cacau, a mandioca, o milho de que iam viver os três anos de espera até que os cacauzeiros crescessem" (TSF, p. 42); "Oito dias antes tinha vindo Zacarias trazer milho e farinha de mandioca" (TSF, p. 43); "O fogo devorava cartórios, plantações de milho e mandioca [...]" (TSF, p. 240); "Campos que amamos, que conhecemos nas suas plantações de cana, de milho, de cacau, de café e de algodão" (CE, p. 14). Mulher: "meu manuê de milho verde, meu acarajé cheiroso, minha franguinha gorda" (DF, p. 6); "uma espiga de milho" (DF, p. 38). Tabagismo: "raspando a palha de milho com um canivete" (TSF, p. 210); "O fazendeiro escutava, a preparar um cigarro de palha de milho e fumo de rolo" (GCC, p. 141). Mercadoria: "que vêm para vender sua farinha, seu milho [...]" (TSF, p. 198). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, 201-205). Imagem: Prancha 11D.

Milho-branco s.m. *Zea mays* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Alimento: "Além do caldeirão de mungunzá de milho branco, um espetáculo!" (DF, p. 178); "Suas comidas são ojojô de inhame, ebô de milho branco" (DF, p. 203).

Mocugê s.m. *Couma rigida* Muell. Arg. (Apocynaceae). Origem: Nativa. Topofitônimo: "Prestes envia o destacamento de Djalma Dutra à cidade do Mocugê [...] O destacamento Dutra vai sustentar em Mocugê um combate desigual com as forças de Doca Medrado aí estacionadas" (CE, p. 175); "quando a sua vanguarda, chefiada por Ari, é tiroteada pelo inimigo emboscado nos altos da serra e nas primeiras casas de Mocugê" (CE, p. 176). Comentário: Inicialmente, este nome foi associado à *Clusia nemorosa* G. Mey. (Clusiaceae), contudo Menezes (1949, p. 144), associa este nome à espécie "*Couma rigida* M.", uma Apocynaceae, no que é acompanhado pela Flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024), como "mucugê", sendo que nesta última fonte *C. nemorosa* é associada ao nome mucugê-bravo; Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 243) também identifica este fitônimo como *C. rigida* Muell. Arg., mas coloca "Mocugê" entre as variantes ortográficas de "Mucujê". Imagem: Prancha 11E.

Morango s.m. *Fragaria vesca* L. (Rosaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "as gasosas de limão e de morango, os guaranás" (DF, p. 178). Comentário: Inicialmente optou-se por não associar este nome a uma espécie botânica, contudo Menezes (1949, p. 145) identifica este nome com a espécie "*Fragaria vesca* L." no que é acompanhado pela Flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 228-230) afirma existir outra espécie: "*Fragaria chiloensis* Duchesne" mas trata-se de um sinônimo que não foi validamente publicado (cf. Flora e Funga do Brasil, 2024). Imagem: Prancha 11F.

Mulungu s.m. *Erythrina* sp. (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Topofitônimo: "Siqueira luta em Mulungu" (CE, p. 162). Comentários: Menezes (1949, p. 146) afirma que este nome deve ser associado à "*Erythrina mulungu* M." mas em seguida acrescenta que "são do mesmo tipo e com o mesmo apelido a *E. corallodendron* L.; *E. crista-galli* L.; *E. falcata*". Silva et al. (1979, p. 725-726), também associam este nome à *E. mulungu* Mart.; Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 261-263) cita para este fitônimo *E. mulungu* Mart., *E. falcata* Benth., *E. velutina* Willd., *E. verna* Vell.

Noz s.f. *Juglans regia* Linnaeus (Juglandaceae). Origem: Cultivada. Oportunidade não aproveitada: "Deus dá nozes a quem não tem dentes..." (DF, p. 191).

Noz-moscada s.f. *Myristica fragrans* Houtt. (Myristicaceae). Origem: Cultivada. Moderação no casamento: "Subnitrato de bismuto, aspirina, azul de metileno, noz-moscada, as quantidades precisas, nem um grão a mais ou a menos. Assim o casamento" (DF, p. 170). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 297-298). Imagem: Prancha 12A.

Olivier s.m. *Olea europaea* Linnaeus (Oleaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Maria Rosa Olivier" (CE, p. 364). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Oliva s.f. *Olea europaea* Linnaeus (Oleaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Zitelmann Oliva" (DF, p. 81). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Oliveira s.f. *Olea europaea* Linnaeus (Oleaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Manuel de Oliveira" (TSF, pp. 189, 185, 191, 237, 258). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 310). Imagem: Prancha 12B.

Onze-horas s.f. *Portulaca grandiflora* Hook. (Portulacaceae). Origem indeterminada. Resposta da natureza às mudanças de estação: "margaridas e onze horas" (CA, p. 142); " As pétalas das onze-horas abriam-se por entre a relva" (GCC, p. 125). Comentário: Menezes (1949, p. 150-151) identifica este nome com a espécie "*Portulaca grandiflora* Hoot. Portulacácia [...]", nome que aparece como correto e aceito na Flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024), apenas com a correção do nome do autor do binômio. Imagem: Prancha 12C.

Orquídea s.f. Espécie indeterminada (Orchidaceae). Origem indeterminada. Amor: "explodiam fantásticas orquídeas [...] das orquídeas selvagens" (GCC, p. 125). Presente: "Vadinho ofertou-lhe uma orquídea às escondidas" (DF, p. 49). Comentário: Menezes (1949, p. 151), cita algumas espécies que ele considera as mais comuns "*Cattleya bicolor* Lind., *C. labiata* L., *C. aelandiae* Lind., *Laelia crispa* Reich., *L. purpurata* Lind."

Palma s.f. Espécie indeterminada (Família indeterminada). Origem indeterminada. Religião (ato fúnebre): "Ela comprou rosas e cravos, palmas e violetas, dalias e saudades" (DF, p. 103). Comentário: Segundo Menezes (1949, p. 152) trata-se de uma "designação impropriamente usada na Bahia para a palmatória [Cactaceae] sem espinhos"

Palmatória s.f. Espécie indeterminada (Cactaceae). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "atravessando noutros dias zonas de caatinga, mandacarus, quixabas, croás, favelas, palmatórias, culumbis, toda uma vegetação espinhenta, onde os caminhos eram uma utopia" (CE, p. 169). Menezes (1949, p. 153), afirma que este nome é aplicado a várias espécies de Cactaceae, tais como: "*Opuntia brasiliensis* HAW, [...] *O. bahiensis*; *O. vulgaris* Mill."; Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 333-334) associa este fitônimo a várias espécies de Cactaceae: *Opuntia monacantha* Haw., *Opuntia orbiculata* Salm.-Dyck e *O. palmadora* Britton & Rose; a Flora do Brasil também relaciona este fitônimo a outras espécies desta mesma família: *Brasiliopuntia brasiliensis* (K. Schum.) A. Berger. e *Nopalea cochenillifera* (L.) Salm.-Dyck (Flora e Funga do Brasil, 2024).

Palmares s.m. Espécie indeterminada (Arecaceae [Palmae]). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Zumbi dos Palmares" (CA, p. 315).

Palmeira s.f. Espécie indeterminada (Arecaceae [Palmae]). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Faziam comparações com o sempre lembrado dr. Argileu Palmeira" (GCC, p. 241). Topofitônimo: "cidade das palmeiras ao vento" (TSF, p. 172); "Ele, com seu penacho, entra nas cidades, nas maiores que encontra no seu caminho: Rio Verde, Santana do Paranaíba, Palmeiras [...]" (CE, p. 198). Economia histórica: "que as palmeiras apenas nasciam nas praias" (TSF, p. 172). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 334) afirma que palmeira é o nome dado a todas as plantas pertencentes às Arecaceae (Palmae).

Palmeirão s.m. Espécie indeterminada (Arecaceae [Palmae]). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Rosa Palmeirão" (CA, pp. 251, 263, 284, 286, 287, 328).

Palmeira-imperial s.f. *Roystonea oleracea* (Jacq.) O.F.Cook (Arecaceae [Palmae]). Origem: Cultivada. Mulher: "palmeira imperial" (DF, p. 45). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 353) associa este fitônimo à *Roystonea regia* Cook. Imagem: Prancha 12D.

Palmito s.m. Espécie indeterminada (Arecaceae [Palmae]). Origem: Nativa. Alimento: "tudo que resta é o palmito de quando em vez encontrado na estrada difícil" (CE, p. 204).

Parreira s.f. *Vitis vinifera* Linnaeus (Vitaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Ari Parreiras" (CE, p. 263).

Patchuli s.m. *Pogostemon cablin* (Blanco) Benth. (Lamiaceae [Labiatae]) Origem: Cultivada. Padrão de odor: "toalha cheirando a patchuli" (DF, p. 46); " enquanto botavam patchuli na água de enxaguar para a roupa ficar cheirando [...] Certos fregueses não gostavam, dizendo que patchuli fedia a negro" (S, p. 72). Silva et al. (1979, p. 764-765) cita "Patchouli" associando à "*Pogostemon patchouly* Trist. et Pellet.", que é sinônimo de *P. cablin*, conforme Flora e Funga do Brasil, (2024), que também concorda com a identificação; Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 376) concorda em associar este "Patcholi" à *P. patchouly* Pelletier.

Pau-brasil s.m. *Paubrasilia echinata* (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Mercadoria: "essas dezenas de léguas povoadas de silvícolas e de pau-brasil" (GCC, p. 11). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 380-383) identifica este fitônimo como *Caesalpinia echinata* Lam., um sinônimo da citada *P. echinata*. Imagem: Prancha 12E.

Pau-marfim s.m. *Balfourodendron riedelianum* (Engl.) Engl. (Rutaceae). Origem indeterminada. Material de mobiliário: "beleza de móvel em pau marfim e metal cromado" (DF, p. 82). Comentário: Menezes (1949, p. 158) identifica este nome com a espécie "*Balfourodendron riedelianum* Engl., Rutácia [...]", no que concorda com a flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024). Comentários: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 406) cita ainda para este fitônimo: *Agonandra brasiliensis* Benth. (Opiliaceae), *Connarus fulvus* Planch. (Connaraceae) e *Melochia umbellata* Stapf (Malvaceae). Imagem: Prancha 12F.

Pereira s.f. *Pyrus communis* Linnaeus (Rosaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Antônio Pereira Prestes" (CE, pp. 29, 34, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 49, 52, 75, 110); "Agenor Pereira de Souza" (CE, p. 129); "Astrojildo Pereira" (CE, pp. 137, 222). Ornamentação (Particular): "Nos jardins de sua casa plantara até macieira e pereira" (GCC, p. 52). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 440).

Pernambuco s.f. *Paubrasilia echinata* (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Topofitônimo: "farol da ilha de Pernambuco" (GCC, p. 290).

Pimenta s.f. *Capsicum frutescens* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Naturalizada. Alimento (Tempero): "do sal e da pimenta" (DF, p. 23); "machucava pimentas para o molho" (DF, p. 45); "zeladora do dendê e da pimenta" (DF, p. 88); "o gengibre com o coco, o sal com a pimenta, o alho com a castanha" (DF, p. 135); "e o molho de pimenta" (DF, p. 228); "Cabaça não estava com o acarajé sem pimenta" (S, p. 77); "e comprou um acarajé, no qual não mandou botar pimenta" (S, p. 24); "que levava o molho de pimenta" (S, p. 23) sal, limão, alho, cebola, tomate, pimenta, e azeite, azeite doce à vontade" (DF, p. 105). Alimento (Característica da Bahia): "eram poemas de camarão e dendê, de peixes e leite de coco, de carnes e pimenta" (GCC, p. 282). Alimento (erótico): "se o vatapá, forte de gengibre, pimenta, amendoim" (DF, p. 135). Antropofitônimo: "a caminho da casa-grande do doutor Pimenta" (DF, p. 157); "Casa dos Pimentas" (DF, pp. 158, 159). Homem desejado: "ardido hálito de pimenta" (DF, p. 224); "o gosto ardido de gengibre, de pimenta, de cebola crua" (DF, p. 252). Característica Psicológica humana (Alegria de viver): "pimenta morder" (GCC, p. 170). Mulher (vagina): "Tem gosto de mel e de pimenta, e de gengibre..." (DF, p. 244). Sexo: "e tendo chupado uma pastilha de hortelã para limpar a boca do gosto de pimenta e mel daquele beijo impudico" (DF, p. 211). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 12G.

Pimenta-do-reino s.f. *Piper nigrum* Linnaeus (Piperaceae). Origem: Cultivada. Alimento (Tempero): "azeite de dendê, de coco ralado, uma pitada de pimenta do reino" (DF, p. 14). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 477).

Pimenta-malagueta s.f. *Capsicum frutescens* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Naturalizada. Alimento (Tempero): "moam amendoins, camarões secos, castanhas de caju, gengibre, sem esquecer a pimenta malagueta ao gosto do freguês" (DF, p. 135). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Pimentão s.m. *Capsicum annuum* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "[...] um pimentão; meio quilo de tomates. Para depois: quatro tomates; uma cebola" (DF, p. 19); "[...] um pimentão [...] Piquem o coentro bem picado, a salsa, alguns tomates, a cebolinha e meio pimentão [...] Tomem de quatro tomates escolhidos, um pimentão, uma cebola [...] DF, p. 20). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 478).

Pimenteira s.f. *Capsicum frutescens* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Naturalizada. Produto agrícola: "ilha plantada de canaviais e pimenteiras" (GCC, p. 286). Ornamentação (Particular): "onde uma pimenteira dominava solitária" (S. p. 70).

Pimentel s.m. *Capsicum* sp. (Solanaceae). Origem indeterminada. Antropofitônimo: "Pergentino Pimentel" (DF, p. 36).

Pinheiro s.m. *Pinus* sp. (Pinaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Pinheiro Machado" (CE, pp. 144, 147, 216); "Como o negro Balduino, velho de carapinha branca, os anos incontáveis, que já fizera a guerra no ano distante de 93, acompanhando Pinheiro [...] Um dia o esquadrão de Pinheiro se empenhou num combate desigual [...] Balduino se colocou ao seu lado, ordenou a Pinheiro" (CE, p. 216) Esse negro Balduino, amiga, que salvou Zezé Pinheiro nesse dia" (CE, p. 216). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 490) afirma ser este fitônimo aplicado a vários gêneros de Pinaceae como *Abies*, *Pinus* e *Pseudotsuga*.

Pinho s.m. *Pinus* sp. (Pinaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Pinho Pedreira" (DF, p. 148).

Pitanga s.f. *Eugenia pitanga* (O.Berg) Nied. (Myrtaceae). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "Aristides Pitanga [...] E, me diga, Pitanga, quanto você está cobrando hoje por um traje de linho branco?" (DF, p. 95). Mulher (boca): "sua boca de pitanga" (GCC, p. 102); "e só quero um ósculo depositar em vossa boca de pitanga" (DF, p. 121). Padrão de odor: "aroma de pitanga" (DF, p.142); "o chão perfumado de folhas de pitanga" (DF, p. 46). Amor: "Queria um fogão, um quintal de goiaba, mamão e pitanga" (GCC, p. 285). Coisas boas da vida: "De goiaba e pitanga" (GCC, p. 262). Paisagem (quintal): "do quintal de goiaba, mamão e pitanga" (GCC, p. 239). Proteção (recanto tranquilo): "mordia goiabas, vermelhas pitangas" (GCC, p. 295). Imagem: Prancha 12H.

Pitangueira s.f. *Eugenia pitanga* (O.Berg) Nied. (Myrtaceae). Origem: Nativa. Topofitônimo: "Ponto das Pitangueiras" (CA, p. 67), "E agora estavam ali, no Ponto das Pitangueiras, esperando que o guarda se afastasse." (CA, p. 72). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 511) associa *E. pitanga* ao fitônimo "Pitangueira comum"

Pitombeira s.f. *Talisia esculenta* (Cambess.) Radlk. (Sapindaceae). Origem: Nativa. Topofitônimo: "Na Paraíba, a Coluna atravessa as serras de Boa Vista, da Pedra Cerrada e das Pitombeiras [...] A Coluna saiu de Piancó a 10, atravessa a vila de Santana dos Garrotes, acampa em Pitombeiras" (CE, p. 161). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024); Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 513-514), relaciona

outras espécies de *Talisia* a este fitônimo como *Talisia acutifolia* Radlk.; *T. cerasina* Radlk., *T. cupularis* Radlk. e *T. intermedia* Radlk. Imagem: Prancha 12I.

Pitombo s.m. *Talisia esculenta* (Cambess.) Radlk. (Sapindaceae). Origem: Nativa. Antropofitônimo: "doutor Dival Pitombo" (DF, p. 132).

Quiabo s.m. *Abelmoschus esculentus* (L.) Moench (Malvaceae). Origem: Cultivada. Mercadoria: "Bananos cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranjas" (GCC, p. 48). Alimento: "Leva seus quiabos, é mais seguro" (DF, p. 184). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024) e com Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 564). Imagem: Prancha 13A.

Quixaba sf. *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D.Penn. (Sapotaceae). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "atravessando noutros dias zonas de caatinga, mandacarus, quixabas, croás, favelas, palmatórias, culumbis, toda uma vegetação espinhenta, onde os caminhos eram uma utopia" (CE, p. 169). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 5, 583-584) cita para este fitônimo "*Bumelia sertorum* Mart." que é um dos sinônimos de *S. obtusifolium*. Imagem: Prancha 13B.

Rosa s.f. *Rosa* sp. (Rosaceae). Origem: Cultivada. Mulher: "Rosa rubra com cheiro de cravo, perfume de Gabriela" (GCC, p. 129); "Faltava-lhe a rosa [...] aproveitando-se da confusão em torno do engenheiro para roubar a rosa [...], a rosa caída dos cabelos na espreguiçadeira" (GCC, p. 137); "Que fizera da rosa de Gabriela" (GCC, p. 144); "Tinha uma rosa na orelha" (GCC, p. 153); "minha rosa de Jericó" (GCC, pp. 188, 195); "A rosa ficou doente [...] a rosa teve um desmaio" (GCC, p. 189); "uma rosa atrás da orelha?" (GCC, pp. 204, 209); "no fundo da espreguiçadeira encontrava a rosa caída" (GCC, p. 292); "O juiz tentava roubar-lhe a rosa da orelha" (GCC, p. 293); "Uma flor apenas, rosa de tão vermelha quase negra" (DF, p. 121); "e uma rosa de cobre e de veludo" (CE, p. 135). Mulher (vagina): "ou um fechado botão de rosa que ele fazia desabrochar em cada noite de prazer" (DF, p. 8); "Onde encontrara Flor aquela rosa de tão vermelha quase negra? [...] galante cavalheiro na mão a rosa de tão vermelha quase negra [...] rosa de seu amor" (DF, p. 55). Mulher (umbigo): "a rosa do ventre" (DF, p. 132). Antropofitônimo: "Até parece Rosa Palmeirão." (CA, p. 251), "Mais valente mesmo que Rosa Palmeirão que deu em seis soldados," (CA, p. 263), "Mas nunca se viu um caso de uma mulher, por mais valente que fosse, virar estrela depois de morta. Algumas como Rosa Palmeirão, como Maria Cabaçú, viram santas nos candomblés de caboclo. Nunca nenhuma virou estrela." (CA, p. 286), "Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçú." (CA, p. 287), "Rosa Palmeirão virou santa num candomblé de caboclo, [...]" (CA, p. 328); "Santa Rosa teve um filho, aquele a quem chamariam de 'José, o Filho da Revolução'" (CE, pp. 129, 134); "Rosa Meireles" (CE, pp. 187, 319); "Maria Rosa Olivier" (CE, p. 364); "Filha de sinhá Rosa" (S, p. 21). Ornamentação feminina: "colheu uma rosa no canteiro do quintal" (GCC, p. 126); "a rosa na orelha [...] O sapateiro Felipe elogiava-lhe a rosa na orelha" (GCC, p. 128); "Uma rosa orelha" (GCC, p. 239); "a rosa atrás da orelha" (GCC, p. 291). Padrão de cor: "o verde e o rosa" (DF, p. 105); "tom de rosa chá, de mate e de finura" (DF, p. 113); "pintado de cor-de-rosa" (S, p. 78); "As pedras do calçamento estavam cor-de-rosa" (S, p. 90). Presente: "rosas vermelhas" (GCC, p. 196); "um botão de rosa cor de vinho" (DF, p. 111); "e sua rosa cor de vinho" (DF, p. 115). Característica psicológica humana (Tranquilidade): "seu caminho é de rosas" (DF, p. 42); "Mar de rosas" (DF, p. 51). Topofitônimo: "Atravessa as serras do Queimado e de Santa Rosa" (CE, p. 169); "Ali a Coluna está próxima de Santa Rosa, pequeno povoado [...]" (CE, p.

170). Religião (ato fúnebre): "rosas vermelhas na mão" (DF, p. 15); "Ela comprou rosas e cravos, palmas e violetas, dalias e saudades" (DF, p. 103). Amor: "As flores desabrochavam nas praças de Ilhéus, canteiros de rosas, crisântemos, dalias, margaridas, malmequeres" (GCC, p. 125). Padrão de Odor: "deixava a rosa com seu perfume" (GCC, p. 136). Resposta da natureza à luminosidade de inverno: "rosas e cravos" (CA, p. 142). Sexo: "não quero rosas nem cravos" (GCC, p. 9). Vida doméstica: "[...]jou sobre quando floriria a roseira de rosas vermelhas como sangue" (CE, p. 75). Comentário: Segundo Menezes (1949, p. 170), trata-se de um nome associado ao gênero *Rosa*, correspondendo à várias espécies, variedades e híbridos.

Rosa-chá s.f. *Rosa* sp. (Rosaceae). Origem: Cultivada. Ornamentação particular (Jardim): "um pequeno jardim bem cuidado de rosas-chá e açucenas" (GCC, p. 73). Comentário: Menezes (1949, p. 170) associa este nome à *Rosa indica* L., que, de acordo com o sítio World Flora on Line (WFO, 2023), trata-se de um sinônimo de *Rosa chinensis* Jacq. ; Corrêa (1978[1926], v. 5, p. 610) também associa este fitônimo à *R. indica* L.

Roseira s.f. *Rosa* sp. (Rosaceae). Origem: Cultivada. Amor: "quebra o galho da roseira" (GCC, p. 108). Vida doméstica: "[...]jou sobre quando floriria a roseira de rosas vermelhas como sangue" (CE, p. 75).

Rosinha s.f. *Rosa* sp. (Rosaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Roda na praça com Rosinha e Tuísca" (GCC, p. 239); "Lilita e Rosinha" (S, p. 22).

Sabugueiro s.m. *Sambucus nigra* Linnaeus (Adoxaceae). Origem: Naturalizada. Medicinal: "com um galho de sabugueiro manda que a febre se vá" (CA, p. 280). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Salsa s.f. *Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss (Apiaceae [Umbeliferae]). Origem: Cultivada. Alimento: "o suco de um limão; coentro; salsa; cebolinha verde; duas cebolas" (DF, p. 19); "Piquem o coentro bem picado, a salsa, alguns tomates, a cebolinha e meio pimentão" (DF, p. 20). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Sândalo s.m. *Santalum album* Linnaeus (Santalaceae). Origem: Cultivada. Padrão de odor: "Papel azul com bordas de ouro e perfume de sândalo, um primor." (DF, p. 148), "Passo tão sério: nem mesmo Dona Norma, com toda sua disposição e não menor capacidade, se animou à sozinha aconselhar a amiga sobre o teor da resposta às folhas azul e ouro, recendendo a perfume de sândalo e a paixão." (DF, p. 149). Comentários: O sítio da Flora e Funga do Brasil (2024) não cita esta espécie, contudo o sítio SPLINK cita vários exemplares cultivados em diferentes localidades do país.

Sapoti s.m. *Manilkara zapota* (L.) P.Royen (Sapotaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "tentando roubar frutas nos cestos de laranjas, limas, tangerinas, umbus e sapotis" (DF, p. 70); "manga e sapoti na sobremesa" (DF, p. 247). Alimento (religioso): "para Yansã, não ofereçam abóbora, não lhe dêem alface ou sapoti" (DF, p. 203). Topofitônimo: "Beco do Sapoti" (DF, p. 145). Objeto de desejo: "que não podia correr com eles, nem tomar parte nos furtos de banana e sapoti" (S, p. 20). Presente: "lhe ofertava sapotis e cajás" (DF, p. 122). Quiropterocoria: "ouviam o voo dos morcegos que atacavam os sapotis maduros nos pés" (CA, p. 72). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 13D.

Sapotizeiro s.m. *Manilkara zapota* (L.) P.Royen (Sapotaceae). Origem: Cultivada. Paisagem (ambiente rural): "havia um frio húmido que o vento trazia das chácaras onde balouçavam mangueiras e sapotizeiros" (CA, p. 67).

Sargaço s.m. *Sargassum* sp. (Sargassaceae). Origem: Nativa. Padrão de odor: "ardido cheiro de sargaços, de algas e ostras" (DF, p. 167). Comentário: Menezes (1949, p. 175) identifica este nome com "*Sargassum baciferum* Ag.; *S. natans* V.; *Zonarium pavonina*"

Saudade s.f. *Scabiosa atropurpurea* Linnaeus (Dipsacaceae). Origem: Cultivada. Religião (ato fúnebre): "Dona Gisa arrumou uma saudade roxa entre os dedos cruzados de Vadinho [...] Uma ficha em vez da saudade roxa [...] Que poderia ele fazer com uma saudade roxa" (DF, p. 10); " Ela comprou rosas e cravos, palmas e violetas, dalias e saudades [...] com ele amarrando cravos e saudades num pequeno buquê e dando um nó [...] três cravos amarelos e quatro saudades roxas" (DF, p. 103). Comentários: O sítio da Flora e Funga do Brasil (2024) não cita esta espécie, mas ela é registrada para o Brasil como cultivada no SPLINK (2024).

Seringal s.m. *Hevea brasiliensis* (Willd. ex A.Juss.) Müll.Arg. (Euphorbiaceae) Origem: Nativa. Riqueza: "dono de navios e ilhas, de seringais, matas de castanheiros" (DF, p. 33). Produto extrativista: "os donos de seringais, da Amazônia" (TSF, p. 184). Imagem: Prancha 13F

Tabaco s.m. *Nicotiana tabacum* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Naturalizada. Riqueza: "esse fazendeiro de cacau ou de tabaco" (DF, p. 30). Mercadoria: "em geral eram apenas seções de grandes casas exportadoras de tabaco, café, algodão e coco." (TSF, p. 186). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Taboca s.f. *Guadua angustifolia* Kunth (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Topofitônimo: " Não fora Ramiro quem o fizera subdelegado do antigo distrito de Tabocas?" (GCC, 214), "fizeram-no subdelegado dá então Tabocas, (GCC, 217), "Aliás, Ramiro continuava a tratá-lo como se ele ainda fosse o jovem subdelegado de Tabocas" GCC,218); "eu me boto para Tabocas..." (TSF, 19) "Tou em Tabocas vai fazer cinco anos." (TSF, 22) "Nem mesmo o coronel Horácio sabia de tudo que em Ilhéus e em Tabocas, em Palestina e em Ferradas, em Água Branca e em Água Preta, se contava sobre ele e sua vida" (TSF, 42), "como ainda agora começava a levantar a igreja de Tabocas" (TSF, 42), "não encontraram o coronel, estava em Tabocas." (TSF, 43), "um comerciante de Tabocas" (TSF, 45), "que o partido enviara da Bahia para os trabalhos de Tabocas" (TSF, 45). "N as festas de São José, em Tabocas, nas festas de São Jorge, em Ilhéus, as modas andavam atrasadas de anos e ela não poderia exibir os vestidos que a amiga vestia em Paris..." (TSF, 46), "um trabalhador passa em busca do caminho de Tabocas" (TSF, 47), "Horácio viajara para Tabocas" (TSF, 50), "quando Horácio chegou, pelo meio da noite de Tabocas" (TSF, 51), "ela era a dona Ester, a mulher do homem mais rico de Tabocas" (TSF, 53), "esse advogado novo que tá em Tabocas" (TSF, 54), "Sua fama corre terra, há muito que está além de Palestina, de Ferradas e de Tabocas" (TSF, 58), "aqueles dois jagunços de Horácio no encontro de Tabocas [...]" (TSF, 63), "quando matara um homem no encontro de Tabocas [...]" (TSF, 64), "naquela noite do barulho de Tabocas." (TSE, 64), "quando chegavam no termo da viagem: Rio do Braço, Tabocas, Ferradas ou Palestina [...]" (TSF, 67), "Depois, no barulho de Tabocas" (TSF, 79), "Conhecera as prostitutas de Tabocas" (TSF, 79), "O barulho das Tabocas" (TSF, 93), "Virgílio se recordou do Horácio de quem falavam em Tabocas" (TSF, 94), "É mesmo que ser dono de uma vez de Tabocas" (TSF, 95), "Uma vez dormi com ele... foi em

Tabocas” (TSF, 112), “Correram todos para a rua onde, num galope que levantava poeira, Juca passava acompanhado por Antônio Vítor e mais dois cabras, caminho de Tabocas.” (TSF, 117), “as casas do povoado de Tabocas” (TSF, 118), “talvez mesmo mais importante que Tabocas.” (TSF, 118) “Um sírio abriu uma venda, dois barbeiros se estabeleceram, vindos de Tabocas, passou a haver feira aos sábados” (TSF, 119), “que era médico em Tabocas” (TSF, 121), “Se dirigiam a Tabocas” (TSF, 122), “os tropeiros atravessaram as ruas enlameadas de Tabocas” (TSF, 123), “povoado de Tabocas” (TSF, 123), “De uma porta qualquer um conhecido pilheriava com o tropeiro na pilhéria mais gasta de Tabocas” (TSF, 123), “Em Tabocas se levantavam casas de tijolos e também casas de pedra e cal, com telhados vermelhos, com janelas de vidro.” (TSF, 124), “Assim era Tabocas.” (TSF, 124), “Depois foi o povoado de Tabocas” (TSF, 124), “num dos poucos sobrados de Tabocas” (TSF, 124), “Os habitantes de Tabocas tinham uma grande reivindicação” (TSF, 124), “Mas como Tabocas respondia politicamente a Horácio” (TSF, 125), “Tabocas continuava um povoado do município de São Jorge dos Ilhéus.” (TSF, 125), “Mas já muita gente quando escrevia cartas não as datava mais de Tabocas e sim de Itabuna.” (TSF, 125), “em Tabocas quem era amigo e eleitor de Horácio” (TSF, 125), “nesses dias Tabocas se enchia de jagunços” (TSF, 125), “era em Tabocas que o caxixe medrava.” (TSF, 126), “um negro de Tabocas” (TSF, 126), “estes eram os que moravam em Tabocas.” (TSF, 126), “e os de Tabocas trabalhavam na cidade.” (TSF, 127), “Em meio aos caxixes, às lutas políticas, às intrigas, e às festas da Igreja ou da maçonaria, vivia Tabocas, que antes não tivera nome e agora pensava em se chamar de Itabuna.” (TSF, 127), “a fama de Tabocas corria mundo” (TSF, 127), “queria indicar todo o povoado de Tabocas” (TSF, 127), “viera com ele para Tabocas” (TSF, 129), “a melhor alfaiataria de Tabocas” (TSF, 133), “A Tesoura de Paris era não somente a melhor alfaiataria de Tabocas” (TSF, 133), “O que é que não se sabe em Tabocas?” (TSF, 134), “Médico em Tabocas” (TSF, 135), “num barulho de proporções que houvera em Tabocas” (TSF, 135), “Olhe que entrar em Tabocas” (TSF, 137), “primeiro aquela da próxima vinda de Teodoro a Tabocas” (TSF, 140), “Devia desconfiar que Tabocas não era bom lugar para a saúde dele” (TSF, 140), “Se vinha a Tabocas” (TSF, 140), “Ester passara quatro dias em Tabocas” (TSF, 140), “em Tabocas mulher casada não dançava.” (TSF, 140), “já estava de novo nas complicações da vida de Tabocas” (TSF, 141), “E não havia nada que Tabocas gozasse tanto como um escândalo ou uma tragédia passional.” (TSF, 141), “e quem não era má língua em Tabocas?” (TSF, 141), “orador obrigatório de quanta festa havia em Tabocas.” (TSF, 141), “orador obrigatório de quanta festa havia em Tabocas.” (TSF, 141), “e não se acostumava com Tabocas” (TSF, 142), “Tabocas é muito atrasada mesmo.” (TSF, 142), “namoro escandaloso que toda Tabocas comentava.” (TSF, 143), “quando a outra falou do atraso de Tabocas” (TSF, 143), “que ‘esse doutor Virgílio não respeitava mesmo as famílias de Tabocas’ ” (TSF, 143), “O grupo passara a ser um orgulho de Tabocas” (TSF, 145), “Na noite da conversa no cais, a cidade de Ilhéus dormia seu sono inquieto, cortado de boatos que chegavam de Ferradas, de Tabocas e de Sequeiro Grande.” (TSF, 157), “vivia remendando meia em Tabocas...” (TSF, 169), “O artigo se devia ao incêndio do cartório de Venâncio em Tabocas.” (TSF, 175), “não tardou que se soubesse que o autor do artigo era o dr. Virgílio, o novo advogado do partido, que residia em Tabocas, mas que estava em Ilhéus naqueles dias.” (TSF, 176), “mandados pelo cabo Esmeraldo de Tabocas” (TSF, 183), “de Tabocas haviam chegado suas coisas” (TSF, 184), “andava por Tabocas” (TSF, 199), “Menos seu Azevedo, de Tabocas” (TSF, 199), “e, aqueles tempos em Tabocas e Ilhéus” (TSF, 214), “uma vez em Tabocas, esbofeteara Margot” (TSF, 215), “que pousava naquela noite em sua casa, em Tabocas.” (TSF, 217), “andando pelas ruas de Tabocas” (TSF, 217), “alguns negócios o haviam retido em Tabocas” (TSF, 217), “Primeiro foi em

Tabocas” (TSF, 222), “porque a população de Tabocas pouco se de morou a comentar a representação de Vampiros sociais” (TSF, 225), “já toda Tabocas sabia que Horácio pegara a febre” (TSF, 225), “Virgílio acompanhara Ester até Tabocas” (TSF, 225), “Tabocas vivia na espera de cada portador que chegava da fazenda em busca de remédios.” (TSF, 225), “todos os dias encontrava um pretexto para não descer para Tabocas.” (TSF, 230), “Chegaram em Tabocas no princípio da noite” (TSF, 232), “De Tabocas chegou um trem especial” (TSF, 233), “encheram os caminhos de Tabocas,” (TSF, 235), “nem dr. Pedro que veio de Tabocas.” (TSF, 236), “Também para ele viera um trem especial de Tabocas.” (TSF, 237), “quando vinha a Ferradas ou a Tabocas” (TSF, 237), “se transportou a Tabocas” (TSF, 237), “ali em Tabocas” (TSF, 253), “A sede do novo município era o ex-arraial de Tabocas, agora cidade de Itabuna.” (TSF, 258), “quando Itabuna ainda era Tabocas.” (TSF, 259). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Taboquense a.f. *Guadua angustifolia* Kunth (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Gentílico: "Grupo de Amadores Taboquenses" (TSF, p. 144), “que solidificou definitivamente o prestígio do Grupo de Amadores Taboquenses.”(TSF, p. 145), “Dr. Jessé largou a representação no meio, os amadores do Grupo Taboquense ficaram sem seu diretor, que era também o ponto.”(TSF, p. 225).

Taioba s.f. *Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott (Araceae). Origem indeterminada. Característica psicológica humana (ingenuidade): "não vale a pena tomar o taioba" (CA, p. 72).

Tâmara s.f. *Phoenix dactylifera* Linnaeus (Arecaceae [Palmae]). Origem: Cultivada. Mercadoria: "cardeal vendeu tâmaras no Egito" (DF, 239). Imagem: Prancha 13C.

Tangerina s.f. *Citrus reticulata* Blanco (Rutaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "tentando roubar frutas nos cestos de laranjas, limas, tangerinas, umbus e sapotis" (DF, p. 70). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Taquara s.f. Espécie indeterminada (Poaceae [Gramineae]) Origem indeterminada. Homem (Pênis): "Mame na minha taquara..." (S, p. 87). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 6. p. 1990), associa este nome comum à muitas espécies de Gramíneas: *Bambusa tacuara* Arech., *Guadua refracta* Munro e *Merostachys fistulosa* Doell. Menezes (1949, p. 181) afirma que este nome é associado a várias espécies de gramíneas com "feitio reduzido dos bambus" como *Arundo donax* L.; *Chusquea gaudichaudii* Kunth; *Guadua angustifolia* Kunth, *G. superba* Hub.; *Merostachys* sp.

Tiririca s.f. Espécie indeterminada (Cyperaceae). Origem indeterminada. Antropofitônimo: "penetrar na festa do Major Tiririca (como os moleques do Rio Vermelho haviam apelidado o bravo Pergentino) era proeza impossível, motivo de apostas e desafios." (DF, p. 37), “o tal Congresso decidia instalar-se logo na noite da festa do Major Pergentino, o Major Tiririca, do Rio Vermelho, certamente eles sabiam de quem se tratava. Fizera” (DF, p. 40), “No ledro engano nascido da emaranhada novela posta de pé por Mirandão na festa do Major Tiririca,” (DF, p.44), “pois foi no domingo do Bando Anunciador, no dia seguinte ao da festa em casa do Major Tiririca.” (DF, p.47), “numa singular coincidência a orquestra executava o mesmo antigo e nunca envelhecido tango por eles dançado naquele primeiro encontro em casa do Major Tiririca,” (DF, p.98). Topofitônimo: "Tiririca do Açuruá" (CE, p. 171). Comentário: Corrêa (1978[1926], v. 6 p. 257) associa este nome a três espécies de Cyperaceae: *Cyperus*

rotundus L. *C. stoloniferus* Retz. e *Scleria reflexa* HBK., todos com inúmeros sinônimos. Para Menezes (1949, p. 183) é um nome referido para "*Cyperus brasiliensis*; *C. radiatus* Vahl; *Scleria melaleuca* Schl.; *S. mitis* Berg.; *S. paludosa* Kth.; *S. palustris* N. e E.; *S. tenacissima* dentre outras".

Tomate s.m. *Solanum lycopersicum* Linnaeus (Solanaceae). Origem: Cultivada. Alimento: "um pimentão; meio quilo de tomates. Para depois: quatro tomates; uma cebola" (DF, p. 19); " Piquem o coentro bem picado, a salsa, alguns tomates, a cebolinha e meio pimentão [...] Tomem de quatro tomates escolhidos, um pimentão, uma cebola" (DF, p. 20); " sal, limão, alho, cebola, tomate, pimenta, e azeite, azeite doce à vontade" (DF, p. 105); " Tomem do sal, do coentro, do alho e da cebola, alguns tomates e o suco de um limão" (DF, p. 135). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 13E.

Trigal s.m. *Triticum aestivum* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Produto agrícola: "Essa palavra [Rússia] queria dizer opressão e ódio, desgraça, fome em meio aos trigais" (CE, p. 247).

Trigo s.m. *Triticum aestivum* Linnaeus (Poaceae [Gramineae]) Origem: Cultivada. Produto agrícola: "Assim disse Lênin, e convidou a gente toda, os pastores de gado, os perfuradores de poços, os colhedores de trigo, os alfaiates e os garçons" (CE, p. 247); " Antes, nessas terras brancas de neve, negras de petróleo e loiras de trigo" (CE, p. 246). Alimento: "o pão de trigo puro" (DF, p. 131). Padrão de cor: "Era loira, seu cabelo de trigo, seu rosto de farinha" (CE, p. 131). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 14A.

Umbu s.m. *Spondias tuberosa* Arruda (Anacardiaceae). Origem: Nativa. Alimento: "tentando roubar frutas nos cestos de laranjas, limas, tangerinas, umbus e sapotis" (DF, p. 70). Ingrediente de bebida alcoólica: "Marilda e a empregada serviam licores feitos em casa: de ovos, de violetas, de groselha, de umbu, de araçá" (DF, p. 152). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024). Imagem: Prancha 14C.

Umburana s.f. *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm. (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "Árvore amiga do homem só a umburana, guardando no seu tronco a água abençoada para o viajor sedento [...] Espinhos e flores, de longe em longe a visão confortadora de uma umburana" (CE, p. 178). Perigo da natureza: "umburana é pau de abeia" (S, p. 26). Imagem: Prancha 14B.

Umbuzeiro s.m. *Spondias tuberosa* Arruda (Anacardiaceae). Origem: Nativa. Proteção (local de descanso): "não se animava sequer a olhar para a árvore à qual ela se encostara, um umbuzeiro" (GCC, p. 67). Comentário: identificação concorda com Flora e Funga do Brasil (2024).

Unha-de-gato s.f. Espécie indeterminada (Fabaceae [Leguminosae]). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "No dia 19 a Coluna penetra na Estrada Cruel, em torno os mandacarus, os xique-xiques, as unhas-de-gato, as coroas-de-frade, toda a vegetação inimiga, espinhenta, da caatinga violada" (CE, p. 178). Corrêa (1978[1926], v. 6, p. 341-342) afirma que numerosas espécies são conhecidas com este nome, sendo que a maioria pertence às Leguminosae: *Acacia adherens* Benth.; *A. bonariensis* Gill.; *A. paniculata* Willd.; *A. pedicellata* Benth. *A. riparia* HBK, *Machaerium uncinatum* Benth., *Mimosa*

bimucronata (DC.) OK., *M. malacocentra*, *M. weddeliana* Benth., entre outras. Menezes (1949, p. 188), associa este nome à *Acacia paniculata* Willd. (Leguminosae).

Vinha s.f. *Vitis vinifera* Linnaeus (Vitaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Tancredo Vinhas" (DF, p. 172). Imagem: Prancha 14D.

Violeta s.f. *Viola odorata* L. (Violaceae). Origem: Cultivada. Antropofitônimo: "Violeta Sá" (DF, p. 146); "jogar sete e meio à tarde na casa de Violeta" (TSF, p. 13); "Depois eram os suspiros de Violeta" (TSF, p. 14); "estirado semi-nu na cama da Violeta" (TSF, p. 15); "os dedos de Violeta nos seus cabelos [...] Tinha ido para a casa de violeta bem descansado" (TSF, p. 16). Ingrediente de bebida alcoólica: "Marilda e a empregada serviam licores feitos em casa: de ovos, de violetas, de groselha, de umbu, de araçá" (DF, p. 152). Padrão de cor: "onde em violeta Nacib deixava" (GCC, p. 264). Presente: "empunhando um ramalhete de violetas" (DF, p. 61). Religião (ato fúnebre): "Ela comprou rosas e cravos, palmas e violetas, dalias e saudades" (DF, p. 103). Resposta da natureza às mudanças de estação: "dhalias e violetas" (CA, p. 142). Comentário: Menezes (1949, p. 191) liga este nome comum à "*Viola odorata* L., Violácia [...]", no que concorda com a flora do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024).

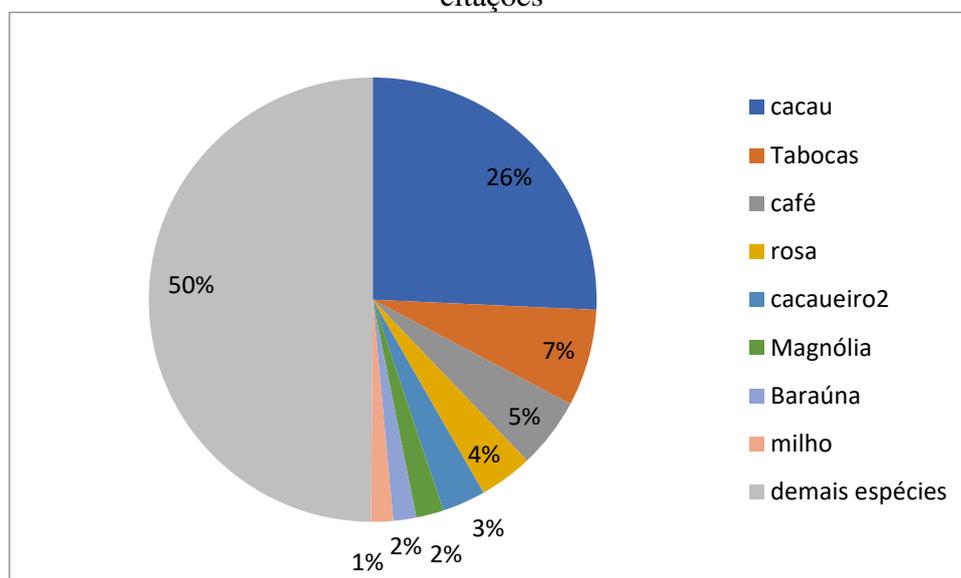
Xique-xique s.m. *Xiquexique gounellei* (F.A.C.Weber) Lavor & Calvente (Cactaceae). Origem: Nativa. Paisagem (Caatinga): "No dia 19 a Coluna penetra na Estrada Cruel, em torno os mandacarus, os xique-xiques, as unhas-de-gato, as coroas-de-frade, toda a vegetação inimiga, espinhenta, da caatinga violada" (CE, p. 178); "Perigos da natureza: Xiquexique é pau de espinho" (S, p. 26). Imagens: Prancha 14E e F.

6 RESULTADO E DISCUSSÃO

6.1. ANÁLISE DO VOCABULÁRIO

Foram registradas 1505 citações de fitônimos nos textos analisados, reunidos em 214 fitônimos diferentes. O fitônimo mais citado foi "cacau" com 387 citações, correspondendo a 17% do total de fitônimos registrados. Segue a ele "Tabocas" com 106 citações (c. 7%), "Café" com 77 (c. 5%), "Rosa" com 58 (c. 4%), "Cacaueiro" (2) com 47 (c. 3%), "Magnólia" com 30 (c. 2%), "Baraúna" com 25 (c. 2%) e "Milho" com 24 (c. 1%). Esses fitônimos correspondem a mais de 50% do total de citações. (cf. Figura 35).

Figura 35- Gráfico representado a proporção de fitônimos em relação ao total de citações

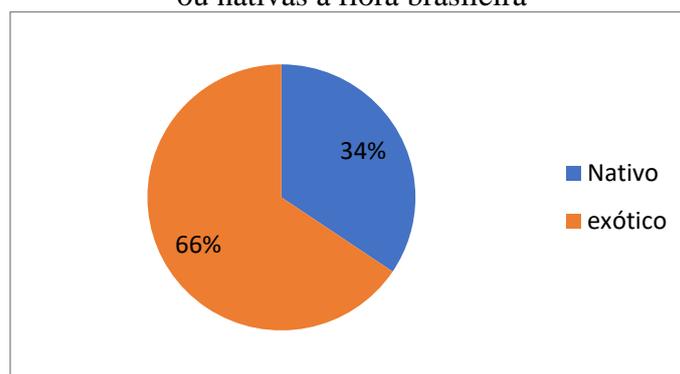


Fonte: elaborado pelo autor.

Apenas três desses fitônimos aparecem em todas as obras do Corpus: “Cacau”, “Café” e “Laranja”. Outros três aparecem em pelo menos cinco das obras estudadas: “Fumo”, “Milho” e “Rosa”. Sete fitônimos aparecem em pelo menos quatro das obras aqui estudadas: “Algodão”, “Banana”, “Capim”, “Coco”, “Cravo (1)”, “Mandioca”, “Violeta”.

Considerando a origem das espécies vegetais, à qual tais fitônimos se referem, constata-se que a maioria (c. 66%) são espécies exóticas à flora nativa do Brasil (cf. figura 36).

Figura 36- Gráfico mostrando a proporção entre fitônimos ligados a espécies exóticas ou nativas à flora brasileira



Fonte: elaborado pelo autor.

Tal proporção de espécies exóticas à flora brasileira encontradas nos romances de Jorge Amado, um dos principais autores do modernismo brasileiro, não corresponde a um dos ditames deste movimento literário que seria maior dar enfoque nas coisas nacionais. Tal comportamento pode ser atribuído à "Cegueira Vegetal" (cf. Nascimento, 2021) ou "Cegueira Botânica", já discutida acima, em que os escritores em particular e a população em geral, tende a dar pouca importância às espécies vegetais, tendo dificuldade em destacá-las da paisagem.

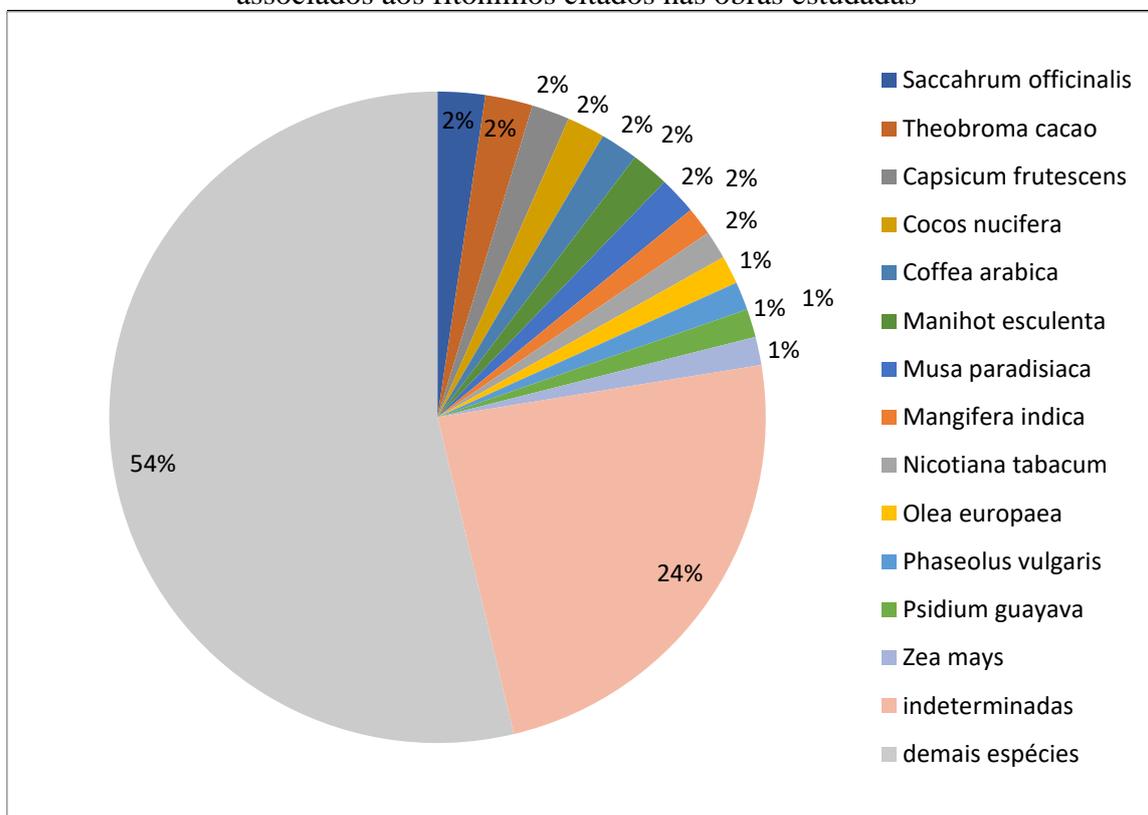
Jorge Amado não é o único que sofre desse "mal", tendo sido mais registrado nas obras poéticas, por exemplo em Olegário Mariano (cf. França, Souza, 2022), sendo que a obra de Sosígenes Costa é uma exceção (cf. França, 2016). Ao mesmo tempo, em autores como Euclides da Cunha (cf. França, Fonseca, 2020) e Guimarães Rosa (cf. França, Souza, 2017) há uma visível inversão nessa proporção, trazendo as espécies nativas nacionais para seus enredos, o que seria mais esperado em prosa.

Deve-se considerar também que o modernismo no Brasil foi um movimento literário complexo, sendo possível distinguir várias vertentes estilísticas, como o modernismo paulista e o regionalismo nordestino. É possível encontrar na obra amadiana elementos que o aproximam ora de uma e ora da outra vertente. A crítica à linguagem conservadora a aproxima do modernismo paulista, enquanto que a valorização da cultura popular achega-se ao regionalismo nordestino (cf. Paiva, 2022). Se o autor tivesse dado mais atenção à forma como os populares nomeiam as plantas, certamente o ajudaria a aproximar-se deste ideal estético.

Dos 214 fitônimos registrados conseguiu-se identificar (ou seja, associar um nome científico ao fitônimo) 110 (c. 51%). As espécies que tiveram mais fitônimos associados a elas foram: *Saccharum officinalis* (cana 1, cana 2, cana-de-açúcar, canavial,

Canavieiras) e *Theobroma cacao* (cacau, cacaueiro 1, cacaueiro 2, cacatial, cacau), ambos com 5 fitônimos associados (c. 2,3% dos fitônimos). Seguem *Capsicum frutescens* (e.g. pimenta-malagueta), *Cocos nucifera* (e.g. coco da Bahia), *Coffea arabica* (e.g. café), *Manihot esculenta* (e.g. mandioca), *Musa paradisiaca* (e.g. banana) todos com 4 fitônimos associados (c.1,9%). Depois *Arthocarpus heterophyllus* (e.g. Jaca), *Mangifera indica* (e.g. manga), *Nicotiana tabacum* (e.g. Tabaco), *Olea europaea* (e.g. oliveira), *Phaseolus vulgaris* (e.g. feijão), *Psidium guayava* (goiabeira) e *Zea mays* (e.g. milho) esses com 3 fitônimos associados (c. 1,4%). Tais binômios reúnem c.25% dos fitônimos citados. (cf. Figura 37)

Figura 37- Gráfico mostrando a proporção de espécies (binômios científicos) associados aos fitônimos citados nas obras estudadas



Fonte: elaborado pelo autor.

Na mais completa biografia escrita sobre Jorge Amado (AGUIAR, 2018), aparecem alguns nomes de plantas que, de alguma forma, foram importantes na vida do escritor. Nesta biografia registrou-se um total de 52 fitônimos, destes 36 também são citados no *Corpus* (c. 17%). A “manga”, por exemplo, citada na biografia como sendo um dos alimentos preferidos do autor na sua infância (AGUIAR, 2018 p. 385) e na sua

velhice (idem, p. 501), tendo sido consumido, inclusive, na sua estadia em Londres (idem, p. 480) e aceito como presente trazido por amigos (idem, 339); no *Corpus*, este fitônimo é citado cinco vezes (somando-se com a única citação de “manga-espada”), três das quais aparece como alimento agradável, como em CE (p. 191) quando, depois de atravessar região muito árida, a coluna Prestes, chega numa região frutífera. É famosa a mangueira presente na Casa do Rio Vermelho, que abriga a caixa com a cinzas do autor e de Zélia Gattai (Aguiar, p. 556). Outro exemplo é a “Goiaba” que o autor comia ao revisar artigos (idem, p. 110), que apreciava colher direto do pé (idem, 129) ou mesmo que lhe era enviado pelo pai enquanto estava exilado na França (idem, p. 263); nas obras analisadas, este fitônimo aparece sete vezes, sendo o consumo deste fruto frequentemente relacionado a momentos de prazer ou de relaxamento como em GCC (p. 262). Estes exemplos servem para ilustrar como as espécies vegetais presentes na vida do autor são transferidos para sua prosa ficcional, repetindo não só o fitônimo, mas também a disposição psicológica. Infelizmente, as plantas na vida dos grandes artistas são geralmente menosprezadas pelos biógrafos, menosprezo este relacionado à referida “Cegueira Botânica”.

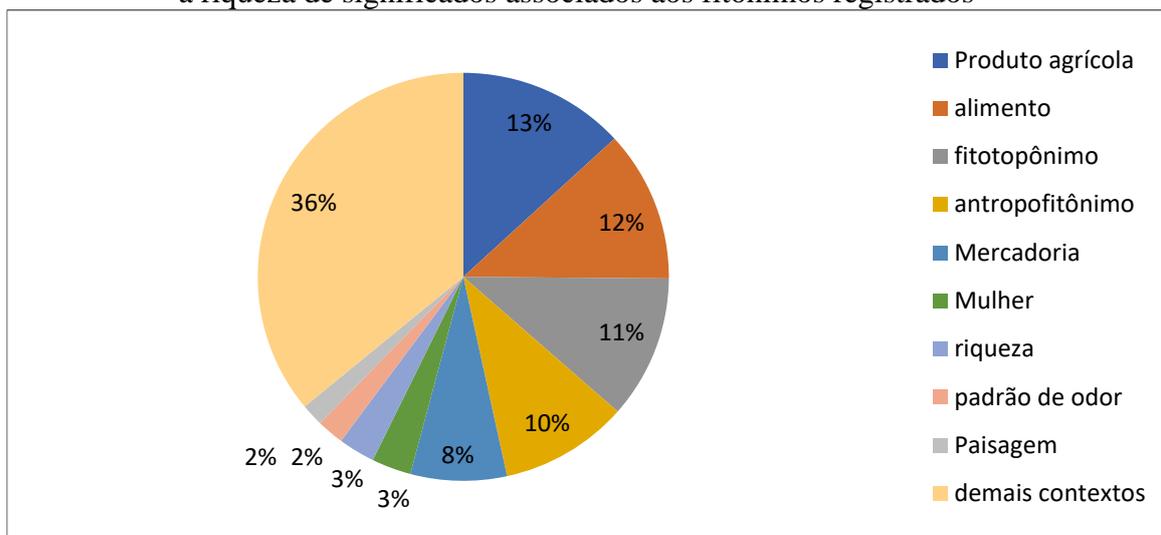
Uma diferença entre os estudos de fitônimos em obras literárias no âmbito dos “Estudos Literários”, daquele desenvolvido no âmbito dos “Estudos Linguísticos” é aquela relativa ao emprego de nomes apenas associados a espécies vegetais, que é possível fazer no primeiro caso. Já no segundo caso, na área de Estudos Linguísticos, não é possível deixar de lado o nome de plantas associados a nomes de pessoas (antropofitônimos) e nomes de lugares (topofitônimos). Ao se considerar esses fitônimos pôde-se observar um fato interessante, que é o uso do fitônimo apenas para nomear aquilo que não é planta. No *Corpus* estudado, 62 fitônimos (c. 29 % do total de fitônimos diferentes encontrados) referem-se a seres que não são plantas. Destes, 42 (c. 20%) são nomes exclusivamente referidos a seres não vegetais. “Algodão”, por exemplo aparece como um topofitônimo e referido às barbas de um ancião (DF, p. 239), o mesmo acontece com “Cabaça”, que denomina personagem emblemático de *Suor* (p. 2-79) ou Cabaçu (S, p. 98-100); outro exemplo interessante é “Araçá”, que, apesar de ser o nome de um fruto muito consumido em todo o Brasil, no *Corpus* estudado refere-se apenas uma personagem (antropofitônimo) de GCC (p. 136-296); “Magnólia” refere-se a uma personagem de DF (p. 163-210), cuja beleza, vistosa como a flor, coloca a prova a fidelidade marital; “Pinheiro”, fitônimo que se refere a vários personagens em CE (p. 144-216); “Palmeirão”, personagem feminina exemplo de valentia em CA (p. 251-328); Diferente é o que ocorre

com “Baraúna”, que ora é usado para denominar uma personagem (“Teodoro das Baraúnas” em GCC, p. 15 e principalmente em TSF, p. 95-243), ora denomina o local (“Fazenda das Baraúnas” em TSF, p. 87-158). O fitônimo “Tabocas” é exclusivamente referido à antiga denominação da cidade de Itabuna (GCC, p. 214-218 e, principalmente TSF, p. 19-259)

Ainda sobre esses fitônimos que não se referem a espécies vegetais, existem aqueles que nem são relativos a uma pessoa ou a um local. Entre esses, o termo “Caxixe” é bem interessante, pois na obra amadiana ele aparece invariavelmente associado a uma prática de falsidade ideológica, utilizada para adquirir terras de forma ilícita (GCC, p. 15 e 32; e, principalmente em TSF, p. 23-258), sendo uma lexia associada a plantas aparentadas com o chuchu e o maxixe (Ferreira, 2004). Outro exemplo é “Euterpe”, que denomina uma agremiação social musical (TSF, p. 151 e, principalmente GCC, p. 22-296); a associação desse termo a espécies vegetais é indireta, uma vez que ele se origina do nome de uma das musas da mitologia grega (Ferreira, 2004), tendo sido utilizado também para denominar um importante gênero de palmeiras (Arecaceae), ou seja, quando Jorge Amado usa o termo referindo-se à mitologia grega, é impossível a um botânico não o associar a esse grupo de palmeiras. Pode-se enquadrar nesse comentário o “Maxixe” que na maioria das vezes é associado a um tipo de dança em três obras diferentes (GCC, p. 249; TSF, p. 236 e 254; CE, p. 129-134); aparecendo apenas uma vez como topofitônimo (CE, p. 176).

Os fitônimos registrados estão associados a determinados significados no interior dos textos, que podem ser reunidos em contextos (conjunto de significados similares ou associados). Foram registrados nos textos amadianos analisados 87 contextos diferentes, sendo que "Produto agrícola" foi o contexto mais rico em fitônimos com 233 registros (c. 15% do total de registros), seguido de "Alimento" com 212 registros (c. 14%), "Topofitônimo" com 201 registros (c. 13%) e "Antropofitônimos" com 179 citações (c. 12%). Tais contextos perfazem mais de 50% dos registros de significados associados aos fitônimos (Figura 38).

Figura 38- Gráfico mostrando a proporção entre os contextos estudados de acordo com a riqueza de significados associados aos fitônimos registrados



Fonte: elaborado pelo autor.

A macroestrutura do vocabulário foi composta de 190 lexias simples (c. 89% dos fitônimos encontrados) e 24 lexias compostas (c. 11%), como “Cana-de-açúcar” ou “malmequer”; foram registrados 48 (c. 22%) nomes próprios: antropofitônimos (e.g. “Oliveira”), toposfitônimos (e.g. “Tabocas”), além destes, pôde-se registrar a presença de fitônimos empregados ora como nomes de pessoas, ora como nomes de lugares, (e.g. “Mangabeira”) e entidade civil (e.g. “Euterpe”). Uma boa parte (34) das lexias simples são do tipo “derivadas” (e.g. “algodoal”), que são flexões de uma lexia simples (cf. SILVA, 2006).

O registro de antropônimos é raro nos dicionários brasileiros em linha, tendência que o vocabulário aqui apresentado contesta com a apresentação de antropofitônimos. Por outro lado, a ausência de fraseologias vai contra a tendência da maioria dos dicionários brasileiros em linha (cf. JESUS, 2022)

As duas espécies com maior número de fitônimos são representantes de ciclos econômicos históricos. *Saccharum officinalis* é a espécie da Cana-de-Açúcar, produto agrícola que foi o responsável por muito tempo pela riqueza da metrópole portuguesa, objeto da cobiça de estrangeiros, particularmente dos Holandeses que chegaram a invadir e marcar a cultura nordestina, principalmente a pernambucana de forma indelével. A outra espécie com grande número de fitônimos é *Theobroma cacao*, o cacaueteiro, cujas sementes são utilizadas para a produção do chocolate e por isso exportada para vários países; as extensas áreas produtoras de cacau no sul da Bahia caracterizaram a história, a culinária e a literatura da região.

Apesar de nem todos os romances de Jorge Amado pertencerem ao ciclo do Cacau, os resultados aqui relatados permitem afirmar que essas obras sempre circundam, por algum aspecto (valores ou outras características sociais) a civilização cacauera (cf. Cerqueira, 2018) do sul da Bahia; mesmo quando o enredo não pertença ao chamado “ciclo do cacau” da obra amadiana, a referência a esta malvácea está sempre presente, seja associada a coisas positivas (e.g. riqueza) ou a coisas negativas (e.g. exploração dos trabalhadores).

O cacau pode aparecer em diversos contextos. Na seleção aqui pesquisada, foram registrados 38 contextos diferentes. O contexto mais identificado foi o de “produto agrícola” com 179 citações (c. 40% das referências ao Cacau), seguido de “Mercadoria” (97 cit., c. 22%), “Topofitônimo” (52 cit., c. 12%), “Riqueza” (46 cit., c. 10%), “Cultura” (16 cit., c. 4%) e “Poder” (8 cit., c. 2%), tais contextos perfazem quase 90% das citações relacionadas à espécie *T. cacao*. Apesar do cacau ser a fonte de um alimento (chocolate), nas obras estudadas ele simplesmente não é citado neste contexto, refletindo um aspecto da economia baiana, e de uma forma geral da economia brasileira, muito baseada na exportação de *comodities*, dando pouca importância à transformação desses materiais em produtos mais elaborados com maior agregação de valor.

Faz-se necessário aqui distinguir o contexto “Produto Agrícola” de “Mercadoria”. O primeiro refere-se planta e seu cultivo, o cuidado agrônômico com ela e a paisagem que seus indivíduos formam; no segundo caso a planta está semiprocessada, neste caso, a semente foi retirada do fruto, dessecada em estufas e embalada (ensacada) para ser comercializada.

Quando se procede a classificação do termo de acordo com seu significado e o contexto em que este significado está inserido, uma questão aflora: o termo refere-se a uma planta? Como este estudo linguístico abarca todas as lexias originadas a partir de uma referência a uma espécie vegetal, algumas delas, apesar dessa origem, são aplicadas a nomes de pessoas (antropofitônimos como Oliveira, Pereira etc.), lugares (topofitônimos: como Tabocas, Juazeiro), órgãos humanos (Mandioca referindo-se a um pênis ou Rosa referindo-se a uma vulva). Nem sempre é fácil separar o que se refere a uma planta ou não (como padrões de cores e de odores), que frequentemente não é clara uma referência a uma espécie vegetal. No vocabulário levantado, 1041 citações referem-se espécies vegetais (c. 70% do total de citações), enquanto que 464 termos não se referem a uma planta (c. 30%). Considerando apenas os fitônimos diferentes temos um total de 172 que se referem a plantas (c. 80% do total de fitônimos registrados), 61 (c. 29%) estão

ligados a nomes que não se referem a vegetais e 19 fitônimos podem ser associados a plantas ou não. Considerando-se apenas os fitônimos que se referem efetivamente a espécies vegetais, 119 são referências a espécies exóticas (c. 69%). Isso significa que o autor não só usa poucas referências à flora nacional, como também uma parte significativa dessa referência não se aplica a espécies vegetais.

Um dos aspectos da obra de Jorge Amado em que mais se observa nomes de plantas é na atenção que ele dá para a culinária, particularmente aquela gastronomia mais regional, sendo que 14% dos fitônimos citados são relacionados ao contexto “Alimento”. Em *Dona Flor e seus Dois Maridos*, as receitas detalhadas de Bolo de Puba ou Carimã, moqueca de Siri, cágado guisado e vatapá de peixe são citadas espécies vegetais como macaxeira, aipim, mandioca, coco, batatinha, tomate, cebola, dendê, alho, limão, pimenta do reino, coentro, salsinha, pimentão, oliva, amendoim, pimenta (Taveira, Medeiros, 2015). Em *Gabriela, Cravo e Canela*, o autor associa os temperos à sensualidade feminina, a pele cor de canela e seu cheiro de cravo seduzem os homens (Nascimento, 2005). Dentro do contexto “Alimento”, os fitônimos podem ser oriundos de um aspecto mais “geral” (68 citações, c. 32% das relativas ao contexto “Alimento”) ou podem fazer parte de uma especificidade mais restrita como “tempero” (40 citações, c. 19%); “receita” (30 cit., c. 14%); “bebidas” (24 cit., c. 11% e “religioso” (12 citações, c. 5%). Estas especificações do contexto “alimento”, são lexias de um discurso especializado, que é a culinária, que constituirão descrições metodológicas e estilísticas, caracterizando aspectos culturais das regiões representadas pelos textos literários.

Considerando-se a época de publicação das obras aqui analisadas, observou-se que houve uma variação no emprego dos fitônimos pelo autor ao longo do tempo. A figura 39 mostra a evolução do uso de fitônimos nas obras ao longo do tempo, onde se constata que o autor se utilizou deles gradualmente, sendo que nas obras mais antigas [Momentos 1, 2 e 3, cf. Bosi (2006 [1970])] tinham poucas citações e assim como a riqueza de espécies era menor, ao passo que nas obras mais posteriores o número de citações e a riqueza de espécies aumentaram de forma significativa [Momentos 4 e 5, cf. Bosi (2006 [1970])].

Figura 39- representação da evolução do número de citações de fitônimos e do número de fitônimos diferentes (riqueza) ao longo do tempo (Momentos propostos por Bosi (2006 [1970]), onde M1 S= Momento 1 Suor; M2 CA= Momento 2 Capitães da Areia; M3 CE= Momento 3 Cavaleiro da Esperança; M4 TSF = Terras do sem fim; M5 GCC= Gabriela Cravo e Canela; M5 DF= Dona Flor e seus dois maridos

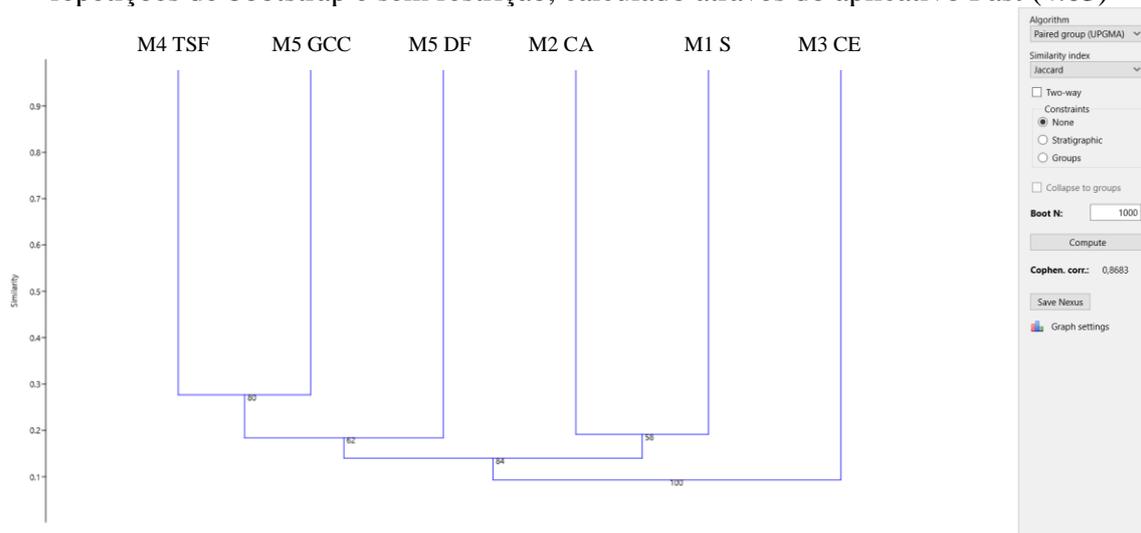


Fonte: elaborado pelo autor.

Comparando-se a ocorrência dos fitônimos entre as obras analisadas, que representam, cada uma, um determinado “momento” da obra amadiana de acordo com a classificação de Bosi (2006 [1970]), constata-se que os cinco momentos propostos pelo referido crítico podem ser reunidos em um número menor de agrupamentos.

Utilizando-se o índice de similaridade de Jaccard, com 1000 repetições de bootstrap sem restrição estratigráfica, obteve-se o diagrama da figura 32, que revela a formação de vários grupos: A: M4 TSF + M5GCC, com similaridade de Jaccard acima de 25% e *bootstrap* 80%; B: M4 TSF + M5GCC + M5 DF +M2 CA+ M1 S, com similaridade abaixo de 25%, mas com *bootstrap* de 84%; C: M3 CE, com baixíssima similaridade com o grupo B, e fortemente sustentado por um *bootstrap* 100%.

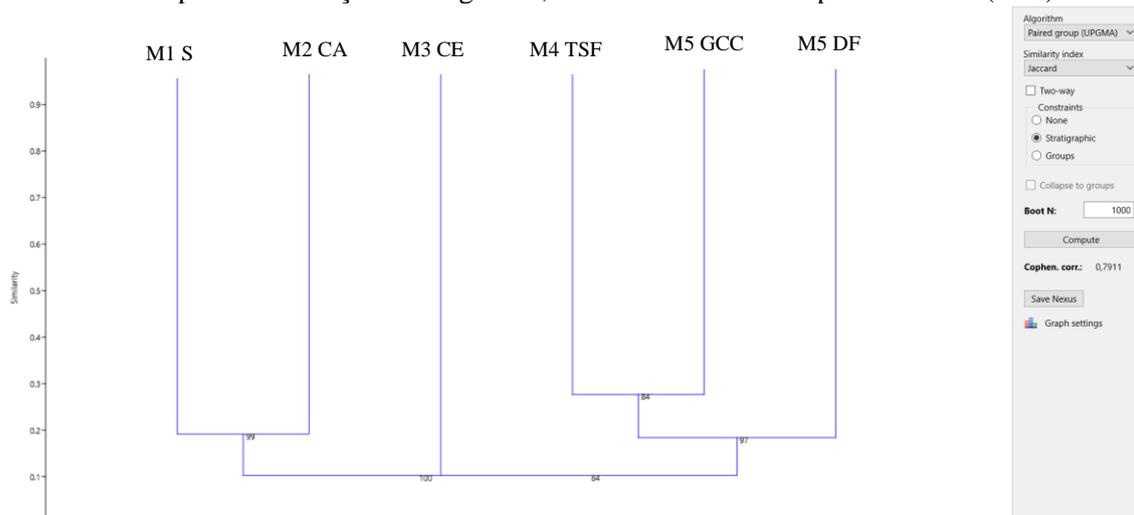
Figura 40- Diagrama de Similaridade obtido com índice de Jaccard com 1000 repetições de bootstrap e sem restrição, calculado através do aplicativo Past (4.03)



Fonte: elaborado pelo autor.

Fazendo uso o mesmo conjunto de dados da figura 40, mas agora utilizando-se restrição estratigráfica, obteve-se o diagrama da figura 41, onde se observa a nítida formação de três grupos: D: M1 S + M2 CA, com similaridade abaixo de 25% e bootstrap 99%; E: M4 TSF + M5 GCC + M5 DF, com similaridade abaixo 25% e bootstrap 97% e o já referido grupo C: M3 CE, que é significativamente diferente dos outros agrupamentos.

Figura 41- Diagrama de Similaridade obtido com índice de Jaccard com 1000 repetições de bootstrap e com restrição estratigráfica, calculado através do aplicativo Past (4.03).

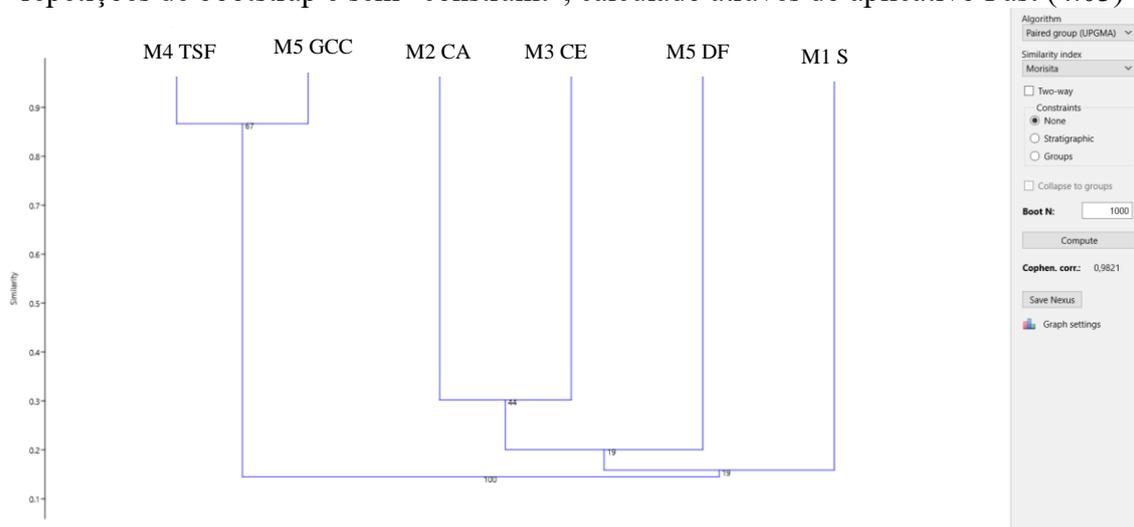


Fonte: elaborado pelo autor.

Analisando os dados com o índice de Morisita, chegou-se ao diagrama da figura 42, observa-se a formação de dois grupos: A: M4 TSF + M5GCC, com altíssima

similaridade (superior a 80%), mas *bootstrap* baixo (67%) e o grupo F: M2 CA + M3 CE + M5 DF + M1S, com baixíssima similaridade (abaixo 20%) e sem sustentação de *Bootstrap* (19%).

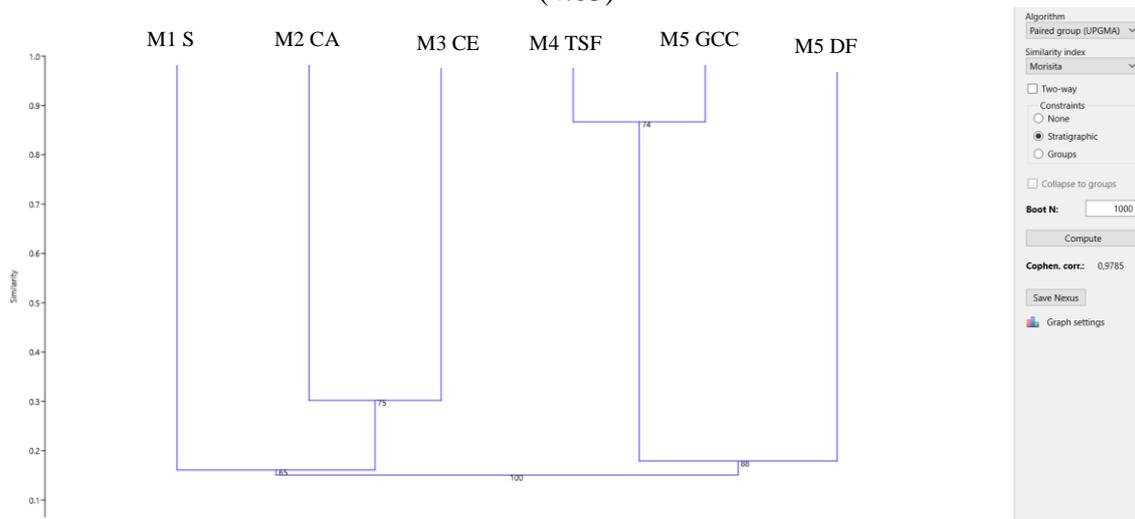
Figura 42- Diagrama de Similaridade obtido com índice de Morisita com 1000 repetições de bootstrap e sem “constraint”, calculado através do aplicativo Past (4.03)



Fonte: elaborado pelo autor.

Aplicando-se ao mesmo conjunto de dados pelo quais obteve-se a figura 34, mas dessa vez recorrendo à restrição estratigráfica, obteve-se o diagrama exposto na figura 43, onde é possível visualizar dois grupos distintos: G: M1 S + M2 CA + M3 CE, apresentando baixa similaridade (inferior a 20%) e baixa sustentação de *Bootstrap* (65%) e o grupo E: M4 TSF + M5 GCC + M5 DF, com baixa similaridade (abaixo de 20%), porém alto *Bootstrap* (88%).

Figura 43- Diagrama de Similaridade obtido com índice de Morisita com 1000 repetições de bootstrap e “stratigraphic constraint”, calculado através do aplicativo Past (4.03)



Fonte: elaborado pelo autor.

Alves (2001) considera que a análise crítica elaborada por Bosi (2006 [1970]) amplia a desqualificação que outros autores fizeram à obra do autor baiano, colocando-o quase à margem do cânone. Ao mesmo tempo a obra de Bosi, apesar de ter sido reeditada dezenas de vezes, a parte que discorre sobre Jorge Amado não se modificou desde a edição original, de forma que a classificação proposta das obras amadianas não considerou aquelas publicadas depois de 1970, sendo, pois, ainda necessário classificá-las nos citados "momentos". Mesmo diante dessas considerações, baseando-se apenas nos fitônimos encontrados, é possível, a partir figura 33, que é a melhor classificação suportada, seria dividir a obra amadiana em três fases: 1) S + CA, obras cuja narrativa se passa em ambiente urbano, com espécies vegetais mais próximas daquilo que se encontra na ornamentação pública e oferecidas para consumo em mercados; 2) CE obra cuja narrativa atravessa o Brasil, aumentando a riqueza de toponímicos e antropônimos e 3) TSF, GCC e DF obras que trazem aspectos da flora associada à região cacauzeira (TSF e GCC) e à culinária típica da Bahia (GCC e DF).

Dos três fitônimos que aparecem em todas as obras, “Cacau” e “Café” apresentam um número de citações mais significativo. Ambos se assemelham pelo significado político-econômico que eles carregam.

O “cacau” foi o principal produto agrícola de exportação da Bahia nos três primeiros quartos do século XX, decaindo apenas nos anos 80, diante da infestação da “Vassoura de Bruxa”, gradualmente cedendo essa posição para a soja. Nas obras do Corpus, mais e 90% das citações ocorrem nas obras TSF e GCC, que pertencem ao

chamado “ciclo do Cacau”, conjunto de obras em que o autor se dedica a desenvolver seus enredos tendo como tema principal ou como “pano-de-fundo” a região cacauzeira.

Já o “café”, que foi o principal produto agrícola de exportação do Brasil na primeira metade do século XX, tendo influenciado radicalmente a política nacional no período conhecido como “República Velha”, aparece principalmente no CE (c. 40% das citações), onde representa justamente o poder político de ideologia dominante combatido por Prestes. É significativa a ocorrência deste fitônimo nas obras do “Ciclo do Cacau”, somando-se a ocorrência nessas obras (TSF e GCC) com CE, chega-se a quase 80% das citações do fitônimo no Corpus. Ele aparece sempre como um contraponto comparativo com o “Cacau”, tanto no aspecto político como econômico.

Como já foi dito, muitos fitônimos não se referem a uma planta. Destes, cuja referência não é um vegetal, são encontrados os “topofitônimos” e os “Antropofitônimos”.

Apesar da obra TSF guardar o maior número de citações de “topofitônimos” (144) a maioria (103, c. 70% do total de citações de “topofitônimos” em TSF) refere-se a apenas um fitônimo: *Tabocas*, o antigo nome da cidade de Itabuna. A obra CE abriga a maior riqueza de “topofitônimos” apresentando 13 fitônimos relacionados à denominação de uma localidade, o que representa quase 50% dos “topofitônimos” citados; fato este relacionado à dinâmica da obra que, ao descrever as ações de Prestes ao longo de sua vida, faz uma descrição da famosa Coluna revolucionária que passou por muitas comunidades brasileiras com nomes de plantas.

O número de citações de “Antropofitônimos”, pessoas com nome de plantas, é inferior ao número de citações de “Topofitônimos” (179/201), mas o número de “fitônimos” distintos não é muito diferente (30/27). Comparando as obras analisadas entre si, observa-se que o número de “antropofitônimos” variou de 16 (GCC) a 49 (DF) citações. Em DF, “Magnólia” foi o “antropofitônimo” mais citado, referindo-se a uma personagem, vistosa como a flor, que tentou seduzir o segundo marido de Dona Flor. Em CE, “Pereira”, o “antropofitônimo” mais citado, refere-se principalmente ao pai de Luís Carlos Prestes. DF e CE foram as obras que apresentaram a maior riqueza de “antropofitônimos”, 11 (c. 37% do total de “antropofitônimos”) e 8 (c. 27%) respectivamente.

Sabendo que o português brasileiro é uma mistura de contribuições oriundas de diversas nacionalidades, incluindo línguas europeias (português, italiano, francês, alemão, polonês, ucraniano etc.), diversas línguas africanas e variadas línguas

americanas, o que resultou num léxico colorido e multifacetado, seria interessante verificar a origem dos fitônimos aqui encontrados (cf. Aguilera, Silva, 2022).

Em termos etimológicos, a principal língua de origem dos fitônimos aqui registrados é o Latim com 73 fitônimos (c. 34%), seguido pelo Tupi (44, c. 21%), Grego (16, c. 8%), Árabe (13, c. 6%), Nuaatle (8, c. 4%) e Quimbundo (6, c. 3%), equivalendo a c. 75% dos fitônimos encontrado no *Corpus*. Uma percentagem bastante significativa (19, c. 9%) tem origem etimológica ainda não estabelecida.

Pensando nestas origens agora reunindo os continentes dos quais dessas línguas vieram, foi anotado que 98 fitônimos vieram da Europa (c. 46% dos fitônimos aqui registrados, 60 (c. 28%) das Américas, 22 (c. 10%), 7 (c. 3%) da África e 5 da Ásia. A proeminência numérica de fitônimos de origem Europeia pode ser um sinal do crescente desaparecimento da fala urbana dos elementos tupis e africanos, como também dos empréstimos de outras nacionalidades (cf. Aguilera, Silva, 2022, p. 178).

Alguns fitônimos, lexias compostas, apresentaram origem dupla, como “Coroa-de-Frade”, que é uma lexia de origem grega e latina; “pau-marfim” de origem latina e árabe”, “rosa-chá” de origem latina e chinesa, “onze-horas” de origem latina e grega. O fitônimo “pau-brasil” tem origem diferente, uma vez que o segundo nome “Brasil” originou-se do Francês “brésil”, que era o epíteto que especificava o tipo de produto vegetal tão precioso que eles vinham buscar.

O interessante caminho que alguns fitônimos fazem do jargão científico para a denominação comum das plantas pôde ser exemplificado neste trabalho. Foi o que aconteceu com “Dália” que vem do nome genérico *Dahlia* (Asteraceae, família da margarida), nome criado em homenagem ao botânico sueco Anders Dahl (1751-1789). Outro exemplo é “Magnólia”, derivado do nome genérico *Magnolia* (Magnoliaceae, família da Magnólia), que foi construído como uma homenagem ao botânico francês Pierre Magnol (1638-1715). Outro nome genérico científico que aparece no *Corpus* como nome comum é “Heliotrópio”, que vem de *Heliotropium* (Heliotropiaceae, família do Heliotrópio). O caso de “Hortênsia” já tem um caminho mais sinuoso, típico dos nomes científicos, este nome foi usado por Philibert Commerson (1727-1773) para denominar a planta trazida do Japão, em homenagem discreta à astrônoma Nicole -Reine Lepaute (1723-1788), que era apelidada familiarmente de “Hortense”(i.e. Jardineira), contudo o nome não permaneceria, pois Nicolas Seringe (1776-1858) constatou que a planta deveria pertencer ao gênero *Hydrangea* (Hydrangeaceae, a família da Hortênsia) no qual é aceito

até os dias atuais, porém a homenagem de Commerson permaneceu como nome comum (cf. Boistel, 2004).

6.2 SÍTIO ELETRÔNICO “BOTÂNICA LITERÁRIA”

O resultado da construção do *Logo* pode ser visto na figura 44, onde o nome do projeto é apresentado em latim, emoldurado com a representação de ramos de uma trepadeira. Foram elaboradas três formas de acordo com o fundo: branco, em degradê verde e em degradê multicolor de lilás à laranja.

Figura 44- Logo do sítio eletrônico do projeto “Botânica Literária”



Fonte: elaborado por Iago Santiago.

O sítio ficou constituído de quatro páginas: página inicial, referencial teórico, projeto e vocabulários. A página inicial traz uma apresentação do sítio com um cabeçalho apresentando o nome do projeto “Botânica Literária” com um subtítulo explicativo “Plantas citadas em obras literárias”, ao lado do título vem com os logos das entidades patrocinadoras, a saber: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); o Laboratório de Taxonomia Vegetal (TAXON) do Departamento de Ciências Biológicas (DCBIO) da UEFS; Programa de Pós-Graduação em estudos linguísticos (PPGEL) e o Núcleo de estudos interdisciplinares em Humanidades Digitais (neiHD). Abaixo do cabeçalho vem os “botões” que permitam a ligação da página inicial com as páginas de conteúdo. Abaixo dos botões duas janelas podem ser vistas: uma a esquerda do usuário e outra à sua direita. A janela da esquerda tem o logo do sítio eletrônico (figura 36) apresentado sucessiva e alternadamente com imagens de plantas, efeito obtido através do aplicativo “*impressive slideshow*”. A janela da direita tem uma explicação sumária do que se trata o sítio eletrônico. (cf. figura 45).

Figura 45- Página inicial do sítio eletrônico “Botânica Literária”

Fonte: elaborado pelo autor, design de Iago Santiago.

A página “referencial teórico” traz uma lista de referências de textos consultados que permitiram a realização da pesquisa (Figura 46).

Figura 46- Página “referencial teórico” do sítio “Botânica Literária”.

Fonte: elaborado pelo autor, design Iago Santiago

A página “Produtos” traz um maior detalhamento do documento aprovado na UEFS com as diretrizes e metas desenvolvidas que levaram à construção do sítio eletrônico. Nesta página os principais resultados obtidos até o momento com o estudo das plantas citadas nas obras de Olegário Mariano; Sosígenes Costa, Gustavo Teixeira, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha. Os nomes desses autores foram colocados em botões, à direita do usuário, que permitem o acesso ao produto dessas pesquisas (figura 47).

Figura 47- Página “Produtos” do sítio eletrônico “Botânica Literária”

Fonte: elaborado pelo autor, design Iago Santiago.

A página “vocabulários” contém o principal resultado do estudo aqui desenvolvido. Ela é constituída de uma janela central e de botões à direita do usuário. Os botões são: Jorge Amado; Poesia Brasileira no século XX; Literatura Francesa do século XX e por último a Literatura Inglesa no século XX. Os três últimos botões ainda não encaminham para nenhum resultado, pois esses temas ainda estão sendo desenvolvidos no projeto “Botânica Literária” (figura 48).

Figura 48- Página “Vocabulários” do sítio eletrônico “Botânica Literária”

Fonte: elaborado pelo autor, design Iago Santiago.

O botão “Jorge Amado” da página “Vocabulários” conduz o usuário para outra página em que será encontrado o resultado da pesquisa aqui desenvolvida. Esta página apresenta dois botões à direita do usuário: Vocabulário fitonímico e Terminologia da Lavoura cacaueteira. A janela central da página traz um resumo biográfico de Jorge Amado. O segundo botão é um trabalho que ainda está sendo desenvolvido por estagiários do projeto, onde se pesquisa de termos técnicos utilizados no trabalho com a cultura do cacau

presentes na obra amadiana. O primeiro botão traz o vocabulário fitonímico aqui desenvolvido (figura 49).

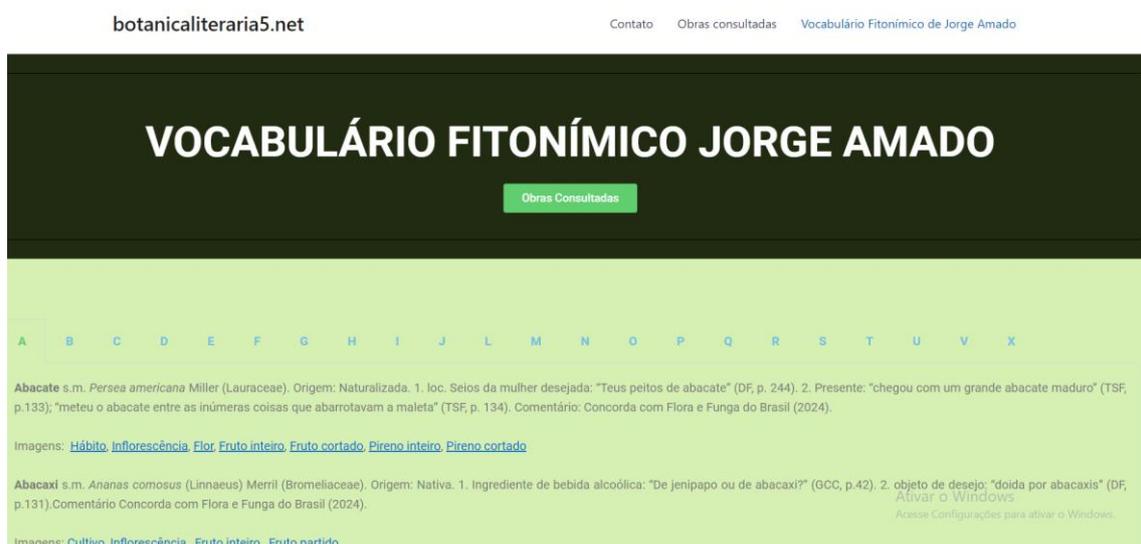
Figura 49- Página “Jorge Amado” do sítio eletrônico “Botânica Literária”



Fonte: Elaborado pelo autor, design Iago Santiago.

Assim, quando o usuário chega à página “Jorge Amado” e clica no botão “Vocabulário Fitonímico”, ele é direcionado para uma página do *WordPress* que foi construída como mostra a figura 50, que apresenta o título da página, logo abaixo do título, vem um botão, que conduz uma página também do *WordPress* com o Corpus. Depois disso vem os verbetes em ordem alfabética de fitônimo. Abaixo de alguns verbetes vêm o hiperlink para as imagens do vegetal ao qual o fitônimo se refere. Até o momento, 103 fitônimos foram ilustrados, c. 48% do total de fitônimos.

Figura 50- Página “Vocabulário Fitonímico de Jorge Amado” do sítio “Botânica Literária”



Fonte: elaborado pelo autor, design Tainá Alves.

Quanto à estrutura do acesso ao vocabulário (cf. SELISTRE, 2010), o usuário pode percorrer a lista alfabética de fitônimos até encontrar o item desejado (*browsing*) ou pode usar a caixa de busca do sistema (ctrl f) e digitar o nome desejado ou parte dele. Se o usuário na caixa de busca do sistema digitar o nome diferente daquele que está na lista (e.g. escrever “genipapo” e não “jenipapo”) o vocabulário não retornará com uma lista de opções cuja a grafia seja similar ao digitado (*fuzzy search*). Também não é possível, na versão aqui apresentada, o usuário substituir uma letra em que esteja na dúvida por um símbolo (e.g. “?” ou “*”), de forma que o sistema procure as opções possíveis (*wildcards*).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fitonímia da obra de Jorge Amado é rica e representa de forma bastante evidente as concepções estéticas do autor, sendo um constituinte essencial léxico por ele utilizado para desenvolver seus enredos.

A utilização dos nomes comuns de plantas faz parte de temas desenvolvidos no interior da obra amadiana originados de especialidades como agronegócio (principalmente a cacauicultura) e a culinária, de forma que ficou demonstrado a possibilidade de estudar essa fitonímia como uma terminologia, mais especificamente como uma etnoterminologia.

A fitonímia permitiu uma comparação entre as obras selecionadas que compuseram o Corpus deste trabalho, permitindo a reunião delas em dois grupos bastante distintos. Um primeiro grupo é aquele formado por *Suor e Capitães de Areia*, correspondendo à fase mais inicial da carreira do autor; outro grupo é aquele formado pelas obras *Terras do Sem Fim*, *Gabriela Cravo e Canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*; finalmente, guardando pouca semelhança entre as demais obras, um grupo formado apenas pela biografia de Luís Carlos Prestes, o *Cavaleiro da Esperança*. Este resultado é diferente a classificação proposta por Bosi (2006 [1970]), que dividiu a obra amadiana em cinco “momentos”. É evidente que o autor começou a dar mais importância para as espécies vegetais em sua obra, apenas em uma fase madura. A principal vantagem em dividir a obra amadiana em três grupos é a maior objetividade, permitindo que esta sistemática seja contestada através de levantamentos mais completos, eliminando o teor pejorativo, que a sistemática apresentada em Bosi (2006[1970]) exala.

A excessiva atenção que o autor dá para espécies exóticas à flora brasileira chama a atenção para o fenômeno da “Cegueira Vegetal” ou “Cegueira Botânica”. Tal sintoma cultural, profundamente relacionado com o uso inadequado dos recursos naturais, é detectável em diversas literaturas de épocas e nacionalidades diferentes, sendo bastante evidente na obra amadiana.

O levantamento fitonímico na obra literária com um viés terminográfico, permitiu o registro de um número maior de termos, pois além daqueles diretamente relacionados a espécies vegetais, foi possível contabilizar aqueles presente na origem de topônimos e antropônimos, enriquecendo o produto final.

Ainda é cedo para avaliar o impacto produzido pela divulgação do vocabulário em meios digitais, será preciso esperar um lapso maior de tempo para se perceber como os

interessados no tema utilizarão os dados contidos no sítio eletrônico aqui construído. O próprio sítio ainda será muito enriquecido com a avaliação crítica dos colegas e com o acréscimo de dados provenientes de pesquisas futuras. As ferramentas digitais empregadas mostraram-se muito efetivas, permitindo que um pesquisador quase leigo no mundo a tecnologia da informação, conseguisse uma “janela” de exposição e divulgação dos resultados das pesquisas em andamento. Entre as muitas coisas que ainda precisam ser feitas, está a hospedagem do sítio numa instituição que permita sua consulta e crescimento independente da presença dos autores deste trabalho, sendo a os ambientes eletrônicos mantidos pela Universidade Estadual de Feira de Santana o destino mais natural.

Este trabalho demonstrou que existe uma interconexão íntima entre as humanidades e as ciências exatas. No caso aqui apresentado, esta relação fica evidente na denominação das espécies vegetais, tanto no ambiente acadêmico como fora dele. Nas Ciências Biológicas, a denominação das espécies vegetais está a cargo da “Taxonomia”, que é regida pela “Nomenclatura Botânica”. Esta atividade, talvez aproveitando-se um pouco do sucesso material proporcionado pela ciência moderna produzida por outras áreas, tornou-se tão arrogante ao ponto de menosprezar os nomes aplicados às espécies de plantas pela população em geral. Contudo, quando se estuda os principais produtos terminográficos da área de botânica, é impossível não perceber como são parecidos com materiais lexicográficos, quando não são óbvios (dicionários, vocabulários e glossários botânicos), como trabalhos de sistemática de grupos taxonômicos. Produtos digitais estratégicos como o sítio eletrônico com levantamento da flora e dos fungos do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2024), correlacionam apenas raramente os nomes científicos aos nomes comuns, o que pode contribuir para uma perda de unidades léxicas utilizadas pela população da época. É extremamente importante que os botânicos se voltem com afinco para a coleção e registro dos nomes comuns dos vegetais, seguindo o exemplo da literatura ficcional, que tem contribuído de forma significativa para o registro de tais nomes, como se observa na obra amadiana

Considerando-se o estudo fitonímico no âmbito da terminologia, percebe-se alguns fenômenos como a circulação social do termo, uma noção revelada pela Socioterminologia (cf. Gaudin, 2014), quando se observa fitônimos de origem academia sendo utilizados como vernáculos (e.g. Magnólia) e vernáculos latinizados e utilizados na constituição de nomes científicos (e.g. *Paubrasilia*). Em termos etnoterminológicos podemos considerar tais termos como “vocábulos-termos”, uma vez que há uma óbvia

hibridação entre os usos, não só na linguagem comum e especializada, mas também na literária (cf. Castro, 2019).

Para se compreender melhor a organização dos grupos sociais que atuam na cultura nacional, é necessário estudar seus etnotermos. Um exemplo disso é o fitônimo “Cacau”, dificilmente se atingirá todas possibilidades interpretativas do texto amadiano ligado à cultura cacauera, se o leitor não estiver preparado para compreender esse termo no âmbito da produção agrícola, diferenciando-se do uso dele como uma commodity (cf. Latorre, 2013).

REFERÊNCIAS

ABL (Academia Brasileira de Letras). *Jorge Amado* (Biografia). disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/biografia>, revisado em 14 jun 2017, acesso em 24 jun 2020.

AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.

AGUILERA, Vanderci; SILVA, Helen. Tecendo uma história do léxico da língua portuguesa no Brasil com os fios das telas dos atlas linguísticos. *Working Papers em Linguística*, v. 23, n. 1, 168-193, 2022.

ALBUQUERQUE, Davi. Novas perspectivas nos estudos lexicográficos: a ecolxicografia e as palavras ecológicas. *Revista (Entre Parênteses)* v. 1, n. 8, 24p., 2019

ALBUQUERQUE, Ulysses; ANDRADE, Laise Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma o em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta botanica brasílica*. v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ALMEIDA, Dayane. Semiótica greimasiana na atribuição de autoria textual: contribuição à linguística forense. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2p. 67-81, 2016.

ALMEIDA, Elizabeth. *Por uma leitura filológica dos causos sertanejos de Eulálio Motta nas aulas de língua portuguesa: plataforma digital Bahia Humorística na escola*. Tese (doutorado). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Feira de Santana, 2022.

ALVES, Ieda. Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica. *Alfa*, v. 44, p. 261-272, 2000.

AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1941]

AMADO, Jorge *Cavaleiro da esperança* (1942);

AMADO, Jorge *Suor* (1934);

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: livraria José Olympio editora, 1937

AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. coleção mil folhas, 2002 [1966]

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. Sem local: LeLivros, 2019 [1958]

AMADO, Jorge. *Terras do Sem-Fim*. 1a. reimpressão. São Paulo: companhia das Letras, 2008 [1942].

AMORIM, Dalton. *Elementos básicos de sistemática filogenética*. Ribeirão Preto: Holos Editora, 1997.

ANDRADE, Maria. A unidade lexical no discurso etnoliterário, *Cadernos do CNLF*, v. 14, n. 2, t. 1, p. 408-418, 2010.

ANDREATA, H. P.; TRAVASSOS, O. P. Chaves para determinar as famílias de: pteridophyta gymnospermae angiospermae. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1994. 134p., disponível em <http://w3.ufsm.br/herb/glossario.pdf>, acesso em 11 jan 2024

ASSUNÇÃO, Jandira. Lexicografia: uma introdução ao estudo dos dicionários. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*, v. 12, n. 1/2, p. 39-50, 1979.

AUBERT, Francis. Língua como estrutura e como fato histórico-social: consequências para a terminologia. In ALVES, Ieda. A Constituição da normalização terminológica no Brasil. *Caderno de Terminologia*, n. 1, p. 11-15, 2001

AUBLET, Jean. *Histoire des Plantes de La Guiane Française*. Londres & Paris: Libraire de la Faculté de Médecine, chez Pierre-François Didot, 1775.

BFG (The Brazil Flora Group). Brazilian Flora 2020: Leveraging the power of a collaborative scientific network, *TAXON*, v 71, n. 1, p. 178–198, 2022:

BANFI, Enrico. *Chrysojasminum*, a new genus for *Jasminum* sect. *Alternifolia* (Oleaceae, Jasmineae). *NHS Natural History Sciences Atti della Società italiana di Scienze Naturali e del Museo Civico di Storia Naturale in Milano*, v. 1, n. 1, p. 3-6, 2014

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45

BARBOSA, Maria. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos, *Ciência e Cultura*, v.58, n.2, p. 48-51 2006.

BARREIROS, Liliane. *O vocabulário de Eulálio Mota*. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017a

BARREIROS, Liliane. O uso de ferramentas computacionais na elaboração do Vocabulário de Eulálio Motta: AntConc e FLEEx. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFES*, v. 18, n. 2, p. 216-241, 2017b

BARROS, Lídia. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. *Ciência e Cultura*, v.58, n.2, p. 22-26, 2006.

BARROS, Lídia. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BARROSO, Graziela; GUIMARÃES, Elsie; ICHASO, Carmen; COSTA, Cecília; PEIXOTO, Ariane. *Sistemática de Angiospermas do Brasil*. v. 1. 2a. Ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2002.

BARROSO, Graziela; GUIMARÃES, Elsie; ICHASO, Carmen; COSTA, Cecília; PEIXOTO, Ariane; LIMA, Haroldo. *Sistemática de Angiospermas do Brasil*. v. 2. 1a. Ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1984.

BERMÚDEZ M., Mariela; SÁNCHEZ G., Joaquín. (eds.) Identificación de vacíos de información botánica en Centroamérica. Turrialba (Costa Rica): WWF; Museu Nacional de Costa Rica, 2000.

BISCALCHIN, Ricardo; MOREIRA Walter. Construção de vocabulários multilíngues: perspectivas culturais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.25, n. 4, p. 47-67, 2020

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 5a. ed. Trad. Paraguai, Ana; Ferreira, Lúcia. São Paulo: Cultrix, 1998

BOISTEL, Guy. Nicole-Reine Lepaute et l'Hotensia. *Cahiers Clairaut*, n. 108, p. 13-17, 2004

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. ed. 45a. São Paulo: Cultrix, 2006 [1970].

BOTANICA SISTEMATICA. Luigi Rignanese, disponível em https://www.homolaicus.com/scienza/erbario/utility/botanica_sistemica/index.htm, acesso 12 jan 2024.

BOTANY DICTIONARY. Mantu Boro disponível em https://play.google.com/store/apps/details?id=com.botany.dictionary&hl=en_US, acesso em 24 jan 2024

BOTELHO, Juliana; LAMANO-FERREIRA, Ana; FERREIRA, Maurício Prática de cultivo e uso de plantas domésticas em diferentes cidades brasileiras. *Ciência Rural*, v.44, n.10, p.1810-1815, 2014.

BRAJKOVIC, Iva. *Insuffisance rénale et ses traitements: travail terminographique. memoire de master*. Zagreb: Universidade de Zagreb, 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Convenção sobre a Diversidade Biológica*. disponível em < <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/convencao-sobre-diversidade-biologica> >, atualizado em 17 nov 2020; acesso 30 mar 2021.

BRENES, Patricia. *In my own terms*. Disponível em < <http://inmyownterms.com/> >, acesso 08 jul 2021.

BROWNE, Janet. Botany for gentlemen: Erasmus Darwin and “The Loves of the plants”. *Isis*, v. 80, n. 4, p. 593-621, 1989.

BURNETT, Frances. *The secret garden*. The American Magazine, 1911.

CABALZAR, Aloízio; FONSECA-KRUEL, Viviane; MARTINS, Luciana; MILIKEN, Willian; NESBITT, Mark. *Manual de Etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas*. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2017

CABRAL, Uver. *De salus et securitas – polissemia em línguas de especialidade sob a ótica da terminologia sociocognitiva*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

CABRÉ, M. *La terminologia: representacion e comunicacion*. Barcelona. Ed. Institut Universitari de linguística aplicada, 1999.

CABRÉ, Maria Tereza. *La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro*. *Debate Terminológico*, n. 1, 14p., 2005.

CARAUTA, Jorge; DIAZ, Ernani. *Figueiras do Brasil*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2002

CARNEIRO, Raphael. *Discurso literário de fantasia infantojuvenil: proposta de descrição terminológica direcionada por corpus*. Dissertação de mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

CARVALHO, Flávia. *Apostila de Introdução ao Desenvolvimento Web: Disponibilização e Formatação de Conteúdos na Web com Introdução às Linguagens HTML5, CSS3, JavaScript, PHP e o uso do BD MySQL através do pacote WampServer; da Disciplina Autoria e Design na Internet I da FACCAT*, 2018, disponível em <<https://fit.faccat.br/~fpereira/pagina/autoria/ApostilaDesenvolvimentoWeb-Autoria1-Fevereiro2018.pdf>>, acesso em 19 fev 2022

CARVALHO, Paulo. *Espécies arbóreas brasileiras*. v. 1 Brasília: EMBRAPA Informações Tecnológicas/Colombo: EMBRAPA florestas, 2003;

CARVALHO, Paulo. *Espécies arbóreas brasileiras*. v. 2 Brasília: EMBRAPA Informações Tecnológicas/Colombo: EMBRAPA florestas, 2006.

CASTRO, Isabela. *A terminologia da série Grimm: uma análise com base em corpus paralelo inglês/português*. Trabalho de conclusão de curso. Brasília: Universidade de Brasília, 2019.

CERQUEIRA, Dorine. *O Romance do século XX na Bahia (1901-2000)*. Salvador: EGBA, 2018.

COELHO, Kamila. *A representação e o real em Michel Foucault*. *Revista Virtual de Letras*, v. 3, n. 1, p.89-105, 2011.

CORRÊA, Manuel Pio. *Dicionário das Plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional (v. I, II e III), 1926; Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (v. IV, V e VI), 1978

COSTA, Denise (org.). *Manual de briologia*. Rio de Janeiro: Interciência, 2010.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: a campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1982- [1902].

CURTI-CONTESSOTO, Beatriz. *Em busca de uma Terminologia Diacrônica sistematizada: alguns conceitos básicos em foco*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 61, n.1, p. 109-124,2022.

DARWIN, Erasmus. *Poetical works*. 3 vols. London: J. Johnson, 1806. Disponível em https://play.google.com/books/reader?id=uhs6AAAAMAAJ&hl=pt_PT&pg=GBS.PR1, acesso em 21 abr 2021.

DEPECKER, Loïc. Aperçus sur l'imaginaire des métiers, *Éla. Études de linguistique appliquée*, v. 3, n. 171, p. 297-305, 2013.

DIAS, Cláudia. Terminologia: conceitos e aplicações. *Ciência da Informação*, v. 29, n. 1, p. 90-92, 2000.

DIAS, Marieta. Flora mato-grossense: motivação dos nomes científicos, *Acta Semiótica et Linguística*, v. 16, n. 2, p.63-96, 2011.

DICIO. *Dicionário on line de português*. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/> >, acesso em 19 jan 2024

DÍDIMO, Horácio. Tipologia dos personagens. *Revista de Letras*, v. 16, n. 1/2, 1994.

DIKI-KIDIRI, Marcel. Éléments de terminologie culturelle. *Cahiers du RIFAL*, n. 26, p. 14-25, 2007.

DUCKWORTH, Melanie; GUANIO-ULURU, Lykke. Introduction to Plants in children's and young adult literature In. DUCKWORTH, Melanie; GUANIO-ULURU, Lykke (eds). *Plants in children's and young adult literature*. New York: Routledge, 2022, p. 1-16.

ESPERANDIO, Isabel. *Legendas de seriados de tema sobrenatural: uma abordagem terminológica para tradutores*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

FABER, Pamela; LOPEZ-RODRIGUEZ, Clara. Terminology and Specialized Language In FABER, Pamela (ed.), *A Cognitive Linguistics View of Terminology and Specialized Language*, Mouton, 2012.

FELFILI, Jeanini; SILVA JR., Manoel; REZENDE, Alba; MACHADO, José; WALTER, Bruno; SILVA, Paulo; HAY, John. Análise comparativa da florística e fitossociologia da vegetação arbórea do cerrado sensu stricto na Chapada da Pratinha, DF, Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, v. 6, n.2, 1992.

FERNANDES, Rosette. Glossário de Termos Botânicos. Anuário da Sociedade Broteriana v. 38, p. 181-292, 1972, rev. Fátima Sales (2007), disponível em https://www.uc.pt/herbario_digital/learn_botany/glossario/#e, acesso em 11 jan 2024.

FERREIRA, Aurélio. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

FERRI, Mário; MENEZES, Nanuza; MONTEIRO, Walkyria. *Glossário Ilustrado de Botânica*. São Paulo: Nobel, 1981.

FINATTO, Maria. Terminografia brasileira no século XIX. Contraponto entre domínios emergentes e consolidados. In CABRÉ, Maria. *La Història dels llengatges iberoromànics d'especialitat. (segles XVII-XIX)*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra/Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 187-203, 1998.

FLEX . *Field Works Language Explorer*. SIL International. Este software é licenciado sob a LGPL, versão 2.1 ou posterior, disponível em <<http://www.gnu.org/licenses/lgpl-2.1.html>>, acesso em 20 jan 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 21 jan 2024

FONSECA, Heloísa; SABIO PINILLA, José. Proposta de macroestrutura de um dicionário de provérbios brasileiros orientado a estudantes espanhóis de tradução. *Estudos Linguísticos* v. 49, n. 2, p. 742–760, 2020

FONT-QUER, Pio. Dicionário de Botânica. 9a. reimpressão. Barcelona et al.: Editorial Labor, 1985.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Muchail. 8a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

FRANÇA, Flávio. Flora na Obra de Sosígenes Costa. *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB)*, v.6, p.647 - 654, 2016

FRANÇA, Flávio; SOUZA, Antônio. Flora em “São Marcos” de Guimarães Rosa. *European Review of Artistic Studies*, v. 8, p. 35-43, 2017.

FRANÇA, Flávio. *Sertões à flora: as espécies vegetais no massacre de Belo Monte*. Feira de Santana. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2019.

FRANCA, Flávio; FONSECA, Aleilton. *Sertões à flora*. In Fonseca, Aleilton; Guimarães, Ana; França, Flávio; Oliveira, Jéssica; Freire Jr., Orlando; Gomes; Paulo. *Visitações a Belo Monte/Canudos: Estudos Críticos*. Itabuna: Mondrongo, 2020, p. 121-144.

FRANÇA, Flávio; SOUZA, Antônio. A flora na obra poética de Olegário Mariano. *LÉGUA & MEIA*, v.12, p.191 - 218, 2022.

FROMM, Guilherme; SANTOS, Candice; GRAMA, Daniela; BEIKE, Neubiana. Wordsmith Tools e Sketch Engine: um estudo analítico-comparativo para pesquisas científicas com uso de corpora. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 28, n. 3, p. 1101-1248, 2020.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Biografia de Jorge Amado. disponível em https://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75#:~:text=Jorge%20Amado%20nasceu%20a%2010,ilh%C3%A9us%2C%20onde%20passou%20a%20inf%C3%A2ncia.&text=Ne%20ano%20publicou%20seu%20segundo%20romance%2C%20Cacau., acesso 24 jun2020.

GAGNON, Edeline. A new generic system for the pantropical Caesalpinia group (Leguminosae). *PhytoKeys*.71: 1–160, 2016.

GAUDIN, François. Socioterminologia : um itinerário bem-sucedido. Trad. Enilde Faulstich. disponível em

https://www.researchgate.net/publication/278761601_Socioterminologia_um_itinerario_bem-sucedido, 2014. acesso 08 jul 2021.

GO BOTANY. Native plant Trust. Disponível em < <https://gobotany.nativeplanttrust.org/>> acesso em em 12 jan 2024.

GONÇALVES, Eduardo; LORENZI, Harri. *Morfologia vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares*. São Paulo: Instituto Plantarum, 2007.

GORENFLO, Larry; ROMAINE, Suzane., MITTMEIER, Russel; WALKER-PAINEMILLA, Kristen. Co-occurrence of linguistic and biological diversity in biodiversity hotspots and high biodiversity wilderness areas. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 109, n. 21, p. 8032-8037, 2012

GRAUERHOLZ, Liz. Cute enough to eat: the transformation of animals into meat for human consumption in commercialized images. *Humanity & Society*, v. 31, n. 334-354, 2007

GRECO, Rogério. *Curso de direito penal: parte especial, v. 2: introdução à teoria geral da parte especial: crimes contra pessoa*. Niterói: Impetus, 2017.

Herbário prof. Jorge Pedro Carauta, Universidade Federal do Rio de Janeiro, disponível em < <https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/herbario-prof-jorge-pedro-pereira-carauta-huni>> , acesso em 12 jan 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HAMMER, Ó.; HARPER, D.; RYAN, P. PAST: Paleontological statistics software package for education and data analysis. *Paleontologia Electronica*, v. 4, n. 1, 9pp., 2001.

HAMMER, Óyvind. PAST: Palentological statistics version 4: Reference Manual. Oslo: Natural History Museum, 310p., 1999-2023. disponível em: < <https://www.nhm.uio.no/english/research/resources/past/downloads/past4manual.pdf> > , acesso em 06 jan 2024.

IPNI. International Plant Index. Disponível em < <https://www.ipni.org/> > , acesso em 25 jan 2024.

IRAZAZÁBAL, Amélia. *Curso "introduccion a la Terminologia"*. Madrid: ICYT, 1989

JESUS, Lílian. A estrutura e os recursos dos dicionários gerais on-line de língua portuguesa. *Travessias Interativas*, v. 12, n. 25, p. 80–93, 2022. Disponível em: < <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/16962> > . Acesso em: 20 jan. 2024.

JUDD, Walter; CAMPBELL, Christopher; KELLOGG, Elizabeth; STEVENS, Peter. *Plant systematics: a phylogenetic approach*. Sunderland: Sinauer Associates, Inc., 1999.

JUDD, Walter; JUDD, Graham. *Flora of Middle-Earth: plants of J.R.R. Tolkien's legendarium*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

KFFURI, Carolina; AVILA, Marcel; MING, Lin Chau ; KINUPP; Valdely ; HIDALGO, Ari . Fitonímia nheengatu de plantas utilizadas no tratamento da malária no alto rio Negro – Amazônia brasileira. *Ethnoscintia*, v. 4, p. 1-18, 2019.

KINDT, Roeland. WorldFlora: An R package for exact and fuzzy matching of plant names against the World Flora Online taxonomic backbone data Applications in Plant Sciences 2020 8(9): e11388, disponível em < <https://bsapubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/aps3.11388> >, acesso 11 jan 2024.

KIPFER, Barbara. 9 reasons why print dictionaries are better than online dictionaries. *The Week* , ed. 08 jan 2015, disponível em < <https://theweek.com/articles/462575/9-reasons-why-print-dictionaries-are-better-than-online-dictionaries> >, acesso 11 jan 2024

KINUPP, Valdely; LORENZI, Harri. *Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2014.

KISSMANN, Kurt. *Plantas infestantes e nocivas*. 3 v. São Paulo: Basf, 1997

KOBASHI, Nair. VOCABULÁRIO CONTROLADO: ESTRUTURA E UTILIZAÇÃO. ENAP, disponível em <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/1289/41/Vocabul%C3%A1rio%20controlado%20-%20estrutura%20e%20utiliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>, atualizado em 2008, acesso em 10 jan 2024

KRIEGER, Maria; FINATTO, Maria. Introdução à terminologia: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2018.

LATORRE, Vanice. A dialética entre os extremos: da terminologia à etnoterminologia, *Caderno Seminal Digital*, v. 19, n. 19, p. 70-94, 2013

LAWRENCE, Anna; HAWTHORNE, Willian. *Plant identification; creating user-friendly fields guides for biodiversity management*. London: WWF, UNESCO, RBG Kew, 2006. 268p.

LAWRENCE, George. *Taxonomy of vascular plants*. New York: Macmillan Publishing Co., 1951.

LE CLÉZIO, Jean-Marie. *La quarantaine*. Paris: Gallimard-Folio, 2010 [1995].

LE GOFF, Jacques. *História e memória*; tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEXICOOL, disponível em <https://www.lexicool.com/> , acesso em 12 jan 2024.

LEW, Robert. Online dictionary skills. Proceedings of eLex 2013, disponível em https://eki.ee/elex2013/proceedings/eLex2013_02_Lew.pdf , acesso 11 jan 2024

LIMA, Carla; FRANÇA, Flávio. Flora da Bahia: *Vitex* Tour. ex. L. Lamiaceae. *Sitientibus Série Ciências Biológicas* v.9, n.4, p. 225-244, 2009.

- LIMA, Jorge de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997
- LÓPEZ TRABANCO, Pedro. Estudio lingüístico de la fitonimia vulgar de las orquídeas en Cuba. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. 67, n. 2, p. 515-534, 2012.
- LORENZI, Harri. *Manual de identificação e controle de plantas daninhas*. 4a. ed. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1994 [1984].
- LORENZI, Harri. *Plantas daninhas do Brasil: terrestres aquáticas, parasitas e tóxicas*. 3a. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000 [1982].
- LORENZI, Harri. *Plantas ornamentais do Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras*. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1995.
- LORENZI, Harri. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*, 3.v. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1992., 2002, 2009
- LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes; CERQUEIRA, Luiz; COSTA, Judas; FERREIRA, Evandro. *Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2004
- LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes; TORRES, Mário; BACHER, Luís. *Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2003
- MAIA, Gerda. *Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades*. São Paulo: D&Z Computação Gráfica e Editora, 2004.
- MANFRIN, Adilson. *Loreto (1610-1631): Guyraypoty do Pirapó*. Dissertação de Mestrado. Dourados: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2003.
- MARTINS, Sabrina; ZAVAGLIA, Claudia. A Onomasiologia e seus dicionários: o caso do Dicionário onomasiológico de Expressões Cromáticas da Fauna e Flora. *DIACRÍTICA (BRAGA)*, v. 28, p. 437-456, 2014.
- MARTIUS, Carl. *Tabulae Physiognomicae brasiliae regiones iconibus expressas descripsit deque vegetationae illius terrae uberius*. In: MARTIUS, Carl; EICHLER, August; URBAN, Ignatz. *Flora brasiliensis*. Viena: Ferdinando I da Áustria, Ludovico I da Baviera e Pedro II do Brasil, v. 1, pars 1, col. 30-38, 1841
- MATOS, Francisco; LORENZI, Harri, SANTOS, Lúcia, MATOS, Maria; SILVA, Maria; SOUZA, Miriam. *Plantas tóxicas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2011.
- MAUSETH, James. *An introduction to plant biology*. 5th. ed. Burlington: Jones & Bartlett Learning, 2013.
- MENEZES, A. Inácio. *Flora da Bahia*. Série V. Brasileira: Biblioteca Pedagógica Brasileira, v. 264. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.
- MONTEIRO, Carlos. *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

MOTA, Ednaceli; PRADO, Guilherme; PINA, Tamara. Buscando possíveis sentidos de saber e conhecimento na docência. *Cadernos de Educação* v. 30, p. 109 - 134, 2008

MUELLER-DOMBOIS, Dieter, ELLENBERG, Heinz. *Aims and methods of vegetation ecology*. New York: John Wiley & Sons, 1974

MÜLLER-SPITZER, Carolin; KOPLNIG, Alexander; TÖPEL, Antje. What Makes a Good Online Dictionary? - Empirical Insights from an Interdisciplinary Research Project In: Kosem, Iztok/Kosem, Karmen (ed.): *Electronic lexicography in the 21st century: New applications for new users*. Proceedings of eLex 2011, Bled, Slovenia, 10.-12. November 2011. - Ljubljana: Trojina, Institute for Applied Slovene Studies, 2011, pp. 203-208, disponível em https://ids-pub.bsz-bw.de/frontdoor/deliver/index/docId/3942/file/Mueller-Spitzer_Koplenig_Toepel_What_makes_a_good_online_dictionary_2011.pdf, acesso 11 jan 2024

NASCIMENTO, Aina. A presença da terminologia na literatura traduzida (Francês-Português): Algumas reflexões. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2021, 350p.

NASCIMENTO, Renata. *Revisitações a Gabriela: uma experiência de leitura da recepção crítica do romance*. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.

OLIVEIRA, Simone. *Dicionário terminológico onomasiológico dos termos fundamentais da mandioca*. Tese de doutorado. São José do Rio Preto: UNESP, 2019.

PAIS, Cidmar; BARBOSA, Maria. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etno-literários à proposição de uma Etnoterminologia. *Matraga*, v. 16, p. 79-100, 2004.

PAIVA, Rodolfo. Linguagem, tradição e revolta: Jorge Amado e os modernismos. *Revista de Literatura, História e Memória*, v. 18, n. 31, p. 236-254, 2022

PARDO-DE-SANTAYANA, Manuel; TARDIO, Javier; HEINRICH, Michael; TOUWAIDE, Alain; MORALES, Ramón. Plants in the works of Cervantes. *Economic Botany*, v. 60, n. 2, p. 159-161, 2006.

PARDO-DE-SANTAYANA, Manuel; TARDIO, Javier; MORALES, Ramón. Pioneers of Spanish Ethnobotany. From Andrés Laguna (1510-1559) to Pío Font Quer (1888-1964). In SVANBERG, Ingvar; LUCZAJ, Lucasz. *Pioneers in european ethnobiology*. Uppsala: Uppsala Universitet, 2014, p. 27-50.

PATEO, Rogerio. Direitos Humanos e Cidadania - Proteção, Promoção e Reparação dos Direitos das Comunidades Tradicionais. *Coleção Cadernos de Direitos Humanos: Cadernos Pedagógicos da Escola de Formação em Direitos Humanos de Minas Gerais*, v.13. 2016.

PENEDO, Sérgio. *Uma técnica de recuperação adaptativa de obras em bibliotecas digitais baseada no perfil do usuário*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

PEREC, Georges. *La vie mode d'emploi*. Paris: Arthème, 2010 [1978].

PEREIRA, Rodrigo. *Império botânico: as políticas portuguesas para a flora da Bahia Atlântica Colonial*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

PIMENTA, Ana. *Representações do léxico sertanista em corpus da literatura regionalista brasileira: protótipo de vocabulário etnoterminológico on line*. Tese de doutorado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

PLATÃO. *Crátilo ou da correção dos nomes*. Trad. Edson Bini. In Platão. Diálogos VI, São Paulo: EDIPRO, 2016, p. 35-126.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny da Mota. São Paulo: Cultrix, 1993.

PRIBERAM DICIONÁRIO. Dicionário Priberam da língua portuguesa on line, 2008-2021. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/> >, acesso em 19 jan 2024.

PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu: le côté de Guermantes I,II*. Paris: Gallimard, 1999 [1920-1921].

QUEIROZ, Luciano. *Leguminosas da Caatinga*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/Royal Botanic Gardens, Kew/Associação de Plantas do Nordeste, 2009.

RAMOS, Viviane; DURIGAN, Giselda; FRANCO, Geraldo; SIQUEIRA, Marinez; RODRIGUES, Ricardo. *Árvores da Floresta Estacional Semidecidual: Guia de identificação das espécies*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

RAMOS, Alberto; HO, Linda. Procedimentos inferenciais em índices de capacidade para dados autocorrelacionados via bootstrap, *Revista Produção*, v. 13 n. 3, p. 50-62, 2003

RIBEIRO, José; HOPKINS, Michael; VICENTINI, Alberto; SOTHERS, Cynthia; BRITO, Joneide; SOUZA, Maria; MARTINS, Lúcia; LOHMANN, Lúcia; ASSUNÇÃO, Paulo; PEREIRA, Everaldo; SILVA, Cosmo; MESQUITA, Mariana; PROCÓPIO, Lilian. *Flora da Reserva Ducke: guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra-firme na Amazônia Central*. Manaus: INPA, 1999.

RIZZINI, Carlos. *Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira*. São Paulo: Edgard Blücher, 1986 [1971].

RONAN, Colin. *A história ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. 4 vols. Trad. Jorge Fortes. São Paulo: Jorge Zahar Editor/Círculo do livro, 1987.

ROSA, João. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001[1946].

SAMPAIO, Daniela; SOUZA, Vinícius; OLIVEIRA, Alexandre; PAULA-SOUZA, Juliana; RODRIGUES, Ricardo. *Árvores da Restinga*. São Paulo: editora Neotrópica, 2005.

SARMENTO, Manoel. Por uma ecolexicografia. (*Confluências - Revista de Tradução Científica e Técnica*, no 0, Maio de 2004, pp. 119-130, no endereço: (<http://unilat.org/dtil/confluencias/n0msaarmento.htm>). Dezembro de 2004, disponível em: Couto, Hildo. Meio ambiente e linguagem. <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2012/02/por-uma-ecolexicografia.html>> acesso em 24 abr 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 20. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1997. 279 p

SCHWARCZ, Lilia; GOLDSTEIN, Ilana (orgs.). *Cadernos de Leituras: O universo de Jorge Amado*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009

SEABRA, Maria. Língua, Cultura, Léxico. In: SOBRAL, Gilberto; LOPES, Norma; RAMOS, Jânia. *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015, p. 65-84.

SEHNEM, Aloysio. *Conheça os nomes das plantas*. Canoas: Editora La Salle, 1961

SELISTRE, Isabel . Dicionários disponíveis on-line para aprendizes de inglês: estruturação e recursos. *Ci. Inf.*, Brasília, DF, v. 39 n. 3, p.61-72, set./dez., 2010

SILVA JÚNIOR, Manoel; PEREIRA, Benedito. + *100 árvores do cerrado: Matas de galeria: Guia de campo*. Brasília: Editora Rede de Sementes do Cerrado, 2009.

SILVA, Manoel; CHAGURI, Jonathas. A etnoterminologia da culinária baiana na obra Dona Flor e seus dois maridos: análise dos aspectos do discurso etnoliterário na versão para o inglês. *Dialogia*, v. 9, n. 1, p. 37-46, 2010.

SILVA, Maria; FONSECA, Carlos; FARIA, Letícia; SILVA, Cristina; OLIVEIRA, Joana; BRITTO, Leopoldina; GUEDES, Maria; SANTOS, Nora; ALVIM, Waldirene; AZEVEDO, Yara; BEZERRA, Adalcira; SANTOS, Gerson; RAMOS, Guadalupe; QUEIROZ, Luciano; GUAGLIA, Luiz; SANDES; Maria. *Inventário de Plantas medicinais do estado da Bahia*. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1979.

SILVA, Moisés. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*, v. 1/2, n. 28, p. 11-20, 2006.

SOUZA, Laudênia. *Jorge Amado, literatura e intelectualidade: interpelações de memória e escrita*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

SOUZA, Vinícius; Lorenzi, Harri. *Botânica Sistemática*. 2 ed. São Paulo: Nova Odessa, 2008.

SOUZA, Vinícius; FLORES, Thiago; LORENZI, Harri. *Introdução à botânica: morfologia*. São Paulo: Instituto Plantarum, 2013.

SPLINK. *Species Link*, disponível em <https://specieslink.net/>, acesso em 12 jan 2024

STEVENS, Peter. *Angiosperm Phylogeny Website*. Version 14, AGO 2019 [and more or less continuously updated since]." acessível em <http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>.

STRUWE, Lena. *The naming of plants- explanations and examples*. ed. 1. Skillman (New Jersey, USA): Botanical Accuracy, 2018.

SY, José. The vegetal modality of resistance in children's books by /for indigenous peoples in the Philippines. In. DUCKWORTH, Melanie; GUANIO-ULURU, Lykke (eds). *Plants in children's and young adult literature*. New York: Routledge, 2022, p.185-198.

TAVEIRA, Juliana; MEDEIROS, Marcia. Considerações sobre a gastronomia na obra de Jorge Amado: um estudo de caso de *Dona Flor e seus dois maridos*. *CULTUR*, a. 09, n. 1 , p. 108-124, 2015

TIMMERMAN, Rita. Questioning the univocity ideal. The difference between socio-cognitive Terminology and traditional Terminology. *Hermes, Journal of Linguistics* n. 18 , p. 51-90, 1997.

TOLKIEN, J.R.R. *The Lord of the rings*. London: Harper Collins Pub., 2001

TOURNIER, Michel. *Le Roi des aulnes*. Paris: Gallimard, 1970.

TROPICOS. Missouri Botanical Garden disponível em <http://legacy.tropicos.org/GlossarySearch.aspx>, acesso em 12 jan 2024

TURLAND, N. J., WIERSEMA, J. H., BARRIE, F. R., GREUTER, W., HAWKSWORTH, D. L., HERENDEEN, P. S., KNAPP, S., KUSBER, W.-H., LI, D.-Z., MARHOLD, K., MAY, T. W., MCNEILL, J., MONRO, A. M., PRADO, J., PRICE, M. J. & SMITH, G. F. (eds.). *International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants (Shenzhen Code) adopted by the Nineteenth International Botanical Congress Shenzhen, China, July 2017. Regnum Vegetabile 159*. Glashütten: Koeltz Botanical Books, 2018. Disponível em: https://www.iapt-taxon.org/nomen/pages/intro/front_matter.html, acesso em 17/jun/2020.

TÜÜR, Kadri; REITALU, Triin. Botanical nature writing: An ecological analysis. *Estonian Journal of Ecology*, v.61, n. 1, p. 9-19, 2012.

URBAN, Ignatz. *Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florum brasiliensis ratio edendi chronologica, systema, index familiarum*. In: MARTIUS, Carl; EICHLER, August; URBAN, Ignatz. *Flora brasiliensis*. Viena: Ferdinando I da Áustria, Ludovico I da Baviera e Pedro II do Brasil, v. 1, pars 1, 1906.

VERGER, Pierre. *Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VIDAL, Waldomiro; VIDAL, Maria. *Botânica: Organografia*. Viçosa: UFV, 2004 [1979].

VILARINHO, Sabrina. Jorge Amado. disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/jorge-amado.htm>, acesso em 24 jun2020

WANG, Jin-Xiu; GAO, Tian-Gang & KNAPP, Sandra. Ancient Chinese literature reveals pathways of eggplant domestication. *Annals of Botany*, v.102, p. 891-897, 2008.

WFO. World flora on line. disponível em <http://www.worldfloraonline.org/>, acesso, acesso 24 jan 2024.

WOOLF, Virgínia. *Mrs. Dalloway*. Hertfordshire: WordPress Editions Limited, 1996.

ZAVAGLIA, Adriana.; NASCIMENTO, Aina. A relação entre terminologia e literatura no contexto da tradução. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009. disponível em http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Adriana%20Zavaglia%20I.pdf, acesso em 13 abr 2021.

ZIMAN, John. *A força do conhecimento*. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/ São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

ZUKERMAN, Erez. Create a website easily with Wix (Even the free version). Disponível em < <https://www.pcworld.com/article/469728/wix.html> > , acesso em 23 jan 2024.

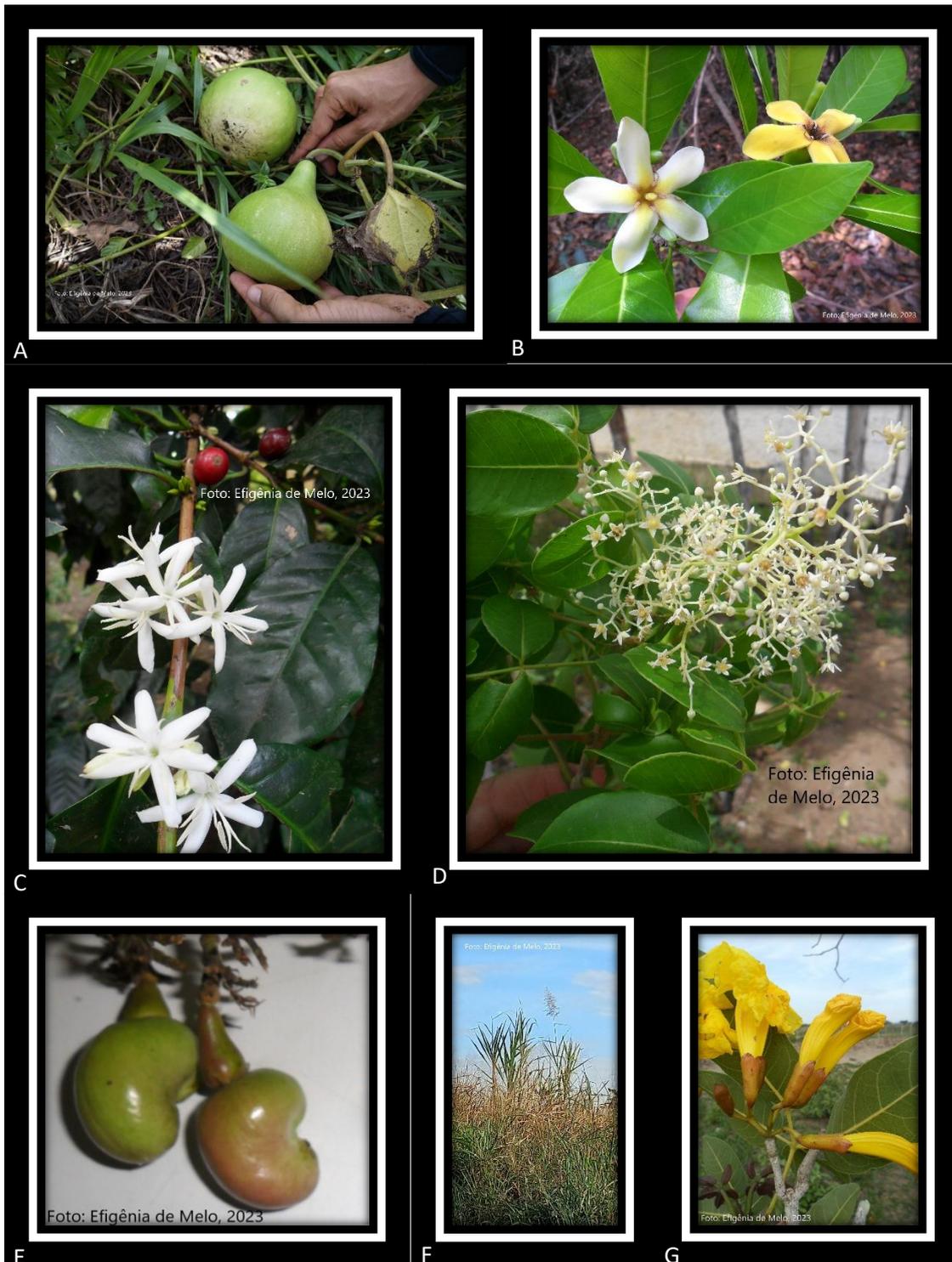
PRANCHAS



Prancha 01- A- Abacate; B- Abacaxi; C- Abóbora; D- Aipim; E- Alface; F- Algodão; G- Alho.



Prancha 02- A- Amendoim; B- Amoreira; C- Banana; D- Baraúna; E- Batata-doce; F- Batata-do-reino.



Prancha 03- A- Cabaça; B- Cabaçu; C- Café; D- Cajá; E- Caju; F- Cana-de-açúcar; G- Carafba.



Prancha 04- Cacau: A- Cacaueiro com fruto; B- Fruto imaturo; C- Fruto maduro partido; D- Flor; E- cacau seco; F- cacau mole.



Prancha 05- A- Cebolinha; B- Carnaúba; C- Chuchu; D- Coco; E- Coentro; F- Cebola.



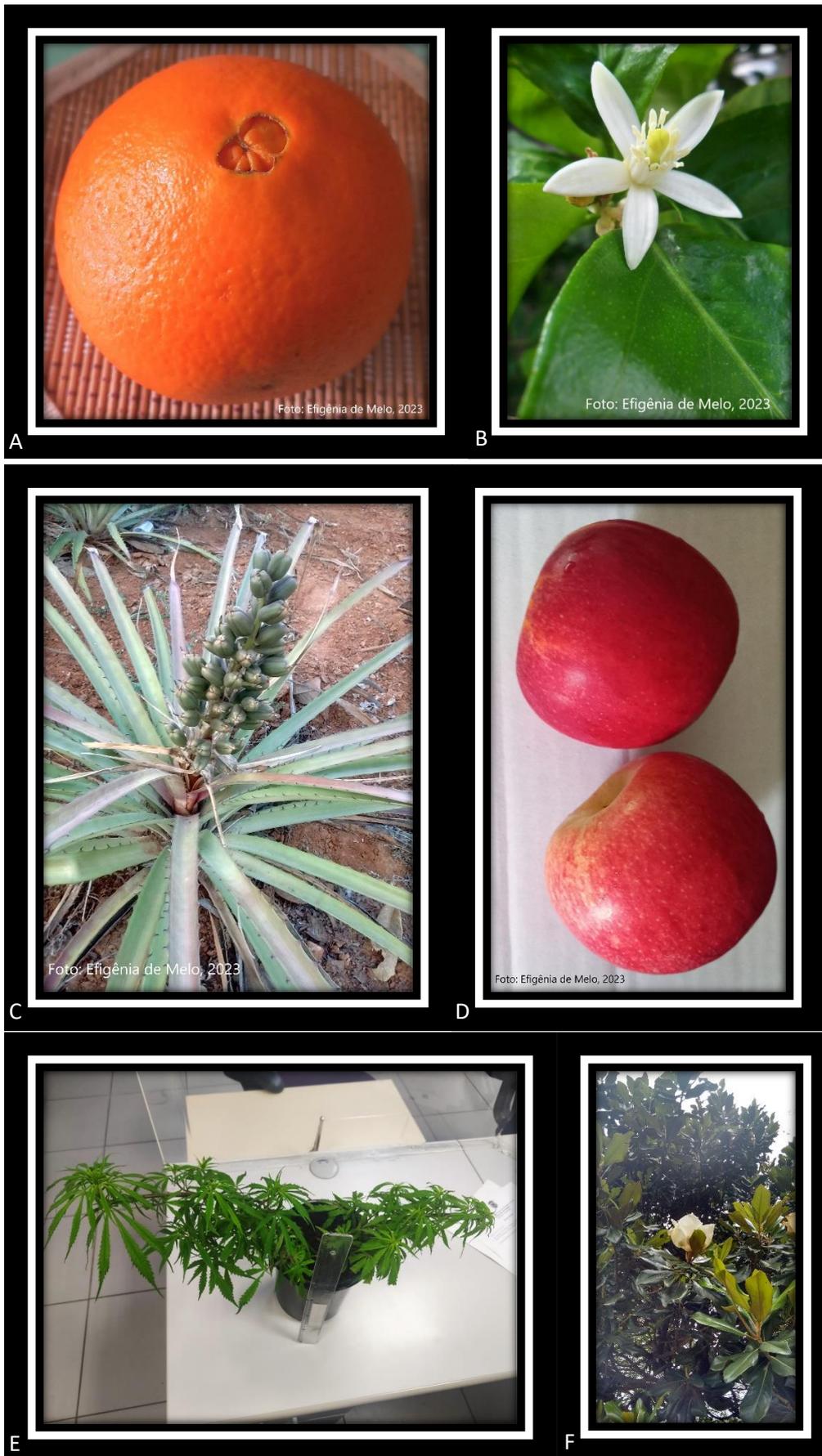
Prancha 06- A- Cravo 2; B- Croá; C- Culumbi; D-Favela; E- Feijão; F- Fruta-pão; G- Fumo.



Prancha 07- A- Gengibre; B- Goiaba; C: Hera; D- Hortênsia; E- Inhame; F- Jacarandá.



Prancha 08- A-Jaca; B- Jalapão; C- Jatobá; D- Jambo; E- Jiló; F- Juazeiro; G- Jurubeba.



Prancha 09- A- Laranja; B- Limão; C- Macambira; D- Fruto da Macieira; E- Maconha; F- Magnólia.



A



B



C



D



E

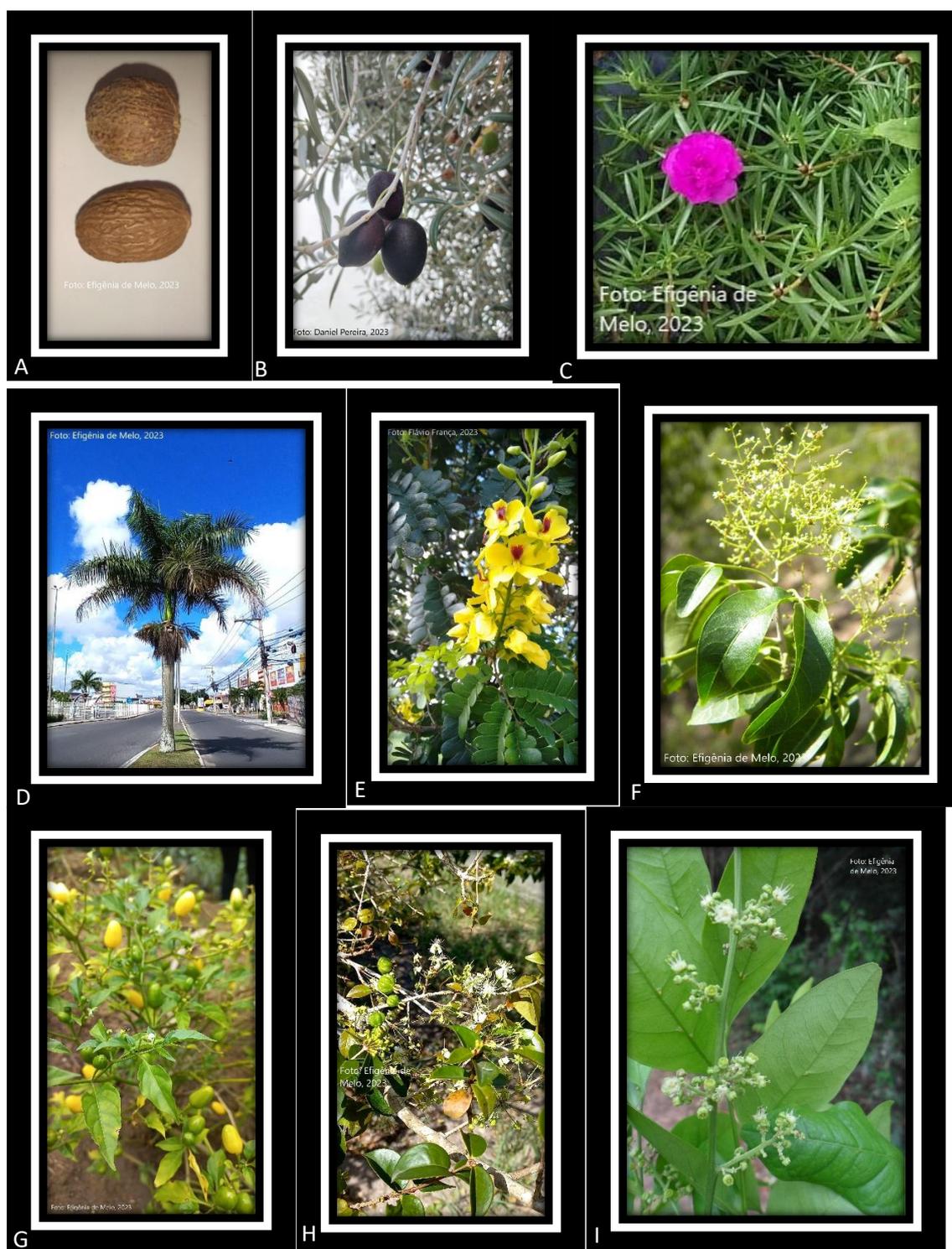


F

Prancha 10- A- Malagueta; B- Mamão; C: Mandacaru; D- Flor da manga; E- fruto da Mangabeira; F- Flor do Manjeriço.



Prancha 11- A- Flor do maracujá; B- Flor do Mastruço; C- Maxixe; D- Milho; E- Flor do Mocujê; F- Morango.



Prancha 12- A- Noz-Moscada; B-Oliveira; C- Onze-Horas; D- Palmeira-Real; E- Pau-Brasil; F- Pitomba; G-Pimenta; H-Pitanga; I- Pitombeira.



Prancha 13- A- Quiabo; B- Quixaba; C- Tâmara; D- Sapoti; E- Tomate; F-Seringal.



Prancha 14- A- Trigo; B- Umburana; C- Umu; D- Vinha; E-F- Xique-Xique: E- Flor, F- Hábito.